



Vânia Nunes Morgado

A Produção do Espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o Século XXI, e as Repercussões na Vida Cotidiana de seus Habitantes

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de doutor em Geografia.

Orientador: Prof. João Rua

Co-Orientadora: Prof.^a. Maria Regina Piquet Carneiro Petrus

Rio de Janeiro
Dezembro de 2019



Vânia Nunes Morgado

A Produção do Espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o Século XXI, e as Repercussões na Vida Cotidiana de seus Habitantes

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de doutor pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da PUC-Rio. Submetida à avaliação da comissão examinadora abaixo.

Prof. Joao Rua

Orientador

Departamento de Geografia e Meio Ambiente – PUC-Rio

Prof.^a. Maria Regina Piquet Carneiro Petrus

Co-Orientadora

UFRJ

Prof. José Borzacchiello da Silva

Departamento de Geografia – PUC-Rio

Prof.^a. Maria Naíse de Oliveira Peixoto

UFRJ

Prof. Luciano Ximenes Aragão

FEBF-UERJ

Prof.^a. Telma Mendes da Silva

UFRJ

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Vânia Nunes Morgado

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990); mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), desenvolvendo a pesquisa – O multiculturalismo no ensino da Geografia: a proposta Multieducação; doutorado em Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2019) com a pesquisa – A produção do espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o século XXI, e as repercussões na vida cotidiana de seus habitantes; professora do setor curricular de Geografia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1996. Atualmente se dedica a projetos de pesquisa sobre a produção do espaço urbano, educação ambiental e ensino da Geografia.

Ficha Catalográfica

Morgado, Vânia Nunes

A produção do espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o século XXI, e as repercussões na vida cotidiana de seus habitantes / Vânia Nunes Morgado ; orientador: João Rua ; co-orientadora: Maria Regina Piquet Carneiro Petrus. – 2019.

292 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2019.

Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Espaço. 3. Urbano. 4. Representações dos sujeitos. 5. Vida cotidiana. I. Rua, João. II. Petrus, Regina. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. IV. Título.

CDD: 910

Agradecimentos

Observo o meu bordado...

A vida existe porque as pessoas existem, as experiências acontecem porque as pessoas permitem o "acontecer", e o "possível" se realiza porque a fé nos move e nos convida a tecer desenhos que compõem o nosso bordado. O bordado é aberto e rico em rupturas e continuidades. Trocamos de linhas e de cores... de traçados ... e de caminhos, pelos afetos.

Nesse momento tenho muito a agradecer, porque o meu bordado não se faz apenas com duas mãos. Ele se realiza com muitas mãos. Particularmente vejo no meu desenho "acadêmico" uma ruptura e logo pergunto: por que não é uma tese sobre educação? A princípio não encontro resposta e tento compreender o que me levou a fazer uma tese sobre urbana. Imagens vêm e reconheço uma linha que traz a memória do desejo de estar com o meu eterno professor e orientador João Rua e aprender com as suas maravilhosas aulas e orientações. Observo outra linha que não só acompanha, mas entrelaça e encontro a minha coorientadora, e (amiga) Regina Petrus, que com tamanha competência e generosidade me ensina e compartilha outras perspectivas de análise, para eu, com autonomia, construir o meu desenho.

Num instante percebo outras linhas que ora se destacam, ora se escondem, mas que estão sempre presentes – Aidê Leal, Paulo Henrique Andrade, Maria Naíse Peixoto, Telma Mendes, Josilda Moura, Juliana Torres, amigos do URAIS/ PUC-Rio, amigos do NEQUAT/UFRJ, amigos do CAP. UFRJ, professores, alunos e secretárias do Departamento de Pós-Graduação da Geografia da PUC-Rio, e outros que certamente estão no bordado.

Como disse, o meu bordado se faz com muitas mãos. Vejo muitas linhas e cores e percebo que essa pesquisa "colorida" foi realizada em parceria com os "meus encantados" – Edna, Leila, Damásio, André, Cicinho, e todos os colaboradores que de alguma forma construíram o desenho junto.

O meu bordado é feito em tecido forte e leve como o algodão. A família Morgado é a base desse bordado, geograficamente dizendo "é do lugar que falo". Reconheço carinhosamente as linhas e cores e vejo os meus pais Dulce e Octacílio, meus irmãos Célia, Leila e Cláudio, o meu sobrinho Pedrinho e a minha filha Manu, que aguentou firme as ausências e a impaciência da sua "gata garota".

Obrigada a todos!

Resumo

Morgado, Vânia Nunes; Rua, Joao; Petrus, Maria Regina Piquet Carneiro. **A produção do espaço de Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), na passagem para o século XXI, e as repercussões na vida cotidiana de seus habitantes.** Rio de Janeiro, 2019. 292p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa estuda a produção do espaço urbano como um fenômeno complexo que se submete às determinações históricas do presente, a partir das transformações na/da cidade em processo de expansão. O urbano é dinâmico e marcado por momentos seja de valorização de novas áreas, seja de desvalorização ou revalorização de outras, determinando novos usos e funções para atender o capital. O espaço urbano é produção social, materializado nas diversas práticas espaciais dos sujeitos que vivenciam a cidade. Investigamos a produção do espaço urbano e o processo de expansão da cidade do Rio de Janeiro para a Zona Oeste, com foco na XXVI Região Administrativa de Guaratiba. O século XXI vem apresentando modelos de gestão com políticas públicas voltadas para as questões externas a cidade, com investimentos que privilegiam grandes obras viárias com forte impacto nas transformações do espaço urbano. O processo de expansão da cidade apresenta duas racionalidades que se complementam. Uma é a racionalidade horizontal que se encontra na dimensão do cotidiano e que promove mudanças nas práticas socioespaciais, atingindo os sujeitos de diversas formas. A outra é a racionalidade vertical caracterizada pela interdependência hierárquica, organizacional, configurada em redes, provocando alterações nos padrões de consumo, na circulação de bens e serviços, como também nas ideias e inovações. Nessa perspectiva propomos um estudo das intervenções que chegam à RA de Guaratiba, promovidas principalmente pelo Estado e pelo mercado imobiliário, alterando significativamente a vida dos seus habitantes, além de demonstrar uma reorientação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Essa investigação parte das representações dos sujeitos sociais, com base na dialética, a fim de compreender as contradições e os conflitos existentes, tensionados por relações de poder nas múltiplas escalas. A análise dos elementos discursivos dos sujeitos pesquisados evidenciou uma perspectiva de desenvolvimento ligado à modernidade; Guaratiba como área de fronteira para o capital; e a presença de aspectos culturais e sociais na região relacionados à concepção de Sertão Carioca.

Palavras-chave

Espaço; urbano; representação do espaço; vida cotidiana.

Abstract

Morgado, Vânia Nunes; Rua, Joao (Advisor); Petrus, Maria Regina Piquet Carneiro. (Co-Advisor). **The production of the space of Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), in the passage to the XXI century, and the repercussions in the daily life of its inhabitants.** Rio de Janeiro, 2019. 292p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research studies the production of urban space as a complex phenomenon that undergoes the present historical determinations, from the transformations in / of the city in expansion process. The urban is dynamic and marked by moments either of valorization of new areas, of devaluation or revaluation of others, determining new uses and functions to serve the capital. The urban space is social production, materialized in the various spatial practices of the subjects who experience the city. We investigated the production of urban space and the process of expansion from the city of Rio de Janeiro to the West Zone, focusing on the XXVI Guaratiba Administrative Region. The 21st century has been presenting management patterns with public policies focused on issues outside the city, with investments that favour major road works with a strong impact on the transformations of urban space. The city's expansion process introduces two rationalities that complement each other. One is the horizontal rationality that is in the daily dimension and that promotes changes in socio-spatial practices, reaching the subjects in various ways. The other is the vertical rationality characterized by hierarchical, organizational interdependence, configured in networks, causing changes in consumption patterns, in circulation of goods and services, as well as in ideas and innovations. In this perspective we propose a study of the interventions that arrive at the Guaratiba AR, promoted mainly by the State and the real estate market, significantly altering the life of its inhabitants, besides showing an urban reorientation of the city of Rio de Janeiro. This investigation starts from the representations of social subjects, based on dialectics, in order to understand the existent contradictions and conflicts, tensioned by power relations at multiple scales. The analysis of the discursive elements of the research subjects showed a development perspective linked to modernity; Guaratiba as a border area for the capital; and the presence of cultural and social aspects in the region related to the conception of Carioca Backland.

Keywords

Space; urban; space representation; daily life.

Résumé

Morgado, Vânia Nunes; Rua, Joao (Advisor); Petrus, Maria Regina Piquet Carneiro. (Co-Advisor). **La production de l'espace Guaratiba, Rio de Janeiro (RJ), dans la transition pour le XXI siècle et ses répercussions sur la vie quotidienne de ses habitants.** Rio de Janeiro, 2019. 167p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Cette recherche étudie la production de l'espace urbain comme un phénomène complexe qui est soumis aux déterminations historiques du présent, à partir des transformations dans / de la ville en processus d'expansion. L'urbain est dynamique et marqué par des moments de valorisation de nouvelles zones, ou de dévaluation ou de réévaluation d'autres, déterminant de nouveaux usages et fonctions pour servir la capitale. L'espace urbain est une production sociale, matérialisée dans les différentes pratiques spatiales des sujets qui habitent de la ville. Nous étudions la production de l'espace urbain et le processus d'expansion de la ville de Rio de Janeiro à la Zone Ouest, en nous concentrant sur la XXVIème Région Administrative de Guaratiba. Le XXIe siècle a présenté des modèles de gestion avec des politiques publiques centrées sur des questions extérieures à la ville, avec des investissements qui privilégient les grands travaux routiers ayant un fort impact sur les transformations de l'espace urbain. Le processus d'expansion de la ville présente deux rationalités qui se complètent. L'une est la rationalité horizontale qui se trouve dans la dimension de la vie quotidienne et qui favorise les changements dans les pratiques socio-spatiales, en atteignant les sujets de plusieurs façons. L'autre est la rationalité verticale caractérisée par une interdépendance hiérarchique et organisationnelle, configurée en réseaux, qui entraîne des changements dans les modes de consommation, dans la circulation des biens et des services, ainsi que dans les idées et les innovations. Dans cette perspective, nous proposons une étude des interventions qui arrivent à la Propriété Guaratiba, promues principalement par l'État et le marché immobilier, changeant de manière significative la vie de ses habitants, en plus de montrer une réorientation urbaine de la ville de Rio de Janeiro. Cette recherche part des représentations des sujets sociaux, basées sur la dialectique, pour comprendre les contradictions et les conflits existants, mis en tension par des rapports de pouvoir à des échelles multiples. L'analyse des éléments discursifs des sujets étudiés a mis

en évidence une perspective de développement liée à la modernité, Guaratiba comme zone frontalière de la capitale, et la présence d'aspects culturels et sociaux dans la région liés à la conception du Sertão Carioca.

Mots-clés

Espace; urbain; représentation du espace; vie quotidienne.

Sumário

Apresentação	15
Introdução	19
1. A produção do espaço urbano na contemporaneidade	69
1.1. O espaço nas contradições da modernidade e da pós-modernidade	69
1.2. O conceito de desenvolvimento geográfico desigual na dimensão de Guaratiba	78
1.3. O conceito de fronteira para se pensar os processos de expansão do espaço urbano de Guaratiba.....	90
2. Guaratiba no contexto da cidade do Rio de Janeiro.....	99
2.1. A importância da cultura para entender a produção do espaço de Guaratiba.....	99
2.2. O Sertão Carioca: da Freguesia Rural à Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro	107
2.3. Guaratiba como área de expansão da cidade do Rio de Janeiro....	133
3. As transformações urbanas em Guaratiba nas últimas décadas.....	143
3.1. As políticas públicas urbanas no Rio de Janeiro: a cidade empreendedora	144
3.2. Gestão urbana: os impactos na região de Guaratiba	160
3.3. O projeto de estruturação urbana de Guaratiba/ PEU de Guaratiba.....	167
4. Guaratiba (s): mosaico de contradições e conflitos.....	176
4.1. Os sujeitos e as representações sobre as transformações urbanas da região de Guaratiba.....	176
4.2. Os discursos dos sujeitos a luz das lógicas hegemônica e contra hegemônica na região.	192
4.3. Mosaico das representações sobre as Guaratiba(s)	198
5. Considerações Finais.....	207
6. Referências Bibliográficas.....	216
ANEXOS	230
ANEXO 1.....	230
ANEXO 2.....	232
ANEXO 3.....	235
ANEXO 4.....	236
ANEXO 5.....	240
ANEXO 6.....	243

Lista de Figuras

Figura 1: Localização da XXVI Região Administrativa de Guaratiba	35
Figura 2: Imagem das Unidades de Conservação da Região de Guaratiba.....	36
Figura 3: Ocupação da Região de Guaratiba no ano de 2004	38
Figura 4: Ocupação da Região de Guaratiba no ano de 2016	38
Figura 5: Localização dos trajetos livres na região de Guaratiba.....	57
Figura 6: Quadro de Localização dos pontos e entrevistados.....	62
Figura 7: Localização do Sertão Carioca.	111
Figura 8: Principais vias de circulação da cidade.....	133
Figura 9: Planta esquemática do Plano Piloto de Lucio Costa para a Baixada de Jacarepaguá.....	135
Figura 10: Entrada do Condomínio Recreio de Guaratiba no bairro Barra de Guaratiba, na Estrada Burle Marx.	138
Figura 11: Condomínio Reserva da Ilha na Estrada da Ilha, no bairro de Guaratiba.....	139
Figura 12: Loteamento de casas Parque do Guara (Vilamar).	140
Figura 13: Ocupação às margens do canal na Avenida Barão de Cocais.	141
Figura 14: Centralidades da RA de Guaratiba.....	142
Figura 15: Áreas de Planejamento da Cidade do Rio de Janeiro.....	156
Figura 16: Localização das Macrozonas	157
Figura 17: Túnel da Grota Funda, Estação do BRT do Magarça.	161
Figura 18: Crescimento populacional nas RA's da AP5.	165
Figura 19: Crescimento populacional nos bairros da RA de Guaratiba. .	166
Figura 20: População do PEU de Guaratiba.	170
Figura 21: Ocupação da área do PEU de Guaratiba.....	170
Figura 22: Uso do solo na área do PEU de Guaratiba.	171
Figura 23: Sítio sendo loteado em Guaratiba.	172
Figura 24: Unidades de Conservação na área do PEU de Guaratiba. ...	173
Figura 25: Ocupação na área do PEU de Guaratiba.....	174
Figura 26: Loteamentos aprovados na área do PEU de Guaratiba.....	175
Figura 27: Sítio na Estrada do Carapiá.	175
Figura 28: Distribuição espacial dos locais das entrevistas	178
Figura 29: Quadro dos entrevistados na subárea Pedra.....	179
Figura 30: Quadro dos entrevistados na subárea Guaratiba.....	182

Figura 31: Quadro dos entrevistados na subárea Ilha.....	184
Figura 32: Quadro dos entrevistados na subárea Barra.....	185
Figura 33: Pedra de Guaratiba	199
Figura 34: Praia de Barra de Guaratiba	201
Figura 35: Sítio produtivo em Guaratiba.....	203
Figura 36: Quadro dos eventos promovidos na cidade do Rio de Janeiro.....	209
Figura 37: Fluxos de expansão urbana da RA de Guaratiba (2019)	214

Lista de siglas

AEIU - Área de Especial Interesse Urbanístico

AGCRJ - Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

FMI - Fundo Monetário Internacional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPP - Instituto Pereira Passos

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OUCRJ - Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro

SIMEGER – Simpósio Internacional Metropolização do Espaço, Gestão Territorial e Relações Urbano-Rurais.

SMU – Secretaria Municipal de Urbanismo

Apresentação

Guaratiba: Um Traço Do Meu Bordado

*“Olho para trás, observo o bordado, tento adivinhar o segredo do risco.
E então vejo que não é um risco harmonioso,
de um bordado em que cada forma se vai acrescentando à anterior
e a ela se ajustando.*

*Há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem
– plantas arrancadas – e o risco toma outra direção, tão diferente!”*

(Magda Soares, 2001)

Estudar a região de Guaratiba é transitar por memórias familiares e reconhecer afetos, desejos e sonhos que foram silenciados e/ou adormecidos, pois a vida é um bordado que desenha a nossa trajetória, que certamente não é harmoniosa, como nos ensina Magda Soares (2001) no livro “MetaMemória Memória”. A leitura desse bordado mostra continuidades, mas também rupturas – outros traços e cores no desenho incompleto, e por que não dizer, infinito. Desenho que representa formas de pensar e de agir e, por isso, com múltiplos traçados. A vida é dinâmica, um emaranhado de linhas coloridas que embarçam e desembarçam no tempo. Tim Ingold (2015) em seu livro “Estar Vivo” compara a pintura com o desenho e diferencia os conceitos: “enquanto a pintura se desloca até a conclusão, o desenho prossegue, manifestando em suas linhas uma história de devir, em vez de uma imagem do ser” (p. 316). O desenho não tem o limite do quadro pintado e a qualquer momento se acrescenta um novo traço e novos caminhos, outras direções.

Olho para o meu desenho e reconheço no presente o passado – traços fortes de grafite, que não se apagam. As lembranças vêm fragmentadas, pois a memória é sempre seletiva. Quando chego a Guaratiba elas vêm como cenas de um filme e tento revê-las em câmera lenta, contextualizando-as para compreender os movimentos que possibilitaram essas experiências tão vivas na minha memória. Jorge Larossa Bondia (2002) desenvolve o conceito de experiência em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, trazendo uma abordagem em que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p.21). Na nossa sociedade parece que tudo é articulado para que nada nos

aconteça. Para o autor, “a experiência supõe antecipadamente um acontecimento exterior” (Bondia, 2002, p. 6) a nós, porém o lugar da experiência é o sujeito. O sujeito deve estar aberto para vivenciar a experiência que lhe passa pelo afeto, pelas emoções e pelas representações. Ao revisitar Guaratiba mergulhei no passado e as experiências vieram à tona. Cometi a coragem de ficar à frente do meu bordado e me reconhecer como sujeito da experiência.

A minha família morava em Bangu e era veranista em Guaratiba. Lembro-me bem da tia Else falando de um lugar bucólico, ao qual se chegava por Campo Grande de bonde. Ela conheceu a Pedra de Guaratiba no fim da década de 1960 e não saiu mais. Alugou um sobrado ao lado do antigo correio, em frente ao Abrigo Evangélico da Pedra de Guaratiba, hoje Rua Belchior da Fonseca, e convidou a família para experimentar esse lugar tão charmoso. A cada ano esperávamos ansiosos os verões para descer a rua professor Bastos de Alarcão e sentir a brisa da praia. Nesse trajeto observávamos as famílias sentadas nas calçadas das casas, e que de forma carinhosa davam as boas-vindas aos veranistas. As crianças corriam pela rua de um lado a outro, obedecendo um limite imaginário e seguro, livre de qualquer padrão conhecido. De forma turbulenta eu e meus irmãos enveredávamos nesse cotidiano sem estranhamento, pois Pedra era o “nosso lugar” – o cheiro do mar e do peixe fresco, o som das garças que ficavam na proa dos barcos se movimentando com o vento, parecendo bailarinas, e as brincadeiras de pique-esconde, bandeirinha, pau na lata e garrafão no início da noite. Tudo me encantava. Mesmo morando em Bangu, subúrbio carioca, onde as brincadeiras na rua eram comuns, essas experiências na Pedra me afetavam por inteiro.

Pedra de Guaratiba tinha características de balneário, com pequena população residente, a maioria pescadores, mas também sitiantes que ocupavam o sopé da Serra da Capoeira Grande e do Morro do Silvério. Além da população local havia a presença de veranistas e alguns turistas que, movidos a experimentar o cotidiano rural, vinham de diversos lugares da cidade. A água da praia não era cristalina por causa do sedimento negro depositado pelas correntes que entravam na Baía de Sepetiba. Esse sedimento, vulgarmente chamado de lama medicinal, parecia um creme, e era comum ver pessoas transitando na orla com essa lama no corpo, acreditando no seu poder “curativo”. Bem cedinho, eu e a minha avó ma-

terna íamos até a praia para ver a chegada dos pescadores com suas canoas caiçaras, construídas artesanalmente. Eles vendiam os peixes logo ali, na praça. Além do peixe, comprávamos frutas, em especial cajus, que de tão doces até hoje tenho a sensação de saboreá-los. Na parte da tarde apreciávamos os pescadores consertarem as redes para a próxima pescaria e encontrávamos artesãos criando suas peças inspirados no pôr do sol – um dos mais belos que já vi. E assim se passavam os dias nesse lugar onde o tempo parecia não passar – as mesmas casas, os mesmos vizinhos, as mesmas pessoas, mas nunca uma monotonia. Tinha uma feira semanal na praça e muitos sitiantes da região vendiam frutas, legumes, verduras, grãos e ovos. Andávamos entre as barracas conversando com os produtores, provando as frutas que eram oferecidas gentilmente para uma possível compra. Conheci algumas famílias tradicionais de Guaratiba que viviam da agricultura e nas boas safras vendiam os seus produtos em outras regiões da cidade, inclusive no Centro.

No início da década de 1980, vivi um momento de efervescência cultural na Pedra de Guaratiba com a chegada de novos moradores. A praça foi democrática ao acolher além do pescado e das frutas, também o chorinho, as pinturas, as peças teatrais que aconteciam sempre no fim da tarde. Outras pessoas apostaram na gastronomia e abriram restaurantes especializados em frutos do mar. A orla cedia espaço para o cheiro do peixe frito dos restaurantes ao longo da Rua Barros de Alarcão. Esse novo ritmo e estilo de vida provocaram mudanças na vida cotidiana do lugar. Passei a frequentar rodas de samba, eventos culturais e as minhas férias terminavam com o carnaval de rua, famoso pelos grupos de bate-bolas, que com as suas fantasias coloridas se misturavam com empolgação aos integrantes dos blocos.

Com o aumento da poluição na Baía de Sepetiba, Pedra de Guaratiba perdeu o mar e com ele parte dos seus encantos bucólicos. Nesse processo, passei de veranista a turista e, apesar da casa na praia da Brisa, vejo no meu bordado uma ruptura – um novo traço elucida novos lugares e outras experiências.

Hoje, na “Pedra”, sentada na Praça de São Pedro em frente ao mar, já não sou a mesma menina que descalça corria na praça, contornando os tabuleiros com peixes e frutas, mas ainda sinto o gosto adocicado dos cajus. O “estar na praça”

busca outros caminhos e deseja outros encantos. Intuo que o lugar vai me revelar...

Introdução

Vivemos um momento em que a sociedade capitalista passa por acelerada transformação em ritmo e em conteúdo, numa espiral de acontecimentos, saberes e conhecimentos, que criam outras formas de economia baseadas no capitalismo. Um mundo marcado pela evolução técnica-científica-informacional, caracterizado por um sistema estruturado na configuração de redes de conhecimentos e acontecimentos, materializadas através dos fixos (sistemas de objetos materiais e imateriais) e dos fluxos (sistemas de ação), produzindo espaços em tempos diversos, nas múltiplas escalas que transitam do local ao global, em que a cultura e a técnica são dimensões significativas na vida das pessoas (SANTOS, 2014). Segundo o autor:

Os espaços assim requalificados atendem, sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a aparência geográfica da globalização (SANTOS, 2014, p.239).

Essa forma de organização espacial em rede é também caracterizada pela instantaneidade da informação facilitada pelo avanço dos meios de comunicação, que através de diversos aparatos tecnológicos, e a partir das múltiplas linguagens, aproximam os lugares, possibilitando uma tomada imediata de informações, imagens com diversificado conteúdo simbólico, que cria entre os lugares relações de unidade em escala global, difundindo mercadorias, inovações, afetos.

As redes são portadoras de informações, na forma de produtos, mercadorias, ideias, dinheiro, recados afetivos. Sua função fundamental é assegurar ligações, nos seus mais diversos aspectos. Essa é a sua força, tanto maior quanto mais numerosa a variedade de comunicações que o seu conteúdo técnico é capaz de permitir (SANTOS, 2014, p. 262).

Se no passado o que acontecia num mesmo momento, em lugares diferentes, não podia ser conhecido em tempo real, hoje a técnica e a tecnologia, em especial no campo da comunicação, aproximam as pessoas e difundem visões de mundo, relações de poder e tensões, impondo padrões de consumo e de vida, principalmente aos habitantes da cidade.

[...] a mídia toda poderosa não faz outra coisa senão transformar o mundo das imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelho – imagens que, em grande parte, são destituídas da necessidade interna que deveria

caracterizar toda imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis (CALVINO, 1993, p. 73).

O mundo já não é mais o da “Aldeia Global” de MacLuhan (1979), quando os acontecimentos entravam em nossas casas em tempo real, dando-nos a sensação de que todos se uniam numa aldeia, compartilhando informações sucessivas e concomitantes. A liberação das telecomunicações e a convergência com os setores das tecnologias da informação e do audiovisual contribuíram para outras formas de acumular capital, independentes do setor industrial, com bases no setor informacional. Ianni (1999) diante dessas mudanças afirma que passamos a viver em “cidades globais” (p.53), produto do desenvolvimento do capital, caracterizadas por novas formas de escassez e dependência. Para o presente autor:

A cidade global que se torna realidade em fins do século XX é a que se produz como condição e resultado da globalização do capitalismo. Torna-se uma realidade propriamente global na época em que o capitalismo, visto como processo civilizatório, invade, conquista, assimila, desafia, recobre, convive, acomoda-se ou mesmo recria as mais diversas formas de vida e trabalho, em todos os cantos do mundo (IANNI, 1999, p. 57).

As redes são complexas e podem ser concebidas como mediações que se materializam na produção do espaço. Lencioni (2010), ao analisar as transformações espaciais contemporâneas da cidade de São Paulo, explica a relação intrínseca entre a forma de organização do capital e a configuração em redes.

As redes são mediações, mas também momentos da produção, produtoras de um novo espaço. Podem ser materiais, como uma estrada ou imateriais como as redes virtuais. Atualmente, essas tendem a crescer, a se diversificarem e a se tornarem mais complexas, porque correspondem as necessidades e estratégias contemporâneas da reprodução do capital (LENCIONI, 2010, p.69).

Nessa perspectiva, as redes também são produtoras de espaço, sejam elas de bens materiais como túneis, pontes e estradas que ampliam a circulação viária da cidade, como também imateriais a exemplo das redes técnicas de informação que disseminam várias maneiras de pensar, sentir e agir, nos diferentes espaços e nas diversas escalas, o que influencia a difusão cultural, outros modelos de trabalho e variadas formas de dependência do capital nos diversos lugares do mundo.

As redes de conhecimentos são incompreensíveis se as considerarmos apenas a partir de suas manifestações locais e regionais. Estas escalas, contudo, são também indispensáveis para entendermos o movimento na escala mundo. A visão

escalar potencializa o estudo da produção do espaço, já que permite estabelecer múltiplas relações e apreender fenômenos imperceptíveis, transitando do local ao global e/ou vice-versa.

Assim, a informação, a economia, a cultura e os lugares aparecem contextualizados em um processo de globalização, definida por Santos (2004) como um conjunto de realidades e fenômenos contemporâneos que distinguem a época atual dos períodos anteriores, portanto caracterizada por um conjunto de novas possibilidades concretas que impõe novas lógicas à produção do espaço. Esse processo incompleto, que se espacializa de forma desigual e seletiva, apresenta progressivamente mudanças na forma de ampliar o capital. A globalização da economia internacional colocou outros parâmetros para as cidades globais. Com o aprimoramento dos serviços de transporte e comunicações as cidades ficaram mais integradas e as empresas transnacionais, que comandam transações materiais e virtuais, passaram a estabelecer relações com os espaços sob o viés da financeirização.

Para Sassen (2005), essa forma de acumulação do capital cria uma configuração de cidade. A autora reconhece que o modelo de cidade global tem um conteúdo significativo para analisar esse momento da globalização. Dentre as hipóteses do seu estudo destacamos dois processos importantes: o primeiro está centrado na dispersão geográfica das atividades econômicas com uma integração simultânea, sendo um fator fundamental que promove o crescimento e incentiva os recursos corporativos centrais, materializados pelas firmas localizadas em diferentes países. O segundo está relacionado às funções centrais de gestão e controle que incluem os serviços especializados, concentrados em determinadas cidades (as cidades globais). Assim, a maior mobilidade do capital originou “formas específicas de articulação entre diferentes áreas geográficas e a transformação no papel desempenhado por tais áreas na economia mundial” (SASSEN, 2005, p. 58). Essa lógica da economia tende a acirrar as desigualdades não só internas como externas às cidades.

Esse processo altera os padrões de produção, do consumo e, especialmente da cultura das cidades, construindo outras lógicas de fragmentação e hierarquização do espaço, além de criar identidades globalizantes com perdas significativas dos

referenciais culturais locais. Essa visão que a princípio parece perversa, pois pode significar o extermínio das diferentes culturas e um total domínio dos elementos globalizantes, deve ser relativizada, visto que nesse processo há um movimento intrínseco que pode criar formas de resistência à essa estratégia do capital, seja ao fortalecer e ressignificar as culturas locais, ou mesmo produzir novos referenciais, propondo formas alternativas de organização social que sejam democráticas e solidárias.

Nesse sentido estudar a produção do espaço nos permite analisar os fenômenos existentes e compreender os processos espaciais que emergem na escala local e configuram outras formas de organização. Segundo Léfèbvre (2006) o espaço é um produto social e trata-se de um espaço em processo, ou seja, socialmente construído pelas práticas espaciais dos sujeitos.

[...] o espaço (social) não é uma coisa entre outras coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa). Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto. Todavia, ele não tem nada de ficção, de uma irrealidade ou “idealidade” comparável àquela de um signo, de uma representação, de uma ideia, de um sonho. Efeito de ações passadas, ele permite ações, as sugere ou as proíbe. Entre tais ações, umas produzem, outras consomem, ou seja, gozam os frutos da produção. O espaço social implica múltiplos conhecimentos (LÉFÈBVRE, 2006, p. 20).

Com base nessa concepção de espaço, o autor apresenta uma análise espacial da sociedade capitalista a partir da tríade em que ele é homogêneo, fragmentado e hierarquizado. Esses processos acontecem simultaneamente na produção do espaço. A homogeneização tende a tornar as cidades semelhantes, ou melhor, padronizadas pelas formas de produção, com destaque para o campo da arquitetura que apresenta padrões de construção uniformes, porém como afirma Lencioni (2015), essa padronização é marcada por contradições e revela tensões e conflitos.

A uniformidade, a mesmice apresenta-se nas cidades, mas não configuram uma monotonia porque as formas arquitetônicas contemporâneas ao retomarem o racionalismo do movimento moderno buscam mesclá-los com experimentações e inovações. Assim, embora apresentem uniformidade não são monótonas (LENCIONI, 2015, p.35).

Ao mesmo tempo em que o espaço se homogeneíza ele se fragmenta pelas funções urbanas e por sua capacidade técnica, informacional e científica. Lencioni

(2015), ao analisar o processo de fragmentação do espaço urbano a partir dos estudos de Lefebvre, faz considerações que merecem destaque. A primeira diz respeito à necessidade de pensar que cada fragmento não corresponde a uma unidade. “A unidade é a cidade” (p. 41). A segunda demonstra que apesar da natureza se constituir num elemento que fragmenta o espaço, na perspectiva do espaço como produção social, a essência da fragmentação é a sua condição de mercadoria, porque é na venda e na construção de edificações que se encontra o fundamento da fragmentação. A terceira consiste no fato de compreender que esses fragmentos são diferentes, pois cada lugar é singular e os processos se materializam de diversas formas.

Simultaneamente a esses dois processos tem a hierarquização do espaço social. Encontramos regiões, cidades, bairros e sujeitos vivendo em condições marginais, isto é, de exclusão pelo capital, mas não por estarem fora da dinâmica capitalista. Nessa relação estão em condição periférica ou semiperiférica momentânea, o que permite a reprodução do sistema capitalista com uma racionalidade dominante que homogeneiza, fragmenta e hierarquiza o espaço para atender às necessidades do capital e, por isso, produz relações assimétricas, que definem a função de cada espaço. Como essa racionalidade não se manifesta igualmente nos espaços resulta em zonas excluídas que tendem a produzir formas de expressão com outras lógicas.

Há espaços marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação, por essa mencionada carga de racionalidade; e há os outros espaços. Há os espaços do mandar e os espaços do obedecer. Todavia, essa racionalidade sistêmica não se dá de maneira total e homogênea, pois permanecem zonas onde ela é menor e, mesmo, inexistente e onde cabem outras formas de expressão que têm sua própria lógica (SANTOS, 2014, p. 304).

A racionalidade dominante impõe novos ritmos e novas relações sociais, econômicas e políticas à cidade. Como demonstra Santos (2014) na cidade temos as “áreas luminosas” (p.308) dotadas de um conteúdo tecnológico, financeiro e científico; e as “áreas opacas” (p.309) consideradas menos modernas por não terem essas condições específicas tão presentes. Sendo assim, na mesma cidade encontramos lógicas diferentes de ocupação, porém essas lógicas são complementares, o que dá unicidade a cidade.

Essa racionalidade, que é hegemônica, tem o seu contraponto em “outras racionalidades” que são produzidas pelos sujeitos da/na vida cotidiana. A escassez pode levar a uma reflexão crítica do sujeito ao se reconhecer como “marginal” na sociedade em que vive e levá-lo a buscar possibilidades não só de sobrevivência, mas de superação dos desafios.

O momento que estamos vivendo – e a racionalização do espaço é esse limite – aponta para essa perda da razão. Mas, ao mesmo tempo, e felizmente, aponta para a possibilidade da construção de um novo sentido, a partir justamente da elaboração das contrarrazões que a análise geográfica revela (SANTOS, 2014, p. 310).

A racionalidade dominante contemporânea ao reproduzir o capitalismo reforça a política local na qual as cidades passam a competir pela atração de investimentos públicos e privados e por fluxos de consumo. Atualmente, numa perspectiva neoliberal, a produção, a competitividade e a subordinação dos fins à lógica do mercado são elementos que dominam a nova concepção do urbano, constituindo o que Harvey (2004) denominou de “empresariamento da gestão urbana” (p. 242).

Com a crise mundial que marca a transição para o século XXI, as cidades buscam soluções na realização dos megaprojetos, e por isso, entram em competição para atingir metas impostas internacionalmente. Para Pereira (2014) as condições históricas facilitaram a transferência de formas geográficas ou espaciais entre os países dos diversos continentes, o que possibilitou a produção global do espaço, objetivando a acumulação ampliada do capital. Como nos explica Harvey (1993) o capital não resolve suas crises, ele as desloca geograficamente.

Santos (1977) adverte que a globalização neoliberal aprofunda, de certa forma, a subversão dos estados-nações ao impor novos mecanismos de apropriação do território e intervindo diretamente na gestão urbana. Além disso, mostra que essa imposição é negativa já que as formas geográficas disseminadas nesses países são instrumentos de dominação internacional, pois desconsideram as necessidades internas das cidades e apenas atendem aos interesses do capital.

Nesse contexto, as grandes cidades passam a se preparar para desenvolver os megaprojetos, que combinam a intervenção urbana com a realização dos

eventos internacionais. Para tornar realidade esses projetos o Estado e os sujeitos privados, com destaque para as construtoras, investem nos meios de comunicação de massa, propagando um discurso com representações hegemônicas que criam referências de desenvolvimento e de cultura que afetam o cotidiano.

O impacto desses grandes projetos na renovação urbana das cidades traz tensões e conflitos, provocando mudanças na vida das pessoas. É um processo que liga as escalas local e global e a produção do espaço. Embora de interesse local, pois de alguma forma traz investimentos para a cidade, se reduz a um mero instrumento de dominação, mas a população passa a apostar em mudanças que “podem” solucionar problemas de infraestrutura e atender demandas locais. Pereira (2014) analisa a produção do espaço nesse contexto, e explica que pelo fato desses megaprojetos não terem como meta as prioridades sociais, mobilizam prós e contras, e que a adesão a essa lógica ocorre em resposta ao cenário de crise mundial, onde as cidades empobrecidas buscam estratégias de sobrevivência.

A questão é que, em meio a essa operação que articula o local e o global, a produção do espaço, embora de interesse local e condição essencial para a cidade, se reduz a instrumento. A realização do megaevento mundial lança um véu na aparência positiva, humanista e tecnológica por ser um espetáculo internacionalmente reconhecido. Porém, tal reconhecimento responde às estratégias contemporâneas de massificação da cultura e instrumentalização do espaço, para maximizar a recomposição das taxas de lucro, renda e juros como exacerbação de processos espoliativos imobiliários, urbanos e financeiros (PEREIRA, 2014, p.210).

As intervenções urbanas ao mesmo tempo em que provocam transformações visíveis no espaço representam, de certa forma, uma expectativa aos anseios da população no que se refere à melhoria da qualidade de vida: transporte eficiente, moradia com coleta e tratamento de esgoto, acesso à água potável e luz elétrica, pavimentação das ruas, oferta de empregos, construção de escolas e hospitais na região. Além disso, possibilita um reordenamento da expansão urbana, o que permite outras lógicas de ocupação da cidade.

As políticas públicas municipais e os planos de reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro trazem a partir da década de 1990 o discurso dessa globalização neoliberal e marcam uma administração voltada para a visão empresarial e econômica. O caráter empresarial afeta significativamente a

dinâmica da organização do espaço da cidade, tendo no mercado imobiliário a força motriz que possibilita “forçar a reprodução repetitiva e em série de certos padrões de empreendimentos” (HARVEY, 1996, p. 56), impondo formas de organização espacial que alteram a vida cotidiana da cidade.

O impacto sobre o espaço urbano se dá na medida em que o crescimento imobiliário e o crescimento econômico tornam-se sinônimos e essa forma de organização espacial se volta para atender às novas demandas do capital. Cria-se uma representação social da cidade do Rio de Janeiro como “cidade moderna e empreendedora” (FERREIRA, 2013, p.62), atraindo investimentos públicos e privados na elaboração e realização de megaprojetos e ações estratégicas com fins especulativos.

O novo empresariamento urbano se caracteriza, então, principalmente pela parceria público-privada tendo como objetivo político e econômico imediato muito mais o investimento e o desenvolvimento econômico através de empreendimentos pontuais e especulativos, do que a melhoria das condições em âmbito específico (HARVEY, 1996, p. 75).

É fato que a perspectiva empresarial presente nos planos de governo não constrói uma gestão pública voltada para as questões internas e urgentes da cidade. Os interesses da população não são prioridade, são mediados por relações de poder e por um discurso ideológico que se constrói na dimensão das representações do espaço, carregadas de conteúdo simbólico num discurso hegemônico de “cidade que planeja o futuro”. Tal perspectiva de desenvolvimento ainda se relaciona à modernização, mas já integrada à dinâmica da financeirização do espaço (FERREIRA, RUA E MATTOS, 2017).

O Estado promove projetos de crescimento e de renovação da cidade e, ademais, orienta os vetores de expansão, direcionando os fluxos populacionais.

A produção do espaço urbano tem dinâmica complexa e expressa uma lógica externa impulsionada pelo Estado e pelo capital, e uma lógica interna que se constitui a partir da vida cotidiana e das ações dos diferentes sujeitos. A reestruturação urbana contém e está contida nessa dinâmica, produzindo outras formas espaciais, seja pela (re) funcionalização de formas passadas (estabelecendo novos usos de parcelas do espaço) ou por meio da produção de novas áreas

valorizadas na cidade e/ou de áreas estagnadas como reserva de valor. Dentro de uma racionalidade que homogeneíza, fragmenta e hierarquiza o espaço urbano.

O avanço do capitalismo demonstra a passagem da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro e especulativo, com diversas articulações entre os setores da economia, em especial com o mercado imobiliário (CARLOS, 2018), com consequências no processo de produção desigual do espaço. Assim, o capitalismo na sua fase atual, realiza-se produzindo um espaço pressionado pelas novas exigências da acumulação, impulsionado por lógicas e estratégias à escala mundial, mas também local.

Diante dessas mudanças, como já foi ressaltado, as características do urbano aparecem como um momento que tem na especulação imobiliária uma das principais estratégias para a produção e concentração da riqueza social (CARLOS, 2015).

A produção do espaço urbano é também resultado das condições urbanas. Se antes essas condições urbanas tinham sua produção e gestão em grande parte assumida pelo Estado, hoje constituem uma esfera privilegiada de investimentos de capital em parceria com a iniciativa privada. Possibilitar essas condições – arruamento, coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de água, eletricidade, entre outras – representa a possibilidade de negócios e de aferição de muito lucro. A racionalidade capitalista é determinante, submetendo a produção das condições urbanas aos interesses exclusivos da reprodução do capital nas diferentes cidades (LENCIONI, 2010).

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro respondem a um reordenamento urbano que define eixos de expansão da/na cidade, a partir de racionalidades que se espacializam verticalmente e horizontalmente.

A racionalidade horizontal é seletiva, pois atinge os sujeitos de diferentes formas, na condição de participantes incluídos ou à margem desse processo, que se realiza na dimensão do cotidiano. Já a expansão vertical se materializa por uma interdependência organizacional, hierárquica, configurada em redes, sendo balizada pela circulação, consumo e busca da homogeneização. Nessa dinâmica a cidade se

transforma e se expande com uma intencionalidade (SANTOS, 2014). Cabe destacar que esse processo é desigual, com antagonismos a serem revelados e investigados.

A cidade do Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas, apresenta intervenções urbanas, tais como a ampliação das vias de circulação com a construção de túneis e estradas, sistemas de transporte coletivo e outras, que fazem parte de um processo de expansão da cidade para a Zona Oeste. Essa expansão é caracterizada por mudanças na dinâmica demográfica, no padrão da estrutura fundiária, na especulação imobiliária e na produção de bens e serviços. Nesse cenário de reorientação de fluxos e lógicas de ocupação, os bairros localizados na VI Região Administrativa de Guaratiba se tornam protagonistas desse processo.

Sendo assim, a pesquisa realiza um estudo sobre as transformações contemporâneas da cidade, definindo como problemática o processo de expansão urbana na sociedade capitalista. Esse processo está contido e contém uma totalidade possível, que caminha em direção à produção do espaço mundial e à constituição de uma sociedade urbana.

O objeto da pesquisa é **a produção do espaço de Guaratiba com suas contradições, conflitos e possibilidades de transformação.**

Nesse sentido, o objetivo central é **analisar as recentes transformações espaciais que marcam o processo de reordenamento de ocupação da cidade a partir das diferentes práticas dos sujeitos sociais em Guaratiba, com foco nas representações sociais.**

A questão central formulada é **compreender de que forma o processo de expansão da cidade para a zona Oeste do Rio de Janeiro considera (ou não) as necessidades, aspirações e desejos dos habitantes da região de Guaratiba.**

A virada para o século XXI estabelece nas cidades uma política que prioriza a iniciativa privada em consonância com interesses internacionais, o que estabelece o distanciamento entre o que é proposto pelo Estado e o que é posto pela população.

Essas transformações na cidade resultam das ações dos sujeitos no espaço. Os

sujeitos são produtores do projeto de cidade instituído, porém eles percebem e atuam no espaço de forma diferenciada. Os sujeitos interagem com o que é externo e interno à região, ora legitimando o discurso hegemônico, ora produzindo novas representações do espaço.

Para compreender o conceito de sujeito na dimensão da pesquisa recorremos a Ferreira (2013), que nos seus estudos diferencia o ator social do agente com base na dimensão da ação. Para o autor o ator é uma categoria que tem autonomia, capacidade de reflexão e estratégia de ação, já o agente é um reproduzidor das condições sociais e está associado a uma prática sem reflexão crítica da realidade.

[...] aos atores relaciona-se o agir como fonte de um processo; a eles são atribuídas capacidades e intenções. Ao falarmos em atores, estamos nos referindo a jogos de poder, relações de força que, põem, em disputa conhecimento e estratégias, que constroem encadeamentos sociais e políticos. Os agentes, embora também se realizarem no âmbito do agir, são passivos no que tange à definição de intencionalidades (FERREIRA, 2013, p.55).

Nessa abordagem o sujeito é social, tem subjetividade e se apresenta aberto frente ao cotidiano. Ao falarmos de sujeito social estamos considerando indivíduos, grupos sociais, lideranças locais, empresas, instituições e o Estado. Cabe ressaltar que na presente pesquisa utilizaremos o termo sujeito, de forma abrangente, embora considerando que nem todo sujeito é um ator social, posto que pode vir a reproduzir práticas e representações hegemônicas.

Segundo Léfèbvre (2006a) os sujeitos produzem espaços por meio das bases materiais e imateriais e das representações simbólicas. O símbolo é apenas uma representação de uma representação e toda representação contém dependências e poderes ocultos. Para o autor, viver é representar (se), mas também transgredir as representações. As representações não são nem falsas nem verdadeiras, sendo falsas e verdadeiras ao mesmo tempo, isto é, são verdadeiras como respostas aos problemas que se apresentam “reais”, porém são falsas como dissimuladoras de finalidades “reais” (p.161). Harvey (1992) afirma que o modo pelo qual representamos o espaço tem implicações diretas na maneira como agimos em relação a ele. Assim, os espaços são distintos em consonância com os sujeitos que o constroem. Nesse sentido as práticas sociais dos sujeitos têm conteúdo simbólico (imagens, afetividades e conotações), que produzem representações hegemônicas ou

contra hegemônicas.

Investigar as representações sociais é analisar contradições e conflitos que contribuem para a compreensão do processo de produção do espaço da cidade do Rio de Janeiro, como também permite pensar as possibilidades criativas dos sujeitos que habitam Guaratiba.

Sendo assim, o sujeito ganha centralidade na pesquisa como categoria fundamental para a análise espacial, sendo percebido nas suas dimensões – social, cultural, política e nas suas multiescalaridades (HAESBERT, 2004). Seleccionamos os sujeitos a partir de um conhecimento empírico da área, optando por agrupá-los a partir de seu lugar social, da seguinte maneira:

- a) Moradores antigos e novos;
- b) Veranistas e turistas;
- c) Trabalhadores locais;
- d) Lideranças locais;
- e) Movimentos sociais, associações de moradores e sindicatos;
- f) Instituições públicas – COMLURB, prefeitura;
- g) Instituições religiosas, fundações de assistência social;
- h) Comércio e serviços locais e empresas da construção civil.

Cabe ressaltar que no decorrer da pesquisa outros sujeitos foram envolvidos na investigação, já que a base teórico-metodológica possibilitou a inclusão desses sujeitos, como também novas descobertas e desafios.

As recentes transformações espaciais que marcam o processo de expansão da cidade evidenciam lógicas de ocupações distintas na região de Guaratiba:

- l) A lógica configurada pela expansão imobiliária, impondo o modelo de ocupação dos bairros da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes. Essa lógica tende a criar o ideário de cidade “city-marketing”, determinando imagens e padrões estéticos baseados na construção de condomínios fechados de casas ou apartamentos (com muros altos, pintura em tons pastéis, uso abusivo de vidros, e nomes que valorizam a localização do

imóvel). Padronizados pela tecnologia e utilização de novos materiais. A lógica é uniformizar o espaço – um modelo a ser seguido.

- II) A lógica configurada pelo vetor que caracteriza a expansão tradicional, pois predomina uma forma de ocupação que marca a função de bairro residencial. Nessas áreas predominam construções antigas contrastando com as novas construções (basicamente de moradia unifamiliar), loteamentos sem escritura, vazios urbanos e presença de sítios e chácaras.
- III) A lógica configurada por ocupações recentes que margeiam a principal via de acesso aos bairros, como também as áreas de encostas e de planícies que vêm sendo aterradas pelo poder paralelo das milícias atuantes na região. Predominam as construções de casas sem coleta e tratamento de esgoto, com abastecimento precário de água potável e iluminação pública, com ruas sem pavimentação e propensas a desmoronamentos e inundações.

Essas três lógicas se cruzam no espaço de Guaratiba e marcam uma dinâmica complexa do urbano, permeada por tensões e conflitos. Trata-se de uma região que atualmente recebe população de vários bairros da cidade e de outros estados. Dentre os novos moradores há aqueles que a) “apostam” nesse novo lugar, mas não estabelecem relações de vizinhança, b) buscam não só a permanência no lugar, como também um resgate da sua história, por terem relações de identidade com o bairro, c) são movidos pela procura incansável e árdua de encontrar um “lugar” para morar, mesmo vivendo em condições precárias e muitas vezes desumanas.

A metodologia utilizada tem como base a pesquisa qualitativa, com ênfase na empiria e centralidade na pesquisa de campo. Encontramos na abordagem dialética um caminho possível para analisar as contradições existentes no processo de produção do espaço de Guaratiba. Sendo assim, partimos do real, isto é, da observação direta dos vestígios e traços no espaço de Guaratiba, para depois recorrermos à teoria em busca dos conceitos norteadores das questões investigadas, e retornarmos a esse real (múltiplo e facetado) na sua concretude (KOSIK, 1995).

Estudamos a produção do espaço urbano de Guaratiba através dos seus significados e das representações socioespaciais. Santos (2014) nos mostra a necessidade de analisar o conteúdo dos objetos para chegarmos à concretude da sociedade.

Na verdade, porém o que chamamos de sociedade somente adquire concretude quando a enxergamos simultaneamente como continente e como conteúdo dos objetos. E estes se individualizam e ganham expressão e significado, quando a serviço da sociedade (SANTOS, 2014, p. 95).

Esse processo de pesquisa envolveu uma etapa inicial de revisão bibliográfica que tornou possível a escolha da metodologia e dos métodos e técnicas aplicadas em campo. As experiências nos trabalhos de campo provocaram uma reflexão constante e a busca de novos caminhos para obter dados qualitativos e analisar esse processo multifacetado, assimétrico e complexo.

Sendo assim, os procedimentos metodológicos foram se adequando a cada etapa da pesquisa. A complexidade do espaço urbano nos levou a relativizar, contextualizar e buscar compreender os processos que se manifestam espacialmente, sem querer controlá-los ou torná-los uniformes por suas características mais comuns e regulares. Nesse estudo investigaremos também o “incomum”, na tentativa de percebermos a fase embrionária dos fenômenos que se apresentam. Zemelman (1994) alerta que, se esta fase é quase insignificante, deve, porém, ser analisada, pois é a materialização do futuro no presente. Assim potencializamos o presente, identificando e analisando os fenômenos que criam configurações no urbano.

Ao levantarmos a bibliografia existente sobre a região de Guaratiba verificamos que, em grande parte, são pesquisas relacionadas às questões sobre os ecossistemas e os problemas ambientais da região. Há, em menor número, produções acadêmicas recentes que estudam temas relacionados à memória dos pescadores e à ocupação do solo urbano. A presente pesquisa amplia os estudos sobre a produção do espaço urbano com ênfase na escala local.

Desta forma, o trabalho está estruturado em quatro capítulos que dialogam entre si. O primeiro capítulo - “A produção do espaço urbano na contemporaneidade” - faz uma análise da sociedade capitalista na perspectiva da

modernidade e da pós-modernidade, para desenvolver o conceito de espaço não só como condição, mas como um fator da evolução social (SANTOS, 1985). Destacamos que não há a pretensão de definir se o momento é de continuidade ou de ruptura da modernidade. O que importa é mostrar as possibilidades de diálogo entre essas visões de mundo e de ciência. Assim, trabalhamos com a teoria de “desenvolvimentos geográficos desiguais” para ampliar a discussão sobre a racionalidade do espaço urbano. O conceito de fronteira dá continuidade à análise da produção do espaço urbano e amplia o estudo do processo de expansão da cidade do Rio de Janeiro para a Zona Oeste, exemplificado na região de Guaratiba.

O segundo capítulo - “Guaratiba no contexto da cidade do Rio de Janeiro” - traz a dimensão da cultura para o estudo do espaço urbano, dando suporte de análise no que se refere ao conteúdo simbólico e às representações sociais dos sujeitos investigados. A região tem uma história a contar sobre as relações que a cidade tem com o seu interior, o “sertão carioca”. Investigamos onde essa história começa e se existem resíduos de continuidade ou ruptura, apresentando Guaratiba como área de fronteira de expansão da cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo - “As transformações urbanas em Guaratiba nas últimas décadas” - desenvolve uma análise do último plano diretor da cidade do Rio de Janeiro (2011) e dos planos estratégicos entre 2000 e 2016, com foco nas propostas para a região de Guaratiba.

No quarto capítulo - “Guaratiba (s): mosaico de contradições e conflitos” - o objetivo é dar “voz” aos sujeitos em suas desigualdades e multiplicidades, que atuam no presente e no devir e se cruzam em conflito ou em consonância, nas diversas racionalidades de produção socioespacial.

Nas considerações finais propomos um diálogo com os desenvolvimentos desiguais, com o planejamento urbano para a região e com “as histórias” de Guaratiba recuperadas e acionadas no processo de desenvolvimento da pesquisa de tese. Ressaltando que morar na cidade do Rio de Janeiro é se deslocar diariamente pelos diferentes bairros seja a trabalho, para estudo, ou em busca de lazer, e experimentar diferentes geografias, onde encontramos múltiplas realidades que compõem mosaicos dinâmicos com interações internas e externas, criando

configurações espaciais contraditórias e tensionadas.

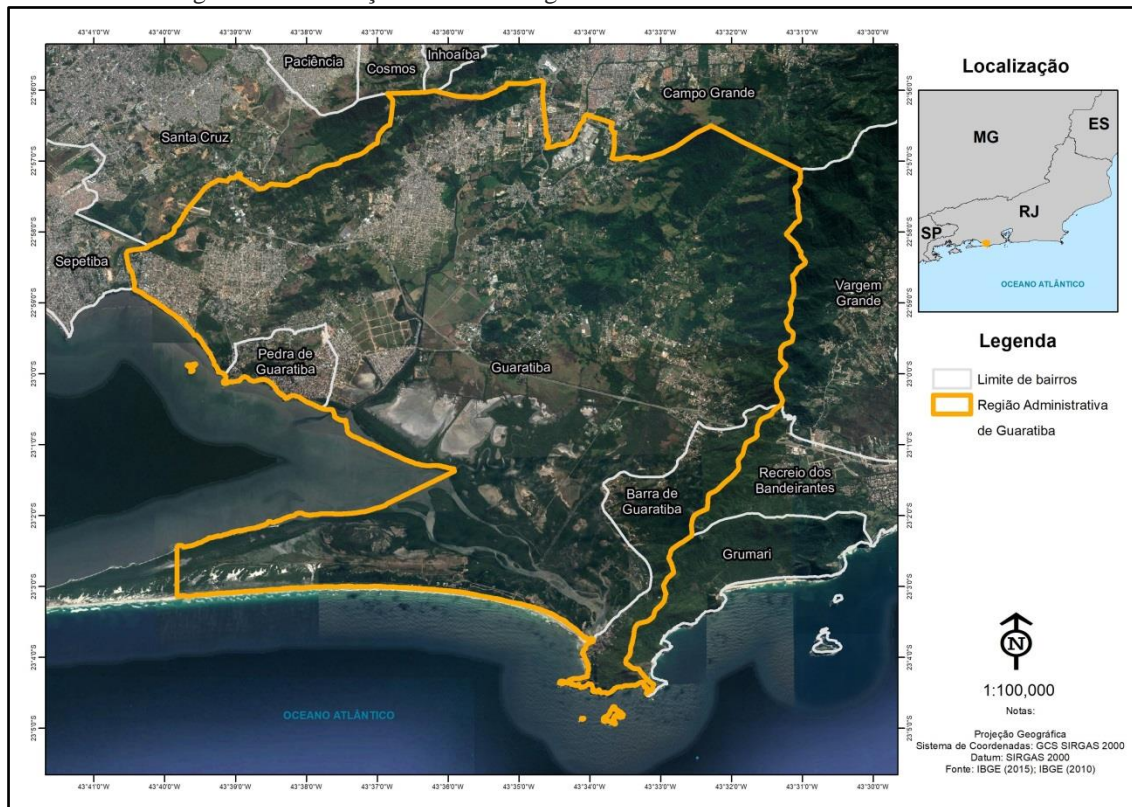
O estudo da cidade permite analisar um conjunto amplo de proposições interpretativas, que vão desde avaliações conceituais e teóricas até às experimentações dos lugares, principalmente quando se trata de investigar o processo de expansão da cidade para a Zona Oeste.

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro obedecem a uma dinâmica em que, num primeiro momento, temos as necessidades de mudança que se manifestam em nível local e, somente num segundo momento, entram em cena comandos técnicos, políticos e ideológicos que modificam o dinamismo inicial na medida em que pouco se aproximam dos desejos e necessidades da população.

A cidade carrega no seu histórico de ocupação essa dinâmica. Alguns bairros da Zona Oeste, por apresentarem ainda espaços vazios, vivenciam lógicas de ocupação que alteram a vida cotidiana dos seus habitantes. As intervenções urbanas que priorizam obras viárias direcionam eixos de ocupação que não acompanham o investimento em infraestrutura local, com um aporte urbano que atenda essa população. Os bairros da RA de Guaratiba apresentam essa realidade e exemplificam essa dinâmica de ocupação.

A XXVI RA de Guaratiba está situada na Zona Oeste da cidade e, na sua configuração atual, foi criada em 1985 pelo Decreto 5.280 (Anexo 1). Apresenta área total de 152,48 Km² e compreende os bairros de Barra de Guaratiba, Guaratiba e Pedra de Guaratiba (Fig. 1).

Figura 1: Localização da XXVI Região Administrativa de Guaratiba



Elaborado por MORGADO, V. N.; NASCIMENTO, R. C. G., 2019.

A região de Guaratiba está situada na parte oeste da cidade do Rio de Janeiro ao longo da planície costeira, com superfícies alagadas e solos férteis. A baía de Sepetiba constitui um dos referenciais de localização e de identidade da região. A baía se destaca pelo extenso litoral e pelo processo de ocupação marcado por invasões de franceses e portugueses no século XVI, sendo palco de inúmeros acontecimentos na História do Brasil. A configuração espacial da região contribuiu para desenvolver a tradição pesqueira e agrícola que resiste, apesar das recentes transformações urbanas.

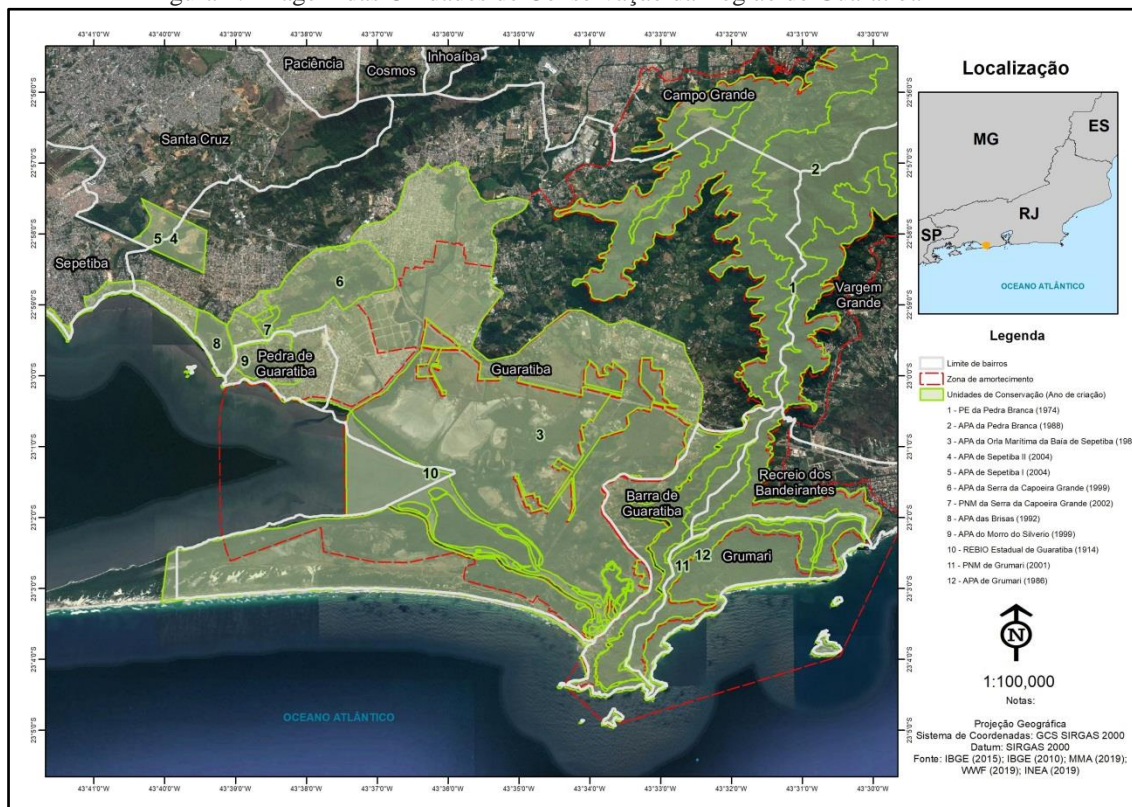
Guaratiba apresenta uma riqueza paisagística de flora e fauna e tem ecossistemas de manguezal, que é reconhecido como berçário da vida marinha e resíduo de Mata Atlântica. Seu limite Sul é limitado pelo estreito cordão arenoso da Restinga da Marambaia, enquanto sua porção oeste, portal de comunicação entre a baía e o oceano, distingue-se pela presença de numerosas ilhas, lagos e afloramentos rochosos.

O relevo da região é caracterizado por serras, morros que fragmentam as áreas de ocupação predominantemente nas planícies de inundação dos rios que

nascem no Maciço da Pedra Branca e na Serra da Capoeira.

A região é considerada ambientalmente frágil, o que justifica a presença de unidades de conservação como a Reserva Biológica de Guaratiba, o Parque Estadual da Pedra de Branca, a Área de Proteção Ambiental da Pedra Branca, o Parque Natural Municipal da Serra da Capoeira Grande, a Área de Proteção Ambiental da Serra da Capoeira Grande e do Morro do Silvério, a Área de Proteção Ambiental das Brisas. Mesmo com uma legislação ambiental de proteção garantida pelo Estado, a região apresenta problemas ambientais que colocam em risco a preservação dos seus ecossistemas, como também a qualidade de vida dos seus habitantes. O mapa (Fig. 2) localiza as unidades de conservação que sofrem com o processo de redução das suas Zonas de Amortecimento, devido à ocupação desordenada na região. A Reserva Biológica de Guaratiba foi criada no ano de 1974 e teve redução de seu limite nos anos de 2002 e 2010, o que causou grande impacto ambiental, principalmente nas áreas de mangue.

Figura 2: Imagem das Unidades de Conservação da Região de Guaratiba



Elaborado por MORGADO, V. N.; NASCIMENTO, R. C. G., 2019.

A região de Guaratiba tem uma história de ocupação iniciada no século XVI, quando Cristóvão Monteiro e Manoel Velloso Espinha, por doação, ganham as Sesmarias que correspondem hoje os bairros de Barra de Guaratiba, Guaratiba e Pedra de Guaratiba, aonde desenvolveram a agricultura com destaque para a cana-de-açúcar que, com a desvalorização do produto ao longo dos séculos, foi substituída pelo café, e no início do século XX a região foi produtora de frutas e produtos hortifrutigranjeiros, abastecendo outras áreas da cidade (MANSUR, 2012).

Com o crescimento da cidade, a região foi chamada de “Sertão Carioca” (MAGALHÃES, 1936) por ser a área rural da cidade, apresentar atividades ligadas ao extrativismo (como a pesca e a caça) e a agropecuária. Com o processo de urbanização, o rural deu lugar ao urbano.

Atualmente, com o processo de expansão da cidade para Guaratiba, o ritmo acelerado de crescimento da população não acompanha os investimentos do governo na região. Guaratiba, pela especificidade da sua ocupação, apresenta carência de infraestrutura urbana, de regulamentação fundiária, de programas sociais e de habitação do governo voltados para a população de baixa renda, entre outras.

É uma região de muitos conflitos, com destaque para: a) os que permanecem e lutam pelo resgate da identidade do lugar; b) os que permanecem e reproduzem o discurso do desenvolvimento com base num crescimento que é externo ao lugar; c) os que chegam e lutam pelo respeito e valorização da sua cultura.

A população da região cresceu em ritmo acelerado nos anos de 2000 a 2016, ocupando terras públicas e privadas, e os conflitos se intensificaram. As imagens de satélite mostram a ocupação da região em dois momentos distintos - 2004 e 2016 (Figs. 3 e 4). Observa-se que os três bairros apresentaram aumento da área ocupada, atingindo as unidades de conservação, com destaque para as áreas no entorno do Maciço da Pedra Branca e nos manguezais, com exceção da extensa área militar do Centro Tecnológico do Exército e da Restinga da Marambaia.

Figura 3: Ocupação da Região de Guaratiba no ano de 2004



Fonte: Imagem de satélite da RA de Guaratiba no ano de 2004. Google Maps, Acesso 12/02/2018.

Figura 4: Ocupação da Região de Guaratiba no ano de 2016



Fonte: Imagem de satélite da RA de Guaratiba no ano de 2016. Google Maps.
Acesso 12/02/2018.

Os dados dos censos do IBGE de 2000 e 2010 demonstram que em uma década a população da Zona Oeste cresceu aceleradamente, principalmente nos bairros de Campo Grande e Guaratiba (um dos dez bairros cariocas mais populosos em 2010), enquanto que áreas da Zona Sul perderam moradores.

Os bairros da região de Guaratiba, que começaram a atrair investimentos imobiliários desde a década de 1990, recebem hoje novos moradores, mas ainda se percebe um número significativo de veranistas. O censo de 2010 mostra que os locais com maior concentração de domicílios vazios estão nos bairros da região de Guaratiba. Em Pedra de Guaratiba, uma em cada cinco moradias estava vazia e em Barra de Guaratiba 16% de domicílios estavam sem moradores.

Sobre o crescimento das favelas na região, os dados dos censos do IBGE indicam que a comunidade do Piraquê, localizada no bairro de Guaratiba, foi a de maior crescimento horizontal no período correspondente de 2000 a 2010, avançando de 234.116 metros quadrados para 423.532 metros quadrados.

Esses dados sobre a região de Guaratiba apontam mudanças no padrão demográfico, na estrutura fundiária e no acesso à infraestrutura urbana.

Para compreender o urbano e analisar o processo de expansão da cidade na região de Guaratiba, buscamos referências de autores que estudam o espaço na perspectiva de tríades teórico-metodológicas.

Assim, recorreremos inicialmente a Harvey (2005) que desenvolve a tríade analítica ao conceber o espaço como absoluto – relativo – relacional. Analisamos Guaratiba partindo do seu espaço físico (absoluto), mapeando o sítio urbano e os elementos naturais e artificiais que dão singularidade à região. Percebendo que o absoluto não é uma abstração, ampliamos a escala ao investigarmos o valor e o uso desses espaços, agregando o relativo, pois toda parcela do espaço é “dele” e da sua relação com o “outro”. O sentido relacional traz a percepção de que cada espaço contém o interno dele, mas também o externo a ele.

Assim, os bairros Pedra de Guaratiba, Guaratiba e Barra de Guaratiba, constituem “pedras do mosaico Guaratiba”. Cada bairro, metaforicamente, é uma pedra desse mosaico que tem sua singularidade, porque é ela mesma comparada com as demais e com o que é externo a ela. Guaratiba ganha assim uma unidade. Em outra escala, a interrelação entre as peças e os mosaicos que compõem a cidade do Rio de Janeiro dão a ela uma unidade.

O espaço ao mesmo “tempo” que é absoluto, relativo e relacional é clivado, ou seja, desagregado pelos sujeitos que criam seus “mapas de significações imaginárias”. Nesse sentido cabe desenvolver a conhecida tríade Léfèbvriana (2006) sobre o estudo do espaço: as práticas espaciais – as representações do espaço – os espaços da representação. As práticas espaciais se materializam nos sujeitos, referem-se às forças produtivas e reprodutivas (às redes de atividades) em uma base material determinada (localização). Os espaços de representação estão ligados às lógicas de produção e reprodução social, marcados por um simbolismo que expressa normas, valores e experiências sociais. As representações do espaço estão ligadas aos signos que têm conteúdo técnico e simultaneamente ideológico, associadas às relações de produção e a racionalidade espacial que impõe uma ordem.

A dinâmica simbólica das representações só pode ser compreendida se for pelo próprio corpo, ou seja, pela dimensão da vida – pelo “que passa” nas multiescalaridades do sujeito. O sujeito exerce as suas práticas espaciais na dimensão do “percebido”. Para melhor compreensão do espaço nessa complexidade nos baseamos em Léfèbvre (1995). Com a tríade analítica: concebido – percebido – vivido, o autor potencializa a análise espacial na perspectiva do concebido na dimensão das representações do espaço, isto é, do discurso ideológico, do conteúdo simbólico. O percebido tem a dimensão das práticas espaciais, ou seja, das regulações empíricas, do heterônomo. O vivido tem a dimensão dos espaços das representações sociais, sendo o campo das possibilidades, da resistência que desafia a ordem dominante. Sendo assim, o espaço se apresenta na condição de “produto, meio e fim” que caminha desde o concebido até o vivido, mas é no vivido que se revelam as possibilidades de compreensão da vida. É no sentido da realização da vida que os estudos sobre a reprodução do espaço ganham centralidade, uma vez que o vivido problematizado e investigado possibilita entender o real na sua pseudoconcreticidade, capturado na vida cotidiana.

O lugar fechado é xenofóbico. Segundo Massey (2000 e 2008) o espaço é aberto, inacabado, múltiplo, relacional, sempre em devir. É o encontro de múltiplas trajetórias que se materializam no aqui e agora a partir dos sujeitos que

habitam o lugar. Ir além do mapa quer dizer “dar qualidade ao lugar”. Para a autora o espaço é reconhecido como esfera da possibilidade, da existência da multiplicidade, da coexistência conflituosa da voz dos diferentes sujeitos. É no espaço que o presente oculta o passado e o futuro. O espaço e o tempo assim estão relacionados na contemporaneidade. Guaratiba não é apenas um ponto no mapa da cidade do Rio de Janeiro.

Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea dos outros. E isso é ao mesmo tempo um prazer e um desafio (MASSEY, 2000, p.15).

O espaço é condição, meio e produto (CARLOS, 2013), pois agrega relações espaciais nas variadas escalas. O lugar aparece como a manifestação do encontro de diferentes culturas e acontecimentos que estão em curso nas diversas histórias. Existem várias “Guaratibas” que devem ser estudadas. Os bairros Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, como já indicado, constituem pedras singulares desse mosaico complexo, onde os sujeitos interagem e produzem espaços distintos e marcados por possibilidades. (MASSEY, 2008). Existem lógicas internas e externas entre as “pedras” que dão dinamismo a esse mosaico plural e multifacetado.

Com base nessas reflexões sobre o espaço urbano na perspectiva do lugar, recorreremos à tríade trabalhada por Agnew (2014) sobre a análise espacial: “o local” como sendo a localização de um ponto, determinando a posição desse lugar no mapa, comprovando a sua existência ou não; “a localidade” que implica numa relação entre os sujeitos e o lugar, mas também as relações externas que se estabelecem nele, e o diferencia; “o sentido do lugar” que se refere à relação que cada sujeito tem com um determinado lugar, envolvendo os sentimentos e as sensações que atribuímos a cada lugar, seja o lugar da infância, ou das angústias e das perdas, e também das realizações.

A sociedade capitalista que valoriza o espaço como mercadoria produz geografias desiguais. Para ampliar essa análise retomamos a tríade mais geral de Lefebvre (2006), que concebe o espaço como homogêneo, fragmentado e hierarquizado. A cidade do Rio de Janeiro é homogênea pelo capital que se apropria da natureza, anulando diferenças no espaço e no tempo. “Não é nada inusitado,

então, que algumas cidades ou áreas delas sejam cópias umas das outras” (LENCIONI, 2015, p. 40). Concomitantemente, é fragmentada territorialmente e hierarquizada pelas funções urbanas e pelo acesso às técnicas. As contradições que se manifestam em Guaratiba se dão pela reprodução do capital que acentua as desigualdades espaciais. A lógica do capital se realiza na presença e ausência desses processos.

Há um imaginário de cidade hegemônico que caminha para a reprodução do modelo imposto pelos planos de governos. Mas, também, há ações de resistência que transitam na contramão desses projetos e que emergem das singularidades dos lugares. Para Santos (2014), o espaço é produzido a partir de intencionalidades, o que garante a própria expressão da espacialidade do poder, da economia e da política.

A produção do espaço resulta das ações dos diferentes sujeitos, cujas ações são elaboradas por complementariedade e antagonismos. Os planos dos governos municipais, bem como as políticas públicas, servem a um determinado projeto de sociedade e, certamente, definem um modelo de desenvolvimento atrelado à dinâmica global e à lógica capitalista vigente.

A região de Guaratiba exemplifica esse momento de reestruturação urbana com base nos interesses imobiliários, marcando um processo de expansão caracterizado por objetos materiais e imateriais que resultam num conjunto simbólico de dominação.

Santos (2014) diferencia objetos de “coisas”, e explica que as “coisas” só viram objetos quando há um entendimento – uma ideia. Com isso, demonstra a importância do pesquisador exercitar o olhar e ver além das aparências. Há um movimento com sujeitos que contribuem para a manutenção das relações hegemônicas e um outro movimento com sujeitos que buscam outras racionalidades. Esses movimentos se confrontam na vida cotidiana, seja na dimensão da ação que irá definir e diferenciá-la a atuação do sujeito, seja um reproduzidor das ideologias dominantes ou um subversivo no sentido de criar formas de resistência. É possível o mesmo sujeito, em cada contexto, transitar por esses movimentos – o que lhe afeta.

Léfebvre (1991) afirma que “O cotidiano, conjunto do insignificante (concentrado pelo conceito), responde e corresponde ao moderno, conjunto dos signos pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia” (p.30). Nessa abordagem o cotidiano e o moderno se confundem, entrelaçam suas condições e suas representações, porém o autor ressalta que o “cotidiano” só se faz sentir em contraposição ao “não cotidiano”, isto é, quando há rupturas dentro de uma normalidade submissa. Assim, o cotidiano tem uma dimensão espacial da realidade porque os sujeitos acontecem no cotidiano. É nele que se manifestam as frustrações, aspirações e desejos, criando ou não outras racionalidades.

A cotidianidade não é um reflexo direto do cotidiano, mas sim revela as racionalidades que dão sentido ao cotidiano num determinado momento. É um processo de humanização do homem, legitimado por símbolos e signos produzidos pela sociedade através das relações de produção, do trabalho, da cultura, da política. Para Léfebvre (1991) a cotidianidade é um reflexo direto do cotidiano que tem como base a modernidade, e existe na dimensão dessa racionalidade.

Tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a “sociedade”, situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura) (LÉFÈBVRE, 1991, p.35).

Cabe destacar que a cotidianidade consiste num esforço filosófico para compreender o movimento imposto pelo cotidiano. Como citado anteriormente, ela só existe como momento, como condição da modernidade. Léfebvre (2011) afirma que “[...] a cotidianidade e a modernidade. Esta é uma auréola daquela e a encobre, ilumina e esconde. São as duas faces do espírito do tempo” (p. 30). O cotidiano, no limite da reflexão, revela o que tem de mais próprio, ou naturalizado, da atividade criadora.

O cotidiano, como conjunto de atividades em aparência modesta, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos (plantas, animais, oriundos da *Physys*, pertencentes à Natureza), não seria apenas aquilo que escapa aos

mitos da natureza, do divino e do humano. Não constituiria uma primeira esfera de sentido, um domínio no qual a atividade produtora (criadora) se projeta, precedendo assim criações novas? Esse campo, esses domínios não se resumiriam nem a uma determinação da subjetividade dos filósofos, nem a uma representação objetiva (“objetal” de objetos classificados em categorias (roupas, alimentação, mobília etc.). Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos) (necessidade, trabalho, diversão – produtos e obras – passividades e criatividade – meios e finalidade etc.), interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis) (LÉFÈBVRE, 1991, p. 20).

Apesar dessa condição de reprodução social, o cotidiano contém em si a possibilidade de revelar os desafios, os contextos que movem a vida social e contribui para revelar a vida cotidiana. Assim, a vida cotidiana guarda em si a possibilidade de subverter as imposições da modernidade, isto é, de criar outras formas de leituras do mundo, outros espaços de representação – campo das possibilidades. Para Heller (2008) a vida cotidiana é a vida de todos os homens e do homem todo – inteiro. Tem uma estrutura aberta, em movimento, por isso os elementos que a compõem “espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação”, permitem reflexões profundas sobre a densidade da vida cotidiana, revelando particularidades das práticas dos sujeitos.

Frente a esse conjunto de determinações se percebe que a vida cotidiana e os elementos que a integram guardam em si uma possibilidade de inovação, de indeterminação proporcionada por uma “autonomia” possível dos sujeitos.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 2008, p.31).

A vida cotidiana acontece no lugar e este lugar é o cotidiano com muitas realidades – do morador, do turista, do trabalhador, dos produtores imobiliários, das lideranças comunitárias, das associações e instituições etc. Cada um que vive o cotidiano da cidade, enquanto grupo e sujeito, produz ou reproduz espaço a partir

das suas diferentes práticas.

O lugar aparece como condição de realização da vida cotidiana, o que envolve uma articulação espaço-tempo através dos usos do lugar. A relação entre habitante e a cidade através da vida cotidiana se realiza enquanto ação relacionada às possibilidades e aos limites do uso do lugar, num determinado momento histórico (CARLOS, 2001, p. 28).

A região de Guaratiba toma forma se apresentando e representando, com os sujeitos produzindo signos e discursos – sejam de reprodução do modelo hegemônico, sejam de criação ligada às representações contra hegemônicas. Para Léfèbvre (2006) imagens ou símbolos são passíveis de formulação e sustentam os discursos presentes em uma sociedade.

Guaratiba não existe por si só. Ela vai se construindo quando agregamos valores e percebemos as diversas realidades que se materializam na produção das diferentes “Guaratibas”, pois o espaço é constituído de materialidades e imaterialidades e reflete as estratégias e as práticas espaciais dos sujeitos (SANTOS, 2008). O processo de produção do espaço revela tensões por apresentar racionalidades que impõem uma ordem dominante do capital e outras racionalidades que acontecem na vida cotidiana.

A construção da cidade, hoje, revela a dupla tendência entre a imposição de um “espaço que se quer moderno”, logo homogêneo e monumental, definido, ou melhor, “desenhado” como espaço que abriga construções em altura associadas a uma rede de comunicação densa e rápida e de outro “as condições de possibilidade”, que se referem a realização da vida (que se acham à espreita, de modo contestatório) revelando uma luta intensa em torno dos modos de apropriação do espaço e do tempo – um processo que ocorre de modo, profundamente, desigual revelando-se em seus fragmentos (CARLOS, 2001, p. 28).

Através do corpo iniciamos a compreensão do espaço, como também a sua apropriação, pois “o uso se realiza através do corpo (o próprio corpo é extensão do espaço) e de todos os sentidos humanos, e a ação humana se realiza produzindo um mundo real e concreto, delimitando e imprimindo ‘rastros’ da civilização”. (CARLOS, 2001, p. 63). A vida cotidiana é vivida pela apropriação do espaço através do corpo que é entendido não só na sua condição física, mas também como “âmago” das sensações, ou seja, dotado de uma capacidade sensorial responsável por conectar os sujeitos à cidade de diversas formas. O corpo é que nos possibilita o acesso ao mundo.

A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço, pelo corpo, o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido em uma prática vivida/ reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante – habitante e habitante – lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição de vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites). Trata-se, portanto, de um espaço palpável, real e concreto (CARLOS, 2001, p. 29-30).

A noção de resíduo com base em Léfèbvre (2006a) considera que tudo que está fora do sistema e, por isso, deve ser apropriado, contribui para identificar elementos presentes, porém ausentes no cotidiano, buscando rupturas no processo de alienação do sistema capitalista.

[...] a alienação adquire um sentido profundo. Ela afasta o cotidiano de sua riqueza. Dissimula esse lugar da produção e da criação humilhando-o e recobrando-o com o falso esplendor das ideologias. Uma alienação específica transforma a pobreza material em pobreza espiritual, impedindo que a riqueza seja libertada das relações constitutivas do trabalho criador conectadas diretamente com a matéria e com a natureza. A alienação social transforma a consciência criadora (incluindo os filões de criação artística latentes na “realidade”) numa consciência passiva e infeliz (LÉFÈBVRE, 2006a, p. 40).

A pesquisa tem como objetivos específicos:

- a) Investigar as transformações espaciais em Guaratiba e as razões que fizeram com que a região fosse incorporada aos projetos de reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro.
- b) Identificar as representações do espaço presentes em Guaratiba e buscar a concretude dessas representações, que são cambiantes e elaboradas por um imaginário que esconde o real.
- c) Pesquisar quais os sujeitos envolvidos e as lógicas presentes no processo de expansão urbana na região.
- d) Qualificar e compreender as práticas espaciais dos sujeitos que constituem a lógica de dominação, e as práticas espaciais de resistência que produzem novos espaços de representações.
- e) Analisar as resultantes presentes na configuração espacial da região e demonstrar como esta configuração se materializa em diversas Guaratiba(s).

A escolha do referencial teórico-metodológico está relacionada à maneira

como o pesquisador concebe o mundo e lida com as adversidades que se apresentam no decorrer da pesquisa. Diferentes visões de mundo geram formas distintas de perceber e interpretar os significados e os sentidos do objeto estudado.

A investigação está fundada na pesquisa qualitativa, pois:

- A região de Guaratiba é uma das principais fontes diretas dos dados e o pesquisador é considerado um instrumento fundamental.
- Se destaca pelo caráter descritivo, pois a descrição é rica na coleta de dados.
- Os símbolos, os códigos e as práticas sociais dos sujeitos pesquisados são enfatizados na análise.

Nessa perspectiva é necessário ressaltar que estudamos os processos e fenômenos da produção do espaço urbano de Guaratiba a partir dos sujeitos envolvidos na pesquisa e, de posse desse material, interpretamos os dados com base nas categorias de análise e no referencial teórico. “O vínculo entre signo e significado, conhecimento e fenômeno, sempre depende do arcabouço de interpretação empregado pelo pesquisador, que lhe serve de visão de mundo e de referencial” (NEVES, 1996, p. 1).

Martinelli (1999) destaca três pontos importantes na pesquisa qualitativa. O primeiro é o seu caráter inovador, pois essa abordagem permite buscar significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências num determinado espaço e tempo; o segundo é a dimensão política, já que parte das realidades dos sujeitos e a eles retornam de outra maneira; e o terceiro ponto por ser um exercício político favorece a construção coletiva sem excluir os sujeitos envolvidos na pesquisa. Desse modo a concepção de sujeito passa pelo particular, mas também pelo coletivo, pois ele é um ser social – vive numa determinada sociedade que produz também culturas – crenças, valores e significados. Os estudos qualitativos não impedem o pesquisador de empregar a lógica da empiria. Esse processo de imersão é caracterizado pela experimentação da realidade estudada que requer o contato direto entre sujeito e objeto, facilitada pelos trabalhos de campo e pelas diversas técnicas de coleta de dados.

Constituem momentos de vivência com o objetivo de conhecer as múltiplas relações espaciais dos sujeitos, no esforço acadêmico de compreender a vida cotidiana dos sujeitos que habitam a cidade, seja utilizando técnicas de observação direta ou realizando entrevistas fechadas, semiestruturadas ou abertas. O que importa nessa etapa da pesquisa é a descrição das experiências dos sujeitos nos diferentes contextos. Para isso o pesquisador é orientado por um conhecimento teórico prévio, em que a problemática, o objeto, os objetivos estejam bem definidos. Gonçalves & Lisboa (2007) explica que:

Durante o processo de pesquisa, a hipótese problematizadora e a fundamentação teórica devem servir como uma “bússola”, orientando a investigação cujo principal objetivo é a construção de conhecimento a partir do levantamento, interpretação e análise dos dados empíricos. (p. 86).

Dentro dessa perspectiva, a prática da pesquisa não separa o sujeito do objeto, busca-se uma objetividade subjetiva, em que o pesquisador privilegia o momento de conhecimento, e de certa forma, de reconhecimento do seu objeto a partir da empiria. Estudamos a produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro no momento de expansão para a Zona Oeste, com base nas representações espaciais dos sujeitos que de forma dinâmica e contraditória vivem a região. Nesse momento o que é relevante são os elementos investigativos que capturem as contradições do espaço, as lógicas das racionalidades existentes que demonstrem os fenômenos e processos presentes no urbano.

Demo (1990) ao desenvolver a metodologia específica para a operacionalização da investigação empírica pressupõe a necessidade de uma forte articulação entre “teoria, método e prática”. Segundo o autor, se deve evitar a redução de uma análise construída apenas com base na manifestação mais evidente do que se vê no campo investigado.

[...] a ciência vive do desafio imorredouro de descobrir a realidade que, sempre de novo, ao mesmo tempo se descobre e se esconde. Possivelmente esta marca é comum também à realidade natural, mas é, sobretudo, característica da realidade social. “O que se vê”, de modo geral, não é, nem de longe, a parte principal e, na consequência, o que está nos dados muitas vezes é manifestação secundária, ocasional, superficial (DEMO, 1990, p. 20).

Na realidade social há uma identidade entre o sujeito e o objeto, porque estudando a sociedade, estudamos a nós mesmos. O pesquisador deve ter clareza do método para utilizar os procedimentos metodológicos adequados à sua prática investigativa. Martins (2004) destaca uma análise do antropólogo Roberto da Matta a respeito da relação sujeito e objeto, a partir da inevitável presença das interpretações do sujeito pesquisador sobre os sujeitos pesquisados e as representações que os identificam.

[...] (Existe) uma interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado que compartilham, mesmo que muitas vezes não se comuniquem de um mesmo universo da experiência humana (Da Matta, 1991, p.23). O que permite superar nossos preconceitos em relação ao “outro”, ao diferente, é a possibilidade de dialogar com ele. É nessa possibilidade de diálogo que reside a principal diferença com as ciências naturais e seu objeto: o objeto das ciências sociais é ‘transparente e opaco’ (Da Matta, 1991, p. 27), tem o seu ponto de vista as suas interpretações, que muitas vezes colocam as nossas em xeque (MARTINS, 2004, p.292).

Para isso é fundamental uma visão interdisciplinar que considere as pesquisas realizadas nas ciências sociais como processos nos quais descrições, documentos, escritos de pesquisas anteriores, etc. são valiosos. Para Da Matta (1991) tudo isso não torna a observação de menor valor, desde que não se furte a reconhecer que qualquer observação, ainda que criteriosa, sofre influência do pesquisador. É fundamental saber que o conhecimento produzido nessas áreas é fundamentado em valores do próprio pesquisador, como a objetividade provém de critérios e escolhas que são definidos por ele a partir da interpretação do problema investigado.

Investigamos a produção do espaço urbano a partir dos instrumentos de análise que se aproximam do método regressivo-progressivo de Léfèbvre (2006a), em que transitamos em diversas escalas, o que permite o acesso do local ao global e vice-versa. O pesquisador está aberto a aproximar-se de seu objeto de estudo experimentando relações muitas vezes imperceptíveis. O autor nos mostra a possibilidade de realizar um movimento contínuo de “zigue-zague”, ou seja, partir do presente para chegar ao passado e, depois, retornar ao presente na perspectiva de antever o futuro.

A abordagem dialética vem contribuir para analisar as contradições

existentes no processo de produção do espaço, já que a realidade social é marcada por contradições e tensões de diversas ordens. Essa análise, que vai além dos procedimentos metodológicos da indução e da dedução, restitui a unidade concreta (contraditória) da vida cotidiana. Assim, com base em Lefebvre (2006a) percorremos um caminho teórico-metodológico de investigação em que: a) o objeto do conhecimento é pensado a partir de um processo histórico e ideológico, marcado pelo “movimento”, na perspectiva de uma totalidade aberta (sempre parcial), em que o objeto está sempre em movimento e integra um todo (incompleto), sendo estudado num determinado momento, numa relação espaço-tempo. Enfatizamos que a ausência do movimento não permite ao pensamento se libertar do imediato, das sensações, levando a uma mera apresentação dos fenômenos e processos; b) o entendimento de que o conhecimento só atinge a “verdade relativa”, pois o ato de pesquisar acontece movido pela busca da “verdade absoluta”, que na visão do autor é inatingível. Assim o “desconhecido” enquanto “movimento”, enquanto “devir”, consiste numa “verdade absoluta” infinita; c) a contradição só pode ser percebida enquanto erro, já que negar algo é promover movimento, e “estar” em movimento é “estar” em devir; d) a importância da periodização do que está sendo estudado como condição para se aproximar da “verdade absoluta”, visto que a cada momento em que temos uma “verdade relativa” sobre o objeto, num espaço-tempo, estaremos na busca (no devir) da “verdade absoluta”; e) valorizar a investigação empírica enquanto “ponto de partida” para analisar a realidade espacial estudada.

Nesse processo investigativo partimos do princípio de que toda a realidade é contraditória para ser historicamente superada. Os sujeitos são contraditórios “entre si” e “por si” e a história social é dinâmica. Acreditamos que um dos conceitos fundamentais da dialética é a antítese, que significa a presença das contradições no espaço urbano estudado (em determinado momento histórico). A partir das contradições busca-se compreender o processo de produção do espaço. Essa visão permite entender a história como uma polarização inerente, numa perspectiva de totalidade que vai além da noção de que “a parte é o todo” e o “todo é a parte”. Acrescenta-se a ideia de movimento em que novos elementos são agregados e outros fenômenos apresentados, alterando a dinâmica desse movimento. A realidade não se esgota numa análise. As análises podem ser

superadas e debatidas dando ao campo investigativo inúmeras possibilidades. Em síntese, o objeto da pesquisa é visto como pertencente a um processo histórico e por isso está sempre em movimento e integra um todo que deve ser estudado em um determinado momento (espaço-tempo). Esse trabalho acadêmico chegará às verdades relativas e quanto mais profundas, mais densas, elas estarão próximas às verdades absolutas - inatingíveis (LÉFÈBVRE, 1995).

A análise do pesquisador sobre os sentidos que o sujeito atribui à sua ação e a intenção ao realizar algo resulta numa abordagem subjetiva. Nesse caso a “interpretação é inevitável” (DEMO, 1999, p. 22) e a hermenêutica ao estabelecer um diálogo com a dialética corrobora para superar a investigação puramente indutiva e dedutiva, revelando as “entrelinhas” das narrativas dos sujeitos pesquisados.

A importância da hermenêutica está precisamente no reconhecimento de ‘que a interpretação é inevitável. A realidade como tal não depende da interpretação para existir; existe com ou sem intérprete. [...] A hermenêutica é a arte de descobrir a entrelinha para além das entrelinhas, o contexto para além do texto, a significação para além da palavra. Concretamente, enfrenta os desafios do mistério da comunicação humana, que nunca é só o que apresenta: como descobrir que o comunicador, ao dizer sim, queria dizer não, a sair da cena, queria, sobretudo estar presente e ao calar-se, queria precisamente fazer-se notado (DEMO, 1999, p.22).

Nesse caminho teórico-metodológico Bourdieu (1998) elucida alguns aspectos importantes, não só em relação à preparação do pesquisador para a imersão na empiria, mas em especial, na realização das entrevistas e na compreensão das narrativas dos sujeitos pesquisados. Para o autor o pesquisador deve estar atento aos pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa para a realização e análise das entrevistas.

Bourdieu (1998, p. 681) considera fundamental “pensar o sujeito como ele é, e trabalhar metodicamente à luz das causas e das razões que o fazem ser o que é, respeitando e valorizando sua condição social, cultural, política”. Ao transcrever os diálogos deve-se levar em conta essas condições e os condicionamentos do sujeito do discurso, definido pelo autor como “um produto”, pois seus afetos, emoções e desejos são representações sociais, que são inerentes a um conjunto simbólico que produz uma visão de mundo, e que deve ser

confrontada com outras visões diferentes ou antagônicas. Sobre a “relação de comunicação” o autor ressalta os seguintes pressupostos: a) compreender que a relação de comunicação deve ser explorada como um caso particular de interação entre o pesquisador e o entrevistado; b) prever distorções – que devem ser reconhecidas e evitadas ao realizar uma prática simultaneamente metódica e reflexiva; c) controlar a estrutura da relação de entrevista para diminuir a distância dos bens linguísticos, o que pode ser alcançado com uma seleção e escolha dos entrevistados; d) perceber que familiaridade e a proximidade social são condições principais para uma “comunicação não violenta”; e) ter consciência de que os procedimentos e subterfúgios imagináveis para reduzir a distância entre pesquisador e entrevistado têm seus limites.

Ainda sobre a preparação do pesquisador, Bourdieu (1998) coloca algumas possíveis estratégias. “Estar atento que a situação da pesquisa tem exigências táticas que podemos ver nos discursos daquelas entrevistas em que os pesquisados se ajustam por antecipação à pergunta, como eles a concebem” (p. 683). Excluir previamente ou alterar algumas perguntas a partir de um conjunto de informações e saberes anteriores. “É isso que permite improvisar continuamente as perguntas mais pertinentes ou necessárias” (p. 685). Nesse sentido, o pesquisador precisa estar seguro, pois a situação da pesquisa “tem exigências táticas que podemos ver nos discursos daquelas entrevistas em que os pesquisados se ajustam por antecipação à pergunta” (p.686).

Na realização das entrevistas é fundamental entender que para uma “boa condição de pesquisa” não é suficiente adaptar a linguagem, estar atento às expressões, exclamações ou entonações do entrevistado.

O fundamental é que o entrevistado se aproprie da pergunta, passe de objeto entrevistado a sujeito em relação ao pesquisador, através dessa apropriação (feita ao seu próprio modo). [...] Perceber que a entrevista para o pesquisado pode ser um ato de se explicar, a si mesmo, ou de construir um ponto de vista sobre suas vivências, de se compreender (BOURDIEU, 1998, p. 690).

Essencialmente, “compreender”, no sentido atribuído ao termo por Bourdieu (1998, p. 689), é “colocar-se no lugar do ‘outro’ em pensamento”. Não é apenas uma “simples projeção de si em ‘outrem’, é dar-se”.

Para analisar as narrativas dos sujeitos que vivem na RA de Guaratiba e investigar as representações sociais presentes na produção do espaço urbano tomamos como base que toda narrativa traz um discurso. Nessa perspectiva recorremos aos estudos de Orlandi (2001) que concebe o discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem” (p. 15). Assim desenvolve a ideia de percurso e trajeto – aquilo que se constrói ao longo da história. Na visão da autora o discurso é afetado pelo real nas dimensões da língua, da história e da ideologia, pois as palavras chegam aos sujeitos carregadas de sentidos e significados, e por isso constroem diferentes discursos.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizerem que se alojam na memória. (ORLANDI, 2001, p.43)

Para a citada autora a língua não é abstrata e o sujeito não tem consciência de como esses sentidos se constituíram, pois, o discurso não tem origem no sujeito. O discurso está em processo contínuo e somos nós que entramos nesse processo, reproduzindo-o ou criando outros “dizeres”. Isso não quer dizer que não haja singularidade na maneira como essas dimensões nos afetam. A língua, a história e a ideologia se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma condição necessária para que haja sentidos e sujeitos. Caregnato e Multi (2004) explica a estreita relação entre ideologia-história-linguagem.

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar (p. 681).

Um discurso direciona para outros “dizeres” que o sustenta como também outros “dizeres” levam a um discurso. Essa relação entre os “dizeres” aponta para uma unidade e para uma determinada formação discursiva em movimento que se “faz” e “refaz” numa dinâmica complexa e aberta, levando a “dizeres” realizados, imaginados ou possíveis. Orlandi (2001) desenvolve a noção de interdiscurso que está relacionado a “um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos que representam o dizível” (p.32); e a noção de intradiscurso associada a um eixo horizontal “que estamos dizendo naquele momento dado, em condições

dadas” (p.33). Assim todo discurso se materializa (no sujeito) no cruzamento desses eixos: o da memória (vertical) e o da atualização do já-dito (horizontal). A autora define memória como uma construção social e coletiva. O sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e ter controle sobre ele, mas todo o discurso já foi dito antes, está na memória discursiva dos sujeitos, porém o discurso está presente em um novo contexto, de outro momento histórico, com novas significações.

A autora afirma que nesse processo há uma relação de forças – “lugar” e “posição” que relacionam as falas dos sujeitos aos lugares de onde eles estão falando, bem como as projeções feitas pelos mesmos a cada momento. Na presente pesquisa, especificamente, seja o sujeito morador ou veranista, seja liderança comunitária ou associação, instituição social, etc., o que importa é reconhecer o lugar de fala dos sujeitos que vivem na RA de Guaratiba.

[...] temos a chamada relação de forças. Segundo essa noção podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar do professor, suas palavras significam de modo diferente do que falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que as palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares (ORLANDI, 2001, p.39-40).

O conceito de formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p. 43) e contribui para entender que a ideologia recorta o interdiscurso, acessando a memória de forma seletiva, buscando aproximações através dos sentidos das palavras, já que palavras iguais podem significar sentidos diferentes, pois se inscrevem em formações discursivas distintas. Na RA de Guaratiba a violência não tem o mesmo sentido entre os sujeitos pesquisados. A palavra violência adquire diferentes sentidos, que estão relacionados às formações discursivas diversas. “Os sentidos são sempre determinados ideologicamente, e isso não está na essência das palavras, mas sim na discursividade” (ORLANDI, 2001, p. 72).

Interpretar os discursos é conhecer um imaginário que sustenta os sujeitos em suas discursividades e, investigando como os sentidos estão sendo

produzidos, estabelecer relações que eles têm com a sua memória e remetê-los a uma formação discursiva (ideológica e conjuntural – sóciohistórico), nas diversas formas de produção que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação. Segundo a autora essas formas podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou até linguagem corporal (dança). “Os sentidos não estão nas palavras, elas mesmas. Estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2001, p. 42). Caregnato e Mutti (2004) demonstram que a interpretação dá visibilidade ao sentido que o sujeito pretendeu transmitir no seu discurso. Este, produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sóciohistórico e com a ideologia. Os recortes discursivos devem ser mediados pela busca de regularidades no confronto com os sentidos que se aproximam, mas toda análise é provisória e a “interpretação sempre é passível de equívoco, pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser.” (ORLANDI, 2001, p. 96).

A pesquisa com o enfoque qualitativo pode conferir, em alguma etapa da pesquisa, o redirecionamento da investigação, com vantagens em relação ao planejamento integral e prévio de todos os passos da investigação.

Ressaltamos ainda que uma característica básica da abordagem qualitativa é a flexibilidade quanto às técnicas de coleta de dados, que resulta num extenso acervo de materiais e fontes. Martins (2004) explica a necessidade do pesquisador, nesse processo, contestar e “caminhar na contramão” do que se apresenta de imediato, pois:

A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. [...] A intuição aqui mencionada não é um dom, mas uma resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador [...]. O ponto principal que quero enfatizar, no que se refere especificamente a metodologia qualitativa, é que com ela, a pesquisa depende, fundamentalmente, da compreensão teórica e metodológica do cientista social (p. 298).

Nesse contexto, transitamos por “descobertas”, pois essa perspectiva de fazer pesquisa “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor

trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p.21). Assim a investigação enfatizou a pesquisa de campo no estudo da produção do espaço urbano de Guaratiba. A autora citada demonstra que:

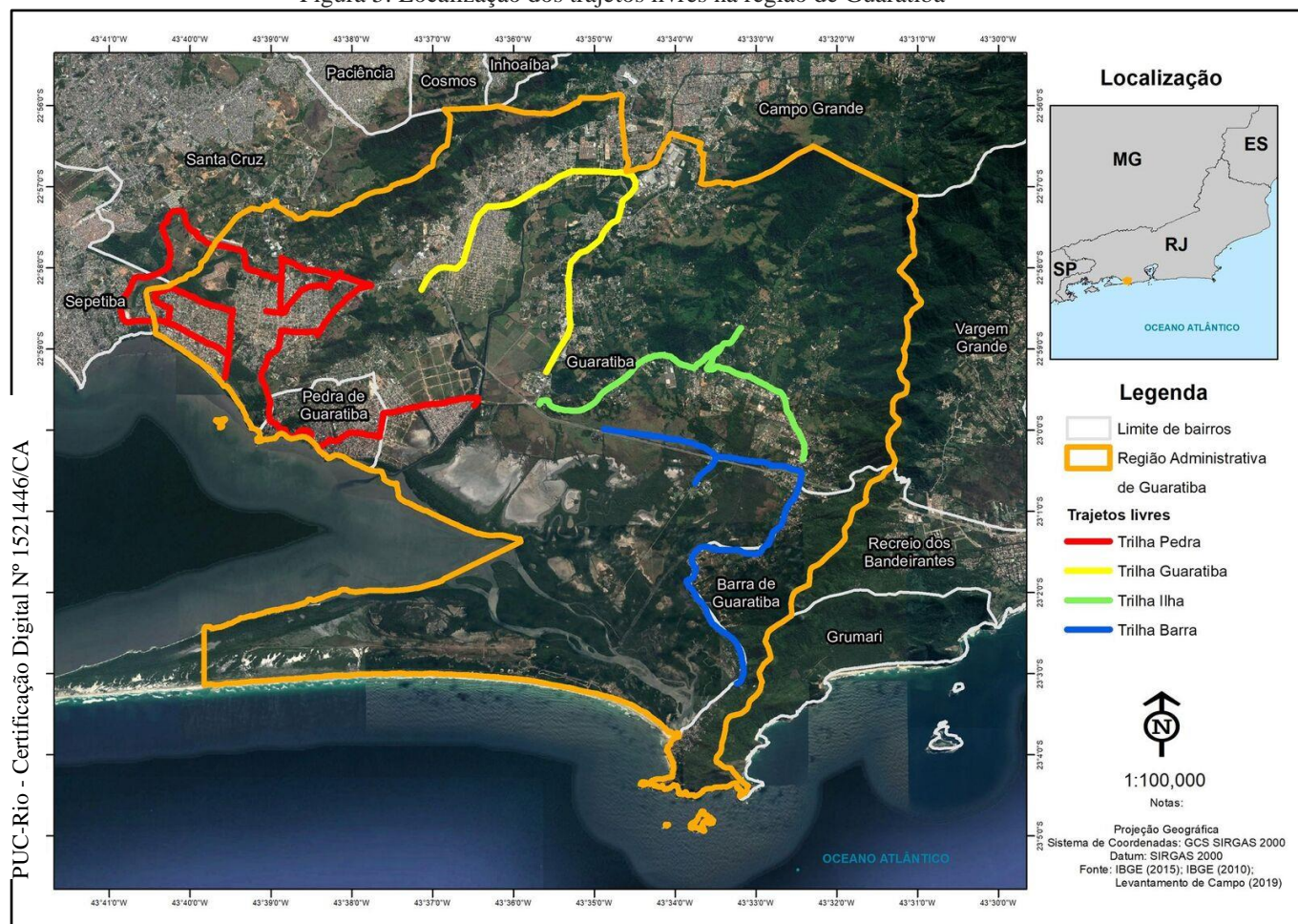
Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 22).

A pesquisa de campo se desenvolveu em três momentos interrelacionados. O primeiro momento consistiu num levantamento bibliográfico de referenciais teóricos e metodológicos, fontes estatísticas e de arquivos, estudos locais sobre a região e material cartográfico (com mapas, cartas topográficas, imagens de satélites), o que gerou uma base de orientação dos trabalhos de campo, das técnicas de coleta de dados e da análise dos resultados, que dialogaram com o objeto da pesquisa e com os objetivos propostos em todo o processo de investigação.

O segundo momento foi de realização dos primeiros campos identificados na pesquisa como “trajetos livres”, que consistiram em iniciar o campo a partir de um determinado ponto e se deixar levar pela observação atenciosa dos elementos significativos do espaço que se apresentavam diante de um percurso aberto e “infinito”. Nos trajetos conversamos informalmente com as pessoas, fizemos entrevistas através de um pequeno questionário com perguntas de fácil entendimento e produzimos um material fotográfico. A opção por um trabalho de campo sem percurso pré-definido foi possível porque o pesquisador já conhecia a região como veranista e turista e, agora, estando numa outra posição teve muitas interrogações sobre como e onde diferentes sujeitos seriam representativos das tensões investigadas na tese. Além da necessidade de fazer um (re) conhecimento da área pela sua dimensão e complexidade dos processos de formação que se contrapõem. Como foi citado anteriormente, para fazer os trajetos foi necessário que o pesquisador adquirisse um conhecimento prévio com referenciais teóricos conceituais e materiais documentais e censitários, que permitiram realizar esse tipo de trabalho de campo e buscar novas questões.

Nos quatro “trajetos livres” observamos elementos significativos sobre as recentes transformações urbanas na RA de Guaratiba, identificando, nessa etapa de campo, 4 (quatro) subáreas denominadas – Pedra, Guaratiba, Ilha e Barra. A partir disso, selecionamos pontos de entrevistas e os sujeitos entrevistados. O mapa a seguir localiza os trajetos livres (Figura 5).

Figura 5: Localização dos trajetos livres na região de Guaratiba



Elaborado por: MORGADO, V. N.; NASCIMENTO, R. C. G., 2019.

Os trajetos livres tiveram como ponto de partida um determinado lugar selecionado a partir da área de abrangência que teria aquele trabalho de campo. Os quatro trajetos permitiram investigar a área de estudo na sua dimensão e diversidade, como demonstrado nos roteiros abaixo com os pontos de localização.

Trajetos livres – “trilha 1”/ subárea: Pedra

Ponto de Partida: Rua Damolândia, na Praia da Brisa (ponto 1).

Partimos da Rua Damolândia e seguimos na Rua Toritama até o canal que

delimita a APA de Sepetiba (ponto 2). Encontramos máquinas aterrando o local para lotear a área que corresponde à planície de inundação do rio já canalizado por obras recentes da prefeitura. Pegamos a Avenida Levy Neves até entrar na Rua Oswaldo de Andrade (ponto 3) e conhecermos a Lagoa Azul (um areal desativado que hoje é um antigo condomínio com poucas casas, a maioria de veranistas). Pela Travessa Lagoa Azul acessamos a Avenida Presidente João Café Filho e chegamos à Estrada do Piaí. Seguindo adiante entramos na Estrada Santa Veridiana (ponto 4), limite dos bairros de Guaratiba e Santa Cruz e chegamos à Estrada da Pedra. Seguindo a estrada, passamos pela estação do BRT Pingo D'Água (ponto 8), e optamos em continuar na Estrada da Pedra para conhecer o sub bairro Jardim Guaratiba (pontos 5 e 6). Uma área extensa do bairro de Guaratiba, conhecida por “Reta de Guaratiba”, que até a década de 2000 apresentava sítios e granjas que foram loteados e hoje tem acelerado crescimento populacional, com um comércio local. Depois entramos na Rua Dois de julho (ponto 7) para chegarmos à comunidade de Cinco Marias pela Rua Carnaubeira (ponto 9). Área de antigos sítiantes que na década de 1990 foi loteada e se encontra com ocupação estacionada. Saímos da comunidade pela Rua Fragoso para pegar à Estrada do Magarça e retomar a Estrada da Pedra (ponto 10). Entramos na Ponta Grossa (ponto 11) para entrevistar os pescadores artesanais, moradores do local, e depois voltamos à Estrada da Pedra e descemos a Rua Barros de Alarcão para conhecer o píer da Pedra de Guaratiba e chegar até a Praça de São Pedro (ponto 12), em frente ao mercado de peixes. Essa área atrai turistas pela concentração de restaurantes tradicionais especializados em frutos do mar e pelos eventos ligados à arte. Continuamos na Rua Barros de Alarcão para acessar a Rua Saião Lobato e conhecer a Associação Mulheres de Pedra. Dando continuidade ao campo entramos na Rua Belchior da Fonseca e chegamos à Praça do Rodo (ponto 13) que concentra um comércio diversificado com supermercados, lojas, bares, restaurantes etc., serviços bancários (com Banco do Brasil, Caixa Econômica e Itaú), consultórios dentários especializados, cursos de inglês, lotérica, correios e outros. Fizemos o retorno pela Estrada da Matriz e pegamos a Estrada do Catruz. Área de crescimento populacional, com pequenos condomínios de casas. Logo após entramos na Estrada da Capoeira Grande (15) e observamos muitos sítios, construções recentes, condomínios de construtoras de pequeno porte. Conhecemos o Parque Guará (ponto 14) que é um dos loteamentos da construtora Vilamar (que

adquiriu em 1953 pela prefeitura uma grande área de Pedra de Guaratiba para lotear). Entramos na Rua Avenida Carlos da Silva Rocha, paralela ao canal (ponto 17) para chegarmos à Estrada da Matriz e observar à Comunidade do Piraquê (Ponto 16), formada basicamente por uma população nordestina que migrou para a região na década de 1990 e hoje apresenta grande crescimento populacional. Finalizamos o trajeto entrevistando a vice-presidente da Associação de Moradores do Piraquê.

Trajetos livres – “trilha 2”/ subárea: Guaratiba

Ponto de partida: Estação do BRT Magarça (ponto 21).

Iniciamos o campo na Estação do BRT Magarça e entramos na Estrada do Magarça. Logo depois pegamos a Rua Fragoso (ponto 28) para conhecer uma área de sitiantes no sopé da Serra do Cantagalo, limite noroeste da RA de Guaratiba. Retomamos para continuar na Estrada do Magarça e, logo a seguir, entramos na Rua Itapecuru-Mirim para acessar a Avenida Barão de Cocais até o fim e observar os limites da Fazenda Mato Alto (ponto 18) pelo sub-bairro Jardim Maravilha. Conhecemos uma área de ocupação recente às margens do rio (ponto 22), entre a Avenida D. João VI e o canal. Depois de fazer entrevistas com os moradores continuamos o trajeto entrando na Rua Tefé (Ponto 24), dobramos na Rua Campo Mourão (pontos 25 e 26) para conhecer as comunidades. Depois pegamos a Estrada do Magarça. Entramos na Estrada Caminho da Pedreira (Ponto 26) para conhecer a área de uma antiga fazenda produtora e chegamos à comunidade Santa Clara (ponto 27). A história se repete entre os moradores antigos ao explicar que antigas fazendas, granjas e sítios deram origem aos loteamentos. Retomamos a Estrada do Magarça para pegar a Rua Campo Formoso (ponto 44) já na divisa do bairro de Campo Grande, considerado um subcentro da cidade do Rio de Janeiro que concentra grande população e serviços. Acessamos a Estrada do Mato Alto, próximo a Michelin (ponto 45), importante indústria para a região. Continuamos na Estrada do Mato Alto (ponto 43) e entramos na Estrada do Carapiá (ponto 46), que encantou ao mostrar alguns sítios produtores de plantas ornamentais. Mas um sítio, em especial, se destacava ao apresentar uma produção de hortaliças e legumes. Seguimos entre sítios (muitos à venda) e novos condomínios residenciais que contrastam, e demonstram a especulação imobiliária que atinge a

região. Entramos na Estrada do Morro Cavado (ponto 30) que liga o bairro de Guaratiba a um sub-bairro chamado Ilha de Guaratiba, que apesar de não ser um bairro legalmente (o projeto ainda tramita na prefeitura) é reconhecida pelos moradores, por ter uma identidade local. Nesse momento optamos em entrar na Estrada do Marmeleiro (ponto 29) para observar e fazer entrevistas. Depois retomamos a Estrada do Mato Alto para conhecermos a comunidade Campo do Saco (ponto 19) pela Rua Lafaiete de Freitas. Os moradores explicaram a origem do nome que tem relação com um antigo campo de futebol, pois quando chovia tudo alagava e os jogadores colocavam um saco no pé para correr e não afundar. Já finalizando por conta do horário atravessamos a Avenida D. João VI pela estação do BRT Mato Alto (ponto 20) e visitamos a Embratel (ponto 42).

Trajetos livres – “trilha 3”/ subárea: Ilha

Ponto de partida: Sede da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG), (ponto 31).

Iniciamos o campo na Estrada da Matriz (ponto 33) em frente à sede da RBG e seguimos até entrar na Estrada do Cachimbal (ponto 32). Começamos na perspectiva de chegar ao Rio da Prata de Campo Grande cortando o Maciço da Pedra Branca. Assim continuamos na Estrada do Cachimbal e pegamos a Estrada Paiva Muniz (ponto 47). Nesse trajeto observamos muitos sítios, alguns já loteados e outros sendo vendidos, e uma população residente de origem rural. Devido às más condições da estrada e a recorrente presença de sítios de maiores extensões, retornamos pela Rua Gaspar de Lemos até pegar a Estrada da Ilha. Nesta estrada (ponto 34) há uma concentração de hortos com venda de plantas ornamentais, condomínios de casas e novos loteamentos em áreas verdes, casas de festas, lojas de material de construção e supermercados. Chegamos até o Largo da Ilha (ponto 35) e observamos mudanças apenas na circulação viária (viaduto com ruas ligando o túnel da Grota Funda à estação do BRT). Encontramos um comércio local, com poucos serviços. Terminamos o trajeto com entrevistas no Largo da Ilha.

Trajetos livres – “trilha 4”/ subárea: Barra

Ponto de partida: EMBRAPA (ponto 41)

Iniciamos o campo em frente à Estação do BRT da Embrapa, na Avenida Dom João VI. Seguindo em direção ao Túnel da Grota Funda visitamos o CETEX (ponto 40) e observamos a extensa área de manguezal ainda preservada. Entramos na Estrada Burle Marx (ponto 37) para conhecer o Sítio Burle Marx (ponto 36) e ir até a praia da Barra (ponto 39). Inicialmente vimos alguns hortos e muitos restaurantes especializados em frutos do mar, como o restaurante da Tia Penha (ponto 38), famoso internacionalmente. Ao longo da estrada, algumas famílias vendem caranguejos e ostras. Percebemos alguns condomínios de casas e um pequeno comércio local, com poucos serviços. Ao chegar próximo à praia observamos atividades relacionadas ao turismo como aluguel de barcos, *stand up*, grupos de pescaria, grupos de caminhada para a Pedra do Telégrafo e para as praias consideradas virgens, hotelaria e outras. A praia da Barra, a Restinga da Marambaia, os canais do manguezal, as ilhas, compõem a diversidade da Geografia costeira da região. A ocupação antiga na Serra do Grumari contrasta com a ocupação recente nos vales cobertos pela vegetação. Finalizamos o trajeto livre com entrevistas na orla e no comércio local. O quadro (Fig.6) indica a localização dos pontos e o número de entrevistados.

Figura 6: Quadro de Localização dos pontos e entrevistados

TRILHA/ PONTOS	LOCALIZAÇÃO	ENTREVISTADOS
Trilha Pedra/ 1	Praia da Brisa	4
Trilha Pedra/ 2	APA de Sepetiba	3
Trilha Pedra/ 3	Beco da Minchança	3
Trilha Pedra/ 4	Estrada Santa Veridiana	2
Trilha Pedra/ 5	Jardim Guaratiba I	3
Trilha Pedra/ 6	Jardim Guaratiba II	3
Trilha Pedra/ 7	Jardim Guaratiba III	2
Trilha Pedra/ 8	Pingo D'Água	2
Trilha Pedra/ 9	Cinco Marias	5
Trilha Pedra/10	Morro da Pedra	2
Trilha Pedra/11	Ponta Grossa	4
Trilha Pedra/12	Praça de São Pedro	5
Trilha Pedra/13	Praça do Rodo	13
Trilha Pedra/14	Parque Guará	2
Trilha Pedra/15	Serra da Capoeira Grande	2
Trilha Pedra/16	Piraquê	2
Trilha Pedra/17	VilaMar	2
Trilha Guaratiba/18	Fazenda Mato Alto	2
Trilha Guaratiba/19	Campo do saco	4
Trilha Guaratiba/20	BRT Mato Alto	3
Trilha Guaratiba/21	BRT Magarça	3
Trilha Guaratiba/22	Jardim Maravilha IV	4
Trilha Guaratiba/23	Jardim Maravilha III	4
Trilha Guaratiba/24	Jardim Maravilha II	2
Trilha Guaratiba/25	Jardim Maravilha I	3
Trilha Guaratiba/26	Magarça II	2
Trilha Guaratiba/27	Magarça II	3
Trilha Guaratiba/28	Magarça III	3
Trilha Guaratiba/29	Marmeleiro	2
Trilha Guaratiba/30	Morro Cavado	4
Trilha Ilha/31	Reserva Biológica de Guaratiba	1
Trilha Ilha/32	Estrada do Cachimbal	6
Trilha Ilha/33	Estrada da Matriz	2
Trilha Ilha/34	Estrada da Ilha	2
Trilha Ilha/35	Largo da Ilha	4
Trilha Barra/36	Sítio Burle Marx	3
Trilha Barra/37	Estrada Burle Marx	6
Trilha Barra/38	Restaurante Tia Penha	1
Trilha Barra/39	Praia da Barra de Guaratiba	9
Trilha Barra/40	CETEX	1
Trilha Barra/41	EMBRAPA	1
Trilha Guaratiba/42	EMBRATEL	1
Trilha Guaratiba/43	Estrada do Mato Alto	3
Trilha Guaratiba/44	Estrada do Magarça	2
Trilha Guaratiba/45	Michelin	1
Trilha Guaratiba/46	Carapiá	2
Trilha Ilha/47	Estrada Paiva Muniz	2
Total		145

Elaborado por Morgado, V. N., 2019.

Os trajetos livres demandaram procedimentos que envolveram a imersão e o envolvimento do pesquisador com o lugar estudado, a fim de apreender o que é

“incomum” e aparece sutilmente. As trilhas foram reveladoras, porque por meio delas identificamos outras questões, novas interpretações. Mas foi condição ter um conhecimento a priori do lugar para depois vivenciar a experiência.

Dentre os autores buscamos em Ingold (2015) inspiração para exercitar a observação nos trabalhos de campo, como também realizar a descrição do que era observado. O autor propõe exercitar uma antropologia gráfica que não visa apenas a descrição completa do que já existe, ou já existiu, mas sim a possibilidade de estabelecer inter-relações entre pessoas e coisas no movimento. Esse acontecer é uma prática de observação.

Observar não é tanto ver o que está “aí” *quanto observar o que está acontecendo*. Seu objetivo, portanto, não é representar o observado, mas participar com ele do mesmo movimento generativo. (...) passa-se algo semelhante com os padrões na música. Em um nível puramente intelectual, pode ser possível apreender, por exemplo, uma das suítes de Bach para cello desacompanhado como uma estrutura completa, perfeitamente formada. Mas, como um violoncelista praticante, não posso ouvir uma apresentação sem sentir a música fluindo através do meu corpo, braços e os dedos como se eu mesmo estivesse tocando. Ouvir é unir o processo de sua atenção sinestésica a uma trajetória de som (INGOLD, 2015, p. 319).

A observação e a descrição são habilidades que se conectam no “fazer” do trabalho de campo. O citado autor explica que há uma “desconexão da arte da descrição com a prática observacional” (p. 320), o que demonstra a necessidade de buscar reconectá-las, experimentando outras formas de registro, como por exemplo, “fazer-linha” (p.320), que representa uma revalorização do desenho na prática da pesquisa de campo. Assim foi possível traçar linhas – fazer perfis e trajetos, diferenciar pontos, através dos elementos de contraste no espaço, elaborando croquis ou criando desenhos em base cartográfica.

O terceiro momento constitui-se em rever os objetivos da pesquisa, selecionar os sujeitos pesquisados e dar continuidade aos trabalhos de campo, numa imersão gradativa em Guaratiba, a fim de estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática, num “ir e vir” constante, de modo a compreender o movimento de construção do real, indo além do imediato e do empírico, e “capturar” o momento.

Segundo Brandão (2007) é imprescindível ao pesquisador que se propõe a fazer uma pesquisa qualitativa, conectar-se com o lugar de diversas formas e estar

atento aos seus bens materiais e simbólicos, que muitas vezes, não são percebidos nas entrevistas, pois “uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o pesquisador vê acontecendo” (p.20). Estabelecemos o contato direto com os sujeitos envolvidos participando dos eventos culturais e de algumas reuniões com os movimentos sociais da região, abrindo possibilidades para outras formas de coleta de dados, pois:

Outras formas de contato podem também integrar estratégias de investigação qualitativa como conversas informais em eventos dos quais participam pessoas ligadas ao universo investigado (desde que registradas de algum modo – de preferência, no diário de campo) e coleta de informações adicionais, realizadas de forma mais ou menos regular, por telefone e/ ou por correio eletrônico. Nesse caso, trata-se de um material complementar à pesquisa e, embora não se constitua foco central da análise, participa significativamente desta (DUARTE, 2002, p.146).

Assim, com os sujeitos citados anteriormente, realizamos entrevistas, coletamos relatos orais (com novos e antigos moradores), fizemos mediações em grupos de discussão e utilizamos materiais impressos e digitalizados.

a) Entrevistas

Com base em ANDRE (1991), DEMO (1998), BRANDÃO (2000), DUARTE (2002) e GONÇALVES e LISBOA (2007) efetuamos um total de 145 entrevistas localizadas nos pontos marcados nos trajetos livres, abrangendo os bairros de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba. Como expomos anteriormente fizemos vários tipos de entrevistas. Nos trajetos livres delimitamos as subáreas e realizamos 77 entrevistas na forma de questionário (Anexo 2). No decorrer dos trabalhos de campo foram 47 entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-estabelecido (Anexo 3) e 21 entrevistas semiestruturadas com roteiro individual (Anexos 4). Estas 21 entrevistas transcrevemos integralmente por apresentarem conteúdos significativos que ampliaram a discussão das questões propostas na tese. Os sujeitos entrevistados compõem os grupos sociais de moradores antigos e novos; veranistas e turistas; trabalhadores locais; lideranças locais; movimentos sociais, associações de moradores e sindicatos; instituições públicas (COMLURB, prefeitura); instituições religiosas, fundações de assistência social; comércio e serviços locais e empresas da construção civil.

Consideramos o lugar de fala desses sujeitos – experiências, visões de mundo, linguagem e faixa etária – interpretando os seus discursos e suas representações sociais. Brandão (2007) classifica os entrevistados em três categorias. O “entrevistado de dado” é aquele mais fechado e que conseguimos no máximo algumas informações. O “entrevistado informante” é o sujeito que fala e nos dá uma história de vida e interpreta os fatos. O “entrevistado informante especialista” fala com profundidade sobre o que está sendo pesquisado. Ele fala como um especialista (p. 21). É importante o pesquisador identificar essas categorias, pois cada entrevistado tem um tipo de material a oferecer. O especialista oferece dados com interpretações mais diretas e diferenciadas, além de ampliar os contatos e apresentar outros informantes.

No decorrer da pesquisa destacamos três informantes especialistas que foram fundamentais ao colaborarem nos trabalhos de campo e na coleta de material – um morador do bairro de Guaratiba que trabalha há muitos anos na sede da COMLURB em Pedra de Guaratiba, um jornalista que faz pesquisa histórica sobre a região e tem muitos livros publicados sobre o cotidiano da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e um “pesquisador nato” no campo da Historiografia, que apresentou os primeiros entrevistados e disponibilizou o seu material histórico sobre a RA de Guaratiba. Através desses colaboradores foi possível criar uma rede de contato com os sujeitos pesquisados, montar o acervo de dados primários sobre a região e vivenciar algumas áreas intensamente. Enfatizamos que esses especialistas acompanharam o pesquisador nos trajetos livres e em trabalhos de campo.

a) Coleta de relatos orais

Os relatos orais são abordados na pesquisa como narrativas dos sujeitos que contam a sua própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças do sujeito e na sua capacidade de perceber e descrever aquilo que está sendo abordado. Esses relatos são pessoais e trazem informações significativas sobre a vida cotidiana dos sujeitos e suas representações do espaço. No decorrer da pesquisa entrevistamos novos e antigos moradores que, através dos seus relatos orais, fizeram reconstituições das transformações espaciais na RA de Guaratiba ao longo das décadas, contextualizando acontecimentos e eventos vivenciados na região.

Os relatos orais privilegiam ‘a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo’. Trata-se de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos (ALBERTI, 1989, p. 86).

Com base nos relatos orais foi possível realizar uma análise comparativa, o que contribuiu para a (re) construção de um passado através de um presente que contém o futuro – as possibilidades.

b) Grupos de Discussão

A rede de contatos estabelecida durante a pesquisa permitiu desenvolver atividades e discussões em grupos que se aproximaram da técnica “grupo focal” entendida por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa que coleta dados, por meio das interações grupais ao se discutir uma temática ou questão sugerida pelo pesquisador. Para Kitzinger (2000) é uma forma de realizar entrevistas com um grupo estabelecendo uma interação entre os participantes, o que contribui para compreender as percepções e visões de mundo, recorrendo a elementos subjetivos e ideológicos que marcam os discursos.

Trabalhamos com quatro grupos distintos e a formação de cada grupo não foi aleatória. Priorizamos trabalhar com jovens moradores de comunidades, alunos da rede pública de ensino e alunos de projetos sociais na região. Desenvolvemos questões que permitiram conhecer o cotidiano dos bairros da RA de Guaratiba, as recentes transformações do espaço e as expectativas para a região. O importante foi propiciar um debate aberto e para isso optamos por grupos pequenos de 4 a 10 participantes, com exceção dos grupos feitos na escola que obedeceram ao número de alunos por turma, aproximadamente 25 alunos.

O primeiro grupo foi com jovens moradores da comunidade do Piraquê que nos foram apresentados pela vice-presidente da associação de moradores. Realizamos uma discussão sobre “o que é viver no Piraquê”. Ampliamos a discussão com outros questionamentos relacionados às recentes mudanças na comunidade e as expectativas dos jovens moradores. Com base nas falas dos jovens foi possível conhecer a realidade local – identificar símbolos e representações sociais desses moradores.

O segundo grupo foi de alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada na Pedra de Guaratiba. A partir do contato direto com alguns professores da escola tivemos a possibilidade de fazer uma oficina com 27 alunos de uma turma do 6º (duração de 3 horas), e outra oficina com 25 alunos de uma turma do 9º ano (duração de 2 horas e 30 min.). Desenvolvemos atividades de elaboração de mapas mentais, abordando questões sobre “o conhecido e o que queremos conhecer na Pedra de Guaratiba”. No decorrer das atividades realizamos uma discussão sobre o bairro na perspectiva das transformações espaciais ao longo dos anos, a vivência dos alunos, os seus interesses e sonhos.

O terceiro grupo, apresentado por um colaborador da pesquisa, é formado por seis jovens bailarinas de um projeto social na Pedra de Guaratiba. Realizamos uma conversa informal sobre o dia a dia dessas bailarinas e como é viver na região de Guaratiba. Para organizar esse trabalho nos inspiramos numa atividade que participamos como ouvintes na Associação Mulheres de Pedra, cuja metodologia é conhecida como “pedagogia da roda” e que consiste em fazer uma roda de conversa em que o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala, ampliando nossas percepções sobre “cada um de nós” e sobre o “outro”.

Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda a relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos ‘seres para si’ (FREIRE, 1983, p. 43).

O quarto grupo foi composto por três mulheres moradoras antigas da Estrada da Ilha. Realizamos a metodologia da roda de conversas com outros instrumentos. Iniciamos com a questão – O que é viver na região? Observando o mapa da RA de Guaratiba na escala de 1:10.000 as mulheres identificaram os locais de referência – as casas, a igreja, os supermercados, os sítios, e outros, enquanto respondiam as perguntas que eram formuladas. Elas localizaram os referenciais, explicaram as lógicas de permanência ou de ausência desses pontos, num diálogo instigante, repleto de curiosidades, em um ir e vir constante que permitia criar outras questões relacionadas a área. Assim trabalhamos com as representações dessas moradoras, num esforço de conhecer o cotidiano.

d) Obtenção e reprodução de informações: documentos oficiais - Planos Estratégicos da cidade do Rio de Janeiro (PECRJ), Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro (PDCRJ), e a proposta do Plano de Estruturação Urbana de Guaratiba (PEU); mapas cartográficos; periódicos; reportagens (de jornais e revistas); fotografias.

1. A produção do espaço urbano na contemporaneidade

O mundo contemporâneo tem uma parte da história a contar que resultou na sociedade capitalista. Por isso é fundamental analisar esse processo, identificando mudanças - avanços e retrocessos. A construção da modernidade, do Ocidente e do capitalismo produziu uma sociedade heterônoma, que tende a homogeneizar e universalizar os fenômenos legitimados pela razão e pelas relações de poder que impõem novas regras de organização da sociedade.

A sociedade capitalista tem na sua origem o processo de ocidentalização do mundo e modernização da indústria, e percebemos que a cada momento, o capitalismo impõe novas metas e estratégias de acumulação que estimula o seu dinamismo e a sua reprodução das mais variadas formas. Esse processo é desigual e assimétrico e se materializa no espaço urbano. Ao analisar as transformações espaciais da RA de Guaratiba no processo de expansão da cidade do Rio de Janeiro buscamos, nesse capítulo, desenvolver noções básicas para aprofundar a discussão sobre o espaço urbano.

Assim, propomos:

- 1.1 – Uma análise sobre a modernidade, o Ocidente, o capitalismo e a pós-modernidade, com o objetivo de compreender a origem do discurso de desenvolvimento presente nas representações do espaço dos sujeitos investigados.
- 1.2 – Analisar as concepções de desenvolvimento com ênfase no conceito de desenvolvimento Geográfico desigual na dimensão do espaço urbano.
- 1.3 – Desenvolver o conceito de fronteira para se pensar os processos de expansão da cidade.

1.1. O espaço nas contradições da modernidade e da pós-modernidade

O mundo contemporâneo tem o seu alicerce: no projeto da modernidade (que advém com o Iluminismo), na ocidentalização do mundo, e na modernização capitalista em escala mundial. Rua (2007) demonstra em seus estudos que os termos modernização, progresso e desenvolvimento têm marcado o projeto

civilizatório do Ocidente imposto ao mundo globalizado. A partir dos anos de 1950 a demanda pelo modelo de crescimento econômico dos países “chamados” desenvolvidos se tornou meta hegemônica, principalmente para os países considerados subdesenvolvidos. E a noção de subdesenvolvimento foi sendo naturalizada como uma etapa de superação para alcançar o desenvolvimento.

A modernidade se identifica com o moderno e a modernização, num tempo em que a palavra mais ouvida e exigida é o progresso, e isto não significa unicamente progresso nas ideias, mas também o das formas de produção e de trabalho, seja na industrialização e na urbanização, seja, por extensão, na administração pública e na organização da vida da população (LEMOS, 1999, p. 28).

Nesse contexto, o progresso associado ao moderno e ao desenvolvimento foi considerado um processo de criação do “novo” a partir da destruição do que era “velho” e impedia o crescimento dos países dentro da lógica capitalista (RUA, 2007). Pensar o desenvolvimento com base na legitimação desse discurso não só tornou possível consolidar os interesses capitalistas, mas, também, mundializar a cultura ocidental e impor o modelo civilizatório capitalista em escala planetária. Como afirma Souza (1996), “o solo cultural onde a ideia de desenvolvimento se enraíza é, por excelência, a modernidade, que por sua vez é uma criação dessa entidade histórica-geográfica chamada Ocidente.” (p.5).

Para compreender melhor o projeto da modernidade recorreremos a Marcondes (1997) que o caracteriza através de duas noções fundamentais: a ideia de progresso (que faz com que o novo “por ser moderno” seja considerado melhor do que o antigo), e a valorização do indivíduo e da racionalidade como lugar da certeza e da verdade (origem dos valores em oposição à tradição). Ao explicar o processo de origem do pensamento moderno o autor destaca três fatores históricos: a) o humanismo Renascentista do século XV, que certamente constrói uma nova identidade cultural, distanciada da temática religiosa, e coloca o homem como centro das preocupações éticas, estéticas e políticas; b) a Reforma Protestante do século XVI, constituindo um momento de valorização da liberdade individual, da consciência como lugar da certeza, e concebendo o homem como um ser crítico, capaz de chegar à verdade e contestar a autoridade institucional e o saber tradicional; c) a Revolução Científica do século XVII superando o argumento metafísico de que, a partir de métodos científicos, formula hipóteses na busca de alternativas para explicar o fenômeno.

Castoriadis (1987), ao desenvolver uma análise sobre a periodização e as características da modernidade, afirma que só a partir da teoria hegeliana que se tem, pela primeira vez, um arcabouço conceitual que define com clareza a modernidade. Com base nessa tese o autor delimita uma nova periodização: “a) a emergência do Ocidente (século XVII) – com a constituição da burguesia, o surgimento e crescimento das cidades, reivindicação de uma autonomia política; b) a época crítica (século XVIII) – o projeto de autonomia radicaliza-se no campo social, político e intelectual, e o capitalismo cria as suas bases. A razão transforma-se aceleradamente uniformizando e universalizando as ideias, e nesse momento, temos a expansão do capitalismo e as limitações das irracionalidades da racionalização capitalista; c) a retração no conformismo (século XX) – caracteriza-se, sobretudo, pela evanescência do conflito social, político e ideológico” (p. 21 e 22). Ao trabalhar com esses momentos o autor considera que vivemos ainda nas bases da modernidade com o capitalismo buscando outras bases de acumulação do capital.

A aspiração de valores como igualdade, liberdade e fraternidade é construída no imaginário de muitas sociedades, consolidando-se como um projeto universal e racional no âmbito de uma cultura ocidental que se globaliza. Touraine (1994) ressalta que o processo de modernização é concebido como antitradição, superação de convenções, costumes e crenças, isto é, num movimento de saída do particularismo e do natural para a entrada do universalismo da razão. Na sua análise dá centralidade à subjetividade e à razão, visto que:

[...] a ideia de modernidade, na sua forma mais ambiciosa, é a afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, pela tecnologia ou pela administração e, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelos interesses, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões (TOURAINÉ, 1994, p. 9).

A modernidade se aproxima do que é moderno e do processo de modernização, sendo intrinsecamente relacionada com a noção de progresso enquanto mudanças não somente no campo das ideias, mas também nas dimensões da produção, do trabalho, na administração pública e na organização da vida da população, principalmente daqueles que vivem na cidade. “A

modernidade é identificada com o capitalismo e para a sua realimentação e seu dinamismo teve o conhecimento científico e tecnológico aplicados, tanto à produção dos homens, quanto aos valores e às mercadorias” (LEMOS, 1999, p. 28)

A modernidade também separou a técnica, a ciência e a Filosofia, provocando uma junção da ciência com a técnica, a ponto de “tornar o homem uma coisa”, um tipo de recurso – o recurso humano, que interage por meio de técnicas com o recurso natural. Como exemplo tem a noção de “capital humano”, que o torna mercadoria. Na Geografia Moderna (na visão tradicional) o espaço é localização, analisado numa perspectiva homogênea, passiva, mensurável e finita.

O conceito de espaço na Geografia foi mudando com o avanço do pensamento científico. Nos anos de 1970, o espaço ganha a concepção de mercadoria e o enfoque metodológico do materialismo histórico concebe o espaço como produto e produtor da sociedade. Santos (1978) o define como “acumulação desigual de tempos” (p. 209), trabalhando com a ideia de processo e de tempos concomitantes. Com os estudos culturais o espaço ganha uma dimensão simbólica, marcado pelas representações dos sujeitos que produzem espaços.

Santos (1999) reconhece que a relação entre o homem e a natureza é dada pela “técnica”, definindo-a como “um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (p. 29). O autor, ao explorar a relação entre técnica e espaço, chama a atenção sobre a difusão das técnicas e da propagação seletiva e hierárquica sobre o espaço. O atual processo de modernização permite que os lugares se globalizem graças à difusão generalizada das técnicas e da tecnologia da informação. Para o autor o espaço é produzido com intencionalidades, através das racionalidades que se espacializam. O mundo está configurado em redes e territórios, que constituem realidades concretas com densidades desiguais (relações assimétricas), e estas são o principal motor dos dinamismos hegemônicos.

Os espaços da globalização apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, informacional e simbólico, qualificando e distinguindo os lugares, principalmente no que se refere à dimensão cultural. Os fenômenos

contemporâneos são resultados da Teoria da Modernização, que implica na difusão e na imposição de padrões e valores socioculturais ocidentais predominantes nos países chamados desenvolvidos, caracterizados pelo individualismo possessivo relativo à propriedade privada, à apropriação e ao mercado. Essa perspectiva supervaloriza a dimensão econômica, subsumindo por exclusão outras formas e possibilidades de vida social. Segundo Ianni (1995) as instituições dominantes se mundializam, como também as pessoas, as ideias, que criam formas de territorialização.

Na época da globalização, mundializam-se as instituições mais típicas e sedimentadas das sociedades capitalistas dominantes. Os princípios envolvidos no mercado e no contrato generalizam-se, tornando-os padrões para os mais diversos povos, as mais diversas formas de organização social da vida e do trabalho, independentemente das culturas e civilizações. Princípios que se tornam progressivamente patrimônio de uns e outros, em ilhas, arquipélagos e continentes: mercado, livre empresa, produtividade, desempenho, consumismo, lucratividade, tecnificação, automação, robotização, flexibilização, informática telecomunicações, redes, técnicas de produção de realidades virtuais. Esse é o contexto em que as coisas, gentes e as ideias passam a ser atravessados pela desterritorialização, isto é, por outras modalidades de territorialização (IANNI, 1995, p. 80).

O capitalismo, com suas raízes no processo da modernidade, é concebido por Ianni (1993) como um processo civilizatório e universal que revoluciona as condições de vida da população, o mundo do trabalho, os diferentes modos de ser de indivíduos e coletividades. O sistema se generaliza e se recria como um modo de produção material e das ideias na escala global, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação, inerentes à uma racionalidade que tem na sua essência uma irracionalidade. Para o autor, esse processo gera a sensação de insatisfação constante das pessoas, o que produz para o autor uma condição de busca permanente e infinita de “algo”, um *páthos*. Os estudos realizados pelo autor nos mostram que nesse contexto de globalização a noção de cidade global é um campo de possibilidades para entender a fase atual de acumulação do capital.

O ocidente não é mera localização. Para RUA (2007) “é uma noção mais ideológica do que geográfica” (p. 155), e a ocidentalização é um *discurso* que legitima determinados princípios que vêm norteando uma forma de organização planetária, na qual cada ponto constitui uma rede que tem uma escala – seja global, nacional ou local. O discurso é de um grupo que quer impor o modelo

ocidental de desenvolvimento.

O Ocidente tem a ver com a Europa (na origem), com a cristandade, com o Iluminismo, com a raça branca, com o capitalismo, mas não se resume a isso, pois abarca uma identidade cultural, um fenômeno de civilização (RUA, 2007, p. 155).

Hall (2002) ressalta que o *discurso* é um produto que serve a interesses de um determinado grupo ou classe, e que um discurso pode ser produzido por indivíduos em diferentes contextos institucionais. Os discursos não são fechados, já que um discurso se baseia em elementos de outros discursos. Também as narrativas dentro de uma formação discursiva não precisam ser as mesmas, ainda que regulares e sistematizadas. Analisar o padrão de desenvolvimento ocidental é fundamental para compreender as diferenças que se apresentam numa relação de poder assimétrica. Cabe ressaltar, porém, que as histórias podem ser contadas numa relação assimétrica, sem estarem em condição de inferioridade.

Sendo assim, a concepção de desenvolvimento não é unívoca e o processo tem limites, pois o desenvolvimento não é um modelo generalizável. Trata-se, antes, de um instrumento de dominação do mundo cuja dinâmica complexa envolve várias dimensões – econômica, política, social, cultural. Para Latouche (1994) “a crise do desenvolvimento é necessariamente cultural” (p. 82).

No bojo dessa análise é possível perceber ações, mesmo que estejam subsumidas e/ou sejam embrionárias, que justificam o argumento da resistência a um modelo universal de cultura ou de visão mundo. Observamos na sociedade capitalista movimentos sociais (abordando questões de classe e gênero, etnia e raça, opção sexual e cultura popular, religião e etnocentrismo e outras) e diferentes manifestações públicas de respeito, solidariedade e integração das diferentes culturas que convivem neste espaço globalizado.

Neste contexto de globalização é necessário compreender que sujeitos, grupos e nações vivem na condição de estarem “à margem” desse processo; encontram-se numa condição periférica ou semiperiférica, com a função de se renderem a uma economia de mercado que cria a todo o momento relações desigual entre os diferentes. Isso produz transformações no mundo do trabalho e, em especial, na dimensão da cultura. Como exemplo tem os movimentos

migratórios internacionais que, por razões diversas, provocam conflitos culturais.

A própria dinâmica da globalização leva a uma grande turbulência das populações, entre continentes e dentro deles, um desencadeamento nunca visto de culturas, línguas, religiões e manifestações existenciais (SANTOS, 2002, p.86).

É importante compreender que essa relação desigual imposta pelo capital não acontece apenas na escala mundial, mas também na escala local. Nas grandes cidades em que ocorrem ações do Estado que estimulam o deslocamento populacional para determinadas áreas temos um encontro entre “os diferentes” – entre diversas culturas, o que certamente gera conflitos. Assim, o capitalismo carrega tensões sincrônicas e diacrônicas, recorrentes e cíclicas, presentes em espaços e tempos diversos. Como vimos a partir de Léfèbvre (2006a) os espaços se globalizam, hierarquizam e se fragmentam em condição de conflito.

No fim do século XX observamos nas sociedades contemporâneas processos e fenômenos que indicam uma crise de paradigmas. “Os anos 1990 nos introduzem numa crise epistemológica na qual os paradigmas conhecidos como produtos da modernidade já não respondiam à nova realidade que o mundo nos apresentava” (LEMOS, 1999, p.31).

Estamos diante de um momento de reflexão sobre os limites e as incertezas do projeto de modernidade? Existe um desencantamento, pois promessas não foram cumpridas, mas há um projeto em curso com novas tecnologias, outros métodos de gestão e produção, novas formas de regulação estatal, caracterizando a fase denominada por Kumar (1997) de “modo de acumulação flexível de capitais” (p.48) – produzida por novos referenciais de ciência e de conhecimento que criam outras racionalidades de dominação e também de resistência. Para Smart (1993):

A busca da ordem, a promoção da calculabilidade, a fabricação e a aceleração do ‘novo’ e a fé no ‘progresso’ têm sido identificadas como características fulcrais da modernidade. Contudo, a modernidade, por sua vez, passou a ser o foco de uma reflexão crítica crescente no decurso do século XX. Os benefícios e as seguranças assumidas como sendo corolário do desenvolvimento da modernidade transformaram-se em assuntos de dúvida e a possibilidade da sua realização, se não a sua desejabilidade, passaram a ser um tema de questionamento e de crítica, à medida que se foi dissipando a ser um tema de questionamento e de crítica, à medida que se foi dissipando a fé na doutrina do progresso (p. 110).

Essas mudanças acontecem de forma desigual no espaço, com

especificidades na vida cotidiana das pessoas, gerando tensões – falta de utopias, afirmação das incertezas. Novos tempos? Uma ruptura da modernidade para a pós-modernidade? Com base nos estudos sobre a pós-modernidade, Smart (1993, 1998) analisa visões que estão presentes no universo acadêmico e apresentam um novo olhar frente a essas questões, a fim de compreender o cenário plural que se constitui fundamentalmente na convivência complexa de velhos e novos fenômenos. Dentre essas visões temos a ideia de ruptura, justificada principalmente pela frustração da ideia de progresso, bem como pela existência de novas relações econômicas, culturais e políticas que vêm incorporando a “diversidade” manifestada nas relações entre culturas, e que se constituem como autênticas celebrações da diferença e da negação das relações de poder antagônicas. Ruptura para a pós-modernidade?

Alguns autores marcam a pós-modernidade com afirmações e argumentos que apresentam novas configurações de pensamento. Lyotard (1980) aponta para o fim das metanarrativas demonstrando não o término, mas o começo do processo de destruição do projeto da modernidade. Indica a existência de novos critérios de legitimação do real que se dão a partir da linguagem, pela qual se constitui o sujeito, distanciando-se da ideia de verdade universal.

Lemos (1999) expõe os aspectos gerais da pós-modernidade:

Do ponto de vista teórico, a denominada pós-modernidade nega o universalismo, a generalização, que eram qualidades e procedimentos inerentes da modernidade. Valoriza o caráter único e excepcional, admite a necessidade de se chegar ao conhecimento por outras vias de legitimação que, nem sempre, podem proceder da racionalidade: tais como a inspiração, os sentimentos, a indeterminação, a polimorfologia, a polissemia, enfim, interpretações que negam a validade da razão totalizante e toda generalização produzida por leis gerais (p. 30).

Jameson (1994) afirma que o pós-modernismo produziu um signo cultural próprio de um estágio da história do capitalismo. Construiu um quadro teórico da estética pós-moderna e ampliou o conceito de cultura ao definí-la como “um conjunto de práticas, motivações da ação e de atribuição de sentido ao mundo e à existência” (p. 92). Assim, numa abordagem cultural, o autor identifica a pós-modernidade na dimensão estética diferenciando a arquitetura sem função (valorizando o particular e o popular) da arquitetura moderna, e demonstra que seu projeto específico busca a funcionalidade – precisa dizer algo, estando

comprometido com a história. Reconhece que, atualmente, a Arte tem uma relação direta com o capitalismo, que cria novos critérios de legitimação. Expõe o argumento de que qualquer conhecimento tem valor, e que a sua validade está na possibilidade de convencer o capital de que aquele determinado objeto é arte. Esse argumento leva a um relativismo que deve ser contextualizado, na medida em que esta condição lhe dá um caráter dinâmico e aponta para a inexistência do conceito de verdade.

Habermas (2012) desenvolve outra perspectiva e afirma que estamos numa fase de reafirmação do que ele considera o impulso autêntico e consistente da tradição moderna, da qual se busca resgatar o poder crítico, utópico e emancipatório, na intenção de completar o projeto da modernidade, a ser retomado com a luta por uma cultura que dê sentido à vida das pessoas e apresente possibilidades de uma organização racional do cotidiano. Esta visão sobre o mundo reconhece que apesar das mudanças evidentes nas relações sociais o capitalismo persiste e não deflagra uma ruptura.

Smart (1993) desenvolve a ideia de que a modernidade é encarada como atitude, um comportamento criativo do sujeito. Para elucidar este olhar recorreremos a Bauman (2000) quando apresenta a sua concepção de pós-modernidade como um momento da modernidade adulta, admitindo limites e apontando para as incertezas – a “modernidade líquida”.

A pós-modernidade é a modernidade habituando-se à ideia da sua própria impossibilidade, uma modernidade autoanalisada, que se desfaz daquilo que em tempos fez inconscientemente (BAUMAN, 2000, p. 272).

Não cabe nessa pesquisa desenvolver uma discussão mais aprofundada sobre modernidade e a pós-modernidade. O objetivo é mostrar que ao analisar o processo de produção do espaço urbano devemos ainda compreender os discursos dominantes a partir dos reflexos da modernidade, isto é, do modelo civilizatório caracterizado pelos “aspectos ocidentais” e pela ideia de progresso como evolução, legitimado pelo capitalismo (Rua, 2007). Segundo Léfèbvre (1986) o espaço urbano “é, portanto, o território onde se desenvolve a modernidade e a cotidianidade no mundo moderno” (p.160).

O exercício intelectual essencial é buscar elementos que permitam uma releitura dos contextos históricos, desnaturalizando concepções universalizadas de forma assimétrica, no sentido de romper com a ordem sócioespacial hegemônica na sua estrutura e fundamentos. Segundo Soares (2010) esse rompimento seria um movimento de contraordem sócioespacial concreta.

Para Giddens (1991) é o momento de analisar as consequências da modernidade para identificar os elementos que possam ser representativos de uma nova ordem, definida pelo autor como “pós-moderna”, mas que seria bem diferente da concepção “pós-modernidade” – vivemos ainda os efeitos da modernidade – suas consequências, que “estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (p.13).

Esses autores contribuem para ressignificar as noções de realidade, universalidade, racionalidade, diferença e diversidade. Também corroboram no entendimento dos conceitos de desenvolvimento e desenvolvimentos geográficos desiguais, condições básicas para ampliar a análise das transformações espaciais de Guaratiba a partir das representações dos sujeitos nas suas diversas práticas sociais.

1.2. O conceito de desenvolvimento geográfico desigual na dimensão de Guaratiba

O campo teórico sobre o desenvolvimento traz elementos significativos para analisar as representações do espaço dos sujeitos que vivem em Guaratiba. Propomos no primeiro momento compreender as perspectivas de desenvolvimento com base no processo histórico, partindo do conceito que tem suas bases no processo civilizatório advindo da modernidade. No segundo momento apresentamos uma análise sobre o conceito de desenvolvimento desigual com o objetivo de demonstrar que todo o conceito é aberto às ressignificações e permite outras possibilidades de investigação.

Os fundamentos do capitalismo se constituíram com a modernidade num processo civilizatório Ocidental que construiu uma noção de desenvolvimento

baseada na superação de metas de crescimento, e que se estabelece a partir do “outro”, isto é, de um contraponto (uma condição) o modelo a ser seguido. No bojo dessa discussão está a ideia da busca “infinita” dessa evolução, pois há sempre uma meta a alcançar, e por isso, a relação com o “outro” será sempre desigual e assimétrica.

Assim, as representações do espaço estão relacionadas a um imaginário produzido pela tríade: moderno – Ocidente – progresso, constituindo símbolos da sociedade capitalista. Essa representação tem um discurso hegemônico dominante, com um conteúdo que transita da escala mundial à escala local, que para alguns autores tende à “pasteurização cultural”. Souza (1996) explica esse processo quando ressalta que “o desenvolvimento só tem servido à ocidentalização do mundo, à exploração capitalista em escala mundial, à destruição da etnodiversidade em nome de uma pasteurização cultural” (p. 7).

A perspectiva do desenvolvimento ligado ao progresso está associada à história, à ideologia e às representações sociais que têm relações com o imperialismo e a colonialidade, visto que foi um processo de construção, como afirma Rua (2007).

Parece, ainda, necessário refutar o desenvolvimento na maneira como tem se apresentado: uma manifestação social e espacial fruto de modelos de dominação impetrados no Pós-Segunda Guerra, inseridos, entretanto, em um movimento de imperialismo/ colonialidade que data de mais de 500 anos (p.143).

A ideologia e os valores ocidentais só se tornam dominantes na medida em que são reproduzidos e legitimados. Rua (2007) e Agueda (2019) afirmam que num contexto de exploração colonial um modelo de desenvolvimento superior aparece como solução para esses países. Os autores destacam que o próprio colonialismo era percebido, entre as nações subdesenvolvidas, como um exercício do desenvolvimento que tinha no progresso sua ferramenta motriz. Nesse movimento percebemos que o sistema colonial moderno silenciou as culturas e as formas de organização das sociedades, impondo outras maneiras de se relacionar com a natureza ao centralizar na técnica as possibilidades de produção e apropriação dos recursos naturais.

Diante disso, se reproduz um discurso que legitima o imperialismo, a colonialidade e a desigualdade no acesso aos bens.

O desenvolvimento continua a ser considerado como um processo (natural) que cria o novo, destruindo o velho, e em que o declínio e a destruição são parte de um ciclo. Pode ser, também, percebido como uma intenção, em que é possível agir em seu nome (do desenvolvimento) ou impor processos que o promovam (RUA, 2007, p. 147).

Como esse discurso foi construído e incorporado aos países latino-americanos? Que conhecimentos e referenciais explicam esse processo? Que elementos são significativos nas representações espaciais desses sujeitos?

As transformações do mundo após a II Guerra Mundial justificam o interesse pelo tema do desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento. Escobar (2005), sem negar os processos da modernidade e do capitalismo que constituem as raízes do desenvolvimento, afirma que é nesse momento que se produz o discurso histórico e ideológico. A noção de desenvolvimento na segunda metade do século XX foi entendida como a necessidade de transformação dos países e regiões de base agrária em uma base industrial.

A discussão teve como foco a conquista do desenvolvimento econômico na perspectiva linear de progresso, onde o discurso do subdesenvolvimento é incorporado pelas sociedades do Terceiro Mundo (o imperialismo nos continentes com as multinacionais). Os países considerados subdesenvolvidos, como o Brasil, deveriam ultrapassar níveis de crescimento a fim de alcançar o nível dos países do Primeiro Mundo.

Segundo Rua (2007) a teoria da Modernização foi criticada pelo seu caráter eurocentrista materializado na explicação simplista da relação entre modernização, ocidentalização e progresso. Ao deixar de lado a experiência histórica dos países ignorou-se inteiramente as causas do padrão complexo do desenvolvimento desigual. Os estados nacionais colocavam o desenvolvimento como uma meta de crescimento a ser atingida com a modernização e, dessa forma, o subdesenvolvimento passa a ser naturalizado como uma fase a ser superada por esses países, a partir da abertura ao capital internacional.

Na década de 1970, contrapondo-se à Teoria da Modernização, alguns teóricos desenvolveram “Teorias da Dependência” que, apesar de alguns retrocessos no sentido de romper com a estrutura de dominação, constituíram um marco no campo intelectual acadêmico latino-americano, ampliando as análises na perspectiva crítica, com ênfase no marxismo e no contexto da revolução cubana e correntes teóricas da descolonização. Como aponta Escobar (2005), essas teorias tinham na sua essência a reestruturação das sociedades subdesenvolvidas. Esse movimento de efervescência intelectual abriu novos caminhos para analisar as especificidades das sociedades latino-americanas numa época do capital monopolista, rompendo de certa forma com os modelos e matrizes dominantes. A categoria da dependência se construiu a partir da crítica à Teoria do Desenvolvimento Ocidental e se expandiu por toda a América Latina. (SVAMPA, 2016).

Alguns autores reconhecem que foi possível naquele momento, olhar para o denominado “Terceiro Mundo” de forma diversa, isto é, contextualizar a história dos países que impulsionaram a expansão do capitalismo para uma nova fase, bem como também reconhecer relações de dominação, porém, indiscutivelmente, o avanço se deu ao pensar o subdesenvolvimento em novas bases. “A tese fundamental da Teoria da Dependência é que o subdesenvolvimento não é uma fase do capitalismo, mas sim um produto ligado a expansão do capitalismo central” (Svampa, 2016, p. 199).

A situação de escassez de recursos desses países passa a ser compreendida como uma condição do capitalismo mundial, e objetivos não materiais vão sendo incorporados à concepção de desenvolvimento. A centralidade da dimensão econômica passa a ser relativizada e são agregados à análise outros aspectos, em especial a cultura e a política. Questiona-se também a viabilidade de um desenvolvimento autônomo nas nações periféricas.

Autores que criticam as “Teorias da Dependência” afirmam que: a) foi um complemento obrigatório do imperialismo; b) é expressão da nova fase de internacionalização do capital; c) o conceito de dependência provocou apenas uma análise centrada na ideia de exterioridade, sem uma articulação entre os interesses dominantes dos centros hegemônicos com os interesses dominantes nas sociedades dependentes (SVAMPA, 2016).

Cabe destacar que essas reformulações teóricas voltadas ao desenvolvimento deram pouca atenção à dimensão espacial do desenvolvimento. Como resalta Soja (1993) a espacialidade do desenvolvimento foi encarada apenas como resultante da difusão manipulada, inocentemente, pelo Estado.

A partir dos anos de 1980, com a divulgação do relatório “Nosso Futuro Comum”, elaborado pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, iniciaram-se novas discussões sobre o conceito de desenvolvimento, com acréscimo de alguns adjetivos como “sustentável” e “local” assumindo hegemonia nos debates. Certamente essa concepção é alimentada pelo despertar da sociedade para com os problemas ambientais.

Segundo Becker (1995), o desenvolvimento sustentável tal como exposto no relatório Brundtland (1987), é uma feição específica da geopolítica contemporânea, deixando à mostra a dimensão política do espaço e dos conflitos a ele inerentes em várias escalas geográficas, apesar das críticas, principalmente em relação à incompatibilidade das exigências da acumulação capitalista com a preservação ambiental e à naturalização da terminologia escala local.

Observamos como esse discurso foi sendo apropriado por alguns países, nas últimas décadas, em especial pelo Brasil, no que tange o planejamento urbano. Como exemplo temos a cidade do Rio de Janeiro com o seu Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Sustentável, aprovado em fevereiro de 2011, que traz um discurso de preservação da paisagem e controle do uso do solo, propondo uma perspectiva de planejamento de estruturação urbana a partir da delimitação de áreas “homogêneas”, com grande participação da iniciativa privada, e impondo um modelo de gestão neoliberal onde o processo de exclusão é ainda mais arrasador – desenvolvimento convencional do neoliberalismo.

Marquart (2006), ao analisar a trajetória histórica do discurso de sustentabilidade na Europa Central nos mostra a retomada desse discurso nos últimos anos e a soberania da propriedade privada, regulando a relação entre sociedade e natureza. Em outras palavras um poder absoluto sobre a natureza e seus recursos, com domínio do capital financeiro sobre o espaço e pequena participação pública. Apesar da noção de sustentabilidade estar se naturalizando na nossa sociedade,

pois tudo passa a ser sustentabilidade, cabe buscar as origens desse discurso e analisar as possibilidades, principalmente ao se trabalhar com a escala local, como também novas formas de pensar a relação homem e natureza. São as pessoas no lugar que devem nos dizer o que é sustentabilidade.

No sentido de compreender os diversos discursos sobre o desenvolvimento, recorreremos a Escobar (2005) no seu esforço teórico em caracterizar o “pós-desenvolvimento” destacando elementos fundamentais: a) a possibilidade de criar diferentes discursos e representações que não são tão mediados pela construção do desenvolvimento capitalista; b) a necessidade de alterar as práticas vigentes; c) a necessidade de multiplicar centros e agentes de produção de conhecimento; d) o esforço presente nas adaptações, subversões e resistências. Contudo, o autor critica pontos significativos desse discurso tais como a visão generalista, a visão romântica dos movimentos sociais e o caráter efêmero. Afirma, ainda, que o debate sobre o pós-desenvolvimento tem se constituído como um referencial na perspectiva de uma visão mais aberta de desenvolvimento.

Para Escobar (2005) o fundamental é identificar e fomentar essas formas de “contra-labor” que são significativas e podem levar a um maior empoderamento político. Ao estudar diferentes experiências nesse sentido, analisa uma ecologia política alternativa baseada em noções de sustentabilidade, autonomia, diversidade e economias alternativas que se distanciam do discurso dominante de desenvolvimento. Para ele, viver bem é um projeto coletivo. Sinaliza que é o momento de se pensar o processo de globalização e conceber o desenvolvimento numa perspectiva aberta, analisando os elementos emergentes. Para isto é necessário o diálogo com as diversas áreas do conhecimento, em especial com a Antropologia.

Lander (2005) provoca inquietação e aponta para a necessidade de criar alternativas no contexto do capitalismo. Critica o projeto neoliberal que constrói semelhanças sobre uma base assimétrica que une dividindo, pois, “a atual fase da globalização implica uma reconfiguração da ordem mundial capitalista e uma reorganização concomitante da cartografia geopolítica e cultural da modernidade” (p.107). Segundo o autor, a globalização neoliberal impõe uma outra relação do Ocidente e seus “outros”, o que permitiu a passagem de uma visão eurocêntrica para uma visão “globocêntrica”.

Para melhor compreensão das práticas de representação do ocidentalismo na sociedade capitalista citamos Coronil (2005) quando as explicita no processo de legitimação e reprodução desse modelo civilizatório: “a) dividem os componentes do mundo em unidades isoladas; b) desagregam suas histórias de relações; c) convertem a diferença em hierarquia; d) naturalizam essas representações; e) intervêm, ainda que de forma inconsciente, na reprodução das atuais relações assimétricas de poder.” (p.214).

Lander (2005) afirma que essas modalidades de representações estruturadas em oposições binárias mascaram a mútua constituição da Europa e suas colônias, do Ocidente e suas pós-coloniais, e do eurocentrismo e globocentrismo. Além de reforçar a concepção de um modelo universal – capitalista, que traz a ideia de evolução (infinita) tendo como referência a economia de mercado. Nesse processo os espaços são submetidos a uma lógica de mercado (de valor) capaz de acumular capital.

Desse modo, mesmo as teorias críticas do desenvolvimento desenvolvem a ideia de uma passagem a um estágio superior, tendo a sociedade capitalista como referência. Segundo Bonente (2011):

As teorias do desenvolvimento são única e exclusivamente teorias do desenvolvimento capitalista, tanto que o limite teórico e prático da sua intervenção é o capitalismo (e apenas o capitalismo), quanto no sentido de que fazê-lo projeta o capitalismo (uma imagem dele, ao menos) como figura inexorável do futuro da humanidade (p. 6).

Nesse contexto, ressaltamos que o desenvolvimento ainda tem essa representação de ser universal competente para promover a lógica de reprodução ampliada do capital. Em geral, as teorias do desenvolvimento estão vinculadas a um processo generalizado e comparado de forma objetiva, onde os interesses internos das nações não são considerados. Analisar o desenvolvimento como um processo geograficamente desigual representa um entendimento metodológico à abordagem do desenvolvimento capitalista em sua dimensão espacial nas diferentes escalas. Essa perspectiva de desenvolvimento é aberta e não permite generalizações, pois não segue a lógica racional ocidental e busca-se outras lógicas de desenvolvimento. Lukács (1979) nos mostra que as sociedades não traçam o mesmo caminho ao evoluírem, pois, as necessidades e os valores sociais e culturais são diferentes.

O resgate recente da perspectiva de análise centrada no desenvolvimento desigual associa-se à retomada de interesse pelo marxismo e pelas expressivas análises da geografia marxista contemporânea, assim como pelas mudanças no processo de acumulação do capital (SMITH, 1988). Na análise de Soja (1993) “a formação e reformação irrequietas das paisagens geográficas, acionadas pela dinâmica do desenvolvimento capitalista, foram a mais importante descoberta a emergir do encontro entre o marxismo ocidental e a Geografia Moderna” (p.192).

A dinâmica que está implícita no desenvolvimento geograficamente desigual é a fonte primordial da problemática espacial em todas as escalas, resultando (dialeticamente) tanto em leis gerais de reprodução capitalista (especialmente diferenciadas) como das especificidades sócio-territoriais determinadas.

Assim, a noção de desenvolvimento desigual amplia a análise ao mostrar que a desigualdade é inerente ao capitalismo, e que este se tornou um sistema mundial. O processo de acumulação do capital se consolidou como uma totalidade concreta e contraditória, adquirindo diversas representações simbólicas, sempre na perspectiva de que as sociedades devem cumprir etapas para atingir o tão esperado desenvolvimento.

O capitalismo, ao se expandir e atingir novas fases aperfeiçoou seus instrumentos de dominação, inclusive o manejo mais ágil das escalas e a capacidade de utilização do espaço construído. Para Smith (1988), o espaço é produzido de forma desigual, pois o capital se desloca para onde é possível realizar formas de acumulação do capital. Sendo assim, o capitalismo produz e reproduz riqueza e escassez, quer valorizando, quer desvalorizando os espaços. Esse processo tem como força motriz as estratégias do capitalismo para acumulação do capital, e nelas existe uma relação entre a diversidade e a desigualdade.

Ao apropriar-se de áreas distintas, desenvolve-se de forma diferenciada, o que dá particularidade a essas áreas. Por isso a teoria do desenvolvimento desigual é pertinente não apenas pela contribuição à reflexão sobre o imperialismo ou o colonialismo, mas, também, por romper com a ideia de evolução civilizatória em que o imaginário do progresso associado aos bens materiais e imateriais produzidos pelo capital funciona condições para a felicidade humana (RUA, 2007). Outro

aspecto a ser trabalhado é a desigualdade espacial, parte do desenvolvimento contraditório do capitalismo na sua totalidade, como um fator de sua própria organização. Por meio das desigualdades espaciais é possível chegar às contradições das trajetórias capitalistas em curso para que, diante dessas contradições, seja possível redimensionar as estruturas desse sistema que se alimenta das desigualdades.

O capitalismo, ou mais especificamente, seus determinantes - como a propriedade privada e a reprodução ampliada - acabam funcionando como barreiras para novas projeções de desenvolvimento, uma vez que atuam simultaneamente como objetivos primordiais e meios deste. Logo, operam como direcionadores do movimento no espaço e conduzem a transformação das relações sociedade-natureza, impondo suas inerentes contradições. Por isso as crises do capitalismo podem ser apreendidas como resultado das próprias tensões internas do modo de produção capitalista, do desenvolvimento de suas próprias contradições. Assim, “ao mesmo tempo em que produz riqueza em escala crescente, a própria dinâmica capitalista cria obstáculos à realização dessa riqueza, na medida em que priva parcela significativa da população da capacidade de consumo” (BONENTE, 2011, p. 48).

As crises podem ser apreendidas como resultado das próprias tensões internas do modo de produção capitalista, do desenvolvimento de suas próprias contradições. Assim, “[...] ao mesmo tempo em que produz riqueza em escala crescente, a própria dinâmica capitalista cria obstáculos à realização dessa riqueza, na medida em que priva parcela significativa da população da capacidade de consumo” (BONENTE, 2011, p. 48). Segundo Harvey (2004) “as crises podem ser orquestradas, administradas e controladas para racionalizar o sistema”. (p. 125)

Nesse sentido, as crises do capitalismo funcionam muitas vezes como impulsos para a transformação, para a construção de uma espacialidade nova. O deslocamento destes excedentes no espaço é sempre desigual, valorizando certas parcelas e imaginários em detrimento da desvalorização de outras (Agueda, 2019).

Tal reconstrução frente à crise, entretanto, precisa materializar-se de alguma forma no espaço. Precisa de exemplos concretos, isto é, de um conjunto de representações, símbolos materiais e imateriais que reproduzem outro modelo,

que orienta a reestruturação capitalista e convenientemente mascara a autêntica natureza do capital (HARVEY, 2014).

Como explica o autor:

O desenvolvimento geográfico desigual tem essa função lógica de sugerir que há uma configuração de capitalismo que funciona verdadeiramente e o restante do mundo deve seguir o modelo do período respectivo até que esse modelo naturalmente desmorone (HARVEY, 2014, p. 48).

O citado autor parte da análise da reprodução crescente e ampliada do capitalismo para mostrar que este tende a produzir continuamente excessos, excedentes, os quais precisam ser deslocados. O capitalismo “cria, necessariamente e sempre, seu próprio outro” (p.118). Desta forma, a paisagem geográfica construída pelo capital não é um mero produto passivo, como aponta Harvey (2014). A paisagem influencia de maneira significativa na acumulação capitalista. Funciona como uma força que impulsiona a produção do espaço. A paisagem construída também expressa às contradições regionais, nacionais. Loureiro (2015) nos mostra que as novas fronteiras de expansão capitalista já não são apenas territoriais e sim econômicas. Compreendemos que se estende a outras dimensões – sociais e culturais.

Agueda (2019) afirma que a lógica capitalista busca periodicamente construir uma nova paisagem sob os vestígios da velha, a partir dos excedentes produzidos. Com a reorientação dos fluxos do capital as contradições aparecem, justamente, como reflexos destes excedentes, que são continuamente produzidos pelos mecanismos de acumulação por espoliação, na dinâmica de sobreacumulação inerente ao capitalismo.

A análise do espaço a partir das diversas escalas (mundial ao local) revela um mosaico de áreas, formado por uma sobreposição de momentos históricos (RUA, 2007). Essas diferenças na forma de concepção e ocupação do espaço são constantemente reproduzidas e ressignificadas pelos processos que permeiam nossa vida social. Como mostra Neil Smith (1988) “[...] sob uma base natural de diferenciação é configurada a produção social da diferenciação geográfica” (p. 98).

A acumulação do capital cria, assim, espacialidades de acordo com o momento histórico, numa “teia de diferentes relações entre os grupos sociais e o sistema sócio-ecológico” (HARVEY, 2004, p. 262). Agueda (2019) explica que: “[...] na busca da absorção lucrativa dos excedentes de capital e de força de trabalho, o capitalismo contorna temporariamente a tendência à sobreacumulação com a competição no espaço, ou seja, com o deslocamento espaço-temporal destes excedentes a partir de instabilidades” (p. 84). Portanto, a circulação do capital no espaço exige a criação de infraestruturas, porém, ao longo do tempo, o capital precisa se libertar daquilo que construiu, devido à sua dinâmica fluida. Assim, o capital desvaloriza paisagens e cria outras, sendo necessária a sua permanente reconstrução.

David Harvey (2004) analisa o desenvolvimento geográfico desigual a partir de dois componentes associados: a produção de escalas espaciais e a produção da diferença geográfica. A escala (recurso de enorme riqueza para a geografia) precisa ser desnaturalizada, pois não pode ser definida a priori. Quem define as escalas é a ação, ou seja, os sujeitos que definem suas próprias escalas. Como afirma Smith (1988), a escala é uma produção social. “O capital não somente produz o espaço em geral, mas também produz as reais escalas espaciais que dão ao desenvolvimento desigual a sua coerência” (p. 19).

Assim, a reprodução do capital se faz pela criação e recriação das paisagens geográficas, num processo que segundo Harvey (2004) é “[...] um processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização” (p.88). Esta dinâmica do capital envolve as diferentes realidades espaciais do mundo, em espaços e tempos diversos, nas variadas escalas, em contextos multiescalar, transescalar e interestescalar.

A produção de escalas espaciais e a produção da diferença geográfica figuram então como dois componentes fundamentais do desenvolvimento geograficamente desigual. Os processos e fenômenos contemporâneos assumem características específicas, de acordo com as escalas em que se dão, ainda assim dependendo dialeticamente uma das outras.

Vainer (2002) adverte que “[...] o entendimento de que os processos econômicos, políticos, sociais, culturais têm dimensões escalares e não pode conduzir a uma reificação das escalas, como se estas antecedessem e contivessem (como um receptáculo) os processos” (p.24). Assim as escalas são móveis e dinâmicas em termos de alcance e de inter-relações.

Na região de Guaratiba lógicas distintas entram em confronto, relações sociais de produção se estendem para áreas novas, gerando consequências significativas no modo de vida dos habitantes. Tais manifestações aparecem nas novas ocupações e nas relações sociais, que produzem outros símbolos e representações do espaço.

Buscar rupturas que permitam romper com a estrutura vigente remete-nos à concepção de escala local que está nos debates sobre o desenvolvimento urbano e regional em todas as partes do mundo. Brandão (2003a) atenta para o fato de que essas análises podem construir a ideia de eliminar as escalas intermediárias, numa tendência bipolar entre o local e o global.

Nos últimos anos, a concepção de que a escala local tem poder ilimitado invadiu o debate sobre o desenvolvimento urbano e regional, no Brasil e no mundo. Tais análises subentendem uma ideia de que estaríamos vivendo em comunidade, não em sociedade; que, em decorrência, esse conjunto social não é cindido em classes e interesses políticos complexos (daí discutirem apenas atores sociais); que vivemos processos de destruição das escalas intermediárias e o mundo estaria confirmando a tendência bipolar das escalas espaciais – apenas o “local” e o “global”. Nesta visão, altamente consensuada hoje, só restaria a opção de políticas de desenvolvimento monoescalares, isto é, só tendo o local como ponto de partida (e de chegada?), comunitário, solidário, em ambiente de alta sinergia associativa do seu ‘capital social’, e que poderia acionar e se conectar à rede dos fluxos globalizados (BRANDÃO, 2003a, p.9).

Destacamos que o foco na dimensão espacial não significa negar os outros aspectos do desenvolvimento, pois se compreende, com base em Smith (1998), que “[...] a diferenciação do espaço geográfico, a que chamamos divisão territorial do trabalho, deriva da divisão social do trabalho mais geral.” (p.159).

O espaço urbano expressa as contradições regionais de riqueza e poder, pois o capital cria um aparato estrutural para satisfazer as suas necessidades em determinado lugar e num momento histórico determinado, tendo que desvalorizá-

lo mais tarde para realocar os excedentes, e influenciando na composição de um mosaico de áreas interconectado pelos desenvolvimentos geográficos desiguais formado por uma sobreposição de momentos históricos. Cada momento histórico corresponde a uma espacialidade distinta (RUA, 2007). Segundo David Harvey (2004) essa dinâmica é evidenciada pela contradição entre a “relativa imobilidade espacial e a lógica própria do poder territorial e a fluida dinâmica do capital no espaço-tempo” (p. 157).

Na RA de Guaratiba identificamos um mosaico de áreas, aparentemente distintas, porém interconectadas não só por uma gestão pública promovida pelo Estado (que traz na sua concepção de desenvolvimento aspectos da colonialidade e a ideia de evolução), mas também pelos demais sujeitos que vivem nessas áreas, e que através das suas representações do espaço e de seus discursos sobre o desenvolvimento reproduzem racionalidades hegemônicas ou criam outras racionalidades. Essas relações são marcadas por conflitos. Buscar os nexos da conflitualidade é um caminho investigativo para se pensar em formas para superar a ordem vigente.

1.3. O conceito de fronteira para se pensar os processos de expansão do espaço urbano de Guaratiba

O estudo da produção do espaço urbano da RA de Guaratiba requer um exercício teórico sobre o entendimento do conceito de fronteira, já que as transformações do espaço urbano na região apontam para um reordenamento da cidade do Rio de Janeiro marcado pelo processo de expansão urbana para a Zona Oeste. As recentes intervenções urbanas na região orientam um fluxo intenso de pessoas de vários bairros da cidade, como também de outros municípios e estados, na busca por moradia, trabalho, lazer, serviços. Como expressa a fala do morador que vive há cinco anos no Jardim Maravilha, no bairro de Guaratiba.

[...] tipo assim, todo mundo, assim, a maioria das pessoas que eu conheço que vieram de lá, veio no mesmo objetivo que eu, né, espaço, ter espaço, ter condição de construir uma casa, ter liberdade dentro da sua casa, né, porque como eu já falei, né, Gardênia Azul e outras comunidades mais, é uma quitinete pequeninha, não tem mais espaço que nada, não tem saneamento, não tem nada, não tem, tipo assim, a gente não tem, eu posso falar por mim e por outras pessoas

que vieram comigo, e poder construir o seu sonho, né, que é o da casa própria, né, de ter condição de ter condição de botar tijolo a tijolo e fazer a casa da forma que você quer. [...] a gente acredita que aqui no futuro vai ter assim asfalto, vai ter sim (Informante morador da subárea Guaratiba).

Para analisar esse processo de expansão da cidade que traz uma dinâmica caracterizada por diferentes formas de ocupação e de representações sobre o espaço (marcada por tensões e conflitos), recorreremos inicialmente a um entendimento das diversas abordagens do conceito de fronteira, para que possamos compreender “fronteira” numa perspectiva aberta e simbólica, e apreender os movimentos e as estratégias do capital ao estabelecer a racionalidade hegemônica no espaço.

O estudo e o significado de fronteira mudaram com as transformações das sociedades. Para Santos (1997) um conceito tem movimento e se reconstrói nessas mudanças. Ao retrocedermos ao início da origem do conceito de fronteira observamos que ao longo dos vários processos de desenvolvimento ou evolução dos diferentes grupos e nações, o conceito adquiriu novos elementos de análise “[...] desde que o homem surgiu, as noções de limites e de fronteiras evoluíram consideravelmente, sem nunca desaparecerem” (RAFFESTIN, 1993, p. 165). Mas a noção de fronteira como um conceito científico tem origem na Renascença, posto que com a evolução das ciências, em especial da Cartografia, os limites passaram a ser precisos, sendo relacionados à extensão territorial, como também a delimitação de áreas em conflito (VELASCO-GRACET, 1998).

Segundo Ferrari (2014), quando a palavra fronteira foi aceita como vocábulo das línguas, passou a responder a uma necessidade de “uso” no tempo e no espaço, desde o caráter místico-religioso até culminar no período Moderno com a concepção de fronteira linear da política territorial entre os países.

A visão linear das fronteiras pode ser de fato considerada uma técnica relativamente recente como demonstra Raffestin (1993), pois a fronteira se constitui “[...] quando o Estado Moderno atingiu um controle territorial absoluto. Para tal, foi preciso que se realizasse uma série de condições específicas, dentre as quais a linearização da fronteira é talvez a mais importante” (p.166). A técnica linear surge como política essencial para delimitar e legitimar a área entre os Estados nacionais, e tem como base a visão eurocêntrica, pois é na Europa que se desenvolve a

noção de propriedade privada, o que implica no aparecimento de fronteiras (FERRARI, 2014). Sendo assim, o Estado Moderno é o responsável pelo aparecimento dos limites rígidos entre as nações.

Nessa perspectiva, a fronteira linear decorre de uma evolução geral com origens em elementos sagrados, depois concebida como limites da propriedade privada, para adquirir o caráter de zona e finalmente de linha. Ao abarcar a ideia de linha, a noção de fronteira agrega elementos importantes para a análise espacial, tais como: a população, o território e o governo (FERRARI, 2014).

Sabemos que no campo das ideias o debate sobre a origem do Estado Moderno nacional é bastante amplo, porém não cabe na pesquisa desenvolver essa análise teórica, mas sim aprofundar a discussão sobre a fronteira na perspectiva moderna quando abrange outros elementos como soberania e nação, e passa a ser associada como limite territorial de um estado-nação. Segundo Foucher (1991) as fronteiras dentro da formação territorial do Estado Moderno surgem como estruturas espaciais básicas, de forma linear, com função de ruptura ou descontinuidade geopolítica, considerando duas faces (uma interna e outra externa) em relação às nações. Para o autor “[...] o objetivo não é somente separar o espaço, mas também o tempo das histórias, das sociedades, das economias dos estados, das línguas, entre outros” (FOUCHER, 1991, p. 38).

Como diferenciar a ideia de “linha” e de “zona” ao pensar o conceito de fronteira? Gottmann (2007) nos mostra que linha tem um sentido jurídico e administrativo, isto é, de delimitação, porém é uma abstração sem existência no real, sendo um conceito cartográfico. Já a zona dá a ideia de espaço, e por isso seria um conceito geográfico. Raffestin (1993) faz uma relação, demonstrando que “[...] a fronteira é uma zona camuflada em linha” (p.167), já que a linha demarca uma zona geográfica concreta.

As fronteiras associadas ao limite territorial no Estado Moderno se constituíram como instrumentos de poder político dos estados nacionais no século XX. Para Ratzel (RATZEL, apud MORAES, 1990), a fronteira seria mais uma zona do que uma linha, pois, a “fronteira é constituída pelos inumeráveis pontos sobre os

quais um movimento orgânico é obrigado a parar” (p.74) – considerando zona como um espaço em movimento. Para o autor esse movimento cessaria quando encontrasse um obstáculo físico ou quando se defrontasse com o “outro” e, ao enfraquecer o movimento contrário, ocorreria o avanço da fronteira. Mesmo numa abordagem determinista (no sentido de fronteira natural) cabe destacar a ideia de movimento, de um limite que é flexível.

Foucher (1991) afirma que a teoria das fronteiras naturais, com origem no Iluminismo (século XVIII), leva em conta uma configuração física, linear, isto é, que toma como base o leito dos rios, o topo dos morros. Para o autor essas linhas de fronteira são construções artificiais. Essas linhas delimitam áreas, regiões, nações e são produzidas a partir dos aspectos econômicos, políticos, culturais. No início do século XX, com a retomada dos princípios da geopolítica, incorporam-se outros elementos à noção de fronteira que vão dar um sentido capaz de explicar o avanço do limite das fronteiras dos estados-nações com o imperialismo.

Segundo Ferrari (2014) o debate contemporâneo sobre a noção de fronteira é centrado na Europa, priorizando a ideia de limite político territorial. Porém esta visão se confronta com a visão americana que traz a ideia de fronteira como “expansão da civilização” – humanização dos espaços.

Do exposto fica evidente que o debate teórico contemporâneo sobre a noção de fronteiras é basicamente centrado na Europa, onde o conceito de fronteira se afirma com diferentes noções entre elas a de limite político territorial. Já no continente americano é o termo “boundary” que expressa o limite político entre dois países, enquanto “frontier” passa a significar a expansão da civilização ou movimento humano em direção a terras livres ou espaços selvagens. Tal acepção se afirmaria ao final do século XIX, notadamente a partir das teorias desenvolvidas pelo historiador Frederick Jackson Turner (1861-1932), em sua tese de doutoramento sobre o oeste americano (FERRARI, 2014, p.15).

Com a noção de fronteira americana Jackson Turner traz elementos como identidade nacional, democracia, modelo de sociedade, com base na ideia de “frente pioneira em expansão”. Como explica Martins (1997) essa ideia é difundida no Brasil no século XX.

Os estudiosos do tema fronteira no Brasil, quando examinam a literatura pertinente, se deparam com duas concepções de referência. Os geógrafos, desde os anos quarenta, importaram a designação de “zona pioneira” para nomeá-la, outras vezes referindo-se a ela como ‘frente pioneira’. Os antropólogos, por seu

lado, sobretudo a partir dos anos cinquenta, definiram essas frentes de deslocamento da população civilizada e das atividades econômicas, de algum modo reguladas pelo mercado, como fontes de expansão (MARTINS, 1997, p. 151-152)

Nessa discussão teórica cabe diferenciar os conceitos de limite e de fronteira, já que muitas vezes são apresentados como sinônimos. Segundo Machado (1998) a noção de limite indica “o fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial, ou seja, sua ligação interna. Essa conotação política foi reforçada pelo moderno conceito de Estado, no qual a soberania corresponde a um processo absoluto de territorialização” (p. 42). A autora ressalta que esses limites muitas vezes estão distantes dos desejos e necessidades dos habitantes da fronteira; por isso o limite é considerado uma abstração. Continua a sua análise mostrando que “hoje o limite é reconhecido como linha, e não pode, portanto, ser habitada, ao contrário de fronteira, que “[...] constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, em particular sob a forma de contrabando”. (p.47). Assim o limite seria “um traçado” visível no mapa e a Cartografia lhe daria materialidade, e a fronteira seria uma zona geográfica. Entretanto mesmo sendo uma linha imaginária, o limite tem “[...] informação que consome energia, para ser criado, controlado e mantido, (processos), que não concernem somente ao invólucro espaço temporal. Eles fazem parte do nosso jogo de reprodução social: produção, troca, consumo” (RAFFESTIN, 1993, p. 169).

Ao diferenciar as noções de limite e de fronteira dialogamos com Ferrari (2014), Machado (1998) e Hissa (2002), na medida em que percebemos o limite como fator de “separação” e fronteira como fator de “integração”. O limite tem a ideia de delimitação, regulação e controle, já a fronteira se apresenta como “zona” e traz a ideia de área, região, de contato e de integração espontânea pelas trocas e iniciativas cotidianas dos sujeitos que habitam esse lugar.

A “fronteira” trabalhada na tese é caracterizada por tensões, onde se (re) produzem as racionalidades hegemônicas, porém é o campo das possibilidades, de produzir outras racionalidades – o devir que movimenta e expande o limite, que não é rígido e sim flexível – a fronteira tem movimento, ela é aberta.

Para Hissa (2002), a reflexão sobre limites e fronteiras é, também, uma discussão sobre o poder, na medida em que fronteiras e limites servem para estabelecer domínios e demarcar territórios.

Fronteiras e limites, em princípio, fornecem imagens conceituais equivalentes. Entretanto, aproximações e distanciamentos podem ser concebidos entre fronteiras e limites. Focaliza-se o limite: ele parece consistir de uma linha abstrata fina o suficiente para ser incorporada pela fronteira. O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual de limite, define por onde passa a linha imaginária que divide territórios. A fronteira coloca-se à frente, como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar: o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. Entretanto, alinha que separa os conceitos é espaço vago e abstrato (HISSA, 2002, p. 34).

A autora destaca que em seus estudos a fronteira deve ser vista como “front”, isto é, estar à frente, como se ousasse representar o começo de tudo onde deveria representar o fim. Assim, a fronteira é percebida como uma “condição” de contato entre diferentes historicidades e diferentes temporalidades, pois é “produção” a partir dos sujeitos que vivem esse processo. Ao estabelecermos o “nós”, consequentemente já definimos o que é o “outro”. Nesse sentido a fronteira é produzida como parte das relações humanas nas suas mais diversas formas – políticas, econômicas, sociais, culturais, simbólicas, e é definidora de diferenças, imagens e representações. A fronteira não é definida pelo seu limite, mas pelo que a diferencia. É a zona de contato entre esses elementos diferentes.

A fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso. Para compreendê-la, é preciso retomar a expressão ‘regere fines’ que significa traçar em linha reta as fronteiras, os limites. É o mesmo procedimento utilizado pelo padre na construção de um templo ou de uma cidade, quando ele determina esse espaço consagrado sobre o terreno. Nessa operação o caráter mágico fica evidente: trata-se de delimitar o interior e o exterior, o reino do sagrado e o reino do território. Mas o território em sua materialidade física, não é o único alvo do poder (HISSA, 2002, p. 43).

Nessa perspectiva a fronteira se distancia da concepção de limite físico ou político, desprovido de sujeitos e relações. As representações do espaço dos diversos sujeitos que habitam esse espaço “inacabado” são fundamentais na interpretação contemporânea do espaço urbano. Investigar os ritmos e os “choques” presentes no cotidiano da RA de Guaratiba permite compreender o movimento de expansão da cidade do Rio de Janeiro – suas lógicas de ocupação.

As mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, estabelecem outras zonas de fronteira, redesenhando os mapas, ora com expansão, ora retraindo seus limites. Na Constituição Federal Brasileira (1988) fronteira é a delimitação do Estado Nacional. No decorrer do século XX, as fronteiras eram vistas sob a ótica da segurança nacional, principalmente nos governos militares. Para o governo daquela época a política de fronteira tinha como foco a vigilância e proteção do país para garantir o crescimento demográfico e econômico. Com as transformações do espaço mundial a fronteira passa a ter uma importância econômica vinculada aos projetos de integração regional (CASTROGIOVANNI, 2010).

Castrogiovanni (2010) ainda ressalta que as contradições e ambiguidades do capitalismo globalizado, financeirizado, neoliberal, científico e informacional trazem à discussão situações espaciais distintas. Seus estudos sobre fronteira nos mostram que essas zonas fronteiriças, produzidas em diferentes escalas, se transformam e se articulam não só a partir das relações econômicas e políticas, estabelecendo uma dinâmica complexa que adquire novas formas e outras relações – sociais, culturais, ambientais. A intensificação das redes pela instantaneidade das informações e das comunicações estimula teoricamente a ressignificação do conceito de fronteira, e uma percepção de outras zonas de fronteira produzidas pelo capitalismo, em especial nas cidades.

No movimento de dominação via discurso de desenvolvimento, Martins (1996) afirma que as sociedades latino-americanas ainda estão no estágio de fronteira. Para o autor essas sociedades ainda se encontram naquele estágio de sua história em que as relações sociais e políticas estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras “não ocupadas” ou “insuficientemente ocupadas”. No Brasil, especialmente, o discurso hegemônico considera esses territórios como “vazios demográficos”, e que estes seriam um bloqueio ao crescimento econômico no país. Martins (2014) afirma que “a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica, mas é a fronteira de muitas e diferentes coisas” (p. 11). É um lugar no qual o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem domina, subjuga e explora.

Dentre as categorias de análise do espaço trabalhadas na pesquisa, a fronteira ganha importância na medida em que a região de Guaratiba é considerada

uma área de expansão da cidade, não só para receber população, mas também recursos de capital público e privado. Encontramos uma zona de ocupação complexa, com sujeitos reproduzindo racionalidades dominantes, mas também percebemos outras racionalidades.

Segundo Castrogiovanni (2010) “o espaço geográfico é um acúmulo desigual de tempos e a fronteira, sem dúvida, não está alheia a esta lógica” (p.12). A vida em espaço de fronteira só é realmente entendida quando analisada pela lógica local, pelas comunidades que ali vivem e se reproduzem social, econômica e politicamente. Os fronteiriços olham a fronteira como a sua morada, onde acontece o seu cotidiano, seu ritmo, suas relações de afetividade, emergido de tal forma o seu lugar.

[...] tem muito espaço né. E, no meu caso, e no de muitos aqui, que eu posso falar que veio junto comigo, que na época né, papai do céu me trouxe, me guiou até de uma forma misteriosa, né. Ele é que sabe né. E antes que isso aqui para várias pessoas e todo mundo veio porque acho perto de Jacarepaguá para cá com túnel se tornou 45 minutos. Um horário que não tem trânsito é o que a gente gasta. Então, são 40 quilômetros, é um pulo. (Informante morador da subárea Guaratiba)

Guaratiba se apresenta como o “eldorado” para essa população que chega e ocupa de diversas formas a região. O processo de ocupação recente dos bairros de Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba apresenta diferentes lógicas e racionalidades.

Martins (1996), ao desenvolver pesquisas na região amazônica, numa dimensão sociológica e antropológica, abordou aspectos fundamentais da multiplicidade da fronteira, analisando o “desencontro” entre diferentes grupos sociais que juntam (e separam) vidas, compartilhando esperanças, sonhos e decepções, marcando a fronteira como um espaço social caracterizado por “caminhos” e “descaminhos”.

[...] lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. (MARTINS, 2009, p. 133).

O autor não associa a fronteira à questão dos limites territoriais, mas a entende como um espaço de conflito, da combinação de tempos históricos em processos sociais que recriam formas de dominação e reprodução do capital, muitas vezes com base na violência, na espoliação do trabalho e dos direitos básicos.

Dialogamos com Martins (1997) a partir dos conceitos de frente de expansão e frente pioneira. “Ambas representam momentos históricos distintos e combinados de diferentes modalidades da expansão territorial do capital. [...] expressões de um mesmo processo” (p. 159). Nesse sentido, explica que a frente de expansão tem uma concepção que percebe a ocupação do espaço sem a mediação do capital, tomando como referência o indígena e significando a situação de contato com o outro. Já a frente pioneira se define economicamente pela presença do capital na produção do espaço e na lógica capitalista vigente. Na pesquisa abordamos diferentes sujeitos com diversas representações do espaço: os que já têm uma “história” na região e os que chegam com suas “histórias” e expectativas. Esse contato é conflituoso e expressa novas relações e lógicas de ocupação.

Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de humano. Nesse sentido, diversamente do que ocorre com a frente pioneira, (na frente de expansão) sua dimensão econômica é secundária (MARTINS, 1997, p. 163).

Portanto, analisar a produção do espaço de Guaratiba, reconhecendo a região na condição de “situação de fronteira” agrega elementos reconstruídos analiticamente mediante a inserção social dos sujeitos que habitam essa zona de fronteira, percebendo os nexos das conflitualidades existentes – ausência expressa e direta das instituições do Estado, presença do capital privado, atuação de instituições sociais e outros.

Destacamos que na pesquisa a zona de fronteira não é marcada por espaços com relações não capitalistas de produção, mas sim como zona apropriada pelo capital sob diversos mecanismos de acumulação por espoliação. Tais “fronteiras”, ressaltamos, não deixam de estar inseridas no sistema capitalista e são responsáveis pela criação de combinações particulares a partir do desenvolvimento desigual.

2. Guaratiba no contexto da cidade do Rio de Janeiro

Como vimos anteriormente o espaço é produto social. Na sociedade capitalista aparece como produção de mercadorias, símbolos e representações. Estudar o processo de produção do espaço urbano é compreender que existem as “marcas” produzidas pelas práticas sociais dos sujeitos. Elas devem ser interpretadas a partir das contradições, num esforço constante de compreender essa realidade que se apresenta provisória. Nesse sentido, buscamos inspiração nos elementos da cultura para entender os simbólicos que permeiam as representações dos habitantes da RA de Guaratiba, voltar ao passado (já ressignificado) e analisar os fenômenos encontrados no processo de expansão da cidade.

Nesse capítulo propomos:

- 2.1 – Compreender a importância da cultura na análise da produção do espaço de Guaratiba.
- 2.2 – Voltar ao passado e reconhecer Guaratiba como “Sertão Carioca”.
- 2.3 – Analisar Guaratiba como área de expansão da cidade do Rio de Janeiro.

2.1. A importância da cultura para entender a produção do espaço de Guaratiba

Com o objetivo de ampliar a análise sobre a produção do espaço urbano, encontramos na cultura elementos que colaboram na interpretação dos diversos discursos dos sujeitos que habitam a RA de Guaratiba. Esses discursos são articulados e constroem imagens e representações espaciais das mais variadas, as quais se destinam a criar objetos e produtos como bens culturais, na perspectiva de transformá-los em mercadorias. Para Seabra (2014) vivemos uma “economia do símbolo, em que ‘atributos de excepcionalidade’ (rituais, objetos, histórias, lugares) constituem o suporte do discurso que justifica e ornamenta a cultura como função especializada no conjunto das práticas sociais”. (p.77). Assim, propomos superar a superficialidade das concepções culturais da realidade do mundo e buscar “nexos da cultura”, considerando não só a objetividade, mas tornando evidente

a subjetividade dos fenômenos nas suas diferentes manifestações. Para isso, faremos uma discussão conceitual sobre cultura a fim de obter elementos significativos para investigar os nexos da cultura encontrados na região.

Os significados atribuídos ao termo cultura têm variado ao longo dos séculos no desenvolvimento das ciências com raízes no mundo ocidental e, ainda, na perspectiva do singular e universal. Atualmente, há uma difusão no campo científico, principalmente nas ciências sociais, de estudos culturais na perspectiva pós-moderna. Daí a importância de contextualizar historicamente as diferentes concepções de cultura.

Ao longo dos séculos, a cultura se manifesta pelas mais diversas formas de expressão da criatividade humana, mas não apenas no que hoje chamamos “as artes” (música, pintura, escultura, teatro, cinema etc.) ou através da literatura e da poesia em todos os seus gêneros, mas também por outras formas de criação intelectual nas ciências humanas, naturais e exatas. É a esse conjunto de atividades que se deveria dar o nome de cultura (SANTOS, 2002, p. 66).

Com base nos estudos de Williams (1979) e Bosi (1994) reconhecemos no século XV o mais antigo significado de cultura, intimamente ligado à produção agrícola e associado às plantações e às criações de animais, como observamos nas origens linguísticas de cultura – agri-cultura, api-cultura, silvi-cultura – que, na visão de Cosgrove (1998) expressa um processo de diferenciação da natureza por meio da apropriação pelo homem. No início do século XVI, a noção de cultura passa a significar todos os costumes e hábitos relacionados às tradições rurais. Nesta perspectiva, ganha um sentido metafórico de saber e já agrega a ideia do conhecimento.

Do Renascimento ao século XVIII redimensiona-se o significado de cultura como cultura das artes, cultura das letras, e a cultura passa a ser definida como um conjunto de elementos do mundo civilizado, ou seja, práticas, valores e hábitos de uma população, além de ser utilizada para qualificar atributos relativos ao conhecimento. Nesse processo ocorre a valorização da cultura ocidental europeia, com ênfase no ideário francês, associada à ideia de progresso, de linearidade e evolução dos costumes, caracterizando um conjunto de especificidades relativas à humanidade, valorizando e reconhecendo em todos os homens os mesmos atributos racionais, direitos e deveres (GOMES, 1996). A matriz eurocêntrica é constru-

ída a partir da modernidade e do capitalismo, e é a naturalização dessa concepção de cultura que, mesmo sendo contestada, perdura por todo o século XX.

O século XIX deflagra dois movimentos. O primeiro está relacionado à ruptura entre a noção de cultura popular e erudita, elitizada, estabelecendo uma tensão entre estas concepções e o conflito entre novas e velhas práticas culturais. O segundo está associado à construção da concepção de estado-nação.

[...] a cada povo corresponde uma cultura, cada cultura corresponde a uma forma de estabelecer relações particulares com o meio ambiente e para cada um destes conjuntos deve corresponder uma nação, que irá proteger estas formas particulares de existência (GOMES, 1996, p. 36).

As culturas nacionais passam a ser concebidas como partes singulares do projeto universalista da modernidade. Nesse sentido, há um esforço de construir um discurso único, isto é, uma ideia-síntese com base na tríade cidadania, identidade e cultura, que representasse o estado-nação. Esse século é marcado pelo sentimento de identidade nacional e as diferenças são compreendidas com base na visão determinista e na existência de um processo universal e histórico de autodesenvolvimento da humanidade, em que todas as sociedades inevitavelmente passariam pelas mesmas etapas de desenvolvimento.

No início do século XX o empirismo tende a mascarar a cultura com suas manifestações materiais percebendo-a, em grande parte, sob o ângulo de uma galeria de museu: manifestações artísticas, objetos reunidos como uma coleção de artefatos e comportamentos. As relações dos objetos como representações eram silenciadas pelo pragmatismo e pela funcionalidade.

Sahlins (1976), ao analisar a relação entre o domínio da cultura e o domínio da prática, afirma que todo e qualquer olhar sobre o mundo, sobre os homens e sobre a natureza é um olhar cultural; carregado, portanto, de símbolos que compõem uma representação conceitual. Se o olhar sobre o mundo é a síntese da teoria e da prática (práxis) não se tem a prática sem a cultura e não se tem cultura sem prática. Desta forma, o plano da cultura faz a mediação entre o plano das ideias (teorias) e o plano das práticas (ações), a partir das práxis. A cultura, nesta perspectiva, é algo além da pura codificação das ações intencionais dos seres humanos e se distancia, radicalmente, da abordagem utilitarista da análise cultural.

Cassirer (1994), ao estudar a teoria simbólica, demonstra que toda relação do homem com o real é intermediada por uma representação simbólica. Do ponto de vista epistemológico da compreensão do ser humano, o autor afirma que todo o conhecimento é fundado em simbolizações, realizadas por um processo mental inerente ao sujeito. A mente humana opera com símbolos cujos conteúdos e significados são construídos no contexto da cultura. Assim, se a cultura é vista como um produto da razão, especificar o domínio do ser humano pela cultura não significa o abandono da dimensão racional humana. Para o autor, a construção da ideia de ser humano como um ser simbólico precede a história da existência de uma concepção do humano ligada à cultura ocidental e com um caráter de universalidade no que tange à essência ou à natureza humana.

Esse caráter universal já foi teológico, pois incorporou uma verdade matemática sobre o “homem” e, no século XIX, enveredou por uma perspectiva evolucionista biológica. Ao especificar a cultura como uma produção do ser humano, a concepção de “homem” como um ser simbólico desnaturaliza o caráter universal que é atribuído à cultura.

Segundo Hall (1997), nas últimas décadas do século XX a cultura reassumiu um papel central nas ciências sociais, tanto na sua dimensão estrutural como na sua dimensão epistemológica. Na dimensão estrutural, consiste no alinhamento e no entrecruzamento da infraestrutura econômica e da superestrutura cultural, promovido basicamente pelo meio técnico-científico-informacional. A comunicação intensa e difusa entre diferentes sociedades potencializa as relações sociais nas mais variadas escalas. As realidades locais passam a ser referenciadas ao domínio global, intercambiando fortemente elementos de seus códigos, numa configuração territorial em redes, com tudo o que é instituído como hegemônico. Na dimensão epistemológica, aponta para a mudança de paradigma, a chamada “vira-da cultural” (p. 17), no que se refere à produção de conhecimento.

A cultura, como conjunto de significações, tem um caráter móvel, aberto, típico daquilo que é discursivo. O discurso acontece no movimento, nas ações e nas reações dos sujeitos em interação. Portanto, as práticas sociais, econômicas e políticas são significadas e recriadas pela/na cultura. Duncan (1990) demonstra que cultura é um conjunto de sistemas de significações de natureza material e prá-

tica, e que pode ser concebida como textos que se expressam por múltiplas leituras de mundo.

Estudos sobre cultura, especialmente aqueles com abordagem fenomenológica, reconhecem na noção de cultura a dimensão simbólica – que é dinâmica e marcada por relações de poder. Williams (1979) a define como “um sistema importante através do qual um sistema social é comunicado, reproduzido, experienciado e explorado” (p.13). Este sentido lhe dá o mérito de categoria básica na ordenação e definição do mundo.

O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado (SANTOS, 2002, p. 65).

A cultura é tão importante quanto a política, a economia, as relações sociais. Nas sociedades capitalistas há a tendência de compreender a dinâmica do mundo centralizando as explicações na esfera econômica, em torno dos aspectos quantitativos – a população é número, os recursos naturais são medidas/valores etc., o que tende a reduzir a análise espacial a partir de interpretações de modelos fechados. Cosgrove e Jackson (1987) afirmam que a cultura é fundamental para compreender os elementos que diferenciam as práticas socioespaciais dos sujeitos, contribuindo para a análise da produção do espaço.

Cultura não é uma categoria residual, a variação superficial deixada inexplicada por análises econômicas mais poderosas; é o próprio meio através do qual a mudança é experienciada, contestada e construída (JACKSON, 1987, p. 95).

Mitchell (1999) desenvolve uma análise sobre o conceito de cultura no campo da Geografia e identifica nos estudos contemporâneos três aspectos importantes: a) a busca incessante da noção de uma cultura ontológica; b) a valorização da perspectiva simbólica de cultura; c) a percepção da ideia de cultura como ideologia. O último aspecto abre uma discussão fundamental para se trabalhar a cultura na dimensão espacial, pois, na visão do autor, o necessário é compreender a ideia de cultura e não o conceito em si. A ideia está sempre relacionada aos interesses de um determinado grupo de sujeitos superior em relação ao (s) “outro (s)”, caracterizando um processo social intencional. Nessa perspectiva a cultura é uma visão (imagem) de mundo, de si mesmo e de sua própria sociedade.

Focalizar a ideia de cultura permite-nos teorizar estes projetos, compreender como a ideia de cultura funciona numa sociedade diferenciada visando a naturalizar e a suavizar diferenças em nome de uma certa ordem social; como as contradições inerentes aos vários sistemas sociais que governam nossas vidas são agrupadas sob o de “cultura”; como são descritas como sendo naturalizadas, mudando lentamente, enraizadas nas próprias pessoas (MITCHELL, 1999, p. 44).

Assim, a cultura passa a ser uma das categorias básicas na compreensão das diferenças simbólicas, da ordem social e das relações de poder na sociedade capitalista. Realizando análises menos reducionistas, e atentando para a importância de compreender os processos que são especializados em diversas escalas, a dimensão cultural constitui um instrumental fundamental na compreensão dos processos atuais.

A perspectiva de um processo dinâmico e aberto na produção da cultura amplia a possibilidade de analisar os fenômenos e processos que criam novas territorialidades espaciais (SAID, 1990).

Pensar a ideia de cultura nas sociedades contemporâneas é compreender como um objeto pode transformar-se em objeto de uso social. A princípio, não há uso que seja mais ou menos legítimo que o outro. Com todo o direito, cada grupo social troca significações e usos. Estes grupos, quando se constituem, caracterizam codificações de sentidos que permitem aos indivíduos interagir, aglutinando ou justapondo as suas práticas (HALL, 2001). Entender a dinâmica cultural de uma sociedade proporciona capacidade e controle de assimetria nas relações de poder (MARTINEZ, 2000).

O espaço é produção social e, por esta condição, também é cultural. O espaço geográfico é rico em conteúdo simbólico a ser interpretado. Essas representações espaciais estão na vida cotidiana dos sujeitos da RA de Guaratiba e expressam visões de mundo, sentimentos e desejos. Santos (2000) mostra que o conceito de cultura está intimamente ligado às expressões da autenticidade, da integridade e da liberdade – uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro desejado.

A partir desse entendimento é necessário abarcar as manifestações singulares de ser e de viver a contemporaneidade, identificando os elementos culturais presentes nas relações assimétricas da reprodução do espaço capitalista (reconhe-

cer os traços da cultura moderna), na perspectiva do movimento, na concepção de cultura como um processo aberto e de possibilidades de criação. Ampliando a análise recorremos a Cosgrove que, inspirado em seus estudos sobre a crise da modernidade e a noção de “modos de vida”, faz uma análise em que a cultura integra os processos socioculturais e, por isso, não pode ser pensada fora do contexto social estudado. Essa percepção nos traz a visão de que todo modo de produção está intrinsicamente relacionado com um modo de vida – a cultura não é uma dimensão separada da vida do sujeito.

[...] para nossa compreensão de cultura corresponder à evidência da prática precisamos voltar à noção de modo de produção como um modo de vida incorporando a cultura dentro da produção humana, ligada em igualdade dialética à produção de bens. A consciência humana, ideias e crenças são parte do processo produtivo material (COSGROVE, 2003, p. 84).

A pesquisa dialoga com Seabra (2014) por pensar a cultura como parte integrante do processo social e espacializada, constituindo-se, portanto, em um elemento importante para a análise da produção do espaço. A autora desenvolve a presente análise ressaltando que:

É muito mais desse desencontro (desvio) entre modo de produção e modo de vida que se faz a história da sociedade e da cultura na modernidade. Então, subvertendo, no bom sentido, Cosgrove, pode-se admitir que, em princípio, nisto reside o interesse teórico dessa formulação, que nos permite admitir os desencontros como objeto de conhecimento. Esse desencontro é traduzido por diferentes modos de apropriação da natureza (instrumentos e meios materiais), pelas habilidades de fazer e pelo estranhamento recíproco das práticas, sejam simbólicas ou instrumentais, com seus sentidos e rituais. Importante é considerar também que, a partir de tal proposição, é possível superar a cultura como um em si, pois podem se descortinar as articulações que lhe são constitutivas (SEABRA, 2014, p. 81).

Na RA de Guaratiba encontramos, por exemplo, um processo que está transformando rapidamente o modo de vida dos sujeitos que habitam a subárea Ilha. Um antigo morador ressalta a importância das festas locais e da relação de vizinhança, que aos poucos vão se perdendo. As referências do lugar se alteram e o pré-existente se esgota.

Ah! Tem Nunes, a família Nunes. Ali perto da Valquíria é Sardinha, Sardinha da Costa. São quatorze filhos. É uma família muito grande, então! A gente tinha as referências, as referências do uso do espaço antigo, desde o campo de futebol, quando eu comecei a jogar futebol, até mesmo o espaço do clube [...]. As referências das famílias, das propriedades, a gente circulava, na vizinhança.

Enfim, é um bairro que tem uma configuração diferente, mas enfim, essa circulação das crianças pra lá e pra cá, era muito comum. E hoje isso perde. A gente não tem, com esse adensamento, essa identidade. A gente acaba perdendo as referências entende? [...] as festas da paróquia, muito bacana né. A paróquia São Salvador do Mundo e ali era a igreja de Santana, no Largo da Ilha. Quando tinha festa na paróquia o largo ficava todo tomado. [...] era palanque, que não tem mais, com leiloeiro, leiloando frango assado. [...] acabou tudo (Informante morador da subárea Ilha, trabalhador local do Sítio Burle Marx).

O modo de vida é uma estrutura complexa que articula as diferentes esferas da vida e lhes dá unidade. A sujeição imposta pelos impactos da modernidade desarticula o “velho”. Apresenta-se para alguns moradores como uma condição e não como “perda”. Uma visão de superação, isto é, de etapa cumprida. Embora não haja a ideia de um processo desagregador e imposto pelo capital, percebe-se um entendimento de que essa forma não atende às novas necessidades da população que vive na região. Existe uma tendência (encontrada na fala de alguns moradores) a universalizar essas mudanças, com a visão de que o progresso chega transformando e impondo condições de “melhoria da qualidade de vida” distante das necessidades locais. Como expressa, por exemplo, a antiga moradora da subárea Ilha.

Tudo muda né? A gente muda e temos que aceitar né? Eu nasci em Guaratiba, nesse terreno mesmo, nesse sítio mesmo, né. Tenho 64 anos morando nesse mesmo lugar e vendo isso tudo, tudo mesmo, mudar. A gente tinha uma vidinha simples e calma. Agora é uma loucura isso aqui, né. Mas é o progresso chegando! (Informante moradora da subárea Ilha).

No bairro da Pedra de Guaratiba encontramos antigos moradores subvertendo o conceito de desenvolvimento fechado, que não dialoga com a população, quando expressam a importância de buscar outras formas de crescimento da região que considere a cultura do lugar. O morador traz no seu discurso elementos culturais locais que se perderam.

Eu vim com a minha vó, veio e trouxe a minha irmã com 7 ano, inclusive agora fez 2 anos que ela faleceu. Ela trouxe minha irmã de 7 anos. E quando a minha irmã completou 18 anos ela voltou a Recife, aí quando ela voltou eu vim junto [...] Eu cheguei na Pedra. Tinha assim, tinha peixe, muito camarão, muito siri. Eu chegava assim. A gente mergulhava o camarão pulava nas nossas costas. Eu peguei muito camarão com tursal, a senhora acredita? Fazia assim, pegava assim, a gente entrava na praia aqui, e ia até lá, oh, só pisando em areia. [...] agora a gente entra e não encontra quase nada. Os pescadores estão sem peixe. É muito triste porque eles só sabem fazer isso. Eu não sou pescador (risos). Eu trabalho na

COMLURB. As pessoas que pescam estão passando dificuldades [...]. Aqui tinha festa, de São Pedro né, e no carnaval era muito bom. As pessoas passeavam na praia e tinha cantoria, muita cantoria [...]. Mudou tudo e isso tinha que ficar, né? Porque é uma coisa que só tinha aqui. (Informante morador da subárea Pedra, trabalhador local da COMLURB).

As crenças, os valores, expressos na prática socioespacial dos sujeitos são parte do processo de produção material. Como a sociedade do trabalho em formação confronta com o modo de vida da sociedade tradicional, há tensões e conflitos que se manifestam na região, como observamos na fala de uma antiga moradora da subárea da Ilha ao explicar a mudança de atividades dos moradores.

[...] Mas aí, o que acontece, vem a experiência do sitiante que conhece a terra, o trabalho dele, ali dentro da terra está o trabalho dele. Quem cresceu ali dentro começa a plantar. Mas tem gente que não tem prática, não tem dom pra isso, então vende a terra. Aí não tem um meio de ganhar, de manter aquele sítio ali, aí vende, porque vem o IPTU, vem isso, vem aquilo, e vem num sei o que, e aí vende. Fica sem sustento, sem sua terra e tem que procurar outra coisa para viver. Pede trabalho em outros sítios ou vai trabalhar em loja (Informante moradora da subárea Ilha, trabalhadora local).

Quando se trata da expressão subjetiva das práticas incidindo sobre os modelos de organização espacial, o fundamental parece ser a genealogia do moderno para seguir delimitando as continuidades, descontinuidades e as rupturas.

2.2. O Sertão Carioca: da Freguesia Rural à Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro viveu, desde o período colonial, um processo de ocupação marcado pela visão eurocêntrica, pela perspectiva de desenvolvimento ligada à modernidade e pela divisão do trabalho imposta pelo modo de produção capitalista. Assim como todas as cidades brasileiras, apresenta generalizações e singularidades.

Lencioni (2015) ao estudar o “eixo” que compreende a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o vale do Paraíba do Sul até São Paulo, identifica diferenças no processo de ocupação que dão singularidades às duas cidades – Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar de apresentarem elementos comuns, a autora nos mostra que em relação ao desenvolvimento, ao trabalho e a reestruturação do capital,

ocorreram diferenças que levaram a processos distintos. Enquanto São Paulo teve seu desenvolvimento voltado para o interior, o Rio de Janeiro apresentou relações mais diretas com o exterior e pouco com o seu interior, o que gerou descontinuidades e fragmentações espaciais.

Até 1960 o Rio de Janeiro foi capital da República e teve funções políticas importantes, mantendo relações diretas com o Governo Federal. Apesar de desenvolver as atividades industriais desde 1950, a cidade viveu um processo de desconcentração industrial, o que permitiu o crescimento do setor terciário (em especial das atividades ligadas à prestação de serviços), superando o setor industrial. Essas condições contribuíram para uma ocupação linear e difusa da cidade, o que explica a existência de funções urbanas tradicionais presentes pelo Estado do Rio de Janeiro.

Segundo Davidovich (2001) foi criada uma escala global de relações promovidas tanto pelo Estado quanto pelo capital privado.

[...] ‘a economia do café’, em terras fluminenses, concorreu para a concentração de recursos e funções na cidade do Rio de Janeiro, através da ampliação do movimento de comercialização e de expansão portuária, associadas à importância conquistada pelo setor financeiro e pela produção imobiliária (DAVIDOVICH, 2001, p. 69).

No bojo dessa discussão sobre a produção do espaço da cidade do Rio de Janeiro é fundamental diferenciar os conceitos de “cidade” e de “urbano”. Na visão de Lencioni (2008) a cidade é percebida como um objeto. Sendo um produto social que requer uma perspectiva histórica e traz na sua essência as noções de aglomeração, sedentarismo, mercado e administração pública. Já o urbano é pensado como um fenômeno marcado por um processo histórico inerente à sociedade capitalista.

Nessa perspectiva estudar a cidade é ir além da sua localização e delimitação jurídica administrativa – é considerá-la como um espaço dinâmico e orgânico. A cidade estaria ligada a materialidade do momento, que tem como modelo a metrópole (carregadas de conteúdo simbólico produzido pelas ideologias e representações políticas, econômicas, culturais). Pensar o urbano é reconhecê-lo como um processo que se realiza a partir das estratégias de acumulação do capital, isto é,

“um produto de contradições emergentes do conflito entre necessidades da reprodução do capital e as necessidades da sociedade como um todo” (CARLOS, 1994, p. 14). Com base nessas concepções o importante para a pesquisa é entender que tanto a cidade quanto o urbano propõem uma análise histórica da sociedade que os produz.

Assim, ao analisar a produção do espaço de Guaratiba caminhamos pela história da cidade do Rio de Janeiro, identificando “eventos” significativos que trazem elementos para a reflexão. Segundo Santos (2014) a palavra “evento” tem vários sentidos. O autor, para atribuir um valor distinto a esse vocábulo, recorre à Teoria Geográfica do Evento, e explica:

Se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo (p. 144).

Para conceber o evento como uma possibilidade é preciso diferenciá-lo na dimensão temporal e espacial, pois como analisa o autor “os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço” (SANTOS, 2014, p. 145). Essa perspectiva permite analisar o evento no presente (mas nem sempre este presente é o instantâneo). Compreendemos que quando identificamos um evento passado, falamos de um “presente passado”, e quando analisamos um evento futuro fazemos referência a um “presente futuro”. Essa reconstituição é tão temporal quanto espacial.

Para ampliar o entendimento sobre o evento tomamos como base alguns aspectos desenvolvidos por Santos (2014): a) ele tem movimento (utiliza elementos da atualidade, do presente); b) se esgota nas “suas possibilidades” (e não nas possibilidades oferecidas pelo mundo); c) não se manifesta isoladamente (mas sim em conjuntos sistêmicos); d) é potente e transformador (muda o conteúdo e a significação das coisas pré-existentes); e) é causa de outro evento (percebe-se a totalidade a partir da particularidade); f) não há evento sem sujeitos (os eventos podem ser naturais e sociais, e estes supõem a ação do sujeito, que é diversificada pelo trabalho e pela informação); g) as áreas que ocorrem os eventos podem ter conteúdos parecidos, mas não idênticos (cada área tem a sua particularidade).

Em relação à noção de escala, que se aplica aos eventos, identificamos a “escala de origem” – que envolve os elementos da produção do evento, e a “escala do impacto” – que tem relação com os efeitos da abrangência (e que podem atingir diferentes escalas). Nos diversos contextos históricos da RA de Guaratiba buscaremos eventos, investigando elementos significativos para analisar as contradições espaciais existentes. Para isso desenvolvemos, inicialmente, o conceito de “Sertão Carioca” caracterizando uma realidade ainda presente nas representações espaciais dos sujeitos que vivem na região.

No início do século XX a Zona Oeste ficou conhecida como “Sertão Carioca” (Fig. 7) a partir da divulgação da pesquisa do naturalista Armando Magalhães Corrêa, e com a publicação de reportagens semanais sobre a região no jornal *Correio da Manhã*. O livro “O Sertão Carioca” (1936) é uma coletânea dessas reportagens com detalhada descrição da região, valorizando o seu potencial cultural e econômico. O autor identifica e analisa as atividades desenvolvidas no lugar, sua origem na cultura indígena e estreita relação com a natureza. São pescadores, carvoeiros, machadeiros, esteireiras, tamanqueiros, cesteiros, tropeiros, que dinamizavam a economia local e produziram elementos culturais relacionados à vida rural.

De Camorim a Caeté e mesmo no Retiro, Ilha, Guaratiba, Pedra e Sepetiba, nos distritos de Jacarepaguá e Guaratiba, existem inúmeros cesteiros profissionais. Em Vargem Grande tem o hábil Octavio Baptista, hoje em dia “aposentado”, proprietário dos auto-ônibus da Viação Baptista [...], mas o mestre dos cesteiros nessa zona é o Álvaro Bruno, que vive em Calembá, cuja fama é conhecida como hábil, cuidadoso e perfeito técnico em toda a indústria da cestaria (CORRÊA, 2017, p. 142).

Figura 7: Localização do Sertão Carioca.



Fonte: Corrêa (2017).

Corrêa (2017) analisa as características físicas e sociais com base nas observações, registros de trabalhos de campo, documentos de cientistas naturalistas e entrevistas com moradores e visitantes. O mapa detalhado (Fig. 7) mostra as condições físicas da região com destaque para a baixada de Jacarepaguá, chamada de “Vale dos Jacarés”. Os maciços da Tijuca e da Pedra Branca (áreas de composição granítica, incluída nos gnaisses, com presença de Mata Atlântica) contornam e delimitam o Sertão, constituindo vales dos tributários que irrigam os solos férteis nas planícies de inundação (baixadas de Jacarepaguá e Sepetiba) e criando condições para o sustento das famílias e da cidade – a pesca, o cultivo de alimentos, extração de produtos minerais, animais e vegetais. Na Baía de Sepetiba se destaca a restinga da Marambaia, um cordão extenso arenoso que corta a baía numa configuração de lagos e ilhas. As estradas ligam as localidades conhecidas e os rios fronteiros, que drenam as áreas de baixada e deságuam no oceano.

Ao analisar a vida cotidiana da região, o autor identifica “redutos de brasilidade” (CORRÊA, 2017, p. 54), que deveriam ser conhecidos e incorporados à realidade da cidade do Rio de Janeiro. Assim, apresenta um Sertão próximo, porém desconhecido da realidade carioca e, de certa forma, silenciado por um dis-

curso que buscava no moderno um modelo de desenvolvimento distante do que é próprio à vida do lugar.

Nesse ambiente bem brasileiro, e um tanto isolado, impera ainda a alma pura de nossos caboclos, tudo lembra o que é nosso, os tipos e costumes. Os pescadores são brasileiros, predominando entre eles cariocas e fluminenses, bronzeados pelo sol, rígidos de caráter, patriotas, audaciosos em sua técnica, conhecedores de todos os detalhes de sua profissão e da fauna marítima-fluvial (CORRÊA, 2017, p. 60-61).

As características do Sertão estudadas por Corrêa permitem atualizar aspectos significativos como o potencial de ocupação, a integração com outras áreas da cidade, e a atuação do Estado. Em suas investigações já avultava a falta de comprometimento do governo no atendimento às necessidades da população que vivia no Sertão Carioca, denunciando a precariedade na assistência à saúde, educação e saneamento básico.

Infelizmente o saneamento rural não existe para a zona de Camorim a Vargem Grande; o centro de saúde está localizado no Campinho, e o médico que deveria ao menos passar, uma vez por semana, em socorro dos pobres trabalhadores e seus filhos doentes, aí não aparece (CORRÊA, 2017, p. 189).

A preocupação com a questão ambiental também merece destaque por parte do autor que aponta a necessidade de reflorestamento ou replantio de árvores em determinadas áreas, a partir de técnicas trazidas por cientistas europeus. Denunciou os machadeiros cariocas, verdadeiros “Robinsons Crusoé”, que extraíam madeiras de lei. “[...] A derriba é, geralmente, feita em matas de pequeno talhe, capoeirões e capoeiras, mas muitas vezes lá se vão as madeiras de lei e já bastante idosas” (CORRÊA, 2017, p. 109). A partir de uma análise histórica demonstra que a flora carioca é devastada desde o período colonial (para a construção de casas, obtenção de lenha e carvão), e que era emergente a ação do governo proibindo o uso abusivo dessas práticas, além de uma política “ambiental” que sistematizasse a extração da madeira e o replantio obrigatório nas capoeiras.

O “Sertão Carioca” não é visto, então, como ameaça ou resistência à cidade, mas sim como uma continuidade da vida carioca. O autor apresenta um cotidiano diferente, marcado por atividades rurais que mostram um Sertão dinâmico, aberto, diverso na produção social, cultural e econômica. Uma região que é parte

da cidade e que tem vida própria. Lugar das atividades agrícolas, com cultura brasileira, genuinamente carioca, que deveria ser respeitada e valorizada.

A vida aí é agradável; passei o dia de Santo Antônio em companhia da minha família e do meu amigo Luiz Ribeiro: durante o dia passeios a cavalo aos sítios próximos; a criançada divertiu-se no rio; à tarde jogou-se peteca e assim se passou o dia. À noite, a tradicional fogueira, soltaram-se fogos e não faltaram o melado, o aipim, a batata, o milho e a canjica. A criançada, louca de alegria, saltava a fogueira, comia, dançava e gritava. [...] de vez em quando, chegavam sons de violões e cânticos sertanejos, dos sítiantes mais distantes, fazendo recordar os tempos passados (CORRÊA, 2017, p. 192).

Los Rios Filhos (2000) apresenta o Sertão como “a terra que ficava ao longe e começava no limite suburbano das cidades e vilas, nos lugares afastados por onde passavam afastados rios, nas florestas espessas, nos vales cercados por altaneiras montanhas” (p. 46). A terra que “princiava no desconhecido que tanto se desejava conhecer” (p. 47). O conjunto simbólico sobre o termo – distante, desconhecido, floresta entre outros, traz a visão de fronteira como uma zona que deve ser “desbravada”, numa perspectiva em que o lugar deve ser conhecido/ apropriado pela sociedade carioca capitalista, a partir do conceito de desenvolvimento construído pela modernidade. Nesse sentido, negando a produção social, cultural e econômica já existente.

Assim, compreendemos que a Zona Oeste pela sua origem já “nasce” com vida própria em relação à cidade. A distância a percorrer e as condições precárias de transporte que perduraram por vários séculos, limitou o diálogo entre a cidade e o seu interior. Essa condição fez com que a região buscasse outras possibilidades de relações e um crescimento que, de certa forma, devido a vários fatores, preservou alguns elementos da cultura que representam a imagem de “cidade do interior”. As relações com outras regiões da cidade se transformaram ao longo dos séculos, construindo formas de dependência e escassez. De produtora de bens primários, passa a provedora de mão-de-obra barata, mercado consumidor, “curral eleitoral”. O comércio e os serviços se diversificaram em consonância com atividades tradicionais que, no contexto de globalização, mantiveram particularidades presentes nos diferentes discursos dos sujeitos que vivem na região. Tomamos como exemplo o bairro de Campo Grande, considerado um subcentro, que atrai população por oferecer diversos serviços (principalmente da região de Guaratiba)

e passa por muitas transformações, mas, ao mesmo tempo, conserva certos hábitos, valores e características de cidade do interior.

Então, eu vejo essa Zona Oeste que pesquisei, eu a vejo como um local bem diferente do Rio de Janeiro, da área central, dos subúrbios mesmo... Não tem uma relação de dependência, eu não vejo por exemplo Campo Grande como uma região periférica do centro do Rio, eu vejo Campo grande como um grande núcleo urbano... se você olhar daqui a pouco, de tardinha, o Centro de Campo Grande você vê um monte de gente indo para bairros próximos daqui, saindo do trabalho, indo pra casa... Porque Campo Grande atrai moradores de toda região e de bairros da zona norte... Então eu vejo como um local quase meio autônomo, em relação ao centro do Rio... Então, é uma característica que eu vejo. Têm aspectos da vida rural, alguns hábitos da vida rural, no centro de Campo Grande mesmo, eu vejo gente dando bom dia, que é raríssimo em outros lugares, além e da relação com Guaratiba e também com a Costa Verde, muito próxima (Informante morador de Campo Grande, jornalista e pesquisador da região).

Analisar o “Sertão Carioca” é voltar ao passado da Zona Oeste, estabelecendo relações com o presente, percebendo os nexos das contradições existentes. Para o historiador Mansur (2008) a Zona Oeste é conhecida nos livros didáticos de História pela invasão de piratas franceses em Guaratiba no século XVI, e pelas visitas da família Real a Santa Cruz no início do século. Nesse mesmo sentido, Gerson Brasil (2000) esclarece:

É da tradição oral do Realengo que nas viagens para Santa Cruz, D. Pedro I e sua comitiva paravam na fonte de pedra da igreja, para que seus cavalos bebessem água, enquanto buscava sofregamente a magnífica pinga do vendeiro que ficava defronte, famosa desde Campinho até Campo Grande (p. 78).

Até a chegada dos portugueses, a região era ocupada pelos Tamoios, indígenas da nação Tupinambá, que habitavam o litoral da cidade do Rio de Janeiro, travando muitas lutas com os colonizadores nas encostas do maciço da Pedra Branca, nas áreas de planícies da baixada de Sepetiba, nos mangues e praias. Leontzinis (2000) explica o significado da palavra “Guaratiba”, de origem indígena, que vem de “Guará” (garça vermelha) e “tiba” (muito), ou seja, lugar onde existem muitos guarás. Os guarás são aves que voam em bandos e o seu habitat é o manguezal. Hoje não encontramos guarás na região, mas existem projetos desenvolvidos na RBG para a reintrodução dessa ave nativa.

Estudos arqueológicos mostram que muito antes dos indígenas, há cerca de 3.000 a. C., essa região abrigou na sua parte litorânea tribos seminômades que deram origem aos sambaquis (do tupi “samba”, que quer dizer marisco, e “ki” que

significa amontoados), resultantes do empilhamento de materiais como areias, conchas, carapaças de crustáceos, ossos de peixes, aves e outros (PIMENTA, 2011).

A partir do século XVI, inicia-se o processo de ocupação portuguesa na Zona Oeste. Uma ocupação caracterizada pela concessão de grandes extensões de terra sob um sistema de sesmarias sob a condição de povoar e explorar os recursos existentes. Cristóvão Monteiro, depois de prestar serviços à Coroa Portuguesa, recebe como recompensa uma sesmaria que corresponde parte dos bairros atuais de Guaratiba e Santa Cruz. Outro importante sesmeiro foi Manuel Veloso Espinha que recebeu sesmarias nas terras localizadas ao norte da Ilha Marambaia da Barra, conhecida como restinga da Marambaia, que correspondia a uma área assim delimitada – “seis léguas de sertão da orla marítima para o interior” (PIMENTA, 2011, p. 23). Esta fazenda abarcava uma extensa área de Mata Atlântica, ilhas, lagos e rios, que cortavam toda a região. Nas sesmarias de Guaratiba predominavam as atividades agropecuárias e extrativas, com destaque para a pesca. Essas propriedades produziam alimentos para abastecer a população da cidade.

O caso do Rio de Janeiro parece típico e particularmente interessante, porque nos mostra como a fórmula das sesmarias vai permitir criar uma cidade e rodeá-la de explorações rurais, sobretudo engenhos de açúcar e criações de gado, que lhe permitiam a vida econômica necessária (CAETANO, 1980, p. 348).

A concessão de terras garantia a ocupação da região e já se percebe, nessa época, uma preocupação com a preservação do manguezal, visto que foi proibido obter propriedades particulares nas áreas de mangue, chamadas de “realengos”. A Carta Régia de 1678 delimitou a área que seria atualmente o bairro da Barra de Guaratiba. Uma lei de 1834 determinou que esses terrenos pertencessem à administração do novo Município Neutro ou da Corte (MANSUR, 2008). Essas leis foram atualizadas e possibilitaram a permanência de terras da união na região.

A região se integrou à cidade do Rio de Janeiro com os limites que tem hoje a partir do Ato Adicional de 1834, que criou o Município Neutro. Com a proclamação da República, em 1889, a região se torna legalmente zona rural do Distrito Federal, pois a cidade do Rio de Janeiro era a capital do país.

A distância do Centro da cidade e a localização privilegiada pelo contato com o mar e a serra já dava à Zona Oeste características interioranas de ocupação rural.

Marambaia era a praia de banhos do clã patriarcal ao mesmo tempo em que a porteira de entrada da sua escravaria, cujo isolamento frustrava a fiscalização do tráfico negreiro pelos navios britânicos a serviço de seus interesses coloniais. Marambaia era também uma fazenda cultivada, visto que todos os domínios dos Breves tinham de produzir. Pelas encostas de seu morro subiam cafezais, mandiocas e milharais. O seu fim principal, todavia, era o de receber e aprimorar a mão-de-obra para os latifúndios de serra acima (LAMEGO, p.45, 2007).

A região, atravessada pela Estrada Real de Santa Cruz, foi desde o início terra de latifúndios, de senhores e senhoras de engenhos, cujos limites, na maioria das vezes imprecisas, deram origem a processos judiciais que se “arrastavam” por muitos anos.

Até a chegada da estrada de ferro o único caminho de acesso à região era a Estrada Real de Santa Cruz, antes chamada de “Caminho dos Jesuítas”. Os padres da Companhia de Jesus abriram boa parte da estrada quando construíram as benfeitorias na fazenda Santa Cruz. Fazenda esta que se destacava pela grande produção agropecuária e pela capacidade técnica e administrativa. A organização social e produtiva promovida pelos jesuítas levou à região obras de engenharia importantes como a abertura de canais e a construção de diques e pontes para a regularização do rio Guandu. Os jesuítas compravam fazendas e arrendavam terras, utilizavam mão-de-obra escrava e indígena.

Com as técnicas trazidas da Europa e o conhecimento já obtido no Brasil, o trabalho começou a ser feito. Entre as diversas obras de drenagem e irrigação realizadas pelos jesuítas, destacam-se a Taipa Grande, um dique feito de pedra e barro à margem do Rio Itaguaí e que servia para proteger os pastos das inundações, as valas do Itá e o canal de São Francisco (com dez quilômetros de extensão), o canal de Santa Luzia, a Taipa do Frutuoso. [...] boa parte destas obras foi organizada pelo eficiente administrador da fazenda, o padre Pedro Fernandes (MANSUR, 2008, p.64).

Como a região era rural, os aglomerados urbanos durante quase três séculos ficaram restritos às proximidades das fazendas e engenhos e às pequenas vilas de pescadores. Guaratiba vivia praticamente da lavoura, do extrativismo vegetal e da pesca. Cultivava-se cana-de-açúcar, chuchu, milho, aipim, maracujá, laranja, banana. A mão-de-obra escrava garantia a prosperidade dos engenhos. O inter-

câmbio de peixe entre Guaratiba e a Praça XV era feito por barcos a vela e a remo. Os barcos que traziam escravos, ao retornarem, levavam os produtos da terra, utilizando o rio Portinho, que dava saída para a baía de Sepetiba. (Pimenta, 2011).

O escoamento dos produtos da fazenda Santa Cruz, como o açúcar (para exportação) e a carne bovina, era feito através da Estrada Real com extensão até São Cristóvão. De lá, ligava-se a outros caminhos e vias fluviais para a chegada ao Centro da cidade. Um percurso longo realizado com transporte precário. Era evidente a necessidade de um transporte eficiente para escoar a produção. O cultivo da cana-de-açúcar na região da Zona Oeste foi a economia responsável por sustentar a nobreza no período do Império. A cultura canavieira contribuiu para aumentar a população.

Os jesuítas foram expulsos da região e as propriedades foram confiscadas pelo governo português, entrando em declínio devido a inúmeros problemas na administração e no processo produtivo, o que afetou significativamente a vida cotidiana nas fazendas. Com a chegada da Família Real em 1808, D. João se encantou pela região, promovendo ações que marcaram outra etapa de crescimento. O convento dos jesuítas se tornou Palácio Real, a estrada foi reconstruída e a Família Real passou a receber naturalistas, escritores e pintores europeus na região. Mansur (2008) destaca que uma dessas ações foi a chegada de 45 chineses de Macau, em 1815, para introduzirem a criação do bicho-da-seda, que não foi adiante. Os chineses optaram pelo cultivo de ervas aromáticas e medicinais.

Segundo o escritor Lima Barreto a Estrada Real era, nessa época, mais importante para a economia nacional do que a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco. Nessa estrada circulavam tropeiros, comerciantes, mineradores e donos de engenhos, o que representou papel fundamental na integração dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, além de viabilizar o deslocamento e o comércio das riquezas do interior do Brasil. Para orientar os viajantes que chegavam a Santa Cruz, bem como para fins administrativos, foram instalados marcos de cantaria ao longo do percurso, delimitando doze léguas do Centro da cidade até Santa Cruz. Em 1917 criaram o sistema de diligências ligando Santa Cruz ao Centro. Uma viagem longa e cansativa que se justificava pela necessidade de integrar

as áreas de abastecimento dos produtos comercializados na região (MANSUR, 2008).

Em 1755 as Freguesias de Guaratiba, Campo Grande e Jacarepaguá foram desmembradas da Freguesia de Irajá por Dom José de Barros Alarcão, figura que hoje dá nome a uma das principais ruas do bairro de Pedra de Guaratiba. A Freguesia de Irajá era considerada, até o final do século XIX, uma das mais prósperas freguesias da cidade do Rio de Janeiro (NORONHA SANTOS, 1965).

Com o processo de declínio da produção da cana-de-açúcar na região, o cultivo do café vai ganhando importância no cenário econômico da cidade. Com a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II (atual Central do Brasil), em 1858, o transporte rápido e de maior capacidade permitiu escoar a produção de forma eficiente, como também facilitou o deslocamento da população. O trecho até Campo Grande é finalizado em 1878, estendendo-se até Santa Cruz em 1882. Mesmo tendo como objetivo o escoamento da produção, esse evento possibilitou o acesso às áreas distantes do Centro e colaborou para intensificar o processo de ocupação das freguesias suburbanas atravessadas pela ferrovia. Também promoveu a implantação de linhas de bondes de burro, outro meio de transporte que favoreceu a expansão da cidade, neste caso em direção aos bairros das atuais zonas sul e norte (ABREU, 1988).

Controlados em grande parte pelo capital estrangeiro, trens bondes tiveram um papel indutor diferente no que toca à expansão física da cidade. Os primeiros passaram a servir áreas ainda fracamente integradas (p.43).

Segundo Mansur (2008) o processo de ocupação das áreas mais distantes do Centro contribuiu para a construção de novas estradas, permitindo maior integração da cidade com o seu interior.

No fim do século XIX se consolida uma classe rural de políticos advindos da atual Zona Oeste. Mota e Peixoto (2006) afirmam que, por sua economia agrícola próspera, a região passa a ter destaque na política com os representantes que formam uma bancada rural no governo. Na Primeira República surge o grupo chamado “Triângulo Carioca” composto por lideranças locais de Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, que decidiram eleições importantes. Esse grupo foi lide-

rado por Augusto de Vasconcelos (representante de Campo Grande) e Raul Barroso (representante de Guaratiba). Assim a região de Guaratiba passa a ser reconhecida e, com isso, a receber serviços públicos como água potável, escolas, bonde elétrico, entre outros (MANSUR, 2016).

A cidade do Rio de Janeiro apresentou adensamento populacional nesse período, ocorrendo o deslocamento de população para as áreas mais distantes, eixo Zonas Norte e Oeste. Os subúrbios passam a ser ocupados de forma diferenciada em comparação com as formas já existentes de ocupação do solo. Segundo Cruls (1949) foi formado um “único subúrbio”.

No Rio, ainda por condições topográficas, ao contrário da maioria das cidades, onde as zonas suburbanas se distribuem por vários pontos da periferia, só há, por assim dizer, um único subúrbio: grande faixa de terreno que se dirige na direção oeste e é retalhada em três ou quatro fitas mais finas, que vão tomando nomes sucessivos, à medida que se afastam do seu ponto de partida (p. 16).

Até o início do século XX, nos engenhos situados em Guaratiba (Engenho do Morgado, Engenho da Pedra, entre outros) se produziu açúcar e depois café para abastecer o mercado interno e, também, para exportação (MOTA, 2009).

Com o enfraquecimento do grupo “Triângulo Carioca” a região passa a receber poucos recursos e perde a sua importância no cenário da política. Essa situação se agrava com a proposta do governo de zoneamento urbano em 1918. Esse projeto dividiu a cidade do Rio de Janeiro em três grandes zonas – urbana, suburbana e rural. Usando a topografia como critério, o Decreto 1.185 (04/01/1918), define como zona urbana a parte “mais central, mais antiga, mais importante da cidade, ora plana ou de suave declive para o mar, ora montanhosa extremamente elevada em curtos pontos dessa região” (BOLETIM DA PREFEITURA, 1928, p. 26). Esse decreto não só fragmentou a cidade em áreas distintas com base na topografia e na centralidade econômica, como também as hierarquizou, impondo uma divisão do trabalho entre elas, e reduziu significativamente a extensão da área rural, com o discurso de que “urbano” era sinônimo de crescimento econômico, social e cultural. Cerca de 70% da área correspondente à zona rural do Distrito Federal passou a ser zona suburbana. O que se percebe é uma nova visão da cidade quanto ao traçado urbanístico ideal, determinando os usos da terra, a reserva de áreas verdes e o direcionamento da expansão e do adensamento urbano. Tais

ações estratégicas, além de aumentarem a arrecadação de impostos, tinham a finalidade de preparar a cidade para “as celebrações do Centenário da Independência, que caminhou em paralelo com a construção da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e a valorização das representações que tal região carrega”. (OLIVEIRA, 2017, p. 333).

Copacabana a partir da década de 1920 recebe investimentos públicos e inicia o processo de ocupação movido por interesses imobiliários e pela “modernização do espaço urbano”. Na visão de O’Donnell (2013) se instala uma cultura praiana e uma elite moderna sofisticada, o que traz uma representação da natureza que envolve o lazer, a qualidade de vida e a valorização do que é externo à cidade, bem diferente da representação da natureza do “Sertão Carioca” – área ligada à produção de alimentos, ao trabalho agrícola, à cultura carioca, e ao sustento da cidade.

Com a expansão urbana para a Zona Oeste o cenário de riquezas do tempo do Império sofre significativas transformações. As propriedades rurais decadentes, que foram fragmentadas com o declínio da produção dos engenhos de açúcar e das lavouras de café, cederam espaço para as propriedades menores que mais tarde virariam bairros, herdando os nomes das fazendas que lhes deram origem. Outro fator importante na transformação do cenário foi o enfraquecimento da bancada ruralista no governo. Peixoto e Mota (2006) afirmam que com o Decreto 1.185 o Estado marca uma política de gestão urbana, baseada em intervenções urbanísticas – oferecendo concessões às empresas privadas, fiscalizando serviços e incentivando o mercado imobiliário, o que acelerou o processo de ocupação urbana. Oliveira (2017) destaca que o processo de urbanização da Zona Oeste foi marcado por um cenário de disputa entre grupos políticos que buscavam, naquele momento, autonomia em relação ao Governo Federal, e a abertura ao capital privado.

Nessa conjuntura a Zona Oeste manteve uma economia agrícola que, com a decadência do café, aposta na citricultura e na olericultura. Segundo Silva e Gamarski (2010) a região ficou conhecida como “Citrolândia”, por causa da grande produção de frutas, com destaque para a laranja. Isso consagrou a região como o celeiro do Distrito Federal. Nos anos 1920, com o objetivo de incentivar a produção agropecuária na região, a prefeitura criou a Colônia Agrícola e Granja em

Guaratiba, e implantou na Fazenda Modelo projetos de melhoria da qualidade da produção agrícola e pecuária, além de construir escolas rurais. De acordo com Mota (2007) e Pimenta (2011) a fazenda Modelo em Guaratiba, o Matadouro em Santa Cruz e a educação rural foram ações que institucionalizaram a região como área rural da cidade. A Fazenda Modelo passou a organizar exposições agropecuárias anuais para dar assistência técnica aos produtores da região.

Até os anos de 1950, a Fazenda Modelo, já há muito tempo propriedade da prefeitura do Distrito federal, era ainda uma referência quanto à produção de animais de corte, hortigranjeiros e quanto ao estado impecável de suas instalações, chegando a possuir 15 mil galinhas da raça “leghorn”, até então rara entre nós, uma chocadeira para três mil ovos, inúmeras vacas leiteiras, animais de sela, marrecos, pavões, gansos e imensos viveiros de pássaros de beleza incomum (PIMENTA, 2011, p. 116).

Na Câmara Municipal, os vereadores reivindicavam a drenagem dos rios, o asfalto nas estradas e a integração dessas áreas através da construção de uma estrada que ligasse Campo Grande até Guaratiba. Ganhou corpo a ideia de criar linhas de bonde que ligassem Santa Cruz, Guaratiba e Sepetiba, atendendo aos interesses dos agricultores, veranistas, turistas e moradores (MANSUR, 2008).

Segundo Weyrauch (2013) a produção de laranja entrou em decadência com a Segunda Guerra Mundial, pois a rota comercial de exportação dos produtos foi afetada e a praga chamada “mosca do Mediterrâneo” afetou drasticamente os laranjais da Zona Oeste. Os produtores falidos venderam suas terras a preços baixos e, aos poucos, foram sendo loteadas. Com o avanço da especulação imobiliária nessas áreas degradadas, os traços rurais da paisagem vão desaparecendo ao longo das décadas seguintes.

Para Mota e Peixoto (2006) o Decreto 1.185 promoveu um eixo da expansão urbana da cidade para a Zona Oeste, estimulando a atuação de construtoras e empresas fornecedoras de infraestrutura urbana. A infraestrutura da região, que tinha como foco central, num primeiro momento, facilitar o escoamento da produção do “Sertão Carioca”, passa a atender aos projetos imobiliários.

A região foi grande produtora de laranja até a década de 1965, seguida pela produção de bananas e pela olericultura advinda da agricultura de subsistência. Toda produção era comercializada nas feiras livres dos bairros. A pecuária de cor-

te contava com a proximidade do matadouro em Santa Cruz, transferido em 1881 do Centro para a região. Esse fato contribuiu para agilizar o escoamento da produção de carne bovina, facilitado pela estrada de Ferro Dom Pedro II que ligava a região ao Centro do Rio (ABREU, 2013).

Os censos do IBGE realizados em 1940 e 1950 indicam que a população dos bairros cortados pela linha férrea do ramal de Santa Cruz cresceu 66%, mas diminuiu na década de 1960, após a abertura da estrada Rio-São Paulo, que promoveu o crescimento dos municípios vizinhos como Nova Iguaçu, São João de Meriti, Caxias e Nilópolis (abrangendo a Região Metropolitana do Rio). Entre 1950 e 1960, a população do bairro de Campo Grande cresceu 112%, obtendo o maior índice de crescimento da cidade em decorrência das transformações urbanas, especialmente a transformação das áreas decadentes de citricultura em loteamentos.

A topografia da região, com relevos suaves, favoreceu a implantação de loteamentos com baixo custo de investimento. A presença de um núcleo urbano desenvolvido em Campo Grande, com ampla oferta de comércio e serviços, numa região com muitas fazendas, chácaras e granjas criou, como já mencionado, uma representação de “cidade do interior”, com relações de vizinhança, sentimento de tranquilidade, casas com quintais, acesso a produtos agrícolas (legumes, verduras e frutas) oriundos da produção familiar local. Isso foi possível porque as famílias enriquecidas com a citricultura e posteriormente com a venda das propriedades loteadas investiram no comércio local. Cabe ressaltar que Santa Cruz também apresentou altos índices de crescimento populacional, registrando percentuais de 49% em 1940-1950 e de 56% em 1950-1960, mas permaneceu com um comércio incipiente. Ainda preservava seu caráter rural ligado mais especificamente à pecuária de corte (SOARES, 1965).

Guaratiba não acompanhou esse padrão de crescimento, mas valorizava-se pela balneabilidade que atraía turistas e veranistas com suas praias, restingas, lagos e, também, uma vasta área verde preservada no Maciço da Pedra Branca e nas Serras da Capoeira Grande e Cabuçu. Essa área foi favorecida pelos investimentos em transporte (que melhoraram as vias de circulação para Campo Grande com estradas asfaltadas, linhas de bonde, ônibus e lotação) e pela gradativa substitui-

ção das grandes propriedades por sítios menores. Os relatos abaixo mostram as características locais que atraíam população para os bairros da região de Guaratiba nas décadas de 1950 e 1960.

Eu morava em Bangu e compramos uma casinha na Pedra. Só para descansar. Eu, uma moça na época (risos) gostava de praia. Tinha o bonde que pegava em Campo Grande... a gente chamava de lotação. Demorava muito pra chegar, mas chegava sim... uma maravilha. Depois deixei de vir porque fui morar fora. Morei muito tempo em Portugal. Minha mãe era portuguesa e precisou de mim. E eu fui e fiquei muitos anos fora. Voltei em 1985 quando meu sobrinho neto Alexandre chegou. Nasceu. Aí fui direto morar na Pedra. Bangu já estava complicado de morar. Vendi minha casa e vim pra cá até hoje. Só saio daqui para o Murundu (risos). Aqui, mesmo com as mudanças é tranquilo, eu conheço os vizinhos e fico vendo os pescadores, os turistas. A Ponta Grossa pra mim é o lugar mais lindo de tudo que já vi (Informante moradora da subárea Pedra).

Essa casa tem muito tempo. Não tinha túnel não tinha nada era a Serra mesmo. Eu conheci isso aqui porque meu pai era militar e trazia a gente pequena pra restinga pescar, nadar, a gente adorava. Até que ele comprou a casa e a gente passava férias aqui. Da Tijuca pra cá a gente falava que vinha pra roça. Aqui parecia e ainda parece, né, que o tempo não passa. A gente conhece todo mundo... quem é minhoca da terra quem não é... Mas agora tem muita gente nova, comprando casa pra morar, porque fica encantada com essa beleza. “Eu sou tijucano, estou velho, gosto muito daqui (Informante veranista da subárea Barra).

Até os anos 1950, os problemas da região de Guaratiba eram típicos de uma área rural que aos poucos se urbanizava. Nesse período, a prefeitura restaurou a linha de bondes para a Pedra depois de muita pressão da população. A reportagem do Jornal da Noite (13/03/1944) registra a reinauguração da linha do bonde que ligava Campo Grande à Pedra de Guaratiba – “No domingo, após a reinauguração dos bondes a Pedra recebeu mais de 7.000 passageiros, provocando uma situação inusitada”. Os fragmentos da reportagem abaixo informam o impacto causado pela concentração de pessoas que visitaram o bairro naquele fim de semana.

A noite não havia mais alimento na “cidade dos pescadores” – Esgotaram-se até latas de compotas.

2.014 passageiros no dia da inauguração – os elétricos a serviço do abastecimento do Rio, conduzindo legumes, batatas, ovos, frutas e mantimentos – o dobro de viagens, devido ao excesso de forasteiros na Araxá Carioca.

Meu pai falava sobre isso. Foi no fim de semana, no domingo. Neste dia faltou luz elétrica e as pessoas tiveram que voltar pra Campo Grande a pé.

Esse evento expressa a importância do acesso ao transporte público no deslocamento da população seja para o trabalho, seja para o lazer. Chama a atenção o número de pessoas que saíram de Campo Grande para visitar a Pedra de bonde. Em relação às transformações urbanas na região, existiam tensões entre os que eram a favor e os que eram contra as mudanças. Edgard Roquette-Pinto denunciava o êxodo rural que vinha ocorrendo no “Sertão Carioca”, promovido pelas transformações urbanas.

As intervenções urbanas que aconteceram na cidade, com destaque para a construção da Avenida Brasil em 1946, alteraram a dinâmica urbana que estava diretamente relacionada ao processo de expansão da cidade para o subúrbio (COSTA, 2006). A estrada ligando o Centro à Santa Cruz facilitou o deslocamento da população para áreas menos valorizadas da cidade. O jornal O Globo (17/03/1953), na reportagem “Um grande túnel para a Zona Oeste”, mostra que o túnel da Grota Funda já era uma realidade no planejamento de estruturação urbana da prefeitura. Naquela época o objetivo era integrar os bairros de Campo Grande, Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Jacarepaguá. A abertura do túnel no Morro do Pontal estabeleceria a ligação da Estrada da Ilha (do lado de Campo Grande e Guaratiba) com a Estrada dos Bandeirantes e a Avenida Litorânea (do lado de Jacarepaguá), além de facilitar o acesso à zona sul da cidade pela Estrada Presidente Dutra. O projeto da prefeitura não se concretizou, sendo retomado em 2010 num contexto em que a cidade do Rio de Janeiro se preparava para os grandes eventos.

Assim, a região que na época convivia com problemas relacionados ao rural passa a ter problemas urbanos, principalmente em relação às questões ligadas à propriedade da terra. Com o processo de fragmentação das antigas fazendas e sítios os conflitos pela posse da terra aumentaram. O jornal O Globo (07/07/1951) noticiava a resistência dos posseiros de Pedra de Guaratiba, que lutavam contra o loteamento de suas terras. As empresas tomavam posse das terras por meio de grilagem, com o propósito de transformar o bairro em lugar de veraneio. Em 1953, o vereador Miécimo da Silva denunciava na Câmara dos Vereadores do Rio a violência que o proprietário do loteamento Vilamar de Guaratiba exercia sobre os agricultores e moradores do bairro da Pedra de Guaratiba (GAZETA DE NO-

TÍCIAS, 23/04/1953). O conflito entre posseiros e grilheiros na região, especificamente em Santa Cruz, Campo Grande e Guaratiba, tornava-se público pelos jornais da época (Mello, 2015). Atualmente, a construtora Vilamar é proprietária de extensa área no bairro da Pedra de Guaratiba. Os loteamentos são legalizados, com títulos de propriedade. O diretor da empresa explica o processo de legalização e venda dos terrenos.

Então Vilamar é uma empresa que surgiu em 1953 que teve seus lotes aprovados pela prefeitura do Distrito Federal. Loteamento inscrito nos livros número 8, no nono registro de imóveis. É um loteamento que pega toda a Pedra de Guaratiba, por isso se ouve falar muito na Vilamar. Aqui nós éramos os proprietários de seis milhões de metros quadrados. Tem 12 mil lotes desmembrados, todos com RGI. [...] nós perdemos 1.012 lotes com as invasões. [...] Nós temos loteamentos com documentação perfeita, tudo pronto para morar (Informante diretor da empresa Vilamar).

A extensa área de loteamentos da empresa Vilamar está relacionada ao processo de ocupação da região, que tem na sua origem às propriedades de grande dimensão, a decadência da produção rural, o acentuado processo de grilagem de terras, a falta de um projeto de estruturação fundiária e a abertura para o mercado imobiliário.

A especulação imobiliária na Zona Oeste intensificou as áreas loteadas e aumentou o preço da terra na zona rural. Muitas áreas ficaram improdutivas à espera da valorização. Outras foram arrendadas pelos agricultores a preços baixos e com pouco investimento. Apesar do aumento da população e do comércio, em especial no centro de Campo Grande, os serviços públicos de infraestrutura não acompanhavam o ritmo do crescimento populacional que avançava rapidamente.

O crescimento urbano sobre a zona rural da cidade apontava para mudanças nas atividades agrárias. A pecuária dava lugar à avicultura, a fruticultura e a olericultura foram substituídas pelo cultivo de plantas ornamentais. Segundo Fernandes (2017), o paisagista Roberto Burle Marx foi responsável por esta nova vocação implantada em alguns sítios da região, em especial na Ilha de Guaratiba e na Barra de Guaratiba. Ao instalar-se no Sítio Santo Antônio da Bica, contribuiu para a formação profissional de proprietários de terras locais que iniciaram a produção de plantas ornamentais.

A história é muito grande. Quando Burle Marx veio pra cá em 1949 e as pessoas que vieram trabalhar aqui já tinham uma expertise de produtores rurais. Só que passaram a trabalhar com planta ornamental, desenvolveram técnicas de cultivo de plantas ornamentais e aqui passaram a fazer parte da equipe do Burle Marx. De execução dos jardins, de viagens, expedições, coletar plantas, trazer pra cá, aclimatar, usar no laboratório, pra depois saber como usar nos projetos do Burle Marx no mundo todo. [...] e esse conhecimento apropriado aqui no sítio se difundiu também na região, na medida em que algumas pessoas saíram daqui e nas propriedades que tinham começaram a propagar plantas, ser produtores, pra até mesmo abastecer, ou seja, fornecer a demanda que tinha a empresa Burle Marx e companhia, que era muito grande ... então assim, como exemplo, meu pai, meu tio. Meu tio foi encarregado do Burle Marx, trabalhava na recepção dos jardins e transformou o sítio, a propriedade numa produção de plantas ornamentais ele foi o primeiro, o Evanir de Sousa. Meu pai era metalúrgico, na área técnica da AGT, e aí meu tio chamou meu pai pra dar continuidade ao negócio. Meu pai aderiu à sociedade e até hoje tá aqui, 50 anos vendendo plantas (Informante morador da subárea Ilha e trabalhador local do sítio Burle Marx).

Os conflitos pela terra na região se tornaram acirrados no período entre 1950 a 1980, associados à falta de investimento público e de políticas públicas. Nessas décadas aumentaram as denúncias de grilagem, porque construtoras estavam se associando a grileiros para expulsar os posseiros. Em 1982, agricultores na Ilha de Guaratiba ainda eram ameaçados de despejo das terras que suas famílias ocupavam por décadas, o que demonstra o poder dos grileiros e das empresas que atuavam na região (Mello, 2015). Os relatos denunciavam esse conflito.

Eu era pequena nessa época, mas ouvia meu pai falar: cuidado! Agenor eles vão tirar de lá você, cuidado! E seu Agenor teve que sair da terra com seus filhos que faziam a lavoura. [...] ninguém podia fazer nada. Eles chegavam armados, e com pau desmoronavam a casa. De dia de noite. Seu Agenor foi embora, num sei pra onde. Ele era do Estado do Rio, parece que sim, não sei não (Informante moradora da Pedra de Guaratiba).

Tudo aqui é posse. Sempre foi posse. Barra e Ilha, tudo posse. Pedra tem a Vilamar e Guaratiba tem posse também. Das famílias que vieram pra cá há muito tempo. Minha família tem sítio na Ilha. Era do meu vô e depois passou para o meu pai e agora é meu e da minha irmã que mora na Itália (Informante morador da Barra de Guaratiba e comerciante local).

O abandono da região por parte do governo vai ser progressivamente substituído pela crescente preocupação com a região como área de fronteira, de ocupação e de desenvolvimento da cidade. Em 1976, o Banco Central do Brasil realizou um levantamento topográfico em terras da freguesia de Campo Grande e Guaratiba, com o objetivo de conhecer a realidade da região que se valorizava rapidamente.

A matéria do Jornal do Brasil em (06/07/1975), com o título “Marcha Para Oeste”, demonstra que desde 1965 a Zona Oeste da cidade vinha sendo ocupada por moradores das favelas da Zona Sul, com novos conjuntos habitacionais e, mais recentemente, por novos complexos industriais. Para os novos moradores o local estava longe de ser um “eldorado”, pois faltava emprego e infraestrutura – transporte, abastecimento de água, saneamento básico. Para os antigos moradores as esperanças de crescimento foram substituídas pelos inúmeros problemas urbanos.

A “Marcha Para Oeste” teve como premissa que os trens supririam as demandas de transporte, ligando o local de moradia aos locais de trabalho, o que não aconteceu. No fim da década de 1970, cerca de 60% da população economicamente ativa vivia nos bairros da Zona Oeste. As indústrias localizadas na região não absorveram a mão-de-obra local, que não era especializada. A maior parte da população foi obrigada a buscar trabalho em áreas distantes, principalmente no Centro da cidade.

A Zona Oeste passa a ser considerada área de expansão da cidade, recebendo população oriunda do processo de remoção das favelas, principalmente do Centro e dos bairros da Zona Sul. Guaratiba teve baixo impacto, porém passa a ser área de atração de população nordestina que vem ocupar as margens do rio Piraguê. Naquele momento, a multinacional Michelin instala na região uma grande unidade de produção, a primeira no Brasil, atraindo população em busca de emprego.

Com a decadência das lavouras e o abandono das terras, a região de Guaratiba se transforma rapidamente, com a presença de loteamentos de baixo custo, na sua maioria irregular. Sem registro de imóveis, essas propriedades não tinham regulamentação fundiária e a ação dos grileiros dificultava qualquer tentativa nesse sentido. Os problemas se agravaram com a poluição da Baía de Sepetiba, diminuindo o pescado e a balneabilidade da área.

As construções irregulares se multiplicaram e, no fim da década de 1980, grande parte das terras da região já havia sido loteada, mas ainda conservava ter-

ras agricultáveis que se concentravam na Ilha de Guaratiba e parte do bairro de Guaratiba.

Cabe destacar que nas décadas de 1970 e 1980, a região de Guaratiba recebeu muitos veranistas e turistas vindos das Zonas Norte e Sul da cidade, em busca de locais aprazíveis, com características de balneário, com bons restaurantes, etc., o que exigiu da prefeitura investimentos em estradas, em especial a ampliação da Avenida das Américas cortando toda a extensão da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes, com a abertura de um novo trajeto na Grota Funda ampliando o acesso à região.

Os restaurantes da Barra de Guaratiba começaram a chamar atenção pela qualidade do pescado e o bairro passou a ser conhecido pela prática do surfe, que se popularizava no Rio de Janeiro. As preocupações com o meio ambiente do entorno da Baía de Sepetiba e do Maciço da Pedra Branca cresceram. Em 1974, o governo do antigo Estado da Guanabara criou pelo Decreto Estadual 7.549 (20/11/1974) a Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba com o objetivo de preservar os manguezais e os sítios arqueológicos. A reserva estendia-se, então, do rio Picão até a Restinga da Marambaia, passando pela Estrada da Matriz e Estrada da Ilha, margeando as áreas ocupadas pelo exército. Nesse mesmo ano temos a criação do Parque Estadual da Pedra Branca. Cabe ressaltar que, em 2010, a reserva passa a se chamar Reserva Biológica de Guaratiba e tem seus limites reduzidos.

Existem diferenças no conteúdo simbólico das representações dos sujeitos em relação às atividades desenvolvidas nos bairros da região de Guaratiba, o que dá singularidade às áreas. Por exemplo, a mesma atividade pesqueira tem práticas diferenciadas em cada bairro. Os restaurantes da Barra de Guaratiba atendem um público determinado, que não frequenta outros estabelecimentos, como relatado a seguir.

Eu acho que tem diferença. [...] é uma linha que faz de mudança de mar. Eu sinto que tem. A mudança do mar. A mudança de mar. E a mudança dos próprios pescadores, por causa desse caminho que eles passam, que eles acham que é um caminho, que dá pra eles maiores condições de status né, por terem peixes que são diferentes dos peixes que pescam aqui, em Pedra de Guaratiba né. Eles têm outros pescados lá, né, ou tiveram, e fazem esse caminho gastronômico. E fazem

esse caminho gastronômico que fica. A Barra de Guaratiba próxima da Serra, que já vai pro outro lado, que já vai pra Barra. Eu acho que o caminho que eles fazem de Barra de Guaratiba é o caminho que vai pra Barra, não é o caminho que vem pra Pedra (Informante moradora da subárea Pedra e representante da Associação Mulheres de Pedra).

Você vê o nosso restaurante, você vai pra Zona Oeste todo mundo conhece, cê vai pra Zona Sul, todo mundo conhece, na Zona Norte... ah! Já ouvi falar na Tia Penha. A gente tem clientes aqui que ele vem semanalmente, pelo menos duas vezes por semana. Vem da Ilha do Governador. Então, assim, pessoas que estão no Sul, em São Paulo, quando vêm pro Rio, vêm pra Tia Penha (Informante morador da subárea Guaratiba, trabalhador local, gerente do restaurante Tia Penha na Barra de Guaratiba).

A Pedra de Guaratiba, conhecida pela vila de pescadores e pela paisagem bucólica, atraiu na década de 1980 uma população artística e intelectual que promoveu transformações no bairro, principalmente em relação à presença de movimentos sociais e fundações de assistência social, o que até hoje é um diferencial do lugar.

Então, quando nós chegamos aqui, ou melhor, que eu cheguei aqui, Pedra estava muito efervescente, né, nos anos 80, tinha uma vida cultural muito intensa, muito intensa mesmo. Nesse período estavam acontecendo o planejamento de duas Associações. Uma era a Associação de Ecologia, e a outra era a Associação de Artistas Plásticos de Pedra de Guaratiba. Então, essas duas, eu pude participar de todo o processo de formação, dessas duas Associações. Numa delas cheguei a ser Tesoureira, na dos Artistas e Amigos das Artes de Pedra de Guaratiba. E era um momento muito potente em Pedra, porque tinham muitos artistas plásticos morando em Pedra de Guaratiba. Não só artistas plásticos, mas tinha músicos, tinha compositores, e tinha muita gente em Pedra de Guaratiba nessa época nesses anos 80. E era uma efervescência de acontecimentos. Pedra vivia efervescente, recebendo muitos turistas. Então, é o que sempre digo que Pedra, nesses anos 80/90 estava pra Santa Teresa, assim como Santa Teresa é hoje para a cidade do Rio. Eu faço esse paralelo, né, de Pedra e Santa Teresa. E que também, esses artistas, já nos anos 90, final dos anos 90, eles começam a sair de Pedra e ir pra Santa Teresa. Foram potencializar essa relação em Santa Teresa. E era isso. Pedra era forte, era potente, era rica nessa relação cultural e gastronômica, porque é mesmo, né. É turística também (Informante moradora da subárea Pedra e representante da associação Mulheres de Pedra).

Mello (2015) na sua pesquisa em Pedra de Guaratiba analisa o movimento denominado “Canteiro de Arte”, que promoveu na década de 1980 essa efervescência cultural e desenvolveu iniciativas importantes ligadas não só às artes plásticas, mas também às questões ecológicas da região. As parcerias realizadas com a Casa da Cultura, com a Associação Guaratibana de Ecologia e Cultura e, outras instituições, evidenciaram as demandas e os interesses da população local.

A Zona Oeste é a área de expansão da cidade a partir dos anos 1970-1980. Na Região de Guaratiba novos loteamentos foram construídos na expectativa de valorização. Guaratiba torna-se objeto de o interesse das construtoras, das indústrias e também dos ambientalistas. Como exemplo, citamos o loteamento Enseada das Garças, construído em 1976, na Praia da Brisa, indicado como “um ótimo investimento para quem estivesse disposto a aguardar pela valorização dos terrenos” (JORNAL DO BRASIL, 1976). A instalação da Fábrica de Plásticos Tupperware (1976), o CETEX (1980), a EMBRAPA (1984), a EMBRATEL (1984), criaram uma expectativa de crescimento para a região que, entretanto, não aconteceu.

O Plano Urbanístico Básico do Rio de Janeiro (PUB-Rio) elaborado pelo Decreto 1.270 (27/10/1977), com base na perspectiva desenvolvimentista, dividiu a cidade em cinco áreas de planejamento. Cada uma subdividida em Regiões Administrativas, tendo como prioridade o ordenamento de terras e a definição de Áreas de Preservação Ambiental. A AP-5 (Área de Planejamento 5), que abrange a RA de Guaratiba, entre outras, delimitou uma área complexa, com problemas no setor habitacional, na regulamentação fundiária e na infraestrutura urbana.

A década de 1990 mostrou uma cidade com visíveis sinais de decadência política e econômica, apresentando problemas de infraestrutura urbana, grande desigualdade sócioespacial, aumento das áreas de favela. Os investimentos públicos foram pontuais, priorizando as áreas mais valorizadas da cidade, como o Centro e a Zona Sul. O mercado imobiliário avança sobre a RA de Guaratiba, valorizando as terras e mudando as paisagens. Até a década de 1990 a região era caracterizada como um dos últimos remanescentes espaços rurais da cidade. Na Ilha de Guaratiba, Guaratiba e Pedra de Guaratiba, encontrávamos áreas com atividades agrícolas, produzindo frutas, verduras e legumes. Esse processo de valorização fundiária da região diminuiu significativamente a produção agrícola, aumentou a população e os condomínios residenciais passam a ser uma realidade na região.

A partir da década de 2000 as gestões municipais, através dos planos estratégicos e do plano diretor, são marcadas por intervenções urbanas que têm como objetivo preparar a cidade para sediar grandes eventos. A RA de Guaratiba ganha investimentos públicos pontuais, em especial no que se refere a circulação viária,

alterando significativamente a vida cotidiana dos bairros. A Pedra de Guaratiba e a Praia da Brisa são incluídas no projeto de revitalização da orla da prefeitura – “Eco Orla”. Com a justificativa do potencial turístico dessas áreas, a prefeitura inicia, no ano de 2004, a construção de um deque nas praias, cria áreas de lazer e realiza o replantio da vegetação típica de manguezal.

Com ares de Mediterrâneo – A nova face da Pedra de Guaratiba vai torná-la ainda mais atraente no próximo verão. O projeto de remodelação vai criar até uma faixa de areia limpa para apagar as marcas de um tempo de degradação. A modernidade estará presente também nos dois cata-ventos que serão ali instalados – a energia eólica. (...) nem mesmo os aficionados por esportes e prática de exercícios foram esquecidos. O local contará com quadras de vôlei e equipamentos de ginástica para agradar a geração saúde (Jornal O Globo, 19/06/2004).

O discurso recupera elementos da modernidade como sendo algo novo, que utiliza energia limpa e favorece a prática esportiva. Essa visão muito se assemelha ao discurso que encontramos no início do século XX com o processo de ocupação do bairro de Copacabana, que nos mostra, a relação entre modernidade e desenvolvimento, agora associada à questão ambiental.

Assim, a Zona Oeste entra no século XXI com uma configuração urbana baseada ainda num modelo de desenvolvimento conservador, respaldado na iniciativa público-privada, com ênfase no mercado imobiliário. A reportagem do jornal Extra (22/05/2011), com o título “De carona no crescimento – no embalo de Campo Grande, Santa Cruz é aposta dos construtores nos próximos dois anos”, destaca o incentivo da prefeitura ao conceder licenciamentos para a construção de moradias nos bairros de Campo Grande e Santa Cruz.

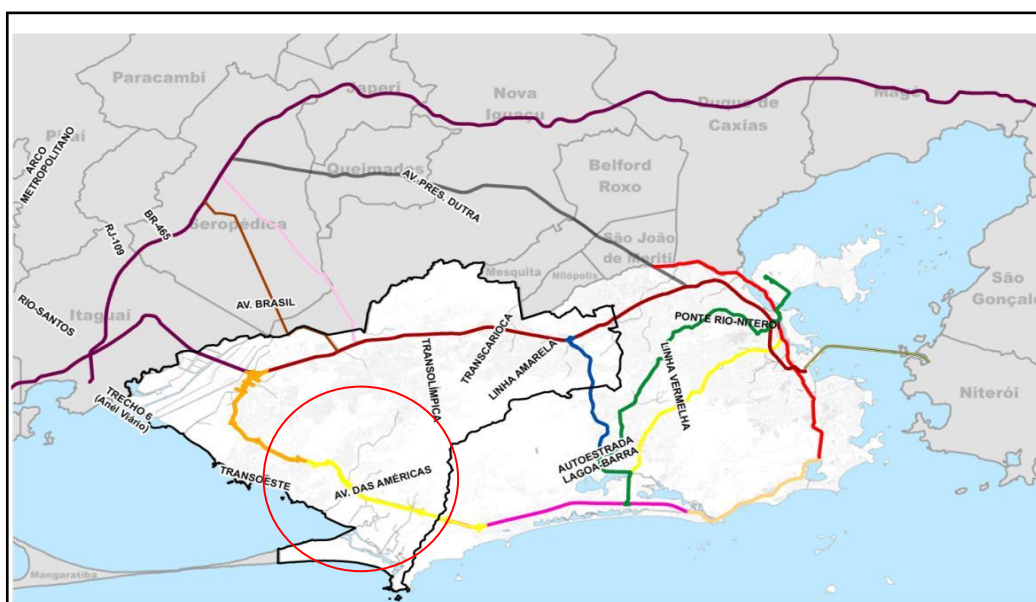
Se a Zona Oeste se firma cada dia mais como a bola da vez do mercado imobiliário carioca, a menina dos olhos dos construtores na região é Campo Grande. Em 2010, o bairro recebeu 17.802 novas licenças da Secretaria Municipal de Urbanismo, contra apenas 3.262 na Barra da Tijuca. Seguindo o rastro do gigante, Santa Cruz vem despontando como outra promessa. No ano passado recebeu 11.528 novas licenças. – Quem compra moradia em Campo Grande é da região. Os moradores que estão migrando da Zona Sul e da Zona Norte procuram a região de Jacarepaguá e Recreio. (...) para as Olimpíadas do Rio, em 2016, serão construídas pelo menos três vias expressas que podem beneficiar Santa Cruz (JORNAL EXTRA, 2011, p. 22).

Com o início da construção do Túnel da Grota Funda em 2010, e sua inauguração em 2012, abrem-se novas perspectivas para o capital imobiliário em Guaratiba. A região é vista como a nova fronteira do mercado imobiliário carioca. A

reportagem, do Caderno Zona Oeste, do jornal O Globo de 20/08/2000 – “Caminho livre para o túnel da Grotta Funda”, traz informações sobre o processo de construção do túnel, ressaltando que a obra contaria com financiamento do Governo Federal em parceria com a prefeitura do Rio. Para o governo esse investimento seria totalmente recuperado com a expansão da cidade em direção à Guaratiba, Santa Cruz e Campo Grande, na forma de impostos e na geração de empregos.

Com o túnel pronto foi possível concluir o projeto da Transoeste, importante corredor de transporte coletivo (*Bus Rapid Transit* – BRT), que ligou a Barra da Tijuca à Santa Cruz e Campo Grande, reduzindo o tempo de viagem e colocando em evidência bairros antes escondidos pela serra da Grotta Funda. A reportagem da revista *TECHNIBUS* (2010, n. 93) – “Em sintonia com o mundo”, desenvolve uma breve discussão sobre o transporte rodoviário nas grandes cidades e a qualidade dos Neobus, que com uma versão moderna do ônibus se aproxima do veículo sobre trilhos em termos de design, capacidade e eficiência. Apontado como solução para o problema do transporte urbano é justificado pela prefeitura como “o caminho que está sendo feito em outros lugares”. Junto com o BRT vem a concepção do moderno, de um modelo universal e, redimensiona o conceito de ônibus. O mapa (Fig.8) localiza as vias Transoeste (na área em destaque), Transolímpica, Transcarioca e Transbrasil, que fazem parte do projeto de reestruturação urbana da cidade e utilizam o BRT.

Figura 8: Principais vias de circulação da cidade



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

Dessa forma, uma nova zona de fronteira é aberta na cidade e, consequentemente, outro eixo de expansão para o mercado imobiliário. Essas intervenções urbanas provocaram crescimento populacional, trouxeram novos empreendimentos imobiliários e criaram um vetor de expansão com outras lógicas de ocupação.

Em 2010, a prefeitura suspendeu temporariamente o licenciamento de construção, acréscimo ou modificação para a região de Guaratiba com a finalidade de promover estudos de ordenamento urbano. Contudo, ao mesmo tempo, essa ação contribuiu para a ocupação de áreas sem infraestrutura urbana.

2.3. Guaratiba como área de expansão da cidade do Rio de Janeiro

No Brasil, o processo de expansão urbana é relativamente recente, pois se articula a um conjunto de mudanças na sociedade brasileira, em especial na área econômica, que vêm da década de 1930. Todavia os dados dos censos indicam que é na década de 1970 que a população urbana é superior a população rural.

A economia urbano-industrial impulsionou o processo de urbanização e o crescimento demográfico resultando em grandes aglomerações metropolitanas e, consequentemente, em adensamentos populacionais nas metrópoles. Com a des-

concentração industrial o Estado e o mercado imobiliário promoveram um novo padrão de expansão urbana e de redistribuição espacial da população, atendendo às estratégias de acumulação do capital.

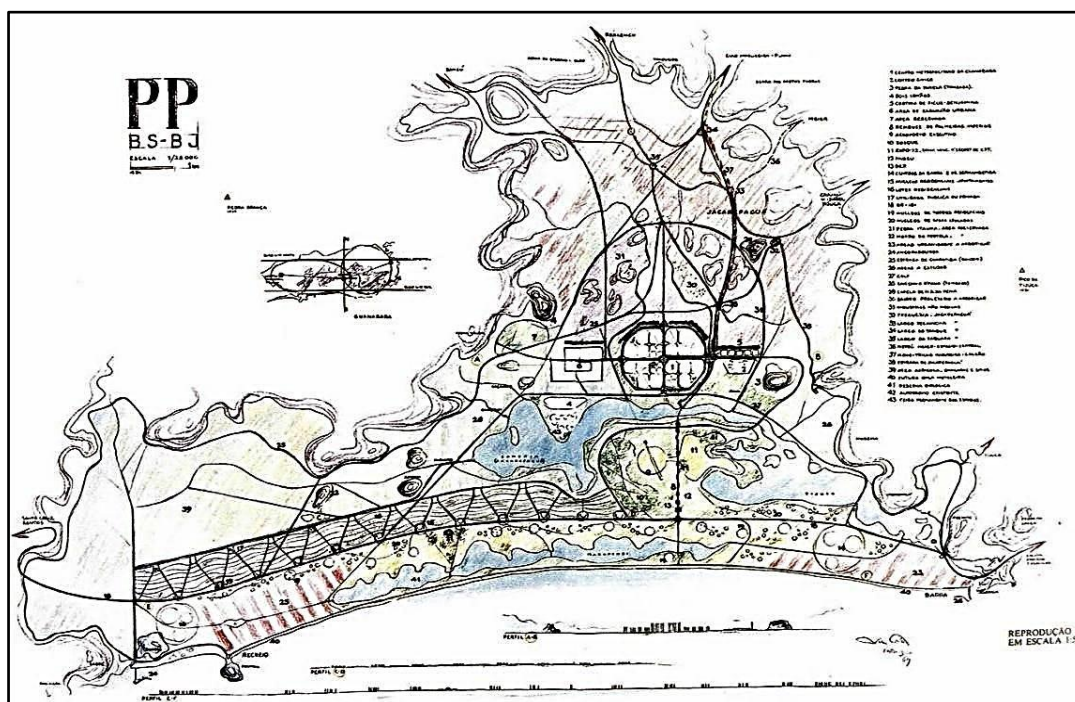
[...] o fenômeno urbano, ligado à industrialização e à aglomeração (complexos urbano-industriais), marca das décadas anteriores à atual, vem dando lugar ao fenômeno metropolitano, ligado à desindustrialização, à desconcentração e a ‘explosão’ da metrópole, isto é, a, à difusão dos códigos metropolitanos, num sentido mais amplo dessa imagem, num espaço muito além dos limites das regiões metropolitanas oficialmente delimitadas (FERREIRA, RUA, MATTOS, 2015, p. 15).

Ao analisar o processo de ocupação recente da cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na região de Guaratiba, percebe-se uma tendência nas grandes cidades brasileiras de estímulo a ocupação de regiões menos adensadas, com presença de áreas ambientalmente sensíveis e carência de infraestrutura (SCHLEE E TÂNGARI, 2008). Seguindo um sistema viário rígido e competente no sentido de fragmentar e hierarquizar os espaços urbanos.

Com a saturação da ocupação das áreas da zona norte e da zona sul, no início da década de 1970, o vetor de crescimento aponta para a zona oeste da cidade. Os novos eixos viários viabilizam esse processo, somado à realidade de um mercado imobiliário em ascensão. A expansão urbana da cidade intensificada em meados do século XX resultou na ocupação da baixada de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca (CARDEMAN, 2014).

Essa ocupação, porém, seguiu um novo padrão de planejamento e desenho urbano resultando numa configuração de tecido diferenciada. A partir do Plano Piloto de 1968 (Fig.9), criado pelo arquiteto Lucio Costa e elaborado para a baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca, outros modelos de ocupação foram disseminados.

Figura 9: Planta esquemática do Plano Piloto de Lucio Costa para a Baixada de Jacarepaguá



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1969.

Como instrumento de ordenação urbana o projeto previa a urbanização da área associada à preservação do meio ambiente. Essa visão contemporânea de projeto urbano gerou conflitos entre os sujeitos envolvidos e, por isso, a sua implantação foi parcial. O objetivo de controlar a expansão urbana articulada à preservação ambiental não se concretizou. Para Costa (1969) era necessário “encontrar a fórmula que permita conciliar a urbanização na escala em que se impõe, com a salvaguarda, embora parcial, dessas peculiaridades que importa preservar” (p. 8).

A base do plano estava na construção de duas vias principais – a Avenida das Américas e a Avenida Alvorada (atualmente Avenida Ayrton Senna). A ideia era criar um novo centro metropolitano (de negócios e serviços), ligando o eixo norte/sul (correspondendo às zonas norte e sul da cidade), chegando por Jacarepaguá; e o eixo leste/oeste (abrangendo a zona industrial de Santa Cruz), via Centro da Cidade. Dessa forma ocorreria a ligação do vetor Barra da Tijuca para a zona oeste, passando pela região de Guaratiba.

Segundo Costa (1969) o projeto articulava as dimensões econômicas, políticas, culturais e, em especial, ambientais.

Assim, o primeiro impulso, instintivo, há de ser sempre o de impedir que se faça lá seja o que for. Mas, por outro lado, parece evidente que um espaço de tais proporções e tão acessível não poderia continuar indefinidamente imune, teria mesmo de ser, mais cedo ou mais tarde, urbanizado. A sua intensa ocupação é, já agora irreversível (p.8).

Na década de 1940 a Barra da Tijuca se apresenta como uma área de fronteira de expansão urbana da zona sul da cidade. Recebendo, nesse primeiro momento, uma população de alto poder aquisitivo que procurava morar próximo ao mar (a cultura praiana se difundia), com privacidade, segurança e serviços. Nessa perspectiva foram criados os condomínios fechados, chamados de “núcleos autônomos” (dotados de infraestrutura), que traziam uma mudança não só no padrão de moradia, mas também, no modo de viver na cidade.

Caracterizado por setorização funcional, baixas densidades, taxas de ocupação menores e grande incidência de espaços livres intraquadra, seguindo o ideal modernista, um novo produto imobiliário foi lançado ao mercado: o modelo condominial, aplicado em conjuntos residenciais uni e multifamiliares, e comerciais, de diversos porte (EPPINGHAUS, POPPE, TÂNGARI, 2010, p. 47).

Até hoje, o crescimento do mercado imobiliário em bairros como Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e toda a baixada de Jacarepaguá é efeito de um intenso processo de ocupação que determinou a expansão da população da Zona Sul em direção a São Conrado e à Barra da Tijuca. O Estado teve participação decisiva ao promover novas redes de infraestrutura, bem como equipamentos de serviços, consumo, lazer e cultura.

Seguindo a expansão urbana, pelo litoral, a Avenida das Américas foi duplicada na primeira gestão do governo César Maia (1993-1996), que ampliou a avenida até o bairro do Recreio dos Bandeirantes. Na década de 1990 a avenida passou a se enquadrar nas ações dos Planos Estratégicos da Cidade. Para Eppinghaus, Poppe, Tângari (2010):

No caso do Rio de Janeiro, a expansão urbana ao longo das terras banhadas pelo oceano partiu de um processo de apoio mútuo entre a oferta de terrenos para essa expansão e a garantia das mídias de valorização dessas terras. Mais recentemente, já relacionado ao boom imobiliário da Barra da Tijuca, nos anos de 1990, passou-se a perseguir novos ideais ecológicos da vida cotidiana (p.5).

Com o Túnel da Grota Funda e a Transoeste se percebe um vetor de expansão da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes para a região de Guaratiba.

Dentre as ações temos a mudança do nome da Avenida das Américas (após o túnel, sentido Guaratiba) para Avenida Dom João VI. Essa alteração do nome gerou tensões que estão presentes nos elementos discursivos dos sujeitos pesquisados. Uma representação que resgata o passado da região e que traz elementos de “deteriorização” ao longo dos séculos, mas que aposta numa “revitalização” da região nos dias atuais.

Na minha opinião a mudança do nome é porque aqui foi uma região de andanças de D. João. Isso é o que dizem né, mas eu fui ver na Brisa um marco do Império. Eu levei meus netos lá. Não conheciam. Não deram importância, mas foi por conta do nome da Avenida que as crianças me perguntaram sobre o lugar e eu respondi: foram bons tempos! Pode ser que melhore agora com o nome, não igual no tempo da Família Real, é claro (Informante morador da subárea Guaratiba e comerciante local).

O discurso do morador apresenta aspectos de uma área empobrecida com a falta de investimento público e, ao mesmo tempo, enaltece o crescimento da região na época do Império. No contexto de uma região degradada há possibilidades de revitalização que parte também pela imagem que se constrói com o nome Avenida Dom João VI.

Outras representações sobre a mudança do nome trazem o elemento de “desvalorização” do espaço, não só pelo poder público, mas também pelo próprio morador que se vê numa condição inferior em relação ao morador da Barra da Tijuca. Os relatos abaixo mostram que o nome “Avenida das Américas” carrega um “status”, pois a região era considerada uma extensão da Barra da Tijuca.

Eles mudaram porque não querem saber disso aqui não. Não querem pobre. Quem quer saber daqui? Ninguém! Avenida das Américas é de rico. Só querem saber disso aqui na época de eleição. Chega aqui, prometi, prometi e vai embora, ninguém vê. Até o nome mudou. Eu quando vi que mudou. [...] continuei chamando Avenida das Américas. Todo mundo chama, não tem jeito não (Informante morador da subárea Guaratiba).

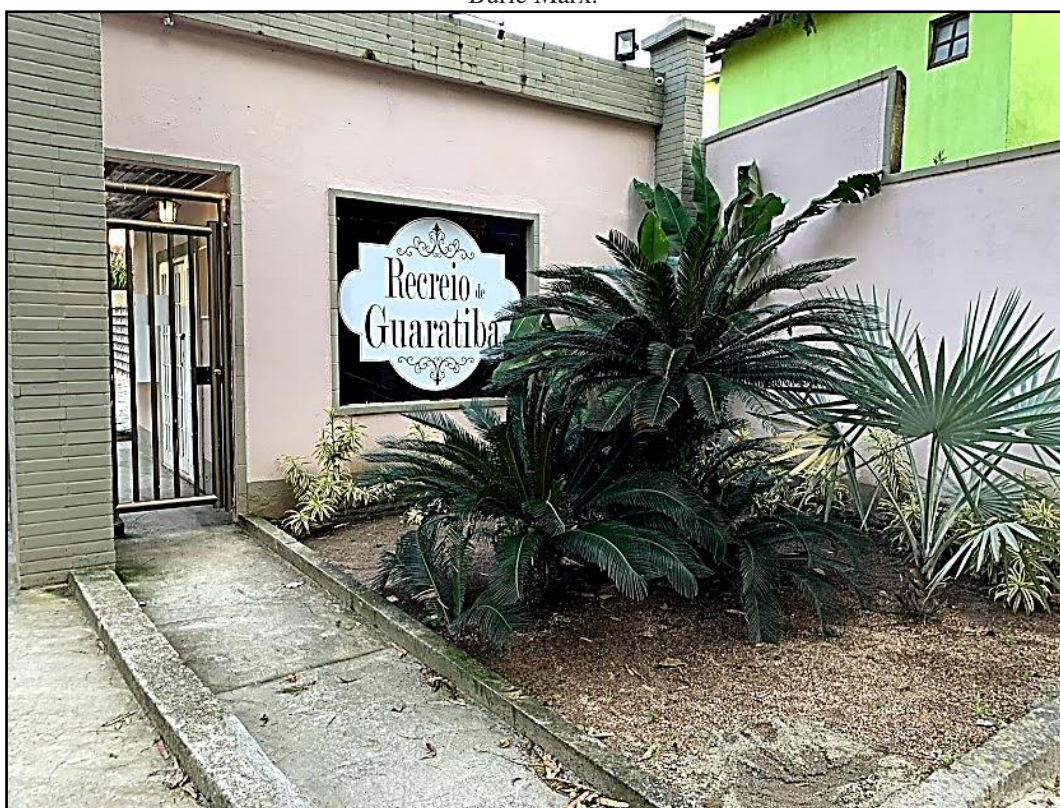
Não sei quando mudou, ao certo [...]. Acho que foi quando inaugurou o túnel, o túnel da Grota Funda. Podia ficar o mesmo nome, já conhecido na Barra né. Era bom. A gente falava Avenida das Américas e as pessoas perguntavam: você mora na Barra? Eu ficava toda boba (Informante moradora da subárea Guaratiba).

Para os antigos e novos moradores do bairro da Barra de Guaratiba e de Guaratiba a expansão do vetor Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá é uma realidade. A lógica configurada pelo mercado imobili-

ário, impondo o modelo de condomínios fechados com alguns serviços, principalmente de lazer, está presente seja ao longo das principais vias dos bairros, seja próximo as áreas de mata do maciço da Pedra Branca.

No bairro da Barra de Guaratiba encontramos condomínios fechados de casas ao longo da Avenida Burle Marx. O nome do condomínio Recreio de Guaratiba (Fig. 10) cria uma imagem de referência desse modelo.

Figura 10: Entrada do Condomínio Recreio de Guaratiba no bairro Barra de Guaratiba, na Estrada Burle Marx.



Fonte: MORGADO, V. N., 2019.

Essa estratégia é usada pelas construtoras para valorizar o lugar e elevar o preço da terra nessas áreas. Esses novos moradores buscam tranquilidade, acesso à praia, segurança, serviços básicos e, estar próximo ao túnel. Eles encontram essas condições por preços mais baixos em comparação com os bairros do Recreio dos Bandeirantes e da Barra da Tijuca. Como relata a recente moradora da Barra de Guaratiba.

Vim do Recreio e encontrei um paraíso bem mais em conta. O aluguel está muito caro no Recreio. Vim porque consegui trabalho aqui no salão. Eu moro em cima, sozinha [...]. Aqui é seguro, calmo, tem padaria e mercado também. E quando eu quero visitar minhas amigas no Recreio é rápido. Chego lá rapidinho de carro (Informante moradora da subárea da Barra e trabalhadora local).

No sub-bairro da Ilha encontramos vários sítios que estão sendo loteados nessa lógica de ocupação. Ao longo da Estrada da Ilha é possível observar a construção de vários condomínios de casas, com nomes que potencializam a venda e trazem símbolos do lugar, que representam “o viver” em Guaratiba. O condomínio Reserva da Ilha (Fig. 11) produz uma imagem do habitar com qualidade de vida, próximo às unidades de conservação.

Figura 11: Condomínio Reserva da Ilha na Estrada da Ilha, no bairro de Guaratiba.

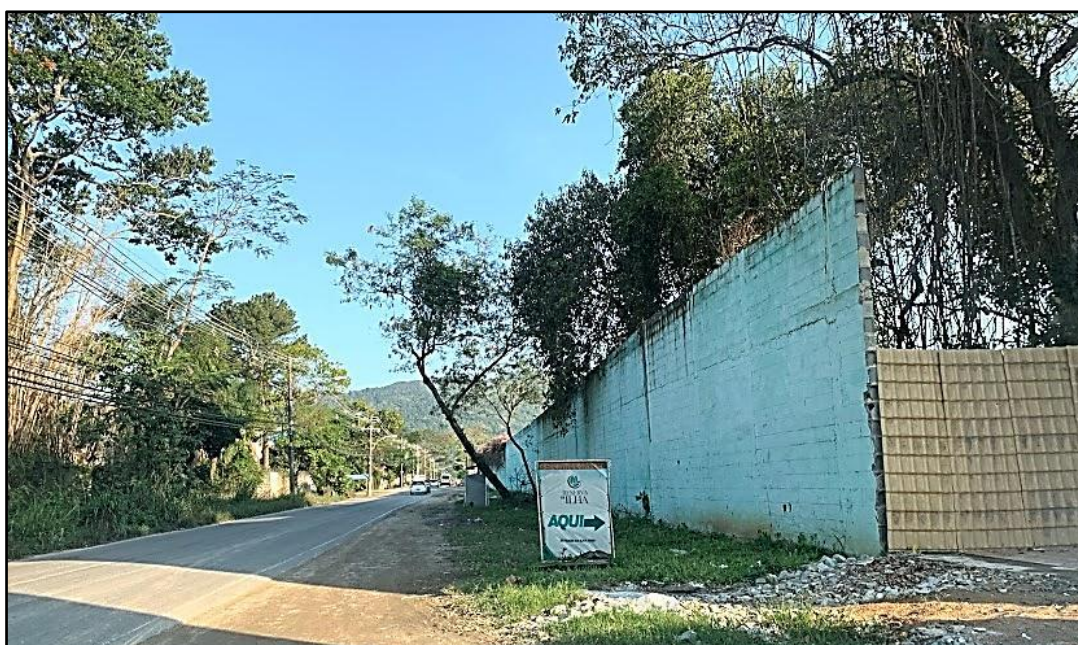


Foto: ANDRADE, P. H. B, 2019.

Outra lógica de ocupação é caracterizada pela expansão do modelo tradicional, isto é, de novos loteamentos de casas com quintais, calçadas e arruamento; ou condomínios de casas e prédios (de moradia popular). São novos moradores que chegam à busca de “espaço”, tranquilidade e da casa própria. Eles vêm de vários bairros da cidade e de outros estados (principalmente da região Nordeste), ocupam áreas mais distantes do túnel. Nas áreas centrais dos bairros predominam as residências de moradores antigos e de veranistas, contrastando com as novas construções, com um comércio emergente, presença de sítios e chácaras. O loteamento da

empresa Vilamar, chamado Parque do Guará (Fig. 12), recebe novos moradores de vários bairros da cidade, principalmente de Campo Grande.

Figura 12: Loteamento de casas Parque do Guara (Vilamar).



Foto: MORGADO, V. N. 2019.

Outra lógica encontrada na região é caracterizada por ocupações recentes que margeiam as vias de acesso aos bairros, ou estão próximas às encostas e nas planícies dos canais que cortam Guaratiba. São construções com abastecimento precário de água potável, falta de iluminação pública, ruas sem pavimentação e propensas a inundações (Fig. 13). Os moradores vêm de várias comunidades da cidade do Rio de Janeiro (Rocinha, Rio das Pedras, Terreirão), fugindo muitas vezes da violência e na esperança de ter a casa própria. A nova moradora explica a sua trajetória até chegar à região.

Morava na Rocinha. Lá tá muito violento e vim pro Terreirão [...]. Sou diarista e trabalho no Parque das Rosas, na Barra. O primo do meu marido falou com a gente que tinha terreno aqui. Meu marido dividiu com ele o dinheiro e a gente comprou o terreno aqui. A gente não tinha o dinheiro todo pra dar, aí fizemos isso. [...] Aqui é muito bom. Bem calmo Na minha casa não entra água, não. Mas na casa daquela moça ali entrou muita água. Perdeu tudo coitada. A gente ajudou as pessoas. Não saio daqui mais. Só saio pra morrer em paz (Informante e moradora da subárea Guaratiba).

Figura 13: Ocupação às margens do canal na Avenida Barão de Cocais.

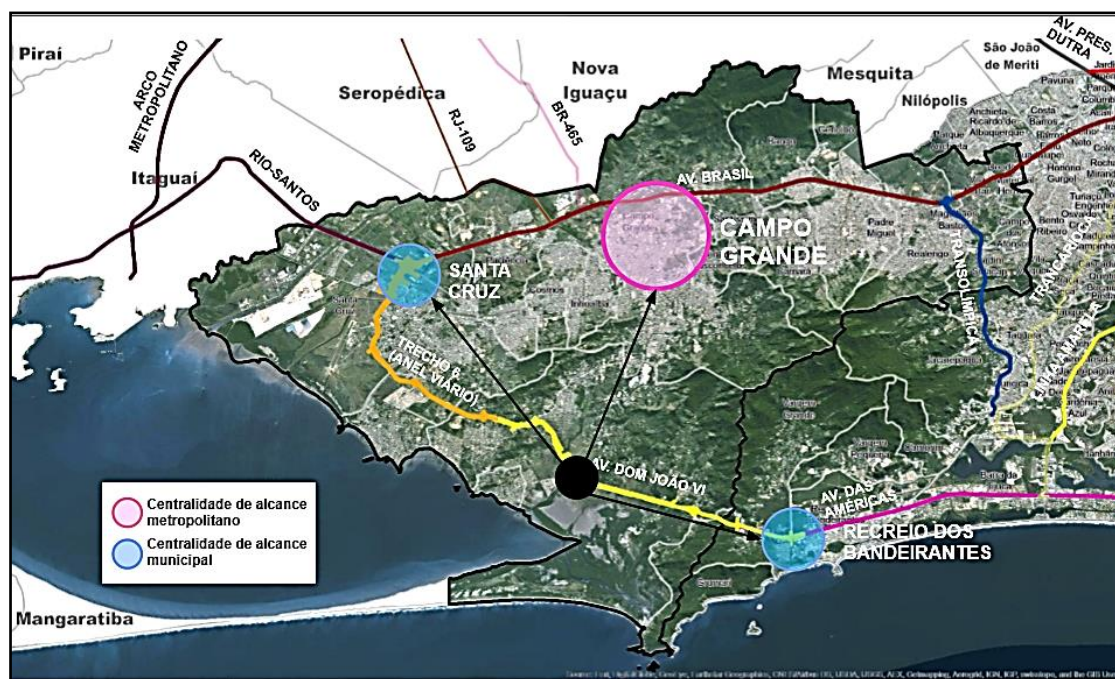


Foto: ANDRADE, P.H.B., 2019.

A ocupação não planejada e acelerada promoveu lógicas de expansão que marcam a dinâmica complexa do urbano na RA de Guaratiba. A expansão urbana reforça as desigualdades socioespaciais ao valorizar determinadas áreas pela oferta de empregos, infraestrutura viária, lazer e serviços. Em relação à região temos os fluxos e centralidades que influenciam a ocupação das áreas, como também às representações dos diferentes sujeitos.

Campo Grande, com centralidade de alcance metropolitano, atrai pela diversidade dos serviços, pela oferta de empregos e fácil acesso a outros bairros, inclusive para o Centro da cidade (Fig. 14).

Figura 14: Centralidades da RA de Guaratiba



Santa Cruz, com centralidade de alcance municipal, tem como maior fator de atração à zona industrial e o deslocamento para a Costa Verde e para a Rodovia Presidente Dutra (eixo de ligação Rio-São Paulo). O bairro Recreio dos Bandeirantes, também com alcance municipal, é atrativo pela oferta de serviço especializado, emprego no setor de prestação de serviços e deslocamento para a Zona Sul.

3. As transformações urbanas em Guaratiba nas últimas décadas

A cidade do Rio de Janeiro, desde o século XIX, passou por intervenções urbanas através de vários planos e projetos do governo com a finalidade de “embelezar” a cidade, de facilitar o deslocamento interno da população ou investir em algumas áreas da cidade.

Segundo Cardeman (2014), a partir da década de 1990 a forte atuação do mercado imobiliário decorreu, principalmente, do contexto econômico (que impulsionou esse mercado) e da política implementada pelos governos de ideologia neoliberal. Esses governos promoveram intervenções urbanas com foco na circulação viária, como a abertura de túneis e vias expressas, “a partir de planos estratégicos com uma perspectiva de planejar a cidade com inserção às necessidades do capital internacional” (p.41).

O período de 2000 a 2016 é marcado por planos do governo, que promoveram uma série de intervenções urbanas na cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de prepará-la para sediar os megaeventos internacionais, além de criar uma imagem de cidade empresarial. Este modelo homogeneizou, fragmentou e hierarquizou o espaço urbano, atendendo as necessidades e interesses externos à cidade. A região de Guaratiba recebeu algumas obras viabilizadas a partir da parceria pública-privada, que transformaram significativamente a vida das pessoas. O “choque” entre o que é interno e externo à região produz um espaço antagônico e assimétrico a ser estudado.

Assim, propomos:

- 3.1 – Analisar as diretrizes dos planos desenvolvidos pela prefeitura do Rio a partir da década de 2000.
- 3.2 – Compreender os impactos das intervenções urbanas na região de Guaratiba.
- 3.3 – Investigar a proposta inicial do Projeto de Estruturação Urbana (PEU) para a região de Guaratiba.

3.1. As políticas públicas urbanas no Rio de Janeiro: a cidade empreendedora

A perspectiva de crescimento da região de Guaratiba não se concretizou e os problemas relacionados à inexistência de legislação de regulamentação fundiária, falta de infraestrutura urbana, problemas ambientais (poluição da Baía de Sepetiba e desmatamento das áreas de proteção ambiental) se agravaram com a escassez de investimentos e carência de programas que atendessem às demandas internas da população.

A cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação (1565) passou por diversos processos de reestruturação urbana, com abordagens e enfoques diferenciados. Esses processos trouxeram mudanças profundas ao traçado original da cidade e aos usos de cada região.

O governo Pereira Passos, no início do século XX, introduziu um planejamento ligado às grandes reformas urbanas que marcaram a inserção da cidade na modernidade, provocando transformações no espaço urbano. Segundo Abreu (1988)

[...] o período Passos (aqui incluídas as obras realizadas pela União) foi, pois, um período revolucionador da forma urbana carioca, que passou a adquirir, a partir de então, uma fisionomia totalmente nova e condizente com as determinações econômicas e ideológicas do momento (p.142).

Para o autor esse plano foi importante no sentido de mostrar que novos momentos de organização social certamente determinam outras funções da cidade; a possibilidade de uma intervenção estatal densa sobre o urbano; e a ideia de que quando as contradições no espaço são resolvidas, outras contradições são percebidas.

Assim, essa reforma teve como base a tríade – o moderno, a visão eu-rocêntrica e a economia de mercado. As ações realizadas na cidade levaram a expulsão da população pobre para as áreas menos valorizadas – os subúrbios, e deu origem a uma forma popular de habitação – a “favela”, quando inicia a ocupação dos morros (ABREU, 1998).

Os Planos Agache (1920), Doxiadis (1965) mantiveram a perspectiva de “embelezamento” da cidade. Historicamente, o Rio de Janeiro, foi absorvendo a lógica da reforma urbana caracterizada por planos que se apresentavam com maior abrangência e funcionavam como bases para ambiciosas propostas de obras públicas.

Os planos, desenvolvidos pelas prefeituras, reproduziram um imaginário “obrista” com consequências sobre a dinâmica territorial da cidade. Observa-se intervenções esparsas, muitas vezes desarticuladas, que se materializaram na paisagem urbana sob a forma de obras voltadas para a circulação viária, seja aterrando mangues e faixas litorâneas para abertura de avenidas, seja desmoronando morros para ampliar áreas urbanizáveis, ou mesmo pela abertura de túneis, construções de pontes e grandes estruturas para criar vias de acesso.

Os projetos, de fato, não concretizavam um planejamento com política pública voltada para a solução dos problemas internos, isto é, com ordenamentos de expansão urbana integrados e articulados ao desenvolvimento da cidade. O crescimento da cidade, associado às condições físicas do espaço, resultou no distanciamento entre a moradia e o local de trabalho, o que exigiu deslocamentos cada vez mais distantes da população, porém os projetos de infraestrutura viária não acompanharam esse crescimento e atualmente é um problema a solucionar.

Os planejamentos tinham abrangência pontual e fragmentada, sem o apoio de um conjunto de diretrizes de ordenação do território, com pouca articulação orgânica. No caso específico da cidade do Rio, a primeira menção às políticas públicas urbanas vem com o Plano Urbanístico Básico (PUB-Rio), aprovado em 1977. Nele as políticas foram formuladas em termos de diretrizes. O PUB-Rio propôs um planejamento urbano voltado para o desenvolvimento industrial. Com base na dinâmica urbana da década de 1970 definiu critérios para dividir a cidade em 5 Áreas de Planejamento (AP), e em 55 Unidades Especiais de Planejamento (UEP). Essa subdivisão se deu pelo reconhecimento da heterogeneidade do espaço urbano e pela necessidade de criar condições para fomentar a indústria. Cada UEP correspondia a um ou mais bairros, com a intensão de agrupar recortes espaciais de acordo com as características morfológicas e ambientais (CARDEMAN, 2014).

Cabe ressaltar que as Regiões Administrativas, que funcionam como “Subdistritos e Zonas” e correspondem à subdivisão administrativa feita para o Município em 1977, foram criadas junto ao PUB-Rio. Esse Plano também instituiu os Projetos de Estruturação Urbana (PEU) para o planejamento local, “respeitando as características dos diferentes bairros e criando políticas setoriais para o desenvolvimento econômico e social” (PORTAL GEORio, 2017). Como veremos ao longo do capítulo, percebe-se uma retomada dessas regionalizações nos Planos Estratégicos da Cidade do Rio de Janeiro na virada do século XXI.

A partir do Plano Decenal da Cidade do Rio de Janeiro (1992), publicado na forma de lei complementar, há a tentativa de elaborar um conjunto de normas e diretrizes, com base nos grandes desafios da metrópole (PINHEIRO, 2008). Entre as diretrizes definidas temos a valorização do patrimônio cultural carioca. Com esse plano foi possível diferenciar a Área de Proteção Ambiental (APA) da Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC), e se produziu o decreto que definiu a Área de Especial Interesse (AEI), seja com foco nas questões ambientais (AEIA), seja com ênfase nas questões sociais (AEIS). Os planos estratégicos da cidade passam a incorporar essas diretrizes e ações.

Destacamos que o paradigma relativo à gestão urbana emerge mundialmente na década de 1980 e se consolida no Brasil a partir da década de 1990 com os planejamentos estratégicos das cidades. Estes passaram a nortear a dimensão política e as estratégias de crescimento urbano. O planejamento estratégico como ferramenta de gestão empresarial se liga diretamente ao paradigma do “empreendedorismo urbano”, isto é, uma nova forma de governança urbana é imposta pelo capital caracterizada pela postura empresarial na gestão das cidades, fortemente apoiada em ações “city-marketing”. Assim, o modelo de planejamento das cidades se adaptou às exigências neoliberais.

Apesar da roupagem democrática e participativa, as propostas dos planos estratégicos combinaram-se perfeitamente ao ideário neoliberal que orientou o “ajuste” das políticas econômicas nacionais por meio do Consenso de Washington. Uma receita para os países e outra para as cidades se adequarem aos novos tempos de reestruturação produtiva do mundo, ou mais exatamente, novos tempos de ajuste da relação de subordinação às novas exigências do processo de acumulação capitalista sob o império americano (MARICATO, 2007, p. 66).

Sob a ótica do planejamento estratégico as cidades são como empresas e, por esse motivo, devem seguir às mesmas condições e desafios o que significa sua assimilação aos interesses empresariais globalizados, porém adverte Vainer (2000) – o sucesso somente é garantido através do distanciamento da política, da eliminação dos conflitos, e das condições de exercício da cidadania, o que não aconteceu. Só assim, seria possível a implementação das políticas na base da cidade competitiva. Para o autor esses planos não efetivaram uma democracia participativa efetiva e acirraram os conflitos.

Segundo Compans (1997) as intervenções urbanas viabilizaram um conjunto de ações que resultaram no crescimento do setor de serviços, produzindo uma “renovação econômica” articulada às novas exigências do capital.

Assim, facilitar determinadas intervenções urbanísticas que garantam a modernização da infraestrutura urbana (serviços públicos, comunicações e áreas empresariais) necessária à renovação da base econômica, visando com isso facilitar a passagem do modelo industrial tradicional para o de centro e terciário avançado (p. 725).

No fim do século XX os planejamentos estratégicos constituem um retorno às grandes intervenções urbanas, visto que a cidade passa a ser administrada por obras com capital público e privado, no processo de inserção do Rio de Janeiro no “mercado mundial das cidades”. Esse é o momento político no qual a cidade, através desses planos, utiliza a captação de recursos para sediar os megaeventos esportivos internacionais, usando como estratégia e pretexto às intervenções urbanas na cidade (MOLINA, 2014). Uma “saída” para superar a crise, ou seja, uma “solução” encontrada para suprir a carência de investimentos na cidade.

Como analisamos anteriormente, para Sassen (2005), os planos estratégicos das cidades criam condições essenciais para a atual fase da economia globalizada, que relaciona a cidade global a uma forma de urbanização.

Nesse contexto a reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro é caracterizada por: a) uma evolução urbana marcada pela homogeneização, isto é, por reformas urbanas com modelos importados (Barcelona, Buenos Aires etc.), distantes da realidade carioca; b) uma fragmentação do espaço, onde a tendência ao ho-

mogêneo gera desigualdade; c) uma hierarquização espacial, resultante do processo de valorização e desvalorização dos diferentes lugares.

Os Planos Estratégicos do governo César Maia nas gestões – 1993 a 1996 e 2001 a 2004, priorizaram as obras ligadas a circulação viária e “embelezamento” da cidade. Como exemplos temos os programas de urbanização para as favelas em expansão, o “Favela Bairro” (1994 a 2000 – Fase 1) e (2000 a 2005 – Fase 2). Para os bairros já estruturados foi implementado o “Rio Cidade”. Em ambos os casos, o campo da arquitetura teve centralidade tanto na tomada de decisões, quanto na sua elaboração e realização. Esses programas atingiram os bairros da RA de Guaratiba de forma pontual e ineficiente, concentrando-se em áreas de maior crescimento populacional e valorização.

Esses projetos não caracterizaram uma política pública voltada para as demandas locais, provocando desigualdades sócioespaciais entre as Regiões Administrativas e entre os bairros. Os conflitos urbanos se acentuaram e a população passa a reivindicar os direitos básicos.

Nesse período, as prefeituras do Rio desenvolvem uma política de gestão urbana que produz a imagem do prefeito como um administrador, que pensa o desenvolvimento da cidade com base nos investimentos de capital privado internacional.

O espaço é fragmentado em “ilhas” de progresso e modernidade. Muitas vezes, impulsionadas por fortes campanhas publicitárias que criam representações (um conjunto de signos urbanos), que legitimam a imagem da cidade empreendedora, “aberta” para o mundo. Esse projeto é “imposto” para a população pelas representações hegemônicas produzidas na/ pela sociedade capitalista. Como afirma Maricato (1996) “uma política de fachada para uma prática de ‘faz de conta’ em uma cidade de ficção” (p.43).

O resultado dessa contradição é a expulsão da população pobre para as áreas cada vez mais carentes de infraestrutura urbana, negando a esses sujeitos condições básicas de sobrevivência, aguçando a segregação espacial já existente.

O processo de globalização aprofunda as desigualdades pré-existentes na sociedade capitalista. O ideal de cidade criado por esse modelo de planejamento estratégico estimula o uso do espaço tendo como diretriz os interesses das empresas globais, favorecendo os sujeitos ligados a elas.

Observamos que o empreendedorismo urbano na cidade do Rio de Janeiro se realiza efetivamente em 1993 na primeira gestão de César Maia com o plano estratégico chamado “Rio Sempre Rio”, publicado em janeiro de 1995 (PECRJ, 1995). Com base no modelo Barcelona de urbanismo, essas obras são fortemente apoiadas em ações que promovem à cidade mundialmente, valorizando o seu potencial turístico e a sua capacidade de gerar negócios (com base nas parcerias público-privadas). Condições essenciais para sediar os megaeventos.

Tal como o governo britânico se sentiu atraído pelo modelo de gestão urbana empresarial norte-americana, o governo César Maia se sentiu atraído pela experiência aparentemente bem-sucedida de reestruturação urbana e econômica da cidade de Barcelona, alavancada a partir dos Jogos Olímpicos. [...] Seu esforço será o de adaptar a experiência catalã – de formação de parcerias com grupos privados, de elaboração do plano estratégico, de promoção de grandes projetos urbanos e grandes eventos culturais e esportivos internacionais, especialmente os Jogos olímpicos – à cidade do Rio de Janeiro, visando alcançar processo similar de dinamização econômica (COMPANS, 2005, p. 184).

Assim, foi firmado um convênio entre a prefeitura, a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) e a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), em novembro de 1993 para a execução do plano, que seria financiado por um consórcio mantenedor constituído por um total de 51 empresas e associações empresariais (PECRJ, 1995). As diretrizes desse plano estratégico trazem elementos discursivos que produzem a imagem de uma cidade competitiva, acolhedora, democrática e, integrada interna e externamente.

Tornar o Rio de Janeiro uma metrópole com crescente qualidade de vida, socialmente integrada, respeitosa da coisa pública e que confirme sua vocação para a cultura e a alegria de viver. Uma metrópole empreendedora e competitiva, com capacidade para ser o centro de pensamento, de geração de negócios para o país e sua conexão privilegiada com o exterior (PECRJ, 1995, P.23).

Ressaltamos que, mesmo o plano sendo homologado próximo ao fim do primeiro mandato de Maia como prefeito, foi possível estabelecer critérios de prioridade estratégica para execução dos projetos e programas do governo, além de criar metas para outros programas que se estenderiam às próximas gestões.

O plano estratégico denominado “As Cidades da Cidade”, publicado em 2004 na segunda gestão de César Maia, é apresentado como “um desdobramento inovador do Plano Anterior (Rio Sempre Rio)” (PECRJ, 2004, p.8). Esse segundo plano tem como foco as “identidades, vocações e potencialidades das regiões” (PECRJ, 2004, p. 10). Com uma visão fragmentada de gestão se distanciou da visão do plano “Rio Sempre Rio”, que teve como pretensão unir a cidade em um único marco de referência – um modelo a ser seguido.

Assim, com a proposta de “separar para unir”, o município foi dividido em regiões e o foco era conhecer profundamente a cidade. O projeto seria viabilizado por “um pacto consensual entre governo municipal, iniciativa privada e cidadãos que utiliza modernas técnicas de planejamento estratégico urbano como instrumentos para a construção do futuro” (PECRJ, 2004, p. 8).

Esse plano regionalizou a cidade em 12 regiões – Região de Bangu, Região da Barra da Tijuca, Região de Campo Grande, Região do Centro, Região Grande Méier, Região Ilha do Governador, Região Irajá, Região Jacarepaguá, Região Leopoldina, Região Tijuca/ Vila Isabel, Região Zona Norte e Região Zona Sul. Com base nos critérios físicos e culturais se elabora um plano estratégico para cada região. Nessa divisão a RA de Guaratiba passa a pertencer a extensa Região de Campo Grande. O desafio da prefeitura foi promover estratégias diferenciadas de crescimento baseadas nas características culturais e vocacionais das áreas.

Detalhar regionalmente a cidade e formular planos estratégicos distintos constituiu-se em um enorme desafio técnico e logístico. (...) As grandes cidades, mesmo as formadas por imensas áreas heterogêneas, ainda são geralmente percebidas como um todo, e não como uma ‘soma de partes’ (PECRJ, 2004, p. 14).

Ocorreram algumas mudanças em relação ao plano anterior ao buscar uma consultoria nacional, dialogando com institutos de pesquisa e universidades locais; e uma metodologia focada no desenvolvimento endógeno, na tentativa de produzir “um modelo de desenvolvimento para cada região” (PECRJ, 2004, p. 17). Contudo resgatou elementos discursivos fundamentais do plano “Ser sempre Rio” – “cidade competitiva, adaptável, flexível, receptiva e inovadora, capaz de enfrentar os desafios dos novos paradigmas trazidos pela evolução tecnológica e pela globalização” (p. 18). Com outras estratégias, o plano “A cidade da cidade”

deu continuidade a visão empreendedora de cidade, na perspectiva da política neoliberal.

A centralidade do elemento “inovador” é justificada pelo plano estratégico ao apresentar “foco no cidadão e na região; nas soluções consensuais; na diversidade da cidade; na articulação de planos regionais e nas possibilidades de desenvolvimento a partir das potencialidades locais” (PECRJ, 2004, P. 11).

O governo ressalta a importância dessas ações num momento em que a cidade passa por um processo de degradação do espaço urbano. A sua revitalização passaria pelo processo de “olhar” para “si”, promovendo um resgate da autoestima da população.

[...] pois é elaborado em um momento caracterizado por uma considerável baixa na autoestima geral da população carioca, com a violência, a deterioração das condições de vida e a degradação do espaço urbano, causando, entre outras consequências, a saída de inúmeras empresas da cidade (PECRJ, 2004, P. 18).

Assim, a elaboração dos 12 planos estratégicos seguiu as fases: diagnóstica (identificação de potencialidades e vocações de cada região); estratégica (definição do objetivo central de cada região e das linhas estratégicas a serem adotadas); de projetos (consolidação e complementação das propostas); e homologação (aprovação do plano estratégico pela sociedade).

Rodrigues e Mello (2015) analisaram as gestões das prefeituras do Rio no período de 1993 a 2005 e afirmam que ocorreu uma “despolitização do papel do prefeito, que passou a atuar como um administrador da cidade” (p. 51). Ribeiro (2009) sinaliza um retorno aos projetos ligados às grandes intervenções urbanas, produzindo outras centralidades. Em síntese:

Os planos estratégicos elaborados para a cidade do Rio de Janeiro se expressam, em parte, nas transformações sócio espaciais presentes na formação de um novo ordenamento territorial com vistas ao reforço de centralidades antigas, à criação de novas centralidades e à produção de espaços voltados ao consumo elitizado (RIBEIRO, 2009, p. 45-46).

A autora enfatiza que o Plano Estratégico “As cidades da Cidade”, acontece num momento em que o “sistema de ações é baseado na (des) construção do espaço carioca para a produção de espaços de consumo voltados ao turismo”

(p.46). O que confirma a tese de que esses projetos promoveram reordenamentos urbanos com base num modelo de gestão conservador, de valorização da iniciativa privada, atendendo as estratégias do capital internacional – a cidade é concebida como mercadoria.

A diferença entre os planos é perceptível, pois, enquanto o plano “Rio Sempre Rio” (de certa forma) privilegiou a integração urbana, com a inclusão de bairros e favelas como elementos articuladores e formadores de um conjunto urbano; o plano “As Cidades da Cidade” estimula à criação de cidades dentro da cidade, isto é, “cidade – enclave”, voltadas para o seu interior, excluindo o ambiente urbano a seu redor, criando dentro dessas regiões organismos excludentes. Esse processo viabiliza relações na escala global, e potencializa a cidade como mercadoria e consumidora.

Cabe destacar que o programa “Rio Cidade”, na gestão de Cesar Maia, atualiza o discurso dos planos elaborados no início do século XX ao acrescentar no discurso ideológico o elemento “cidadania de mercado”. A cidade, portanto, é um produto de marketing que promove a inserção do capital na escala global e o sujeito um potencial consumidor. Assim, a intervenção urbanística, nesse momento, serviu de estratégia para implementar o planejamento urbano com base na racionalidade da “administração de empresa”, mas a sua eficácia dependeu do controle social sobre esse espaço (dos seus usos e serviços). Esse programa incentivou o “controle”, porém parcialmente, pois outras racionalidades confrontaram esse modelo.

O Estatuto da Cidade, instituído pela Lei Federal 10.257, de 10 de julho de 2001, elabora uma legislação nacional específica sobre a política urbana, trazendo no seu discurso a necessidade de corrigir as disparidades sociais existentes pela falta de planejamento urbano nas últimas décadas do século XX. Com o objetivo de garantir e operacionalizar a política pública do desenvolvimento urbano das cidades definiu o Plano Diretor como “o principal instrumento de implementação de uma política de desenvolvimento e expansão urbana” (Artigo 182, p. 225).

Segundo o Ministério das Cidades (2004), o Plano Diretor dos municípios é prioridade para planejar as políticas públicas frente as demandas das cidades no

século XXI. No processo de elaboração e realizar deve-se respeitar às especificidades locais, regionais e culturais, tendo como princípio a reflexão e o diálogo com a sociedade. Para resguardar e validar esse princípio é obrigatório que as prefeituras, ao desenvolver os seus planos de governo, realizarem audiências públicas, a fim de estabelecer um diálogo com a população. O planejamento deve priorizar:

[...] o desenvolvimento urbano, instrumentos e metodologia de participação no plano diretor, reabilitação de áreas centrais e sítios históricos, análise de zonas rurais no município para proposta de política agrária, análise de pequenos municípios: limites e possibilidades de desenvolvimento, política habitacional, política de regularização fundiária, política de transporte, mobilidade e saneamento básico ambiental, estudo sobre impacto de vizinhança, instrumentos tributários e de indução de desenvolvimento e desenvolvimento regional (ESTATUTO DAS CIDADES, 2001, p.23).

O Estatuto das Cidades (2001) evidencia que o Plano Diretor é o “instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana” (ARTIGO 40, p. 19). Ressalta que no processo de construção haja uma reflexão permanente com os cidadãos, representantes da sociedade civil e da sociedade política (abarcando o legislativo e o executivo). Para Ribeiro (1990), em seus estudos sobre planejamento urbano e gestão territorial, pensar a reforma urbana é ir além do que está proposto nos Planos Diretores das cidades, já que estes podem indicar uma “mercadificação” da cidade.

Com base no Estatuto da Cidade se inicia, ainda no governo César Maia, o processo de discussão e elaboração do Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, sendo aprovado na gestão do prefeito Eduardo Paes.

As gestões do prefeito Eduardo Paes (2009 a 2016) deram continuidade ao processo de internacionalização da cidade, dentro de uma lógica empresarial, que tem como meta sediar os grandes eventos, culminando nos Jogos Olímpicos de 2016. Como explica Molina (2014):

As ações presentes no período atual são responsáveis pela introdução de um novo sistema de objetos na cidade do Rio de Janeiro, coerente com a lógica empresarial de administração urbana. O impacto sobre o ambiente urbano construído ocorre na medida em que essa produção se volta para o objetivo de melhorar a posição competitiva da cidade na divisão espacial do consumo e na tentativa de atrair investimentos (p. 76)

Nesse governo, de quase uma década, dois planejamentos merecem destaque. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Sustentável da Cidade do Rio de Janeiro, aprovado em 2011, e o Plano Estratégico “Pós-2016 – O Rio mais integrado e competitivo”, aprovado em 2012.

O Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro orienta as ações dos agentes públicos e privados e determina as prioridades para aplicação dos recursos e investimentos. Tem como proposta nortear as linhas de ação das políticas urbana e ambiental, bem como apontar para onde a cidade deve crescer e de que forma será realizado o reordenamento urbano.

Na sua base estão presentes elementos discursivos relacionados: a) à questão ambiental – sustentabilidade, desenvolvimento sustentável, preservação ambiental, degradação ambiental; b) à questão da moradia – ocupação ilegal, licenciamento, ordenamento e uso do solo; c) à questão do transporte – vias de circulação, ordenamento territorial; d) às questões socioculturais – participação democráticas, políticas públicas setoriais.

Entre as diretrizes e normas do Plano Diretor (PCRJ, 2011) temos:

- O condicionamento da ocupação urbana à proteção do patrimônio natural, cultural e paisagístico da cidade.
- Orientação da expansão urbana e do adensamento segundo a disponibilidade de saneamento básico, dos sistemas viário e de transporte e dos demais equipamentos e serviços urbanos.
- Implantação de infraestrutura em áreas efetivamente ocupadas.
- Aproveitamento dos imóveis subutilizados ou ociosos.
- Ampliação da oferta habitacional de interesse social.
- Incentivo ao transporte público de alta capacidade.

- Controle do uso e ocupação do solo para a contenção da irregularidade fundiária, urbanística e edilícia; universalização do acesso ao saneamento ambiental, equipamentos urbanos e meios de transportes.
- Urbanização das favelas, dos loteamentos irregulares e clandestinos de baixa renda; inclusão do contexto metropolitano ao planejamento da cidade.
- Adoção de soluções urbanísticas que incorporem a criação de medidas voltadas para a melhoria das condições climáticas e ambientais.

O Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RJ), no ano de 2013, realizou o estudo do quadro urbanístico e socioambiental da RA de Guaratiba. O objetivo foi colaborar com a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e alcançar o melhor encaminhamento para os desafios de ocupação e desenvolvimento na região. Foram avaliadas as condições geomorfológicas, ambientais, a ocupação territorial, e as particularidades urbanísticas, sociais e econômicas dos bairros. Para isso estabeleceu que a ocupação e o desenvolvimento da região devem estar em sintonia com o Plano Diagnóstico Urbano-Ambiental da Cidade do Rio de Janeiro, elaborado em 2015, pela prefeitura. Entre outros aspectos prioriza:

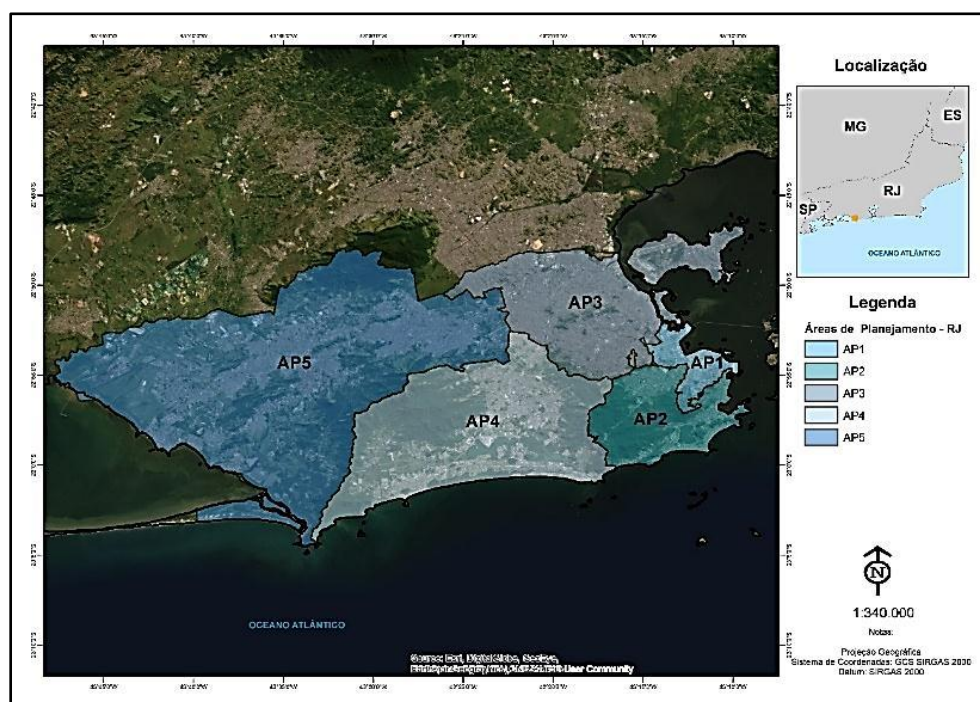
A necessidade de se evitar a expansão da cidade, pois seu crescimento é incompatível com a universalização da prestação dos serviços públicos segundo as exigências contemporâneas. Os investimentos públicos devem priorizar o suprimento de infraestrutura e serviços públicos para os núcleos urbanos consolidados na região. O atendimento de famílias cujas moradias estejam em área de risco deve priorizar a ocupação de terrenos e áreas livres no interior dos núcleos consolidados e já estruturados. Qualquer nova construção ou ocupação territorial deve assegurar o estrito atendimento às exigências ambientais previstas para as reservas naturais da região. O Plano Geral deve possibilitar um método de gestão compartilhada, envolvendo órgão da administração pública, moradores e sociedade civil, para o planejamento e a implantação dos projetos previstos para a área (SMURJ, 2015, p.450).

Os novos planos estratégicos da cidade abordam as diretrizes do Plano Diretor da Cidade e do Plano de Diagnóstico Urbano-Ambiental, com foco no desenvolvimento sustentável e na gestão democrática, produzindo uma imagem de cidade que prioriza um planejamento urbano voltado para as questões ambientais, sociais e culturais. Porém os projetos realizados seguem a lógica dominante e reproduzem um espaço desigual, contraditório, marcado por relações de produção assimétricas.

Destacamos que o processo de elaboração do Plano Diretor da cidade se estendeu por mais de 20 anos, até que o município sancionasse o novo Plano Diretor com as bases metodológicas definidas pelo Estatuto das Cidades.

Para fins de gestão o Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro regionalizou o município em Macrozonas com base nas 5 Áreas de Planejamento (AP), (Fig. 15). A AP1 corresponde a área central da cidade. A AP2 abrange a área imediata que inclui os bairros da Zona Sul. A AP3 compreende a ocupação ao longo do ramal ferroviário e a Zona Norte. A AP4 integra os bairros da baixada de Jacarepaguá e da área litorânea. A AP5 é a área mais extensa e abarca os bairros da Zona Oeste.

Figura 15: Áreas de Planejamento da Cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

Os critérios que definem as Macrozonas são as características culturais, econômicas, sociais, ambientais e de infraestrutura urbana das diferentes regiões da cidade. Assim, a divisão por macrozona traz uma regionalização que “reconhece as particularidades das diferentes áreas da cidade, considerando os vetores de expansão, às limitações de infraestrutura, à preservação das áreas frágeis, às restrições da ocupação e às questões ambientais” (PCRJ, 2011, p. 47). Dessa forma a cidade é planejada com base em extensas zonas definidas como Macrozona Con-

dicionada, Macrozona Assistida, Macrozona Controlada e Macrozona Incentivada (Fig. 16).

Figura 16: Localização das Macrozonas



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

As Macrozonas têm como objetivos orientar o controle da densidade populacional, da intensidade e da expansão da ocupação; regulamentar e aplicar os instrumentos da política urbana; e indicar prioridades na distribuição dos investimentos públicos e privados. Elas são caracterizadas por:

- a) Macrozona de Ocupação Controlada - onde o adensamento populacional e a intensidade construtiva são limitados. A renovação urbana se dá preferencialmente pela reconstrução ou pela reconversão de edificações existentes, e o crescimento das atividades de comércio e serviços em locais onde haja infraestrutura suficiente, respeitadas as áreas predominantemente residenciais.
- b) Macrozona de Ocupação Incentivada - onde o adensamento populacional, a intensidade construtiva e o incremento das atividades econômicas e equipamentos de grande porte são estimulados, preferencialmente nas áreas com maior disponibilidade ou potencial de implantação de infraestrutura.
- c) Macrozona de Ocupação Condicionada - onde o adensamento populacional, a intencionalidade construtiva e a instalação das atividades econômi-

cas são restringidas de acordo com a capacidade das redes de infraestrutura, e subordinados à proteção ambiental e paisagística, podendo ser progressivamente ampliados com o aporte de recursos privados.

- d) Macrozona de Ocupação Assistida - onde o adensamento populacional, o incremento das atividades econômicas e a instalação de complexos econômicos devem ser acompanhados por investimentos públicos. Área de vulnerabilidade ambiental.

O planejamento urbano, a partir das macrozonas, orienta o processo de expansão e ocupação da cidade com base nos seguintes vetores de crescimento:

- I) Adensamento na Macrozona Incentivada, preferencialmente nas vias estruturadoras da Zona Norte, Leopoldina e Jacarepaguá.
- II) Reconversão de edificações na Macrozona Incentivada, na área central e adjacências.
- III) Ocupação de vazios urbanos das Macrozonas Incentivada e Assistida, especialmente entre a Avenida Brasil e a Estrada de Ferro, na Zona Oeste, e na Zona Portuária.
- IV) Intensificação da ocupação nas Macrozonas Incentivada e Assistida, junto aos centros de comércio e de serviços, às áreas industriais e aos eixos viários estruturadores na Zona Norte e Leopoldina.

Os projetos desenvolvidos pela prefeitura se distanciam do que é proposto no Plano Diretor da Cidade, pois ainda privilegiam nos seus planos estratégicos transformações urbanas ligadas à circulação viária e de transporte, destinadas a adequar à cidade aos projetos internacionais. Essas intervenções contribuíram para novos vetores de expansão e ocupação.

A cidade no século XXI, dando continuidade ao ideário de cidade moderna, vem sendo alvo de grandes obras urbanistas que delimitam novas áreas de expansão urbana, alterando a vida da população local e impondo um modelo de gestão urbana que gera diversos antagonismos entre o que é interno e externo à cidade. Ribeiro (2012) caracteriza o momento como:

[...] com tanta euforia participativa e tantos ativismos espetaculares, define-se um período contraditoriamente marcado por riscos de consenso aparente e carregado

de violência simbólica [...] A lógica imediatista do mercado, portadora da modernização passiva reconhecida por Gramsci, cria acomodações e concordâncias não verbalizadas com relação a processos assustadores, onde se incluem a banalização da violência e a competitividade sem limites. Temos, portanto um presente que exige o retorno reflexivo aos dilemas da condição humana, com toda a sua miséria e grandeza (p.60).

O plano estratégico denominado “Pós-2016 – O Rio mais integrado e competitivo”, elaborado na gestão de Eduardo Paes, traz um discurso com ênfase na “visão do futuro”. A cidade seria planejada para se tornar um centro de produção político e cultural, referência tanto nacional como internacional. Para isso, as ações teriam como base quatro dimensões – social, econômica, ambiental e política. Segundo documento do PECRJ (2009) a cidade deve:

[...] voltar a ser um importante centro político e cultural tanto no cenário nacional quanto na cena internacional (apoiado nos grandes eventos esportivos internacionais e também consolidar-se como importante centro de debates e conferências internacionais) e tornar-se um polo cultural internacional (PCRJ, 2009, P.12).

Dentre os objetivos centrais do plano estratégico o governo visa “estabelecer as condições necessárias para o crescimento econômico sustentável; tornar a cidade mais integrada do ponto de vista urbanístico e cultural a melhoria e qualidade dos serviços públicos; proteger e recuperar os espaços públicos; posicionar o Rio como importante centro político e cultural no cenário mundial” (PECRJ, 2009, p. 25). Os elementos discursivos ainda focam na gestão pública relacionada ao campo empresarial, “assegurar uma gestão profissional de toda a máquina municipal” (p.26); em relação às fontes de investimentos reforça a “parceria com o setor privado e outras esferas do governo” (p.26); a perspectiva de futuro associada ao “desenvolvimento tecnológico, ecológico” (p.27) e articulado às novas demandas do capital. Apesar de acrescentar elementos no discurso em relação ao plano anterior, reforça a visão de uma gestão conservadora, pois ainda está atrelado às grandes obras viárias, com linhas de ações articuladas ao capital internacional, estimulando projetos que são externos à cidade.

As diretrizes do plano definem 37 iniciativas estratégicas. Dentre os projetos estão o do Porto Maravilha, das vias expressas (Transcarioca, Transoeste, Transolímpica, Transbrasil), e a Vila Olímpica. Estes projetos, implementados ou em fase de elaboração em relação ao período da pesquisa, são ações pontuais rea-

lizadas em ritmo acelerado, desarticuladas com a demanda interna da cidade, mas que respondem as exigências dos órgãos internacionais responsáveis pelos mega-eventos que ocorreram no Rio de Janeiro. A perspectiva de continuidade desses projetos a partir da reeleição de Eduardo Paes não se concretizou.

A nova prefeitura em 2017, com Marcelo Crivella, elabora o Plano estratégico “Rio 2020: mais solidário e mais humano”, propondo uma nova gestão municipal com base em quatro dimensões temáticas - “Economia, social, urbano-ambiental e governança” (PECRJ, 2017, p.24), através de 65 iniciativas estratégicas e 101 metas a serem cumpridas. O discurso traz elementos relacionados à justiça social (com ênfase na gestão urbana) ao propor moradias para a população de baixa renda, que para a nova prefeitura é um “legado das prefeituras anteriores” (PECRJ, 2017, p. 45). Assim, propõe as seguintes iniciativas estratégicas: o projeto “Mais moradias” – habitações destinadas às famílias de baixa renda; o projeto “Territórios integrados” – integrando à cidade e promovendo a “regularização urbanística e fundiária através de projetos de alinhamentos e loteamentos, e de reconhecimento de logradouros em Áreas de Especial Interesse Social”; e o projeto “Centralidades cariocas” – incremento da área central da cidade e recuperação de imóveis vazios (PECRJ, 2017, 45). Esses projetos “fechados” (que não se articulam e são pontuais) trazem elementos discursivos que propõem uma gestão conservadora, já que fragmenta o espaço urbano, desarticula, e produz a imagem de que o Estado resolverá todos os problemas da cidade, principalmente daqueles que foram oprimidos historicamente.

Nesse contexto, Guaratiba se insere no cenário municipal atual como uma região sem regulamentação fundiária, carente de infraestrutura urbana, com problemas ambientais, e falta de políticas públicas adequadas à realidade local.

3.2. Gestão urbana: os impactos na região de Guaratiba

A recente expansão urbana para a zona oeste e, especificamente, para a RA de Guaratiba é resultado de uma gestão urbana consolidada pelas prefeituras com visão neoliberal, que buscaram atender o capital internacional e a lógica do mercado imobiliário. O projeto da Transoeste e a construção do Túnel da Grota Funda

(Fig. 17 a e b) são obras que se realizaram nesse contexto, sendo consideradas em conjunto um “evento” diante das transformações espaciais ocorridas na RA de Guaratiba. Essas obras facilitaram o acesso à região, sendo indicadores de fluxos de população. Para Villaça (1998) o processo de expansão incentivado pelo sistema viário é uma característica das cidades brasileiras, e explica que “é claro que os transportes urbanos não provocam crescimento urbano; apenas atuam sobre o arranjo territorial desse crescimento” (p. 70).

Figura 17: (a) Túnel da Grota Funda, (b) Estação do BRT do Magarça.

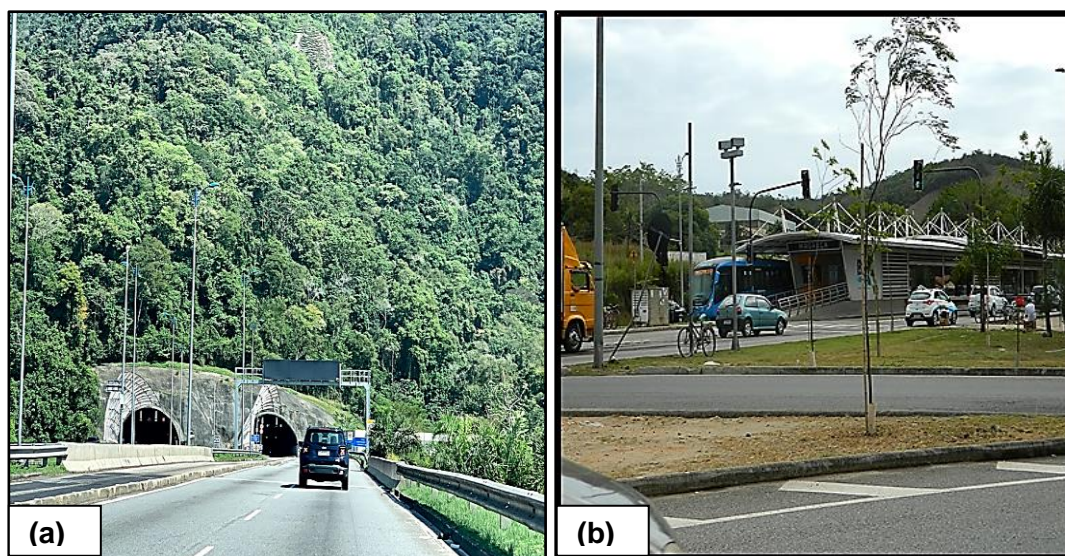


Foto: ANDRADE, P. H. A. 22/06/2019.

A reportagem do Jornal O Globo “Novo túnel põe Guaratiba no mapa urbano sem projeto contra o crescimento desordenado” (14/04/2012), apresenta a região como uma fronteira de expansão da cidade do Rio de Janeiro. Os investimentos são pontuais nas áreas excluídas da cidade, provocando uma dinâmica em que a influência da infraestrutura viária passa a ser um indutor de ocupação, como demonstra o morador da região.

Ilha de Guaratiba pós-túnel trouxe esses loteamentos, né, essas novas ruas, essas novas vias, elas surgiram, realmente, pós-túnel. Realmente veio um “boom”. [...] a gente percebe a diferença mesmo. Na década de 70 temos a Ilha mais elitizada. Década de 90 predomínio da classe média. A partir de 2012 explode também os novos loteamentos. É a expansão do Recreio e da Barra (Informante morador da subárea Ilha e trabalhador local).

As representações dos sujeitos sobre as transformações espaciais da região estão relacionadas não só à circulação viária, considerada um desafio, mas tam-

bém como esses investimentos atingem o que é interno à região. O acesso ao transporte público, no que tange a utilização do BRT, apresenta contradições, pois, da mesma forma que diminuiu o tempo de deslocamento para outros bairros, as condições de uso são precárias e atingem a população de forma diferenciada, pois alguns bairros são favorecidos não só em relação ao serviço, mas também às possibilidades de acesso. Percebemos que a maior parte dos usuários do BRT de Guaratiba são trabalhadores no Recreio dos Bandeirantes, Barra e Zona Sul da cidade (atuando no setor de prestação de serviços e na construção civil), já que para outros bairros fronteiriços como Campo Grande e Santa Cruz, os trabalhadores utilizam as linhas de ônibus que permanecem por estarem integradas ao BRT, ou usam transporte alternativo. O morador da subárea de Guaratiba expõe as transformações ocorridas na região.

Acho que o túnel foi bom pra quem anda de carro. Não tenho carro e pego BRT que não dá conta de tanta gente que pega o BRT. O túnel deu rapidez, antes subir pela Grota funda ninguém merece! Eu subia porque trabalho no Recreio Shopping. Trabalho na C&A. Quando saio do trabalho o BRT está muito cheio. É difícil entrar, mas sair é fácil, porque vou para o ponto final (Informante moradora da subárea Guaratiba).

O morador ressalta que o túnel trouxe benefícios para os que têm carro, pois quem pega o transporte público sofre com a superlotação dos ônibus. O BRT não supri a demanda de transporte na região. Essas obras nem sempre priorizam a população local, pois não são acompanhadas por outros equipamentos urbanos necessários. Ao retirar a maioria das linhas de ônibus que circulavam na região a prefeitura aumentou a carência e ineficiência desse tipo de transporte. Parece que esse fato contribui, de certa forma, para “limitar” e selecionar o processo de expansão, da mesma maneira que permite o crescimento do transporte alternativo (de vans), dominado por milicianos. Nos relatos dos moradores da subárea Pedra observamos esse processo.

Levo 30 minutos da estação do Mundial até o Mato Alto. O BRT foi bom, chego rápido no trabalho. Quando tinha que subir a Grota Funda ninguém aguentava. Muito triste. Mas tinha que melhorar. [...] Aumentar a quantidade de ônibus e voltar as linhas de antes. Moro na Pedra. Você sabe que não tinha entrada pra Pedra? Não tinha não. Estranho né. A gente fez passeata e conseguimos esse retorno do Mato Alto. Quando não tem jeito eu pego van. Fazer o que, né. (Informante morador da subárea Pedra).

Quando vou pro Recreio pego o BRT, pra Campo Grande vou de van tem aqui na frente da minha casa. É rápido. Dizem que é ilegal. Fazer o quê? A gente tem que trabalhar né. A patroa não quer saber do nosso problema, e o serviço tem que fazer sem vacilar. (Informante moradora da subárea Pedra).

As moradoras trazem elementos discursivos que representam o distanciamento desses projetos em relação às necessidades dos habitantes, já que no projeto original da Transoeste não havia um retorno para entrar no bairro da Pedra de Guaratiba pela Estrada Dom João VI, dificultando o acesso dos moradores ao BRT. Apesar do Plano Estratégico ter como uma das prioridades a participação da sociedade nas ações da prefeitura, os projetos na sua elaboração e execução têm mecanismos que inibem o diálogo entre o Estado e a população. Como observamos no discurso do morador.

Dona parece que eles não querem não. Sou presidente de associação, nunca me chamaram para a discussão de BRT, PEU, sei lá o quê. Agora a gente corre atrás do prejuízo. Quando fico sabendo e alguém fala alguma coisa [...]. Aí eu vou (Informante morador da subárea de Guaratiba e presidente de associação).

Esses projetos são apresentados à população sob a forma de símbolos materiais que representam progresso, modernidade, crescimento da cidade, promovendo melhoria da qualidade de vida da população. As intervenções físicas ganharam centralidade nos discursos do planejamento urbano e estratégico e, nesse contexto, a obtenção da aprovação junto às comunidades locais adquire importância central. O marketing urbano funcionaria, assim, como uma importante ferramenta de legitimação dentro da própria localidade. Vainer (2009) explica que a cidade concebida como mercadoria num mercado internacional tão competitivo, o Marketing aparece como uma ferramenta determinante no processo do planejamento e gestão das cidades, e mostra como muitos prefeitos parecem vendedores ambulantes. Essa perspectiva também trabalha com a ideia de que a cidade, com todo esse aparato de equipamentos e serviços, além de produzir essa representação interna, também promove e facilita a internacionalização da cidade. E isso é um modelo a ser seguido pelas grandes cidades como mostra Vainer (2009):

Não fica difícil entender por que as propostas constantes de todos os planos estratégicos, sejam quais forem as cidades, pareçam-se tanto umas com as outras: todas devem vender a mesma coisa aos mesmos compradores virtuais que têm, invariavelmente, as mesmas necessidades. (p. 80).

Para Léfèbvre (2008) “tais projetos parecem claros e corretos porque são projeções visuais sobre o papel e sobre um plano de um espaço, desde o início, postigos” (p.127). Esta concepção de projeto cria uma condição de imobilidade e uma representação do espaço que traz uma leitura de que essas ações atendem às demandas da população. Santos (2014), em seus estudos sobre o urbano indica que é fundamental buscar espaços de debates em torno das questões referentes ao direito à cidade. Observamos nos relatos dos moradores essa imobilidade, apesar dos pontos de tensão em relação às condições de uso.

O BRT foi bom né, foi bom sim. Melhorou pra muita gente aqui. O pessoal chega rápido na Barra. Não demora nada. Acho que foi a melhor coisa de Guaratiba. Tem que ter mais ônibus pra ficar melhor. O lugar ficou melhor (Informante morador da subárea de Guaratiba e comerciante local).

O BRT é bom porque chego rápido em casa e descanso [...]. Agora andar nele é que é difícil pra caramba. A gente entra e não consegue colocar o pé de tão cheio que é. Diminuiu o tempo, mas todos os dias é a mesma coisa, o mesmo perrengue. Mas vale a pena. Chego mais cedo. A minha mulher não aguenta mais ouvir isso. Cada dia é uma história (Informante morador subárea Guaratiba)

Essa imobilidade movida por racionalidades dominantes é parcial na medida em que nesse movimento outras racionalidades são produzidas pelos diferentes sujeitos que habitam à cidade. Muitos projetos, por estarem restritos à outras escalas, não se articulam com o local. Nesse caso pode gerar tensões e conflitos. Formas de resistência alteram o que é posto como explica a moradora da subárea Pedra.

Quando fizeram o túnel e a avenida fecharam a Pedra. A gente, morando na Pedra não dava para pegar o BRT, tinha que ir pra Magarça. Não tinha retorno aqui não. O pessoal falou com o vereador de Sepetiba para resolver. Paramos o trânsito e fiz cartaz também [...]. Não sei quem resolveu, mas resolveu, abriu o retorno. Agora todo mundo vem pra cá. A estação é muito cheia. (Informante moradora subárea Pedra).

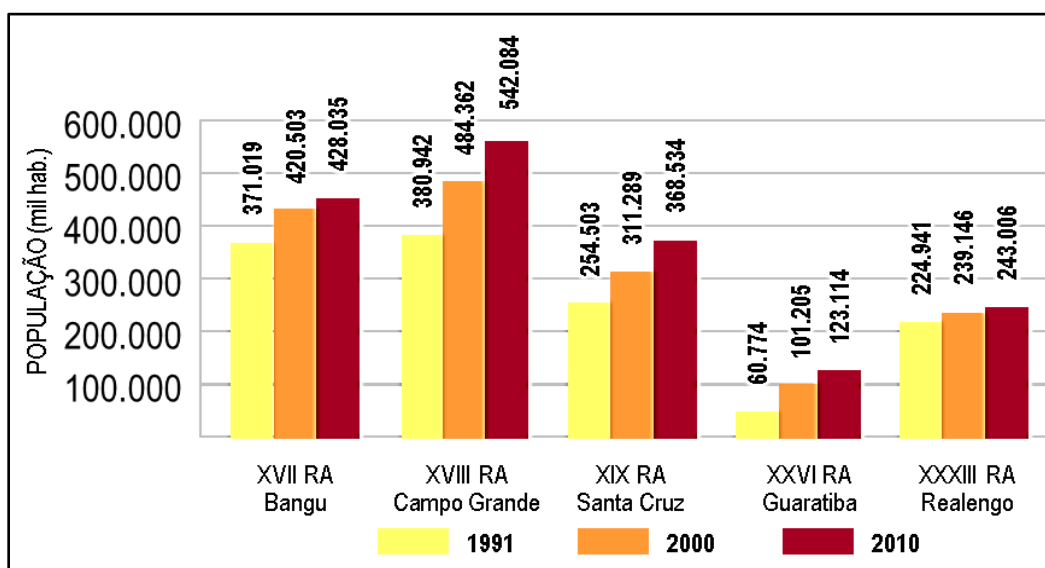
Na região de Guaratiba as obras foram pontuais e realizaram pouco investimento em saneamento básico, infraestrutura viária, equipamentos urbanos e ações de assentamento. O loteamento Jardim Maravilha, no bairro de Guaratiba, recebeu parcialmente infraestrutura urbana como calçamento das ruas, tratamento de esgoto, água encanada e iluminação pública.

Essas intervenções urbanas geram conflitos e a população denuncia problemas que não existiam na região. A reportagem do Portal de Guaratiba com o título “Moradores do Caminho do Morgado, no Retiro, em Ilha de Guaratiba se mobilizam para garantir o abastecimento de água” (16/09/2014), nos mostra que após a abertura do túnel a população cresceu em ritmo acelerado e recebe empreendimentos imobiliários estranhos à vocação do lugar que vive novos problemas como a falta de água. Alerta também para a necessidade de preservar algumas características rurais e ecológicas da região.

O município do Rio de Janeiro possui 161 bairros, sendo eles agrupados em 33 Regiões administrativas, estando essas contidas nas 5 Áreas de Planejamento (IPP, 2019). A RA de Guaratiba encontra-se na AP 5. Uma área que possui 592 Km² e ocupa 48% da área do município. Observamos que essa AP é maior que muitos municípios da Região Metropolitana, e por ocupar essa extensão territorial apresenta grande diversidade em sua delimitação.

A população cresce na RA de Guaratiba e marca um momento de expansão da cidade para a zona oeste. A AP5 teve um aumento populacional em todas as RA's, com destaque para RA de Guaratiba, que nesse período dobrou sua população de 60.774 para 123.114 habitantes, sendo também a RA que apresenta menor número absoluto de habitantes (Fig 18.).

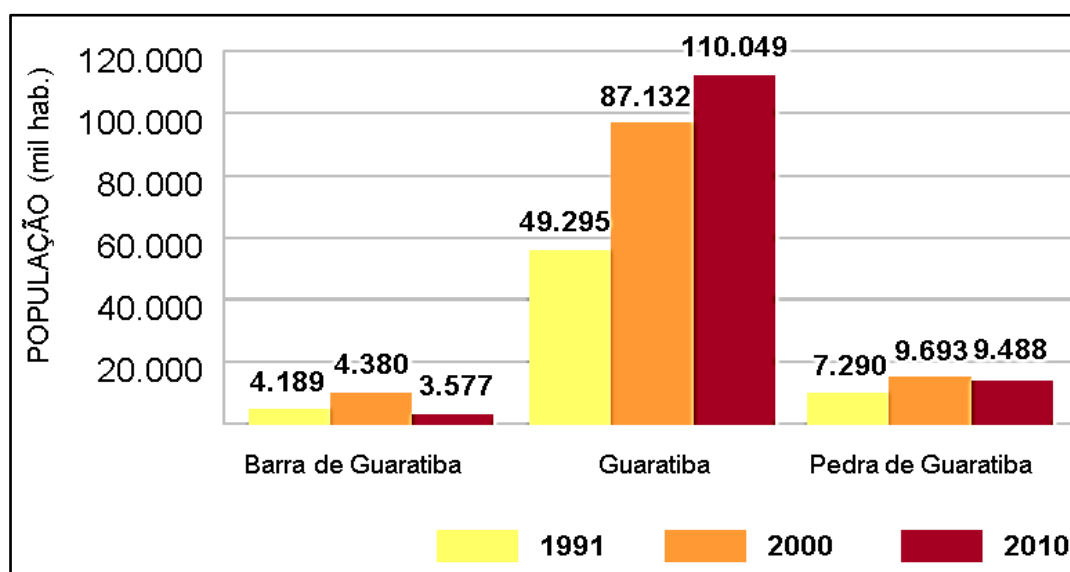
Figura 18: Crescimento populacional nas RA's da AP5.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

A RA de Guaratiba apresenta variação de população entre os bairros devido ao seu tecido urbano, fragmentado pelas limitações do suporte ambiental. O significativo aumento populacional do bairro de Guaratiba, no período de 2000 a 2010, expressa o crescimento populacional na região a partir das intervenções urbanas (Fig. 19). Apesar do crescimento da população, apresenta baixa densidade demográfica devido a sua grande extensão (com áreas sujeitas a alagamento).

Figura 19: Crescimento populacional nos bairros da RA de Guaratiba.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2017.

O bairro com maior densidade populacional é o da Pedra de Guaratiba, cuja ocupação está consolidada e estruturada. O bairro de Guaratiba apresentou o maior crescimento nas três últimas décadas, apesar da baixa densidade populacional, explicada pela dimensão da área. Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba mostraram um padrão de crescimento diferente, já que a população nesses bairros diminuiu no período estudado, porém essa queda foi mais expressiva na Barra de Guaratiba.

O fragmento de entrevista realizada com o representante da SMU/RJ traz algumas ponderações sobre a perspectiva de mudança desse padrão nos dados do Censo 2020 do IBGE.

A população da RA de Guaratiba cresceu nos censos de 2000 e 2010. O de 2020 será maior ainda o crescimento, e Pedra e Barra certamente terão aumento da

população [...]. E isso muda totalmente o padrão que temos hoje, entende. É claro que Guaratiba continuará puxando o crescimento populacional por conta da sua extensão. É um bairro de grande extensão e com isso o crescimento da população é maior entre os bairros da Região Administrativa. Se a sua pesquisa fosse até ano que vem teriam outros dados. Mudará tudo. (Informante morador da subárea Pedra e representante da SMU/RJ)

A prefeitura do Rio considerando os riscos causados pelo processo de crescimento populacional na RA de Guaratiba nas últimas décadas criou em 2013, a Área de Especial Interesse Ambiental da Região de Guaratiba (AEIA), (Decretos: 37483 de 2013, 42659 de 2016 e 43373 de 2017), (Anexo 5).

A AEIA da Região de Guaratiba é justificada pela presença das Unidades de Conservação e as suas respectivas zonas de amortecimento. Tem como finalidade preservar e controlar o meio ambiente, necessitando de estudos mais aprofundados para permitir novas construções.

Ressaltamos que o decreto da AEIA de 2017 extinguiu a área correspondente ao bairro de Pedra de Guaratiba e a poção noroeste do território até o loteamento Jardim maravilha. Essa área é a mais ocupada e consolidada da RA de Guaratiba, potencializando a sua densidade e contrapondo a precariedade de infraestrutura e necessidade de investimento e melhoria, adequando a demanda da densidade atual futura.

3.3. O projeto de estruturação urbana de Guaratiba/ PEU de Guaratiba

A expansão urbana encontra apoio na legislação. Os processos derivados de alterações nas leis e decretos, através de acréscimos e substituições, direcionam não apenas os vetores de expansão, mas também a forma de expandir. É através da legislação que se define o como e onde ocupar. A promulgação de uma AEIA é uma estratégia de limitar a ocupação da região até que o Plano de Estruturação Urbana seja aprovado, definindo novos parâmetros específicos para uso e ocupação do solo. As intervenções urbanas na RA de Guaratiba estão condicionadas à presença de capital privado, o que demonstra a efetiva parceria entre o Estado e as

empresas que querem investir na região. O trecho da entrevista realizada com o representante da SMU/RJ explica o ordenamento a partir das macrozonas.

O Plano Diretor criou zonas, uma... de alinhamento. Ele colocou áreas que são assistidas, áreas que são condicionadas, áreas que são incentivadas e áreas que são controladas. [...] existe uma forma meramente administrativa. A AP5 é de Guadalupe em diante, quer dizer, Deodoro, Vila Militar, Realengo, Bangu, e pegando também a região de Guaratiba e Santa Cruz. Então, quer dizer, é um processo que parte do núcleo central, que é a AP1, a AP2, a AP3, a AP4 e a AP5. A RA de Guaratiba tem a sua área maior na Macrozona Condicionada aos investimentos privados de infraestrutura. Então, isso quer dizer que um empreendedor tem que fazer as infraestruturas necessárias para investir na região. (Informante morador da subárea Pedra e representante da SMU/RJ)

Esse zoneamento tem como objetivo aprofundar às questões ambientais, habitacionais, sociais e de transporte da cidade, para que num próximo passo, seja possível elaborar uma série de legislações complementares, de diversas áreas de atuação, que norteiam os Planos de Estruturação Urbana.

Segundo Cardeman (2014), o PEU foi parcialmente estabelecido no Artigo 5º do decreto 1269 no PUB-Rio, ao deliberar que “a definição de traçados viários, padrões de uso do solo e planos de massa será feita através de Projetos de Estruturação Urbana – PEUs” (p. 47). Assim o PEU se caracteriza pela atuação e especificação de um plano para áreas distintas. Esses novos parâmetros devem ser aplicados com recortes tendo como base características físicas similares, relacionando-se de forma integrada não apenas à cidade, bem como à região metropolitana.

Apesar de determinar parâmetros mais específicos ao contexto urbano, o PEU deve incluir diretrizes para o “desenho urbano” desde o sistema viário até os espaços públicos.

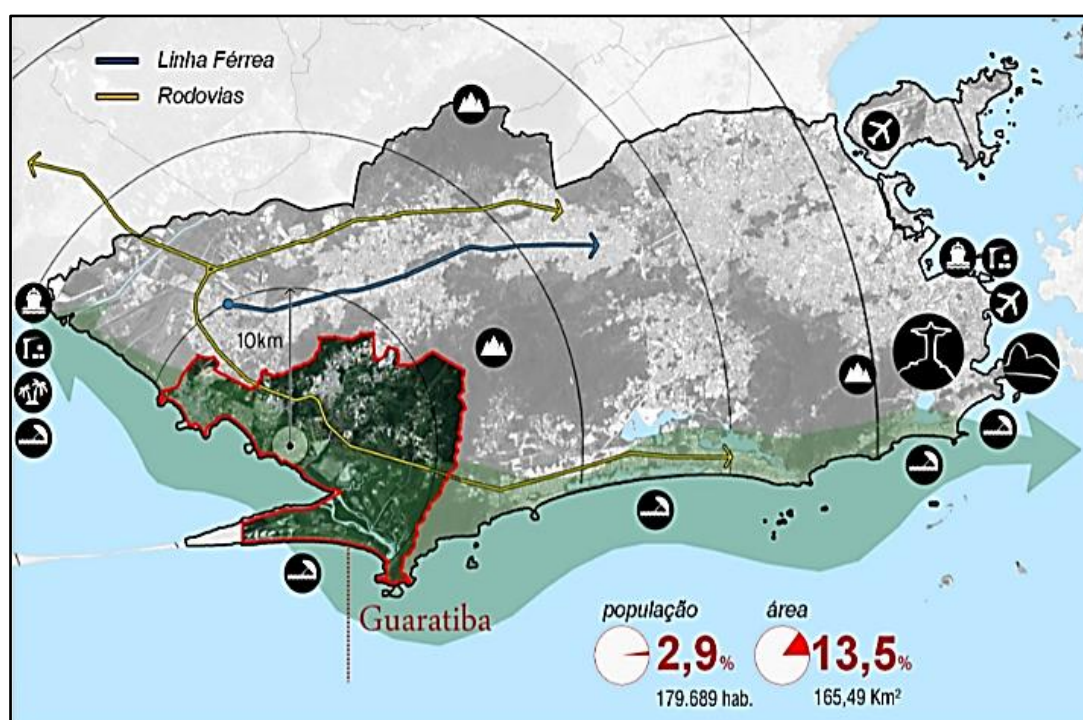
Observamos contradições no processo de ocupação da região de Guaratiba em relação à legislação, já que há um protagonismo das áreas de proteção ambiental. Essa condição atrelada à falta de uma regularização fundiária gera conflitos que devem ser tensionados no processo de elaboração do PEU. A região de Guaratiba tem como fator limitante de ocupação – mangues, morros, planícies de inundação, que servem de barreira natural e contribuem para direcionar a ocupação.

A secretaria Municipal de Urbanismo da Cidade do Rio de Janeiro disponibilizou recentes informações sobre o PEU de Guaratiba (setembro/2019), com o objetivo de apresentar estudos preliminares, já que o projeto se encontra em fase de elaboração. Assim, não cabe no escopo dessa pesquisa uma análise do referido plano. Contudo, é possível afirmar que a proposta segue a mesma lógica empresarial que vem determinando as transformações recentes na RA de Guaratiba.

Cabe ressaltar que a prefeitura agregou ao PEU de Guaratiba o bairro de Sepetiba por julgar suas características (morfológicas, econômicas e padrões socioambientais) próximas aos bairros que abrangem a RA de Guaratiba. A ideia é nesse momento destacar alguns eixos propositivos trabalhados na proposta.

A área que corresponde ao PEU de Guaratiba é marcada por grande extensão territorial (165,49 Km²), apresentando áreas menos adensadas. Os bairros são compartimentados por um relevo com morros cobertos por remanescentes de Mata Atlântica. A parte litorânea é banhada pela baía de Sepetiba, onde encontramos abundância de canais, lagos, ilhas e a restinga da Marambaia, integrados pela vegetação de mangue. A topografia modela a ocupação da população que se distribui nas encostas do maciço da Pedra Branca, nos vales e nas planícies alagadas que vêm sendo aterradas. O aquífero de Guaratiba é responsável pela abundância de água na região. A área é considerada ambientalmente frágil e requer um planejamento urbano que atenda às necessidades da população local tendo em vista as particularidades naturais da região (Fig.20).

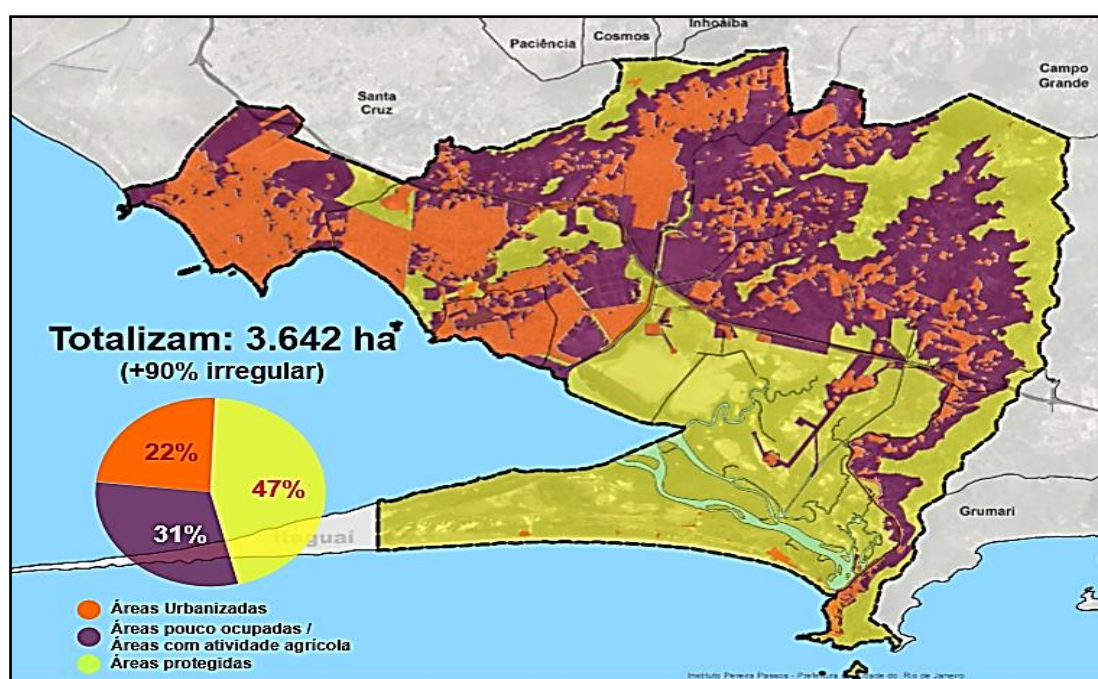
Figura 20: População do PEU de Guaratiba.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

Os dados mostram que a ocupação totaliza 3.642 hectares, sendo considerada pela prefeitura 90% ilegal (Fig. 21). O elemento discursivo “irregular” traz uma representação de fronteira urbana (área a ser apropriada pelo capital), relacionada às áreas urbanizadas, às áreas pouco ocupadas e às áreas protegidas.

Figura 21: Ocupação da área do PEU de Guaratiba.

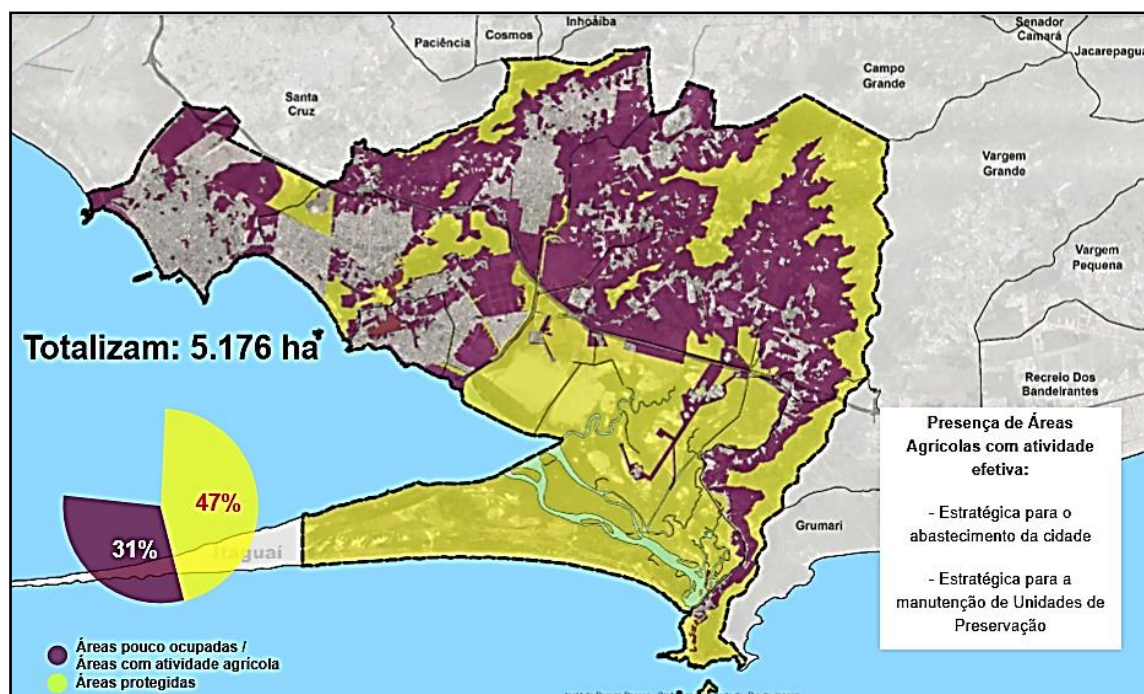


Fonte: PCRJ, 2019

As áreas apresentam formas distintas de ocupação (pela própria dinâmica do capital), por vezes contraditórias, que devem ser estudadas ao se propor um planejamento para a região. Cabe ressaltar as ocupações que estão situadas em Áreas de Especial Interesse Social, que de certa forma, permite legalizar esses loteamentos a serem urbanizados, porém essas áreas servem de “barganha” política na região, gerando muitos conflitos. A concentração de terras atrelada a uma estrutura fundiária conservadora, a distribuição desigual dos equipamentos urbanos e as políticas públicas externas à região, corroboram para acentuar os problemas socioambientais.

A área do PEU é considerada urbana, todavia 31% das áreas que totalizam 5.176 são pouco ocupadas ou desenvolvem atividades agrícolas, e 47% são Unidades de Conservação. Esse quadro revela a fragilidade ambiental da região e o potencial econômico e cultural para dinamizar as atividades vocacionais e implantar projetos que estabelecem outras relações produtivas em parceria com as Unidades de Conservação (Fig. 22).

Figura 22: Uso do solo na área do PEU de Guaratiba.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

Apesar da área do PEU ser urbana, ainda encontramos propriedades com uma população de origem rural desenvolvendo atividades agropecuárias e cultivo de plantas ornamentais. Na parte litorânea temos famílias que sobrevivem do mar,

como os pescadores, os catadores de caranqueijo que sofrem com a poluição da Baía de Sepetiba. A atuação do mercado imobiliário (que aumenta o valor da terra) e o incremento de novos serviços e infraestrutura vêm promovendo transformações acentuadas na região (Fig. 23). É necessário um planejamento urbano que considere as atividades vocacionais da área, atendendo aos interesses locais.

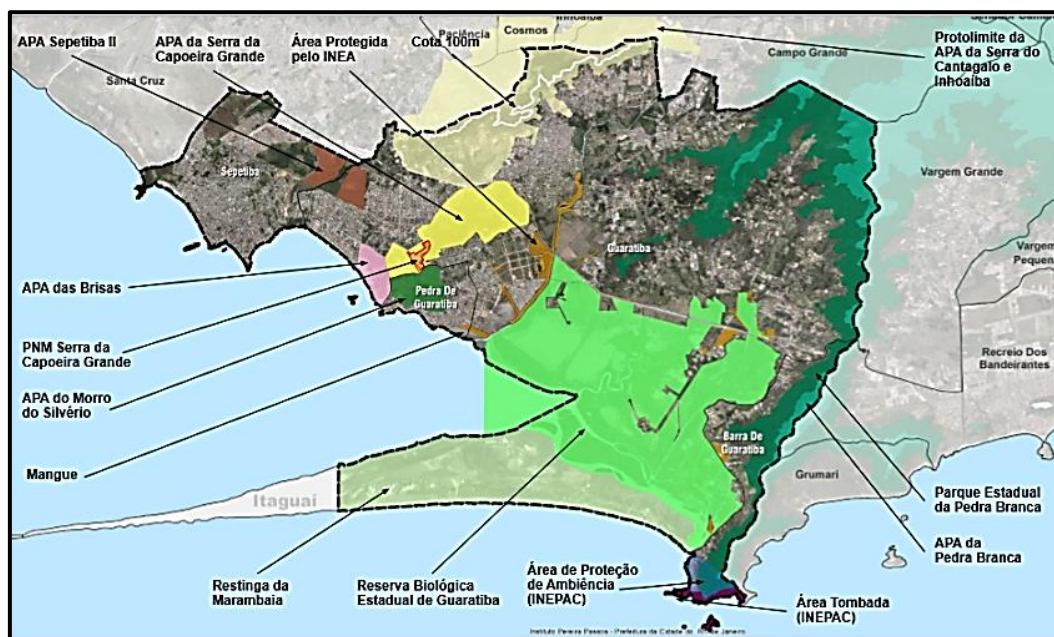
Figura 23: Sítio sendo loteado em Guaratiba.



Foto: MORGADO, V. N., 2019.

O mapa (Fig.24) localiza as Unidades de Conservação na área do PEU de Guaratiba. Essas unidades devem ser pensadas a partir das suas especificidades, já que cada uma traz particularidades em relação à ocupação, ao manejo e manutenção. A maioria da população desconhece a legislação ambiental e o seu entendimento causa estranhamento e distanciamento frente aos órgãos públicos. É fundamental o diálogo entre os sujeitos sociais envolvidos para se promover ações integradas.

Figura 24: Unidades de Conservação na área do PEU de Guaratiba.



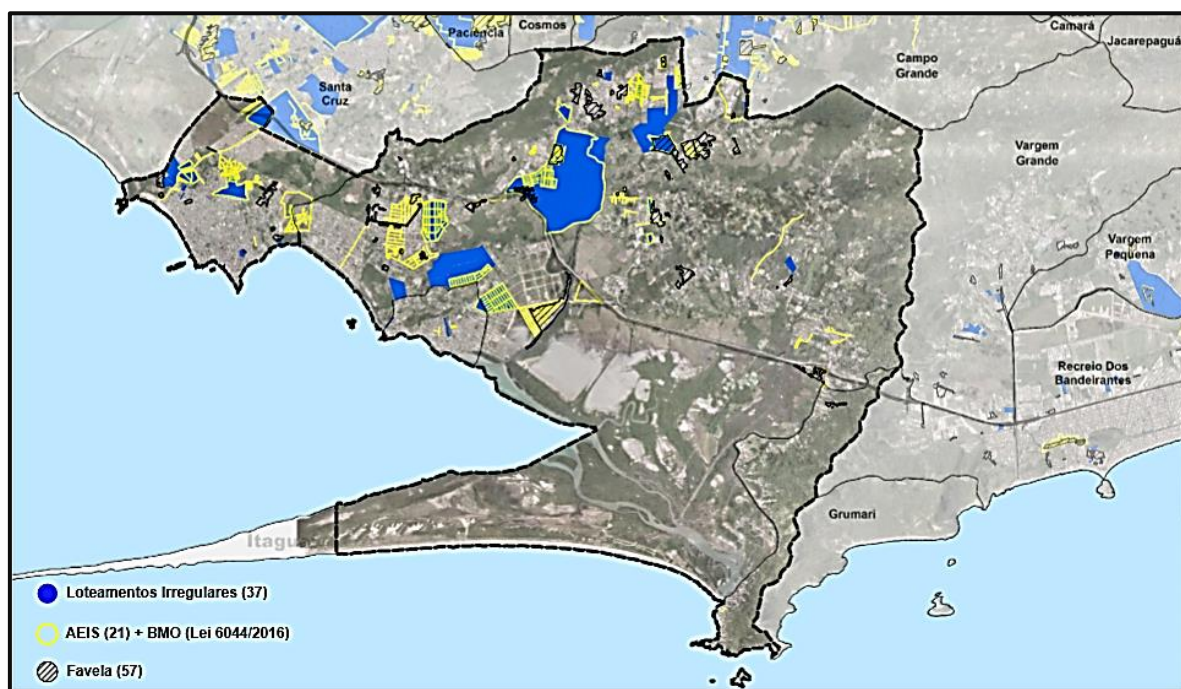
Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

As APAS constituem áreas com potencial turístico, possibilidades de retomada das atividades tradicionais da região, além de estabelecer relações de parceria entre a população local e os moradores nessas Unidades de Conservação. O arquiteto da SMU/RJ explica o conceito de APA e as suas possibilidades em relação à ocupação.

A APA pode ser propriedade particular, pública. É uma Unidade de Conservação que tem famílias morando, como a da Brisa. Há APA que pega mais do que uma área verde. Tanto é que quando você regulamenta tem a zona de ocupação controlada, tem a zona de preservação, zona de uso restrito [...]. Aqui mesmo temos a APA da Capoeira Grande, ela tem vários setores. Cada setor com seu tipo de uso. Alguns são restritos, outros não (Informante morador da subárea Pedra e representante da SMU/RJ).

O mapa (Fig. 25) localiza as Áreas de Especial Interesse Social (AEIS) no bairro de Sepetiba e nas subáreas Pedra, Guaratiba, Ilha e Barra. Há extensos loteamentos irregulares na subárea Guaratiba que estão em processo de legalização por serem AEIS. Observamos que a subárea Pedra apresenta maior número de loteamentos aprovados, haja vista que nesse bairro a empresa Vilamar teve seus lotes legalizados pela prefeitura na década de 1950.

Figura 25: Ocupação na área do PEU de Guaratiba.



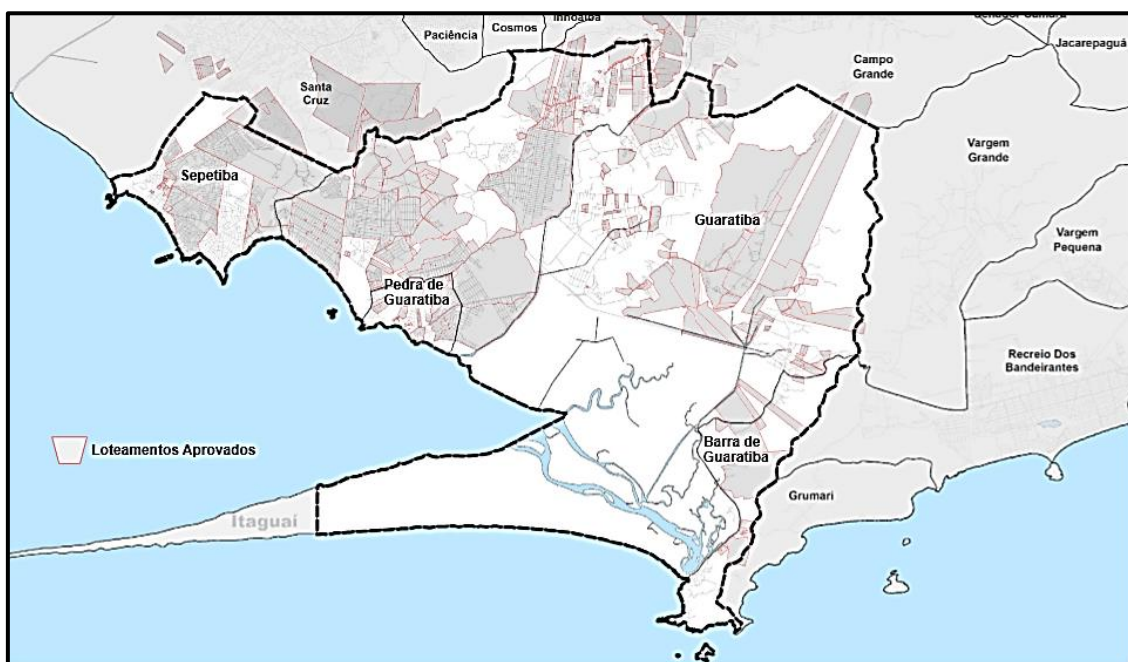
Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

A AEIS é um instrumento de política urbana que permite o poder público dar um “tratamento” diferenciado a uma determinada área, em geral, ocupada por favela, loteamento irregular ou conjunto habitacional de baixa renda. O objetivo é regularizar e urbanizar a parte fundiária das regiões. Existem várias AEIAs na área do PEU de Guaratiba a espera de legalização.

A AEIS possibilita regularizar a ocupação em uma área que tem o licenciamento suspenso por ser AEIA. É a realidade de alguns loteamentos concentrados em Guaratiba e Sepetiba. Os decretos que delimitaram a AEIA proibiram os licenciamentos desde 2013, como já foi explicado anteriormente.

Como mostra o mapa (Fig.26), observamos que é na parte situada a noroeste da área do PEU de Guaratiba que se concentram os loteamentos aprovados pela prefeitura. Pedra de Guaratiba e Sepetiba são considerados bairros de ocupação já consolidada.

Figura 26: Loteamentos aprovados na área do PEU de Guaratiba.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2019.

O bairro de Guaratiba, devido a sua extensão e a presença de sítios e chácaras, é o que possui maior número de loteamentos irregulares. Seguindo o roteiro: partindo da estrada do Mato Alto, seguindo pela estrada do Marmeleiro, entrando pela estrada do Morro Cavado e retornando pela estrada do Carapiá encontramos vários sítios a venda, loteamentos e condomínios sendo construídos. Porém observamos sitiantes que resistem e cultivam produtos agrícolas (verduras, legumes e frutas), praticam a pecuária leiteira e trabalham com jardinagem (Fig. 27).

Figura 27: Sítio na Estrada do Carapiá.



Foto: MORGADO, V.N., 2019

4. Guaratiba (s): mosaico de contradições e conflitos

As recentes transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro marcam uma conjuntura política e administrativa voltada para a visão empresarial e para o mercado imobiliário. Os investimentos públicos e privados contribuem para criar a imagem de cidade moderna e internacionalizada. Assim, o Estado promove projetos de reestruturação urbana, priorizando intervenções urbanas ligadas à circulação viária que orientam vetores de ocupação, direcionando fluxos populacionais. A produção do espaço urbano tem uma dinâmica complexa e expressa uma lógica externa impulsionada pelo Estado e pelo capital e, uma lógica interna que se constitui a partir da vida cotidiana e das ações dos diferentes sujeitos que habitam os espaços. A região de Guaratiba é um lugar onde essas lógicas se cruzam, gerando tensões e conflitos. Buscamos nas representações espaciais dos sujeitos elementos discursivos capazes de orientar a análise das contradições existentes.

No presente capítulo propomos:

- 4.1 – Identificar e qualificar os sujeitos e as suas representações sobre as transformações urbanas da região de Guaratiba.
- 4.2 – Interpretar e compreender os discursos dos sujeitos a luz das lógicas hegemônica e contra hegemônica na região.
- 4.3 – Construir um mosaico das representações sobre as Guaratiba(s).

4.1. Os sujeitos e as representações sobre as transformações urbanas da região de Guaratiba

Na região de Guaratiba,
Lugar de tranquilidade,
Pedra, Barra e Ilha, ... hoje cidade.
(Gonçalves, 1988)

Gonçalves (1988), antigo morador de Guaratiba, nos convida com a sua literatura de Cordel conhecer e estudar a região. As recentes transformações espaciais na RA de Guaratiba foram impulsionadas pelas intervenções viárias com a implementação da Transoeste e a construção do túnel da Grota Funda. Na pesqui-

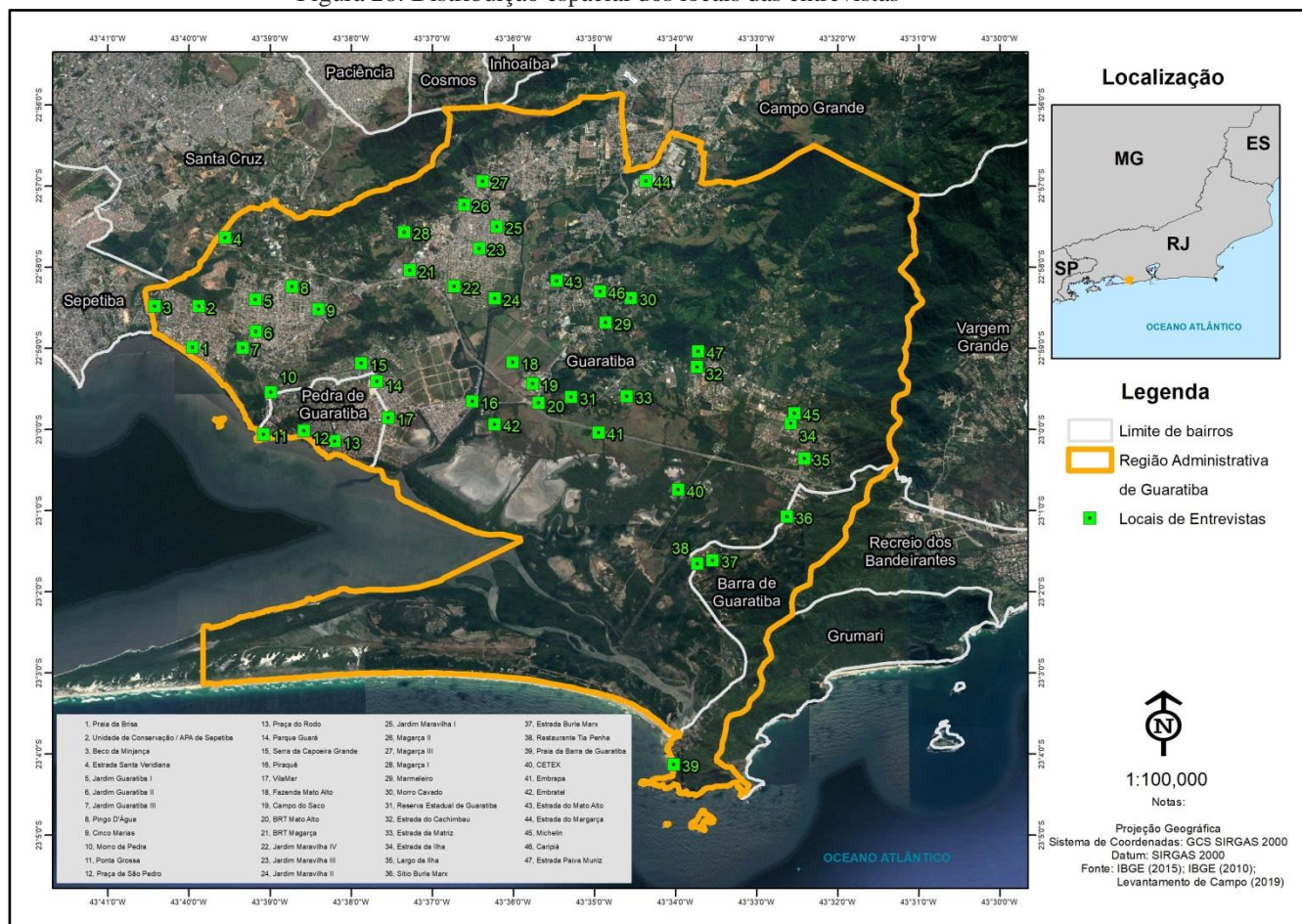
sa, a região é considerada zona de fronteira da expansão da cidade, onde se percebe mudanças na vida cotidiana dos diferentes sujeitos. Propomos uma análise das transformações urbanas a partir das representações dos sujeitos que vivem à região de diversas formas como moradores (antigos e novos), veranistas e turistas, trabalhadores locais, lideranças locais, movimentos sociais, associações de moradores e sindicatos, instituições públicas, instituições religiosas e fundações de assistência social, comércio, serviços locais e empresas da construção civil.

Como trabalhamos anteriormente, a RA de Guaratiba abrange uma extensa área da cidade do Rio de Janeiro que apresentou nas últimas décadas significativo aumento populacional, incremento do comércio e dos serviços e crescimento do mercado imobiliário, o que gerou mudanças na forma de organização do espaço, alterando a vida cotidiana dos sujeitos que habitam os bairros que integram à região.

Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba são bairros que possuem algumas características similares (principalmente em relação aos aspectos físicos e o processo de ocupação), porém com particularidades que os diferenciam, e que marcam às representações dos sujeitos que vivem nessas áreas. Essa “diferença” permitiu compor uma nova regionalização, que vai além das fronteiras administrativas dos bairros e, só foi possível criá-la, a partir das observações diretas, informações dos sujeitos pesquisados e outras referências de pesquisa. Cabe indicar que usamos as “subáreas” como referencial de localização dos entrevistados e na análise dos dados.

Ao percorrermos as trilhas, chamadas de “trajetos livres”, observamos os lugares, entrevistamos as pessoas e, posteriormente, realizamos novas entrevistas, atividades com os moradores e outros trabalhos de campo. Assim foi possível identificar 4 subáreas distintas que se interrelacionam – subárea Guaratiba, subárea Pedra, subárea Barra e subárea Ilha. O mapa (Fig. 28) localiza os pontos de observação e dos informantes da pesquisa.

Figura 28: Distribuição espacial dos locais das entrevistas



Elaborado por MORGADO, V.N.; NASCIMENTO, R.C.G., 2019.

A distribuição dos pontos no mapa mostra como a topografia modela a ocupação da região e nos traz uma forma peculiar. As observações diretas e as entrevistas contribuíram para analisar as transformações recentes do espaço com base no cotidiano dos sujeitos. Os quadros abaixo localizam os pontos, caracterizando os entrevistados de cada subárea.

Na subárea Pedra (Fig. 29) encontramos uma diversidade considerável entre os informantes em comparação com as demais. Isso se deve ao fato da área já apresentar uma ocupação consolidada e um crescimento do comércio e dos serviços. A subárea abrange os loteamentos – Praia da Brisa, Jardim Guaratiba, Cinco Marias, o bairro da Pedra de Guaratiba até a Comunidade do Piraquê. Há condomínios recentes na estrada da Pedra, na serra da Capoeira Grande (com destaque para a estrada do Catruz). Na área central do bairro da Pedra encontramos um comércio emergente (supermercados, lojas, casa lotérica), diversos serviços (hospitais, bancários, educativos, correios), fundações de assistência social, associações

(de moradores, culturais e ambientais) e instituições públicas. Na orla observamos as casas de veraneio, a concentração de restaurantes especializados em frutos do mar atendendo um turismo de fim de semana e, a atividade pesqueira. O lugar ainda preserva algumas características de balneário, mesmo com a poluição da praia.

Assim, entrevistamos novos e antigos moradores, veranistas, turistas, trabalhadores locais, comerciantes, representantes de associações e de fundações, funcionários públicos e lideranças locais.

Figura 29: Quadro dos entrevistados na subárea Pedra

PONTOS	LOCALIZAÇÃO	ENTREVISTADOS
1	Praia da Brisa	(2) Moradores antigos (1) Presidente da Associação de Moradores Bela Brisa (morador antigo)** (1) Veranista**
2	APA de Sepetiba	(2) Moradores antigos (1) Novo morador*
3	Beco da Minchança	(2) Moradores antigos (1) Morador antigo*
4	Estrada Santa Veridiana	(2) Moradores antigos
5	Jardim Guaratiba I	(2) Moradores antigos (1) Novo morador*
6	Jardim Guaratiba II	(2) Moradores antigos (1) Comerciante local (morador antigo)*

7	Jardim Guaratiba III	(2) Moradores antigos
8	Pingo D'Água	(1) Novo morador (1) Trabalhador local (morador antigo)*
9	Cinco Marias	(2) Moradores antigos (1) Comerciante local (morador antigo)* (2) Moradores antigos*
10	Morro da Pedra	(2) Novos moradores
11	Ponta Grossa	(2) Moradores antigos (2) Pescadores (moradores antigos)*
12	Praça de São Pedro	(2) Moradores antigos (1) Turista** (1) Padre (morador antigo)** (1) Presidente da Colônia dos Pescadores (morador antigo)**
13	Praça do Rodo	(1) trabalhador local (1) Morador antigo (1) Gari da COMLURB** (1) Representante da Associação Mulheres de Pedra (moradora antiga)** (1) Representante da Fundação Angélica Goulart** (1) Arquiteto da (SMRJ) e morador antigo** (4) comerciantes locais (moradores antigos)* (2) Trabalhadores locais* (1) Veranista*

14	Parque Guar	(2) Novos moradores
15	Serra da Capoeira Grande	(1) Novo morador (1) Sitiente (morador antigo)*
16	Piraquê	(1) Morador antigo (1) Grupo Focal**
17	Vilamar	(1) Moradora antiga** (1) Diretor da Vilamar**

Total das entrevistas: 59

Total das entrevistas com questionário no trajeto livre: 28

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro pr-elaborado (*): 19

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro individual transcrita (**): 12

Na subárea Guaratiba (Fig. 30) observamos loteamentos antigos e novos que ocupam áreas com baixa capacidade de drenagem. O sub-bairro Jardim Maravilha cresce nas direções da Avenida Dom João VI e da extensa Fazenda Mato Alto (que resiste  especulação imobiliária). Na rea que d acesso à estrada do Mato Alto existem pequenos sítios ainda produtores, contrastando com os sítios e granjas que estão  venda, ou já são condomínios residenciais. O pequeno comércio é pontual nas vias principais dos loteamentos, predominando mercados, bares, lojas de material de construção, casas de festas, lotérica e outros. A subárea faz fronteira com o bairro de Campo Grande (rea que concentra novos condomínios) e termina na Avenida Dom João VI. Atualmente recebe uma população advinda dos bairros da Zona Oeste do Rio, principalmente de Campo Grande, Bangu e, bairros ligados pela Avenida Brasil.

Entrevistamos antigos e novos moradores, alguns sitiantes, trabalhadores locais, comerciantes e operários de uma indústria multinacional localizada na região.

Figura 30: Quadro dos entrevistados na subárea Guaratiba

PONTOS	LOCALIZAÇÃO	ENTREVISTADOS
21	BRT Magarça	(2) Moradores antigos (1) trabalhador local *
28	Magarça I	(2) Moradores antigos (1) Sitiante (morador) *
18	Fazenda Mato Alto (SAGAP)	(1) trabalhador da Fazenda (1) trabalhador da Fazenda (morador antigo)**
22	Jardim Maravilha IV	(2) Moradores antigos (1) Novo morador** (1) Sitiante (veranista)*
24	Jardim Maravilha II	(2) Moradores antigos
23	Jardim Maravilha III	(2) Moradores antigos (2) Comerciantes*

25	Jardim Maravilha I	(2) Comerciantes (moradores antigos) (1) Novo morador*
26	Magarça II	(1) Novo morador (1) Trabalhador local*
27	Magarça III	(2) Moradores antigos (1) Sitiante (morador antigo)**
44	Estrada do Magarça	(2) Novos moradores
45	Michelin	(1) Operário*
43	Estrada do Mato Alto	(2) Novos moradores (1) Comerciante (morador antigo)
46	Carapiá	(2) Sitiantes (veranistas)*
30	Morro cavado	(1) Novo morador (2) Comerciantes (moradores antigos) (1) Sitiante (novo morador)*
29	Marmeleiro	(2) Sitiantes (moradores antigos)*
19	Campo do Saco	(3) Novos moradores (1) Morador antigo*

20	BRT Mato Alto	(2) Moradores antigos (1) Trabalhador local (novo morador)*
42	EMBRATEL	(1) Trabalhador local*

Total das entrevistas: 48

Total das entrevistas com questionário no trajeto livre: 29

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-elaborado (*): 16

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro individual transcrita (**): 3

A subárea Ilha (Fig. 31) é caracterizada pela concentração de sítios, alguns com produção agrícola e outros com cultivo de plantas ornamentais, porém há um acelerado processo de fragmentação das terras. Os sítios estão sendo loteados, dando lugar aos novos condomínios. Apresenta poucos serviços e um comércio local que se restringe aos novos mercados e lojas de material de construção, agropecuária, bares e padarias, que hoje não atendem à demanda da população local.

Entrevistamos antigos e novos moradores, sitiantes, comerciantes, e trabalhadores locais.

Figura 31: Quadro dos entrevistados na subárea Ilha

PONTOS	LOCALIZAÇÃO	ENTREVISTADOS
31	Reserva Biológica de Guaratiba	(1) Diretor da RBG
33	Estrada da Matriz	(2) Sitiantes (moradores antigos)*

32	Estrada do Cachimbal	(2) Sitiantes (moradores antigos) (3) Novos moradores (1) Comerciante local (morador)*
47	Estrada Paiva Muniz	(2) Sitiantes (moradores antigos)*
34	Estrada da Ilha	(1) Grupo Focal** (1) Trabalhador local**
35	Largo da Ilha	(2) comerciantes locais (moradores antigos) (1) Novo morador (1) Novo morador**

Total das entrevistas: 17

Total das entrevistas com questionário no trajeto livre: 9

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-elaborado (*): 5

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro individual transcrita (**): 3

A subárea Barra (Fig. 32) é a de menor dimensão em comparação com as demais. A ocupação antiga está concentrada no maciço do Grumari e ao longo da estrada Burle Marx encontramos os restaurantes especializados em frutos do mar, novos condomínios, um comércio local, algumas pousadas e serviços ligados ao turismo (principalmente ecológico).

Entrevistamos novos e antigos moradores, turistas, veranistas, pescadores, comerciantes e trabalhadores locais.

Figura 32: Quadro dos entrevistados na subárea Barra

PONTOS	LOCALIZAÇÃO	ENTREVISTADOS
41	EMBRAPA	(1) Pesquisador*
40	CETEX	(1) Pesquisador*
37	Estrada Burle Marx	(2) Novos moradores (3) Antigos moradores (1) Trabalhador local* (novo morador)
36	Sítio Burle Marx	(1) Chefe da divisão técnica (morador antigo)** (2) Turistas*
39	Praia da Barra	(4) Antigos moradores (2) Comerciantes (antigos moradores) (1) Pescador (antigo morador)* (1) trabalhador local (novo morador)*

		(1) Turista**
38	Restaurante da Tia Penha	(1) Gerente do restaurante (antigo morador)**

Total das entrevistas: 21

Total das entrevistas com questionário no trajeto livre: 11

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro pré-elaborado (*): 7

Total das entrevistas semiestruturadas com roteiro individual transcrita (**): 3

Ao identificar as principais transformações do espaço na RA de Guaratiba, com base nas representações dos sujeitos, consideramos três fatores que afetam diretamente o cotidiano das subáreas estudadas – o crescimento da população, o incremento do mercado imobiliário e o aumento do comércio e dos serviços.

Atualmente, o fluxo populacional é uma realidade nas quatro subáreas, alterando as relações sociais, culturais, produzindo outras representações do espaço. É na subárea Guaratiba que observamos maior fluxo de populacional, seguida da subárea Pedra, onde encontramos algumas áreas de ocupação recente, uma população veranista que hoje é moradora, e um pequeno fluxo de retorno ao bairro. Essa população chega de vários bairros da cidade (com destaque para os bairros da zona oeste, em especial Campo Grande) e, de outros Estados do Brasil. O novo morador relata como chegou à subárea Guaratiba.

Há seis anos, a gente, quando eu comprei aqui, né. Eu vim atrás de espaço, né, porque Jacarepaguá, onde eu fui nascido e criado, e, simplesmente não existe mais, não tem como se locomover. Hoje em dia eu evito de ir lá ver meus pais, porque, infelizmente, eu vou lá eu tenho aborrecimento, né. Gardênia Azul que é o bairro onde eu fui criado, você não consegue passar, é carro estacionado de um

lado a outro da rua que forma simplesmente um corredor. Eu vim atrás de espaço livre, de liberdade, digamos assim, né, e de tranquilidade. E, com o túnel, né, Eu comprei o túnel não estava pronto, né, mas, com o túnel melhorou bem mais. Foi o túnel ficar pronto, dois anos depois disso aqui simplesmente triplicou o tamanho (Informante morador da subárea Guaratiba).

A representação do morador traz elementos simbólicos – “espaço livre”, liberdade e tranquilidade, que criam a imagem de um lugar que está em descompasso com o “caos” da cidade. Essa imagem é apropriada pelo capital que a torna mercadoria.

Nas subáreas Barra e Ilha observamos menor fluxo populacional, mas há um processo de ocupação (principalmente na estrada da Ilha e na estrada Burle Marx), com novos condomínios. A população cresce em direção ao Maciço da Pedra Branca e nas áreas de mangue, principalmente na zona de amortecimento da Reserva Biológica de Guaratiba:

Tenho novos vizinhos. A minha escola aumentou o número de alunos. Muitos alunos vindos do Recreio e de Jacarepaguá. As famílias vêm em busca de tranquilidade e sossego. Isso é bom, está movimentando o bairro, mas sei que tem gente aqui que não aprova (Informante moradora da subárea da Ilha e sitiante).

A chegada desses novos residentes significa mudanças na cultura local. Os moradores antigos da subárea Ilha mostram que às relações de vizinhança estão mudando, e as referências simbólicas do lugar sendo ressignificadas com muitos conflitos.

Cara, isso é muito louco, às vezes eu me sinto novo no bairro... Eu sou novo no bairro. As pessoas passam e a gente pergunta: que pessoa é essa? [...] Nada, ninguém mais. [...] não conheço mais os meus vizinhos. Mas é normal, à medida que o bairro vai crescendo você perde muito as referências. Você tinha muita referência das principais famílias. A família da Valquíria, a família da minha mãe, que é dos Morgados, super grande, a família do meu pai também. [...] olha, se eu falar em duas décadas. Assim, uma década, dez anos. Meu sobrinho, a referência dele no bairro, não existe mais, tudo bem que ele estuda no Recreio, mas todos os amigos dele são do Recreio, não tem mais nenhuma identificação com o bairro em que mora. Tenho um sobrinho mais velho que tem mais identificação com o bairro [...]. Eu falei do time de futebol. [...] eu estudava em Campo Grande, zona oeste. Estudei numa escolinha perto de casa, a Narcisa Amália, até os 12, 13. Tive os amigos aqui da região por conta do clube [...]. A Ilha Futebol Clube que é do lado da Ilha, tem um campo, uma referência, grande parte das pessoas daqui de Guaratiba são torcedoras do Botafogo por conta das cores do clube (Informante morador da subárea Ilha).

Quem consegue se entrosar, vai se intercalando ali com a gente. Mas a grande maioria é tipo passar e nem bom dia, nem boa tarde, entendeu? E assim vai. E aí [...] é isso. A gente estranha demais entendeu. A gente até dizia que aqui era o lugar do oi. Era oi fulano! Era muito pequenininho. A gente conhecia todo mundo. Sabíamos que era primo de fulano [...]. Sabe Márcia, filha da Antonieta, lá da igreja, da dona Santinha, filha de dona Santinha, a Valquíria. Não existe mais isso, só existe pra quem conhece a gente (Informante moradora da subárea Ilha).

Vêm pessoas de todo lugar. Estão chegando pessoas aqui também que estão habituados a coisas diferentes. Que traz lá do local prá cá. Então, tem assim, vêm pessoas da Zona Sul? Vem. Mas vem também, estão chegando pessoas de comunidade. Então está tendo uma miscigenação que não tá dando pra entender. E a gente que é morador, tá assim meio que tentando se entrosar. Olha gente não faz isso. Oh! Não é por aqui, ou passa ali. Tem um lixão ali que eu passo. Eu tiro foto, ponho na internet pedindo pra não fazer, porque é sofá, é colchão, coisa que eu nunca vi isso (Informante moradora da subárea Ilha).

Em relação à chegada dos novos moradores, encontramos maior resistência na subárea Ilha. Isso se deve aos fatos da área ter uma condição física que limitou a ocupação (próxima ao maciço da Pedra Branca), uma estrutura fundiária com predomínio de sítios e chácaras que não atraíam o turismo, com aspectos rurais que resistem até hoje, o que proporcionou certo isolamento da população e uma divergência com as demais subáreas. Destacamos que o processo de ocupação está acelerado com intensos conflitos como mostra o morador da subárea Ilha.

Eles chegam aqui entram nos condomínios e não são simpáticos. Nem caminham por aqui. A gente conhece eles e nem na igreja vão. Acho que fazem tudo no Recreio e na Barra. Isso é ruim para o bairro que sempre foi de amizade e conhecidos. A gente estranha muito (Informante, sitiante e moradora).

O mercado imobiliário cresceu nas quatro subáreas, contudo observamos diferenças nas estratégias utilizadas pelo capital. As subáreas Ilha e Barra recebem investimentos pontuais ligados às empresas de pequeno e médio porte, já na subárea Guaratiba encontramos pequenas, médias e grandes empresas (incentivadas pelo capital financeiro). Na subárea Pedra observamos a atuação de pequenas empresas, (principalmente na construção de pequenos terrenos), além da presença da empresa Vilamar que possui loteamentos na região desde a década de 1950.

Na RA de Guaratiba há um crescimento das pequenas empresas ligadas à construção civil. O arquiteto da SMU/RJ explica esse fenômeno imobiliário.

Hoje existe um mercado imobiliário do grande empreendedor e do pequeno empreendedor. O do pequeno empreendedor, ele meio que ficou um pouco paralisado, porque você não tinha financiamento. Tinha dificuldade até para o cara conseguir obter recursos. Quando começou a ter mais recursos pela Caixa, mais recursos pelo Banco do Brasil, os próprios bancos privados começaram também a financiar, isso facilitou o pequeno investidor, né. E aí, isso começou a criar uma dinâmica em que o próprio pequeno construtor passa a ter investidores privados participando do processo, quer dizer, financiando aquilo, porque se você constrói uma casa em seis meses e você for revender em um ano, você terá um retorno muito alto, né. Imagina, você compra um terreno, constrói, em um ano você está vendendo. Quer dizer, em um ano o investimento que você faz ganha um retorno bem considerável. E aí começa um processo, a se auto-alimentar. Isso, aqui, a gente percebe que aconteceu. [...] a desaceleração da economia colocou pessoas com potencial na rua. Eles se arriscam. Eu conheci vários engenheiros, já com uma idade, que não conseguem se colocar de novo no mercado, e começaram a construir por conta própria, e estão caminhando bem (Informante morador da subárea Pedra e representante da SMU/RJ).

Uma estratégia imobiliária difundida na região é relatada pelo morador ao explicar a influência de construtoras informais na região.

O pai de um amigo meu tinha um terreno muito grande aqui na Ilha. Uma construtora o procurou e propôs o loteamento com ele... Ele foi inclusive passado para trás, isso é muito normal... E loteou todo o terreno dele. Isso já tem um bom tempo, foi uma construtora que o procurou. Não é uma construtora organizada... São pessoas que são direcionadas para construir áreas multifamiliares, quitinetes, enfim [...]. O que existe hoje em dia é uma nova forma de fazer dinheiro, digamos assim... se você tem um pouco mais de dinheiro você adquire uma propriedade, constrói quitinetes e aluga. Isso está acontecendo em algumas áreas. Até mesmo no Recreio há um tempo se construía prédio e você alugava. Se construía prédio em sociedade, de quatro famílias (Informante e morador da subárea Ilha)

Cabe ressaltar que a maior parte da RA de Guaratiba está localizada na Macrozona Condicionada, e por isso, as construtoras ao investirem nessas áreas devem desenvolver infraestrutura no local. Em relação à infraestrutura urbana encontramos diferenças internas nas subáreas, já que as construtoras de médio e grande porte atuam na região, como mostra o diretor da empresa Vilamar.

Parque do Guará são quatro loteamentos Um loteamento já é todo autorizado [...]. Só que a prefeitura não fez a parte que deveria fazer, de asfalto, de infraestrutura. Nós que estamos fazendo tudo isso. Arruamento, canalização do esgoto. Toda a infraestrutura. Então, é o próprio loteamento Vilamar (Informante diretor da empresa Vilamar).

O aumento do comércio e dos serviços nas subáreas foi pontual, fragmentando e hierarquizando o espaço. A subárea Pedra concentrou o comércio e os serviços além da presença de fundações e movimentos sociais que são inerentes

ao lugar. Barra e Ilha possuem poucos serviços e um pequeno comércio. Enquanto a subárea Guaratiba diversificou alguns serviços e aumentou o comércio local.

Na subárea da Ilha e Barra não há posto de saúde e a população tem que se deslocar para outros bairros. A região é carente em serviços públicos nas áreas – saúde, educação, lazer, trabalho, infraestrutura urbana, e outros. Os jovens da comunidade do Piraquê explicam as demandas locais e como essas áreas acabam expulsando a população jovem para outros bairros da cidade.

A gente não tem escolas boas. Isso é ruim, porque ficamos em desvantagem, né. Pra conseguir alguma coisa tenho que ir pra Campo Grande. Só que a gente não tem dinheiro para ir. Aqui a gente não tem escola boa, falta tudo (Informante morador da subárea Pedra).

[...] E essa é a realidade de muita gente que vive aqui, não tô criticando, tá, mas que vive aqui, se forma com o estudo e vai embora. E aí vai para o Recreio, vai pra Barra, vai pra Campo Grande, e vai para o Centro, vai pra Copacabana, dependendo das condições que essa pessoa alcança. Mas eu vejo que é porque não tem mesmo essa questão do pertencimento, né, por quê? É vendido tanto um discurso pra gente, que a gente compra, acredita nele, e vai embora. Né, então ... eu já penso de uma outra forma. E assim, todo o trabalho que eu tenho feito, assim, desde que eu me entendo por gente, sempre foi tentar isso, sabe tentar fazer com que as pessoas se orgulhassem do “território” em que elas vivem que elas ocupam que elas formam, porque quem forma o território somos nós, né, dentro das nossas possibilidades (Informante morador da subárea Pedra).

Quanto à geração de novos empregos na região, o aumento não foi significativo e a população tem que buscar trabalho nos bairros mais próximos. Santa Cruz e Campo Grande atraem os trabalhadores que moram nas subáreas da Pedra e de Guaratiba. Os bairros do Recreio dos Bandeirantes e da Barra da Tijuca absorvem os trabalhadores das subáreas Pedra e Guaratiba. Ainda existe uma população que trabalha no Centro do Rio e mora na região.

Sou diarista na Barra e venho todos os dias pra casa. Antes não vinha porque demorava muito. Muito mesmo, né. Com o BRT consigo voltar pra casa (Informante moradora da subárea da Pedra).

Eu trabalho no Centro do Rio, na Prefeitura e meu filho estuda na Barra. Vou de carro... todos os dias, mas é melhor porque sem carro eu não faria tudo que quero. Com o túnel as coisas melhoraram muito (Informante morador da subárea Pedra).

O transporte nas subáreas ainda é precário, mesmo com as intervenções viárias com a Transoeste e o BRT. Retiraram de circulação as linhas de ônibus anti-

gas e sobrecarregou as existentes. A população recorre ao transporte alternativo (vans) que oferece um transporte de má qualidade.

Moça não dá pra andar de BRT no horário que saio do trabalho. Trabalho na Barra e moro no Jardim Maravilha. Não tem jeito. Eu fico esperando, esperando para pegar um BRT vazio, aí chego em casa tarde. [...] Aqui não tem emprego nem estudo. O caso é ir pra Campo Grande ou Barra (Informante moradora da subárea de Guaratiba).

4.2. Os discursos dos sujeitos a luz das lógicas hegemônica e contra hegemônica na região.

A RA de Guaratiba, nas últimas décadas, vem recebendo investimentos público-privados que dinamizou o mercado imobiliário e promoveu a expansão urbana para as subáreas estudadas. Segundo Léfèbvre (2011), o urbano está relacionado a uma lógica, a um modo de vida que ultrapassa as fronteiras da cidade e se impõe em escala mundial. É um processo que se refere à própria concepção do desenvolvimento capitalista, a “reificação” e a “mercadificação” de quase todos os aspectos que cercam as nossas vidas cotidianas. Assim, investigamos essas transformações espaciais a partir do conceito de espaço em Léfèbvre (2011), enquanto espaço vivido, percebido e concebido. O foco está nas representações dos sujeitos que vivem em Guaratiba, que atuam na (re) produção do processo urbano, produzindo lógicas hegemônicas ou contra hegemônicas. As representações para o autor são como mediações intimamente ligadas às relações sociais de produção.

Assim, as representações são produzidas por sujeitos e é por meio delas que concebemos o mundo. São aproximações da realidade. As representações são elementos essenciais na articulação das diferentes escalas em que os processos analisados estão imbricados. É a partir das representações que concebemos de forma conjunta os aspectos materiais e imateriais relativos às transformações urbanas na RA de Guaratiba, que impõem determinadas relações sociais de produção. Assim, o conceito de representação é de enorme importância nessa pesquisa. Na perspectiva de Henri Lefebvre o conceito de representação é múltiplo e dinâmico, exprime as ressignificações e recriações dos espaços na/da cidade.

Como analisamos anteriormente, o modelo de desenvolvimento hegemônico impõe lógicas de ocupação produzidas para atender o capital. Ao abordar os desenvolvimentos geográficos desiguais buscamos as mediações presentes nas representações dos sujeitos pesquisados. Essas mediações são espaciais, pois vinculam sujeito, objeto, o concreto e o abstrato nas transformações espaciais (que são contraditórias). Se a concepção de desenvolvimento nos serve de parâmetro para compreender as transformações espaciais de Guaratiba, as representações são fundamentais para articular diferentes escalas de análise.

A dimensão simbólica é um fator determinante no que tange a produção do espaço. Todo o discurso carrega uma forma de ver o mundo, uma ideologia específica. Carrega poder quando se impõe ao “outro” como verdadeiro. O poder expressa sempre uma relação e por isso, pressupõe o “outro”. Segundo Hall (2001) às representações são produzidas e atravessadas por relações de poder, seja nas mais diversas expressões em que se manifestam. Um discurso nunca é neutro, ou seja, está “localizado” no espaço e contém uma ideologia específica. Quando se confirma verdadeiro é um importante mecanismo portador de poder, além de ser um dos instrumentos por onde o poder circula, contendo diversas intencionalidades.

Enquanto elemento central do discurso hegemônico, o conceito de desenvolvimento é fundamental para compreender as representações dominantes em nossa sociedade e, consequentemente, os imaginários correspondentes às transformações do espaço de Guaratiba. O desenvolvimento, construção da modernidade, é concebido dentro dos padrões ocidentais e economicistas do capitalismo e tendo como princípios básicos o crescimento econômico e o progresso técnico. Os sujeitos trazem esses elementos discursivos nas suas representações. O morador da subárea Guaratiba traz esse discurso, onde a técnica se apresenta como sinônimo do moderno, e a visão de progresso vem com a ideia de felicidade e melhoria da qualidade de vida.

Sei que isso é progresso, a gente tem que se adaptar né, mas acho que vai satisfazer a gente... a gente tem que acreditar né. O BRT veio pra melhorar. O BRT é um ônibus diferente,... parece um trem. Tinha que ter mais vagão. Parece que vão colocar mais. O João disse que não pode porque a pista é estreita, mas eles conseguem tudo, podem fazer buraco no morro e mudar tudo [...]. Eles

fizeram isso tudo rápido usando coisa do exterior (Informante morador da subárea Guaratiba).

Os elementos “melhoria”, “adaptação” trazem a noção de desenvolvimento ligada à técnica, à evolução e à condição de inferioridade em relação ao “outro”. A revolução técnico-científica, relacionada a expansão do capitalismo pelo Ocidente, desenvolveu a lógica utilitarista, que percebe a natureza como um recurso a ser explorado, a ser transformado em riqueza. Nas palavras de Latouche (1994) “A técnica tornou-se um artigo de fé universal, a consequência concreta e a presença visível da nova divindade: a ciência” (p.28).

A cidade tem mecanismos que reproduzem a racionalidade dominante e promovem mudanças profundas, sendo materializadas no próprio espaço com novas formas e funções. São símbolos e representações do espaço que também são reproduzidas pelos habitantes. As representações do espaço urbano associadas ao imaginário do progresso se aproximam das representações dominantes do desenvolvimento, constituindo a imagem ou símbolo da sociedade moderna, capitalista e ocidental.

A alienação derivada dessa representação limitada, no sentido em que parcializa a apreensão da realidade e exterioriza a mesma, restringe a capacidade dos sujeitos. Tal processo se manifesta na espetacularização da cidade, com as estratégias do marketing imposto pelas prefeituras da cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas. A região de Guaratiba, com a Jornada Mundial da Juventude em 2013, teve visibilização porque “estrategicamente” foi escolhida como palco da missa de encerramento (que não se efetivou). O local foi interditado após uma forte chuva que alagou áreas em Guaratiba, inclusive o “Campus Fidei” (onde seria celebrada a missa). Produziu-se uma imagem de cidade articulada com o seu interior, e o túnel foi um signo desse imaginário simbólico.

Nesse movimento complexo e contraditório de desenvolvimentos geográficos desiguais são criados outros imaginários sobre Guaratiba que revaloriza o lugar como sinônimo de harmonia, tranquilidade, espaços livres, relações de vizinhança, em oposição aos problemas urbanos vivenciados com intensidade em outras regiões da cidade. O capital se apropria desses valores para “mercadificar” essas áreas. Cabe ressaltar que agregado a esse valor está o referencial ambiental,

isto é, a possibilidade de morar próximo ao “verde”. Esses elementos se apoiam em valores que são inerentes ao rural e resgatam a concepção de “Sertão Carioca”. São representações que trazem símbolos que remetem a um espaço físico diferente da cidade (artificializado). Essas representações se manifestam na vida cotidiana de Guaratiba. Ao mesmo tempo que essas referências são valorizadas pelo capital encontramos jovens moradores de Guaratiba que sonham com a possibilidade de mudanças em relação ao ritmo de vida, como também outros referenciais urbanos – shopping, outros tipos de serviços.

Ah! Aqui é muito calmo. Não tem nada. Parece que nada acontece, né. Eu queria um shopping aqui... pra ir ao shopping tenho que ir pra Campo Grande ou pra Barra e pego muito trânsito. Eu morava em Madureira... minha mãe comprou uma casa aqui. Eu não gosto daqui (Informante, estudante, moradora da subárea Guaratiba).

Eu gosto de morar na Pedra, mas acho atrasada. Ainda tem cavalo solto na rua (risos). A gente dorme com o galo (risos). Tinha que ter mais lazer, mais coisas de esporte. Não tem! Aqui só tem coisa para comer, ... restaurante e bar. Isso tem! Agora cinema, teatro, coisa diferente não tem (Informante, estudante, moradora da subárea Pedra).

Percebemos a força que assumem as representações do espaço, associadas ao sistema de signos e códigos dominantes, o que expressa a relevância da dimensão simbólica também no exercício do poder. A região é vista como atrasada em comparação às demais.

A região de Guaratiba é considerada zona de fronteira por apresentar áreas que estão sendo incorporadas ao capital, isto é, fronteiras reconhecidas como possibilidades de expansão do mercado imobiliário, apropriadas sob os diversos mecanismos de acumulação por espoliação. São áreas responsáveis pela criação de combinações particulares a partir do desenvolvimento desigual. Podemos apreender que o capitalismo, ao instalar-se em localidades distintas, desenvolve-se de maneira diferenciada, conferindo particularidades. Os imaginários e as representações acerca do espaço urbano resultam no aparente contraste observado nas paisagens. É justamente esse “choque” de valores, as diferentes manifestações das relações urbanas, que permitem identificar os processos de forma particular. O desenvolvimento capitalista é materializado de forma particular em cada lugar, conferindo dinâmicas próprias. Lógicas distintas entram em confronto, relações sociais de produção se estendem para áreas novas, gerando consequências significativas

no modo de vida dos habitantes. Na região identificamos conflitos entre os novos e os antigos moradores, entre os sujeitos que provocam mudanças no acesso à terra, na produção das culturas locais. Tais manifestações aparecem nas novas formas e atividades, bem como no estranhamento que estas geram, seja na mercantilização de relações cotidianas, assim como nas novas ocupações e relações de trabalho que adentram novos símbolos e parâmetros de qualidade de vida, integrando moradores às outras possibilidades de consumo e de vida, mas criando conflitos outrora inexistentes.

Rua (2007) afirma que a análise do espaço a partir de qualquer escala revela um mosaico de ambientes, formado por uma sobreposição de momentos históricos. Para o autor cada momento histórico corresponde a uma espacialidade distinta. Essas diferenças na forma de concepção e ocupação do espaço, são constantemente reproduzidas e ressignificadas pelos processos que permeiam a nossa vida social. A acumulação do capital cria, assim, espacialidades de acordo com o momento histórico, numa “teia de diferentes relações entre os grupos sociais e o sistema sócio-ecológico” (HARVEY, 2004, p. 262). As subáreas se transformam espacialmente a partir das funções que elas passam a exercer dentro da lógica hegemônica, atendendo às demandas do capital. Só que ao mesmo tempo que o capitalismo cria estratégias de superação e acumulação do capital, a partir de racionalidades dominantes, outras racionalidades são produzidas por diversos sujeitos que criam novos espaços de representação.

As representações são concomitantemente internas e externas ao sujeito. Não existem apenas a partir de uma imposição de fora, com existência independente da constituição de cada sujeito e da história de cada indivíduo, assim como, não são produzidas somente pelo sujeito, afastadas das relações sociais e da diferença. Segundo Léfèbvre (2006b) o mesmo se representa através do outro, isto significa que o mesmo não pode apresentar-se a si mesmo, isto é, não pode tornar-se presente a si mesmo sem estabelecer relações com o “outro” – a ausência. Dessa forma, presença e ausência não configuram campos opostos, exclusivos, mas, pelo contrário, existem simultaneamente nas representações, uma prescinde da outra, uma é mediada pela outra e uma se complementa pela outra. Mais do que isso, uma se define pela outra, contraditoriamente formam uma unidade. “Desse

modo, não há presença absoluta e não há ausência absoluta” (LÉFÈBVRE, 2006b, p. 257), mas uma reciprocidade.

Os espaços urbanos constituem um conjunto de representações, com significados e intencionalidades que legitimam e deslegitimam valores dos diversos grupos que os produzem. É por meio das representações que interpretamos a realidade e, por consequência, agimos sobre ela. Assim, elas simultaneamente possibilitam e limitam nossos projetos e concepções de mundo. Os projetos, sonhos, desejos e utopias derivam das representações. É a partir delas que concebemos e transformamos a vida, projetando o virtual a partir de representações do real. Daí deriva a necessidade de “(se) representar, mas também transgredir as representações” (LEFEBVRE, 2006, p. 98, tradução nossa), criar novas representações, pensar o “impossível dentro do possível”. Uma racionalidade dominante fecha as demais experiências possíveis e as virtualidades do urbano. Segundo Carlos (2009).

O lugar é produto de relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece porque aí vive. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida (p. 45).

Os sujeitos que habitam Guaratiba demonstram pertencimento e valorizam o lugar com base nas características ambientais, sociais, culturais. Os sujeitos trabalham e lutam por reconhecimento e visibilidade.

Guaratiba é onde eu vivo, onde eu tenho minha família, meus amigos, meu espaço. Guaratiba é um lugar superincrível Ele é pouco visível. A gente vive numa área de risco devido a todos esses trâmites legais que a gente não tem, e que esse lugar maravilhoso deveria ter. Sabe, a gente tem muita coisa [...]. Tem cultura, meio ambiente, e gente [...]. Se tivesse todo esse aparato, seria melhor ainda, sabe (Informante morador da subárea Pedra e presidente da Associação de Moradores).

Com base em Léfèbvre (2006a) O urbano está relacionado às representações do espaço, mas também aos espaços de representação, sendo permeado pelas práticas espaciais. Ainda que produzido desigualmente, incorpora tanto as representações hegemônicas, dos saberes técnicos e racionais, como as locais, do espaço vivido, sejam elas “contra-representações” de resistência ou apenas reproduções dos valores impostos. Esta consciência de que o espaço não é apenas resulta-

do das representações hegemônicas, ou um rebatimento direto dos interesses dominantes, é fundamental para a concepção do mesmo em movimento, aberto e em constante devir.

Na região de Guaratiba encontramos movimentos sociais, lideranças comunitárias, associações, que buscam racionalidades contra hegemônicas a partir do resgate da cultura local e da cidadania. A representante da associação Mulheres de Pedra descreve o trabalho desenvolvido na subárea Pedra.

Eu acho que o tripé é a solidariedade, é o trabalho colaborativo e cooperativo. Eu acho que esse tripé, essa colaboração, cooperação e colaboração, é o tripé que segura Mulheres de Pedra até hoje. Então, dentro desse movimento que a gente vem também participando há anos, que é o Movimento de Economia Solidária, né, o que muito nos fortalece a caminhar de formas diferentes, um fazer diferente, um fazer com esse tripé, né, tendo essas três coisas fundamentais pro nosso fazer, pro nosso estar juntas, dessa forma coletiva, construtiva, na criatividade, né, no fazer criativo dançando, pintando, é... poetizando, filosofando, e também com rodas, e com afeto, né, eu acho que hoje tem muito um grupo muito afetivo, muito potente, e muito aberto a receber todo mundo, a entender, né, quem somos nós, como tamos aqui, porque tamos aqui, o que nós queremos de fato falar e fazer desse coletivo Mulheres de Pedra, né, desse espaço que é feminino, que é feminista também, que é de movimentos, que é de luta, que é de consciência, e resistência, né. Então, esse fazer de resistência dentro dessa comunidade, dentro dessa Zona Oeste, né. Então, mostrando o que melhor cada uma sabe fazer. E esse fazer tem nos levado a coisas muito gratificantes (Informante moradora da subárea Pedra e representante da associação mulheres de Pedra).

4.3. Mosaico das representações sobre as Guaratiba(s)

Com base nos elementos discursivos investigados, se percebe particularidades nos bairros da RA de Guaratiba em uma totalidade que pelo devir se reinventa.

BAIRRO PEDRA DE GUARATIBA

Figura 33: Pedra de Guaratiba



Foto: ANDRADE, P. H. A., 2019.

Existe um pequeno lugar
 Existe um pequeno lugar
 No nosso Rio de Janeiro
 Na verdade muito modesto
 Mais muito hospitaleiro
 Na região de Guaratiba
 Deslumbrante e feiticeiro.
 (GONÇALVES, 1983)

Eu adoro a Pedra, moro há bastante tempo. Isso era muito bom. Tinha pouco morador, tinha mesmo. Agora não tem praia, mas antes tinha. Eu sou pescador mesmo, com número certo na colônia. Agora quero aposentar. A pesca não está boa (Informante morador da subárea Pedra e pescador).

Trabalho e moro aqui na Pedra. Não quero sair daqui não. Gosto daqui e trabalho aqui no restaurante. Aqui é muito bom! Tem gente vindo para cá (Informante moradora da subárea Pedra e trabalhadora local).

Na Pedra de Guaratiba observamos representações ligadas “a saudade do passado” e a “relação afetiva entre os habitantes”. A tranquilidade local e os laços de parentesco apareceram como símbolos da cultura local. Os sujeitos contam a história do lugar, com ênfase: na importância da praia como local de lazer (dos encontros, dos namoros) e de trabalho (o pescado como fonte de renda da família); na produção cultural do bairro, com referência ao grupo de artistas que viveram na região, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, e que até hoje o lugar colhe os frutos; a necessidade de resistir e resgatar parte dessa memória.

Todo mundo vinha pra cá tomar banho de mar. A gente vinha com o peixe fresquinho... tainha, pescadinha, camarão ... tinha robalo também. Tudo bom (Informante morador da subárea Pedra).

Aqui é tranquilo ainda. Minha filha mora em Botafogo e diz que tá ruim lá. Ela quer vim pra cá, mas aqui não tem nada pra ela (Informante moradora da subárea Pedra).

Venho pra cá há muito tempo. Chego com a minha família aqui... eles adoram o peixe, a tranquilidade. É o nosso passeio de fim de semana. Os meus filhos esperam pra vir pra cá. Não quero que mude (Informante turista).

O bairro corresponde a faixa litorânea limitada pela baía de Sepetiba, onde a atividade pesqueira ainda tem destaque apesar da diminuição do pescado. A reforma urbana da orla no ano de 2000 revitalizou o lugar e ocorreu uma valorização da área, provocando o crescimento da população veranista e turista. Esse projeto não foi aceito pela maioria dos moradores e pescadores, pois “escondeu” a poluição da praia em vez de recuperá-la. Sem investimentos públicos na manutenção e na segurança pública, o calçadão hoje é visto como um problema.

Eu adoro a Brisa, ando todos os dias no calçadão, mas está muito feio. Não cortam a grama. Olha o banco todo quebrado. Tenho medo de andar por aqui é, não tem ninguém (Informante morador da subárea Pedra).

As prefeituras sabem lá quem foi... trouxeram areia de outra praia e fizeram o calçadão. Agora para você vê água do mar tem que ir lá no fim do píer (Informante morador e pescador da Pedra).

Com a falta de investimentos, os sujeitos apontam como desafios ao desenvolvimento do bairro a poluição da praia, falta de transporte e serviços públicos, custo de vida elevado. Este último aumentou com o crescimento da população e com os serviços privados oferecidos no bairro. No Largo da Pedra tem dois grandes supermercados (Rede Economia e SuperRede), Banco do Brasil, Caixa Econômica, Banco Itaú, além de um pequeno comércio variado. A infraestrutura urbana não acompanha o processo de ocupação. Os sujeitos entrevistados mostram que não há desafios quando o Estado se propõe em investir em um determinado lugar e exemplificaram com a construção do túnel. Quanto ao projeto da Transoeste, o sentimento é de exclusão, pois os moradores tiveram que reivindicar até um retorno na avenida D. João VI para facilitar a entrada das pessoas no bairro.

Brigamos mesmo. Fechamos a Avenida das Américas para abrir o retorno. Agora vê. Tinha que andar muito até a Magarça para pegar a estrada pra Pedra. Não é mole moça a gente sofre (Informante moradora da subárea Pedra).

BAIRRO BARRA DE GUARATIBA

Figura 34: Praia de Barra de Guaratiba



Foto: MORGADO, V. N., 2019

Barra de Guaratiba
 Entre o mar e a montanha.
 Parece até um presépio
 Que a qualquer um assanha
 É um pequeno lugar
 Onde se deu muita façanha.
 (GONÇALVES, 1986)

O bairro de Barra de Guaratiba (Fig.35), situado na baixada ao sul da Grota Funda, apresenta áreas de manguezais, diversos canais navegáveis de acesso à Baía de Sepetiba, bem como o ponto de acesso à restinga da Marambaia. A população ocupou as encostas do Maciço da Pedra Branca (área de Mata Atlântica). Nos últimos anos, com o crescimento populacional na região, acelerou a ocupação nas encostas e nas áreas de mangue, acentuando os problemas relacionados ao saneamento básico, acesso à água potável, redução da cobertura da Mata Atlântica, poluição dos canais, qualidade do pescado e outros.

Os sujeitos da subárea Barra trazem dois símbolos que se destacam e dão identidade ao bairro – as praias e a tranquilidade do lugar. A praia aparece como símbolo relacionado ao lazer, a valorização do lugar e a renda com o turismo. A tranquilidade é explicada pelo baixo índice de violência.

Ah! A praia é muito boa, tem muita gente que vem pra cá tomar banho e fazer trilha. Tem até estrangeiro, verdade! [...] Eu vinha sempre pra praia, mas no verão não dá! [...] tem muita gente, olha! Espaço não tem (Informante morador da subárea Barra)

Faço trilha e faço pesca submarina todo final de semana aqui. É o meu lazer. Moro em Campo Grande e venho pra cá descansar, mas no verão isso aqui fica intransitável. Muita gente [...] a praia é pequena pra tanta gente. Aí eu vou pro Recreio também, mas gosto mais daqui (Informante turista).

A valorização das terras, principalmente com a abertura do Túnel José de Alencar, aumentou a especulação imobiliária. Há empreendimentos de construtoras e novas atividades e serviços chegam à área, alterando o cotidiano do bairro.

No bairro encontramos famílias que vivem da pesca e do carangueijo, cultivam plantas ornamentais, produzem bananas na encosta do maciço, e desenvolvem atividades ligadas ao ecoturismo.

Lá na frente, perto do Burle Max, está cheio de condomínio de gente da Barra. Perto do clube tem gente vendendo terreno pra lotear, eu não vendo o meu não! (Informante moradora da subárea a Barra, comerciante local)

Os moradores reconhecem os problemas como entraves para o desenvolvimento do bairro, mas existe uma expectativa de mudança, já que as intervenções urbanas criaram um imaginário de que o governo está investindo nos bairros da RA de Guaratiba. Há contradições nas narrativas dos sujeitos ao avaliarem as mudanças e o que eles desejam para o bairro, pois ao mesmo tempo em que aprovam, falam da perda da identidade local, da fragmentação dos sítios em condomínios, da expulsão da população que não possui as terras regularizadas. Identificamos algumas matrizes discursivas nos contatos com os moradores do bairro. Duas matrizes se destacam a do “desenvolvimento” e a “ambiental”.

Ao identificarem os desafios ao desenvolvimento do bairro, os problemas mais citados foram: a poluição, problemas no transporte e trânsito, crescimento desordenado e falta de serviços. O problema em decorrência ao transporte está ligado à retirada das linhas antigas de ônibus com a construção da Transoeste e, do trânsito, pois existe apenas uma estrada que dá acesso ao bairro, o que dificulta o deslocamento dos moradores, veranistas, turistas, comerciantes, trabalhadores, principalmente na época do verão.

Entre as transformações apresentadas pelos moradores temos o aumento da degradação ambiental, a melhoria da limpeza urbana com os garis da COMLURB, padronização dos quiosques e, a nova estação de esgoto. Quanto ao BRT, os informantes mostraram que foi um problema, porque as linhas dos ônibus que atendiam a população saíram de circulação (em especial a linha para Campo Grande), mas também foi uma solução, pois facilitou o acesso ao Centro e à Zona Sul, além

do Recreio e da Barra da Tijuca, que são os bairros onde a população procura serviços gerais e empregos.

BAIRRO GUARATIBA

Figura 35: Sítio produtivo em Guaratiba



Foto: MORGADO, V. N., 2019

Guaratiba tem uma história secular,
 Pouco ou nada se faz,
 Para o passado preservar,
 As coisas da nossa história,
 E da cultura popular.
 (GONÇALVES, 1986)

Guaratiba é um extenso bairro com características singulares de ocupação. Alguns sítios e chácaras ainda desenvolvem a agricultura familiar, a pecuária leiteira e o cultivo de plantas ornamentais. Com o crescimento da população os moradores antigos têm um desafio: interagir com os novos moradores que chegam em busca de tranquilidade, acesso a casa própria, e proximidade com bairros que concentram serviços como Campo Grande e Barra da Tijuca.

Entre os elementos que dão identidade ao bairro temos: a cultura rural, o contato com vários ambientes, a vizinhança, a tranquilidade. Esses elementos caracterizam uma população de origem rural que apesar das recentes intervenções urbanas, com destaque para o túnel da Grota Funda e a Transoeste que corta o bairro, ainda mantém suas particularidades. O comércio e os serviços se diversificam, porém não atendem às demandas dos habitantes. O crescimento da população, o aumento das áreas residenciais com condomínios e novos loteamentos; ainda tem uma história rural a contar, valorizada pelos sitiantes que buscam alternativas para sobreviver, seja praticando agricultura familiar ou cultivando plantas ornamentais, seja desenvolvendo atividades ligadas ao turismo e ao lazer.

Eu moro no sítio com meus pais e meus irmãos. Meu pai é caseiro do sítio. Ele planta um monte de plantas para vender e ganhar dinheiro (Informante morador da subárea Ilha).

Estou me segurando para não vender uma parte da terra. Não tenho gente pra trabalhar no meu sítio. Tá difícil! (Informante morador da subárea Ilha).

O túnel e a Transoeste atualmente são símbolos de referência para os moradores e os fatores considerados entraves para o crescimento do bairro são os problemas no trânsito e no transporte público, além da carência dos serviços de saúde, educação, saneamento básico, lazer e, principalmente de trabalho. Os pontos de engarrafamentos são constantes e diante da nova realidade a população convive com a poluição dos automóveis, a poluição sonora e o aumento da temperatura na região. O sub-bairro da Ilha de Guaratiba é caracterizado atualmente como “bairro de passagem”, já que estabelece ligação com o bairro de Campo Grande. A proximidade com o túnel criou possibilidades de acesso e de novos moradores, alterando significativamente o cotidiano do bairro.

Hoje, aqui na Ilha de Guaratiba, tem condomínio de luxo. O morador chega do trabalho e fica no condomínio. Não temos vizinhos mais. Eles chegam com o seu carrão, abre o portão do condomínio e a gente não vê ninguém. Antigamente a gente tinha vizinho e podia falar com ele (Informante, moradora da subárea Guaratiba).

Os sujeitos investigados também identificam como desafio ao crescimento do bairro a falta de segurança, já que a tranquilidade está ameaçada pelo aumento de pessoas que transitam na região. Assim, o crescimento da população, o BRT, a falta de mão-de-obra e as temperaturas mais altas na região.

As intervenções urbanas como a Transoeste e o Túnel Vice-Presidente José Alencar aumentaram a acessibilidade à região, mas para o morador a mobilidade interna está comprometida com a carência de ônibus circulares, o que expressa antagonismos entre o que está imposto (projetos do governo) e o que está posto (demanda da população). Os moradores demonstram que essas obras promoveram o crescimento da população nos bairros, porém sem ações a priori de investimentos em relação a infraestrutura urbana, aumentando as áreas de loteamento, a especulação imobiliária e a violência.

Sou moradora de Guaratiba há 50 anos. Vi o bairro crescer, as coisas estão mudando, mas a prefeitura não quer saber da gente. Aqui não temos nada, falta

tudo. Aqui tinha água em todo lugar, hoje sofremos com a falta dela. Nós somos um problema para o prefeito. Aqui ninguém respeita nada. Temos que lutar (Informante moradora da subárea Ilha).

Os condomínios de classe média no sub-bairro da Ilha descaracterizam a região, gerando conflitos entre os antigos e novos moradores. Os antigos moradores que resistem, buscam alternativas para preservar a identidade local. Há um movimento social de resgate a cultura que se manifesta no lugar, resgatando os referenciais da região.

Eu plantava legumes, verdura e vendia na feira. Vivia disso. O sítio é grande e eu plantava. O sítio era do meu vô e agora é meu e do meu irmão. Meu irmão quer vender a parte dele porque não dá mais pra plantar. Dá pouco dinheiro. Aí eu falei com ele vamos plantar outra coisa que dá. Ele não quis. Então eu e mais meu genro, e amigos fizemos reuniões e criamos uma cooperativa e estamos plantando flor (Informante moradora da subárea Guaratiba).

Agora é só condomínio, mudando tudo. A gente estava acostumada em ver vacas, cabras, pastando na nossa porta. Mas é o progresso chegando, não dá para ficar assim por muito tempo né (Informante da subárea Ilha).

Há moradores que aprovam as intervenções no bairro, destacando a melhoria da qualidade de vida local e do transporte, mas há um descompasso com a realidade.

O BRT foi bom para mim porque trabalho na Barra. É claro que precisar melhorar. Tem muita gente que bebe água de poço, a rua fica cheia quando chove. Eu sempre morei aqui. Gosto daqui, da calma, da minha casa e dos meus amigos (Informante moradora da subárea Guaratiba)

A presença das associações de moradores na região não garante a mobilização da população para reivindicar participação na gestão pública e, muitas vezes, serve apenas de instrumento de campanha eleitoral.

Aqui ninguém fala nada. Ninguém participa de reunião. É difícil moça alguém falar. Tem gente que come poeira o dia todo e não reclama. Chega em casa não tem água pra tomar banho e fazer comida. As pessoas têm medo de falar (Informante e morador da subárea Guaratiba).

As narrativas dos moradores demonstram a necessidade de promover o desenvolvimento da região, resgatar a história do lugar e realizar um planejamento adequado. Há antagonismos nos projetos desenvolvidos pelo Estado que fragmentam as ações públicas e privadas. A falta de infraestrutura básica e a luta pela terra mobilizam as pessoas a reivindicar seus direitos, porém há uma territorialidade

das associações e dos movimentos sociais que fragmenta as ações. A diversidade da região nos dá elementos significativos para compreender os conflitos e identificar os sujeitos que produzem o “mosaico das Guaratiba (s)” – o lugar das possibilidades.

5. Considerações Finais

O presente trabalho de pesquisa não tem a pretensão de esgotar a investigação, mas instigar a compreensão para novas questões sobre o estudo do espaço urbano na sociedade capitalista. Com base na pesquisa desenvolvemos o conceito de espaço a partir da tríade Léfèbvriana da homogeneização, fragmentação e hierarquização. A racionalidade dominante contemporânea ao reproduzir o capitalismo reforça a política local na qual as cidades passam a competir pela atração de investimentos públicos e privados e por fluxos de consumo. Atualmente, numa perspectiva neoliberal, a produção, a competitividade e a subordinação dos fins à lógica do mercado são elementos que dominam a nova concepção do urbano.

Com a crise mundial que marca a transição para o século XXI, as cidades buscam soluções na realização dos megaprojetos, e por isso, entram em competição para atingir metas impostas internacionalmente. O impacto desses grandes projetos na renovação urbana das cidades traz tensões e conflitos, provocando mudanças no cotidiano. É um processo que liga as escalas local e global e a produção do espaço. Embora de interesse local, pois de alguma forma traz investimentos para a cidade, se reduz a um mero instrumento de dominação, mas a população passa a apostar em mudanças que “podem” solucionar problemas de infraestrutura e atender demandas locais.

As políticas públicas municipais e os planos de reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro trazem a partir da década de 1990 o discurso dessa globalização neoliberal e marcam uma administração voltada para a visão empresarial e econômica. O caráter empresarial afeta significativamente a dinâmica da organização do espaço da cidade, impondo formas de organização espacial que alteram a vida cotidiana da cidade.

O impacto sobre o espaço urbano se dá na medida em que o crescimento imobiliário e o crescimento econômico tornam-se sinônimos e essa forma de organização espacial se volta para atender às novas demandas do capital.

O avanço do capitalismo demonstra a passagem da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro e especulativo, com diversas articulações entre

os setores da economia, em especial com o mercado imobiliário. Assim, o capitalismo na sua fase atual, realiza-se produzindo um espaço pressionado pelas novas exigências da acumulação, impulsionado por lógicas e estratégias à escala mundial, mas também local.

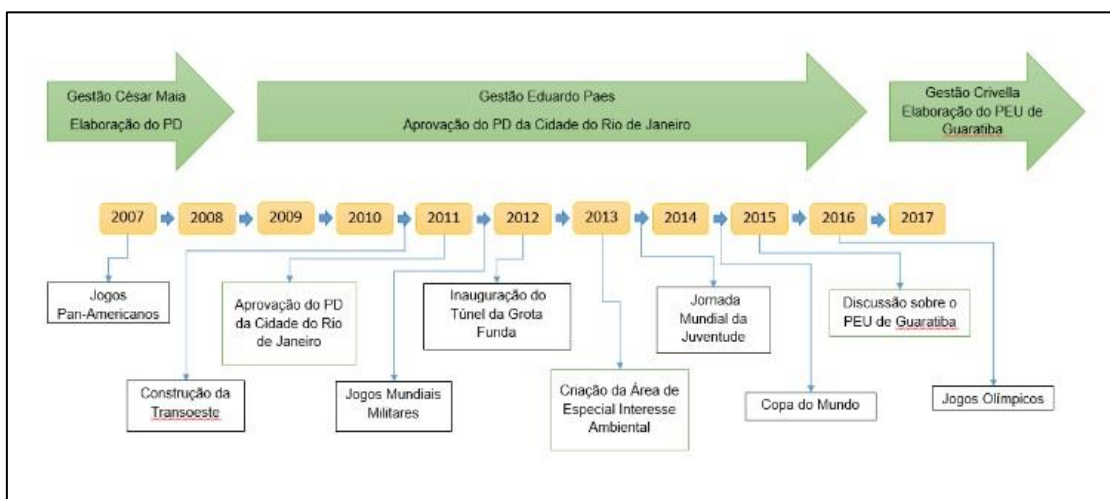
A produção do espaço urbano é também resultado das condições urbanas. Se antes essas condições urbanas tinham sua produção e gestão, em grande parte, assumidas pelo Estado, hoje constituem uma esfera privilegiada de investimentos de capital em parceria com a iniciativa privada. Possibilitar essas condições – arreamento, coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de água, eletricidade, entre outras – representa a possibilidade de negócios e de aferição de muito lucro. A racionalidade capitalista é determinante, submetendo a produção das condições urbanas aos interesses exclusivos da reprodução do capital nas diferentes cidades.

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro respondem a um reordenamento urbano que define eixos de expansão da/na cidade, a partir de racionalidades que se espacializam verticalmente e horizontalmente. Estabelece nas cidades uma política que prioriza a iniciativa privada em consonância com interesses internacionais, o que estabelece o distanciamento entre o que é proposto pelo Estado e o que é posto pela população.

Essas transformações na cidade resultam das ações dos sujeitos no espaço. Os sujeitos são produtores do projeto de cidade instituído, porém eles percebem e atuam no espaço de forma diferenciada. Os sujeitos interagem com o que é externo e interno à região, ora legitimando o discurso hegemônico, ora produzindo novas representações do espaço.

O quadro abaixo mostra o processo de transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro para sediar os eventos, que passam a nortear as políticas públicas.

Figura 36: Quadro dos eventos promovidos na cidade do Rio de Janeiro



Elaborado por MORGADO, V.N., 2019.

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro obedecem a uma dinâmica em que, num primeiro momento, temos as necessidades de mudança que se manifestam em nível local e, somente num segundo momento, entram em cena comandos técnicos, políticos e ideológicos que modificam o dinamismo inicial na medida em que pouco se aproximam dos desejos e necessidades da população.

A cidade carrega no seu histórico de ocupação essa dinâmica. Alguns bairros da Zona Oeste, por apresentarem ainda espaços vazios, vivenciam lógicas de ocupação que alteram a vida cotidiana dos seus habitantes. As intervenções urbanas que priorizam obras viárias direcionam eixos de ocupação que não acompanham o investimento em infraestrutura local, com um aporte urbano que atenda essa população. Os bairros da RA de Guaratiba apresentam essa realidade e exemplificam essa dinâmica de ocupação.

Atualmente, com o processo de expansão da cidade para a Zona Oeste o ritmo de crescimento da população não acompanha o desenvolvimento da região. Guaratiba, pela especificidade da sua ocupação, apresenta problemas de infraestrutura urbana, regulamentação fundiária, falta de programas sociais e de habitação do governo voltados para a população de baixa renda, entre outros.

É uma região de muitos conflitos. Assim, os bairros Pedra de Guaratiba, Guaratiba e Barra de Guaratiba, constituem “pedras do mosaico Guaratiba(s)”. Cada bairro, metaforicamente, é uma pedra desse mosaico que tem sua singulari-

dade, porque é ela mesma comparada com as demais e com o que é externo a ela. Guaratiba ganha assim uma unidade. Em outra escala, a interrelação entre as peças e os mosaicos que compõem a cidade do Rio de Janeiro dão a ela uma unidade.

O espaço é condição, meio e produto, pois agrega relações espaciais nas variadas escalas. O lugar aparece como a manifestação do encontro de diferentes culturas e acontecimentos que estão em curso nas diversas histórias. Existem várias “Guaratibas” que devem ser estudadas. Os bairros Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, como já indicado, constituem pedras singulares desse mosaico complexo, onde os sujeitos interagem e produzem espaços distintos e marcados por possibilidades. Existem lógicas internas e externas entre as “pedras” que dão dinamismo a esse mosaico plural e multifacetado.

A região de Guaratiba exemplifica esse momento de reestruturação urbana com base nos interesses imobiliários, marcando um processo de expansão caracterizado por objetos materiais e imateriais que resultam num conjunto simbólico de dominação.

O ocidente legitima determinados princípios que vêm norteando uma forma de organização planetária, na qual cada ponto constitui uma rede que tem uma escala – seja global, nacional ou local. O discurso é de um grupo que quer impor o modelo ocidental de desenvolvimento.

Assim, a noção de desenvolvimento desigual amplia a análise ao mostrar que a desigualdade é inerente ao capitalismo, e que este se tornou um sistema mundial. O processo de acumulação do capital se consolidou como uma totalidade concreta e contraditória, adquirindo diversas representações simbólicas, sempre na perspectiva de que as sociedades devem cumprir etapas para atingir o tão esperado desenvolvimento.

O capitalismo, ao se expandir e atingir novas fases, aperfeiçoou seus instrumentos de dominação, inclusive o manejo mais ágil das escalas e a capacidade de utilização do espaço construído. O espaço é produzido de forma desigual, pois o capital se desloca para onde é possível realizar formas de acumulação do capital.

Sendo assim, o capitalismo produz e reproduz riqueza e escassez, quer valorizando, quer desvalorizando os espaços. Esse processo tem como força motriz as estratégias do capitalismo para acumulação do capital, e nelas existe uma relação entre a diversidade e a desigualdade.

Portanto, analisar a produção do espaço de Guaratiba, reconhecendo a região na condição de “situação de fronteira” agrega elementos reconstruídos analiticamente mediante a inserção social dos sujeitos que habitam essa zona de fronteira, percebendo os nexos das conflitualidades existentes tais como ausência expressa e direta das instituições do Estado, presença do capital privado, atuação de instituições sociais e outros.

Destacamos que na pesquisa a zona de fronteira não é marcada por espaços com relações não capitalistas de produção, mas sim como zona apropriada pelo capital sob diversos mecanismos de acumulação por espoliação. Tais “fronteiras”, ressaltamos, não deixam de estar inseridas no sistema capitalista e são responsáveis pela criação de combinações particulares a partir do desenvolvimento desigual.

Pensar a ideia de cultura nas sociedades contemporâneas é compreender como um objeto pode transformar-se em objeto de uso social. A princípio, não há uso que seja mais ou menos legítimo que o outro. Com todo o direito, cada grupo social troca significações e usos. Estes grupos, quando se constituem, caracterizam codificações de sentidos que permitem aos indivíduos interagir, aglutinando ou justapondo as suas práticas. Entender a dinâmica cultural de uma sociedade proporciona capacidade e controle de assimetria nas relações de poder.

O espaço é produção social e, por esta condição, também é cultural. O espaço geográfico é rico em conteúdo simbólico a ser interpretado. Essas representações espaciais estão na vida cotidiana dos sujeitos da RA de Guaratiba e expressam visões de mundo, sentimentos e desejos.

No fim do século XX os planejamentos estratégicos constituem um retorno às grandes intervenções urbanas, visto que a cidade passa a ser administrada por obras com capital público e privado, no processo de inserção do Rio de Janeiro no

“mercado mundial das cidades”. Esse é o momento político no qual a cidade, através desses planos, utiliza a captação de recursos para sediar os megaeventos esportivos internacionais, usando como estratégia e pretexto às intervenções urbanas na cidade.

O processo de globalização aprofunda as desigualdades pré-existentes na sociedade capitalista. O ideal de cidade criado por esse modelo de planejamento estratégico estimula o uso do espaço tendo como diretriz os interesses das empresas globais, favorecendo os sujeitos ligados a elas.

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro obedecem a uma dinâmica em que, num primeiro momento, temos as necessidades de mudança que se manifestam em nível local e, somente num segundo momento, entram em cena comandos técnicos, políticos e ideológicos que modificam o dinamismo inicial na medida em que pouco se aproximam dos desejos e necessidades da população.

A cidade carrega no seu histórico de ocupação essa dinâmica. Alguns bairros da Zona Oeste, por apresentarem ainda espaços vazios, vivenciam lógicas de ocupação que alteram a vida cotidiana dos seus habitantes. As intervenções urbanas que priorizam obras viárias direcionam eixos de ocupação que não acompanham o investimento em infraestrutura local, com um aporte urbano que atenda essa população.

Os bairros da RA de Guaratiba apresentam essa realidade e exemplificam essa dinâmica de ocupação. As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro obedecem a uma dinâmica em que, num primeiro momento, temos as necessidades de mudança que se manifestam em nível local e, somente num segundo momento, entram em cena comandos técnicos, políticos e ideológicos que modificam o dinamismo inicial na medida em que pouco se aproximam dos desejos e necessidades da população.

A vida cotidiana acontece no lugar e este lugar é um cotidiano com muitas realidades – do morador, do trabalhador, dos produtores imobiliários, das lideranças comunitárias, das associações e instituições etc. Cada um que vive o cotidiano

da cidade, enquanto grupo e sujeito produzem ou reproduzem os espaços a partir das suas diferentes práticas.

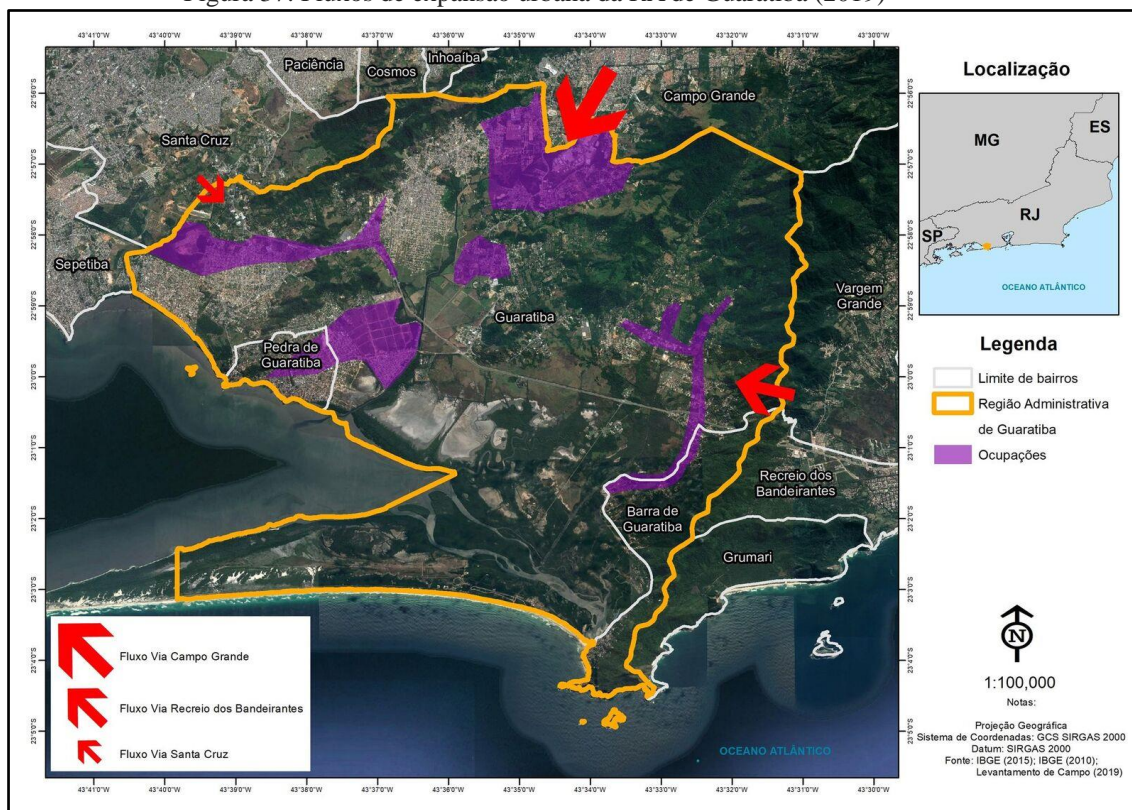
A região de Guaratiba toma forma se apresentando e representando, com os sujeitos produzindo signos e discursos – sejam de reprodução do modelo hegemônico, sejam de criação ligada às representações contra hegemônicas. Para Lefebvre (2006) imagens ou símbolos são passíveis de formulação e sustentam os discursos presentes em uma sociedade.

Guaratiba não existe por si só, ela vai se construindo quando agregamos valores e percebemos as diversas realidades que se materializam na produção das diferentes “Guaratibas”, pois o espaço é constituído de materialidades e imaterialidades e reflete as estratégias e práticas espaciais dos sujeitos.

Para analisar as narrativas dos sujeitos que vivem na RA de Guaratiba e investigar as representações sociais presentes na produção do espaço urbano tomamos como base que toda narrativa traz um discurso.

A cidade no século XXI, dando continuidade ao ideário de cidade moderna, vem sendo alvo de grandes obras urbanistas que delimitam novas áreas de expansão urbana, alterando a vida da população local e impondo um modelo de gestão urbana que gera diversos antagonismos entre o que é interno e externo à cidade. O mapa (Fig. 37) mostra os fluxos de expansão para a RA de Guaratiba. O vetor Campo Grande é mais expressivo com uma ocupação incentivada pelo mercado imobiliário e loteamentos em fase de regularização por serem AEIS. Seguido pelo fluxo que vem motivado pelo túnel da Grota Funda, com uma lógica de condomínios residenciais. O fluxo menor é o vetor de Santa Cruz que será estimulado pelos projetos da prefeitura, com destaque para o PEU de Guaratiba.

Figura 37: Fluxos de expansão urbana da RA de Guaratiba (2019)



Elaborado por MORGADO, V. N.; NASCIMENTO, R. C. G., 2019.

As transformações do espaço urbano de Guaratiba trazem representações relacionadas não só à circulação viária, considerada um desafio, mas também como esses investimentos atingem o que é interno à região. As representações dos sujeitos mostram elementos significativos para pensar o crescimento da região, resgatar a história do lugar e realizar um planejamento adequado. Há antagonismos presentes nos projetos que fragmentam as ações públicas e privadas. A falta de infraestrutura básica e a luta pela terra mobilizam as pessoas a reivindicar seus direitos, porém há uma territorialidade das associações e dos movimentos sociais que fragmenta as ações.

Os diferentes planos urbanísticos de forte cunho político oriundos de variadas matrizes ideológicas, que sustentam intervenções de forte impacto na escala local, mostram-se homogêneas em suas propostas e diversas em suas formas e estética. Todos, de uma forma ou de outra são drásticos nos diversos territórios, especialmente em Guaratiba. As narrativas dos sujeitos investigados são reveladoras e refletem o “choque” desses projetos na vida das pessoas. Os efeitos da concepção da cidade não como lugar de moradia e realização da vida e sim como mer-

cadoria, como negócio, distancia o sujeito do que lhe afeta – das possibilidades, porém a produção de outras racionalidades pode resgatar “o impossível possível”.

6. Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, IPLANRIO, 1988.

_____. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, I série, v. 15, p. 77-97, 1998.

AGNEW, John. **Place and politics**. The geographical mediation of state and society. From Routledge Library Edition. 2014.

AGUEDA, Bernardo Cerqueira. **Relações urbano-rurais e desenvolvimentos geográficos desiguais: Transformações espaciais nas localidades de Vargem Grande (Teresópolis - RJ) e Barracão dos Mendes (Nova Friburgo - RJ)**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Dissertação de Mestrado, 2019.

ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atraí na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

ANDRÉ, Marli E.A. Técnicas qualitativas de pesquisa: oposição ou convergência?. **Cadernos CERU**, n. 3, série 11, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECKER, Berta K. A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: CASTRO, Iná. E. de; GOMES, Paulo. César. da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs) **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

BONENTE, Bianca Aires Imbiriba Di Maio. **Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: Por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista**. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói (RJ), 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, C. A. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento: uma agenda para os estudos regionais e urbanos**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp. Instituto de economia, 2003.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n. 1, jan/jun, 11-27, 2007.

BRANDÃO, Carlos A. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento: uma agenda para os estudos regionais e urbanos**. 2003. Tese (Livre-docência) – Instituto de economia, Unicamp, Campinas, 2003.

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. IN: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). **Família & escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. P. 171-83

BRASIL. Lei n. 10.257. **Estatuto da Cidade**, 2001.

BRASIL. **Ministério das Cidades**. Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, 2004.

CAETANO, Marcelo. **As sesmarias no direito luso-brasileiro**. Brasília: Imprensa Nacional, 1980.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

CARDEMAN, Rogério G. A transformação da paisagem e da forma urbana: processos, agentes e ações no caso de Vargem grande, no Rio de Janeiro. **Tese de Doutorado**. Rio de Janeiro: PROARQ-UFRJ, 2014.

CAREGNATO, Rita Catarina Aquino; MULTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso versus análise do conteúdo. Florianópolis: **Revista Texto Contexto Enfermagem**, 2006.

CARLOS, Ana Fani. **Crise urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Da “organização “à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. Dinâmica Urbana e Metropolização. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MARAFON, Gláucio. J; SILVA, A. C. P. (orgs.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

_____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASSIRER, E. A. **Filosofia do Iluminismo**. Campinas: Unicamp, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto II, os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. Reflexões sobre o desenvolvimento e a racionalidade. In:

CASTROGIOVANNI, A. C. Fronteira: um tema sem limites. In: COSTA, G. V. L. da; OLIVEIRA, M. A. M. de (Orgs). **Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: UFMS, 2010.

COMPANS, Rose. A emergência de um novo modelo de gestão urbana no Rio de Janeiro: planejamento estratégico e “urbanismo de resultados”. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPUR**. Recife, 2005.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLASO, p. 105-132, 2005.

CORRÊA, Armando Magalhães. **O sertão Carioca**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

COSGROVE, D. A. Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas de teoria. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 92-123. 1998.

COSGROVE, D. A; JACKSON, P. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v. 19, p. 95-101. 1987.

COSTA, Lúcio. Plano Piloto para a urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o pontol de Sernambetiba e Jacarepaguá. Estado da Guanabara: Agência Jornalística Image, 1969.

COSTA, R. de Gama-Rosa. Entre Avenida e Rodovia: a história da Avenida Brasil (1906-1954). **Tese de Doutorado**. UFRJ, RJ, 2006.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade**. Rio de Janeiro: José Olympio. V. 1, p. 13-17. (Coleção Documentos Brasileiros, 60), 1949.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DAVIDOVICH, Fany. MetrÓpole e território: metropolização do espaço no Rio de Janeiro. **Cadernos MetrÓpole**, Rio de Janeiro, n.6, 2º semestre, p. 67-77, 2001.

DECRETO ESTADUAL, n. 7.549, 20/11/1974. www.rj.gov.br. Acesso 23/04/2018.

DECRETO MUNICIPAL, n. 1.185, 04/01/2018. www.rio.rj.gov.br. Acesso 25/03/2018.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 1990.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino-amenfermagem**, Ribeirão Preto, v.6, n. 2, p. 80-104, abril 1998.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **CADERNOS DE PESQUISA**, no 115, p. 139-154, março, 2002.

DUNCAN, J. **The city as text: The Politics of Landscape Interpretation in The Kandy Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

EPPINGHAUS, Annie Goldberg; POPPE, Marcia; TÂNGARI, Vera Regina. **Barra da Tijuca – um estudo privatização dos espaços públicos no Rio de Janeiro**. FAU/UFRJ, 2010.

ESCOBAR, Arturo. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. IN: MATO, Daniel (coord.) **Políticas de economía, ambiente y sociedad em tiempos de globalización**. Caracas, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales. Universidad Central de Venezuela. 2005.

_____. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (org.) **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLASO, p. 133-168. 2005.

ESTATUTO DAS CIDADES. Ministério das Cidades, Brasília, 2011. www.planalto.gov.br. Acesso 22/03/2018.

FERNANDES, Márcio Luís. **Um lugar do Rio: sobre as Geografias de Ilha de Guaratiba**. Rio de Janeiro: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. **Revista Perspectiva Geográfica**, UNIOESTE, v.9, n. 10, 2014.

FERREIRA, Álvaro. Imagem virtual transformada em paisagem e o desejo de esconder tensões: por que falar em agentes, atores e mobilizações? In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MARAFON, G. J.; SILVA, A. C. P. da (Orgs.) **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, p. 53 -74, 2013.

FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia. Apresentação, metropolização do espaço, cotidiano e ação. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia (Orgs) **O espaço e a metropolização Cotidiano e ação**. Rio de Janeiro: Consequência, p. 13-24, 2017.

FOUCHER, Michel. **Fronts et frontières. Um tour du monde géopolitique.** Paris: Fayard, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 18ª edição.

GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio.** Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2000.

GIDDENS, Antony. **As consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. São Paulo: **Revista de Administração de Educação da UNESP**, Rio Claro. V. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GOMES, Paulo Cesar. Identidade e exílio: fundamentos para a Compreensão da Cultura. **Revista Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, n. 5, p.31-42, 1996.

GONÇALVES, José Roque Moreira. **Encantos de Grumari.** Associação dos Repentistas e Cordelistas do Brasil, 1986.

_____. **Lugares seculares da zona oeste do Rio de Janeiro.** Associação dos Repentistas e Cordelistas, 1988.

_____. **Pedra de Guaratiba tem sua história.** Associação dos Repentistas e Cordelistas do Brasil, 1983.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o Método de História Oral em sua Modalidade Trajetórias de Vida. **Revista Katál.** Santa Catarina, Florianópolis, v.10, n. especial, p. 83-92, 2007.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo, 1: Racionalidade da ação e racionalidade social.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

_____. Centralidade da Cultura: Notas sobre as Revoluções do nosso Tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.2, v.22, p. 15-44. 1997.

_____. The West and the Rest. In: SCHECH, Susanne e HAGGIS, Jane (eds). **Development, a cultural studies reader.** Oxford (UK)/Malden (USA): Blackwell Publishing Ltd. 2002.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 1992.

_____. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

_____. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaços e Debates**, v.16, n. 39, p. 48-64, 1996.

_____. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, 8 ed.

HISSA, C. E. V. A. **Mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade**. Belo horizonte: Editora da UFMG, 2002.

IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IANNI, Octavio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. < <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 15/01/2018.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaios Sobre Movimento, conhecimento e Descrição**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

IPLANRIO. Instituto de Planejamento Urbano do Rio de Janeiro. <<http://www.rio.rj.gov.br> Acesso em 15/01/2019.

JAMESON, F. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

JORNAL DA NOITE. **No domingo, após a reinauguração dos bondes Pedra recebeu mais de 7.000 passageiros, provocando uma situação inusitada**. Rio de Janeiro, 13/03/1944.

JORNAL DO BRASIL. **Marcha para Oeste**. Rio de Janeiro, 06/07/1975.

_____. **Um ótimo investimento para quem estiver disposto a aguardar valorização dos terrenos**. Rio de Janeiro, 1976.

JORNAL EXTRA. **De carona para o crescimento – no embalo de Campo Grande Santa Cruz é aposta dos construtores nos próximos anos.** Rio de Janeiro, 22/05/2011.

_____. **Orla revitalizada em Pedra de Guaratiba.** Rio de Janeiro, 10/06/ 2004.

JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS. **Conflito de posseiros e grilheiros em Pedra de Guaratiba.** Rio de Janeiro, 23/04/1953.

JORNAL O GLOBO. **Caminho livre para o túnel da Grota Funda.** Rio de Janeiro, 21/08/2000.

_____. **Luta por terra agita Pedra de Guaratiba.** Rio de Janeiro, 07/07/1951.

KAISER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Seleção de textos 11.** Co-edição, AGB-SP/AGB nacional, p. 25-40, 1985.

KITZINGER, J. Focus groups with users and provides of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Orgs.) *Qualitative research in health care.* London, BMJ Books, 2000.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAMEGO, Alberto. **O homem e a Guanabara.** Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocentrismo. IN: LANDER, Edgardo (org.) **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLASO, 2005.

LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária.** Petrópolis: Vozes, 1994.

LÉFÈBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sergio Martins (do original: **La production de L'espace.** 4ª edição, Paris: Éditions Anthopos, 2000. Primeira versão início fev., 2006a.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. **La Presencia y La Ausência: contribucion a la teoria de las representaciones.** México. Fundo de Cultura Econômica, 2006b.

_____. **Lógica formal, lógica dialética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LEMOS, A. I. G. **Geografia da modernidade e Geografia da pós-modernidade.** 1999.

LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço e a constituição de megarregiões. In: FERREIRA, Álvaro.; RUA, João; MATTOS, R. C. de (orgs.). **Desafios da metropolização do espaço.** Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

_____. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. **Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias Sociales.** Universidade de Barcelona, Barcelona, n. 331 (69), v. XIX, 2010.

LEONTSINIS, A. P. **Tupi, nossa linguagem ecológica.** Biblioteca Stassa Leontsinis, Rio de Janeiro, 2000.

LOS RIOS FILHOS, A. M. **O Rio de Janeiro Imperial.** Rio de Janeiro: Topbooks/ UniverCidade, 2000.

LOSADA, Manuel. Imaginário radical: a proposta de Castoriadis à atual crise dos paradigmas no campo das ciências naturais e sociais. **Boletim interfaces da Psicologia da UFRuRJ.** 2000.

LUKÁCS, Gyorgy. **Ontologia do ser social:** Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1998.

MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras, Redes. In: STROHAECKER, Tânia Marques. (Org.) **Fronteiras e espaço global.** Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998.

MAGALHÃES, Armando Corrêa. **O sertão carioca.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

MANSUR, A. L. **O velho oeste carioca. Volume I.** Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2008.

_____. **O velho oeste carioca. Volume II.** Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2012.

_____. **O velho oeste carioca. Volume III.** Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARICATO, Ermínia. A construção histórica do projeto de reforma urbana. In: BURNETT, Frederico Lago (Org.). **Da tragédia urbana à farsa do urbanismo reformista: a fetichização dos planos diretores participativos**. São Paulo: Anablume, 2007.

_____. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos; ARANTES, Otilia (Orgs.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARQUART, B. **História de la sostenibilidad**. Um concepto médio ambiental em la hitória de Europa Central, 2006.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Ática, 1997.

MARTINEZ, M. H. **Cultura no Singular ou Cultura no Plural? As Reformas Educativas no Brasil e na Argentina nos Anos 90**. Dissertação, Rio de Janeiro: PUC, 2000.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARTINS, José de Sousa. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. O tempo da fronteira: retorno a controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Revista Sociologia da USP**, São Paulo, 1996.

_____. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.

MASSEY, Doreen. O Sentido Global do Lugar. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MELLO, Dunstana Farias de. Pedra de Guaratiba: Um lugar onde o futuro não aconteceu. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MITCHELL, D. Explicação em Geografia Cultural: Uma Resposta a Cosgrove, Jackson e aos Duncans. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, p. 69-73, 1999.

MOLINA, F.S. **Megaeventos e produção do espaço urbano no Rio de Janeiro: da “Paris dos Trópicos” a “Cidade Olímpica”**. Tese de doutorado, USP, 2013.

MORAES, A. C. R. de. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

MOREIRA, Mariana Valicente. **Expansão urbana em áreas ambientalmente sensíveis: estudo do sistema de espaços livres na Região Administrativa de Guaratiba** – Rio de Janeiro, RJ. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2018.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research. Qualitative research Methods**. Series 16. London: Sage Publications, 1997.

MOTA, Maria Sarita Cristina e PEIXOTO, Fabio Costa. O continuum rural-urbano na formação da zona oeste do município do Rio de Janeiro. In: **IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Paulo, 4 a 6 de setembro de 2006.

_____. **Nas terras de Guaratiba – uma aproximação histórico-jurídica às definições de posse e propriedade da terra no Brasil entre os séculos XVI –XIX**. Tese de Doutorado, CPDA/UFRRJ, 2009.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: USP, v.1, n. 3, 2º semestre, 1996.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade da vida cotidiana na reprodução do urbano. **Revista Rural & Urbano**. V. 02, n. 02, p. 26-46, 2017.

NORONHA santos, Francisco Agenor. **As Freguesias do Rio Antigo**. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de. **Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro: entre o rural e o urbano**. Porto Alegre: Iluminuras. V. 18, n.45, p. 325-349, Ago/dez, 2017.

ORLANDI, E. **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. **Megaprojeto e produção do espaço urbano: uma perspectiva crítica**. (In) Geografia Urbana: Ciência e Ação Política. (orgs.)

PIMENTA, Alcyr. Raul Capello Barrozo, **Uma glória para Guaratiba**. Rio de Janeiro, 2011.

PINHEIRO, A. I. de F. Políticas públicas urbanas na prefeitura do Rio de Janeiro. **Coleção Estudos Cariocas**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2008.

PLANO DE ESTRUTURAÇÃO URBANA DE GUARATIBA. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo, 2019. www.rio.rj.gov.br. Acesso 01/10/2019.

PLANO DECENAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992. www.rio.rj.gov.br. Acesso 22/05/2017.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO E SUSTENTÁVEL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2011. www.rio.rj.gov.br. Acesso 13/01/2018.

PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – AS CIDADES DA CIDADE. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004. www.rio.rj.gov.br. Acesso 13/11/2017.

PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – PÓS 2016, O RIO MAIS INTEGRADO E COMPETITIVO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2009. www.rio.rj.gov.br. Acesso 13/11/2017.

PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – RIO SEMPRE RIO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996. www.rio.rj.gov.br. Acesso 20/10/2017.

PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1993. www.rio.rj.gov.br. Acesso 21/09/2017.

PLANO ESTRATÉGICO PÓS-2016 – O RIO MAIS INTEGRADO E COMPETITIVO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. www.rio.rj.gov.br. Acesso 15/02/2018.

PLANO ESTRATÉGICO RIO 2020: MAIS SOLIDÁRIO E HUMANO. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2017. www.rio.rj.gov.br. Acesso 15/05/2018.

PLANO RIO SÓCIO-AMBIENTAL DA REGIÃO ADMINISTRATIVA. Secretaria Municipal de Urbanismo da Cidade do Rio de Janeiro, 2013. www.data.rio. Acesso 13/01/2018.

PLANO URBANÍSTICO BÁSICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RJ), 1977. Disponível em: <http://www.portalguaratiba.com.br/2014/noticias/160901>. Acesso 16/01/2018.

PORTAL DE GUARATIBA. Moradores do caminho do Morgado no Retiro em Ilha de Guaratiba se mobilizam para garantir abastecimento de água. Rio de Janeiro, 16/09/2014. www.portalguaratiba.com.br, acesso 21/08/2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Redobra**, Salvador, v. 9, ano 3, p. 58-71, 2012.

RIBEIRO, V. M. F. **A (Des)construção do espaço carioca na “Era César Maia” (1993-2008): reflexões sobre o modelo de planejamento urbano estratégico e o conjunto de objetos arquitetônicos denominado “Pentágono do Milênio”**. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. IPPUR, UFRJ, 1990.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martin; MELLO, Juliana Oakim Bandeira. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, 2015.

RUA, João. Desenvolvimento, espaço e sustentabilidades. In: RUA, J. (Org.). **Paisagem, espaço e sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da Geografia**. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002..

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2014.

_____. **A totalidade do Diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais**. São Paulo: Contexto, n. 4, p. 31-43, nov. 1977.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos metodológicos da Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **Modo de Reprodução Técnico-Científico e Diferenciação Espacial**. *Revista Território*, ano IV, n.6, p. 5-20, 2002.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Técnica, Espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

SASSEN, S. A. Cidade Global. In: LAVINAS, L. (Org.). **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: ANPUR-HUCITEC, 1993.

_____. **The globalcity: introducing a concept**. *Winter/Spring*, v. XI, ISSUE 2, p. 27-43, 2005.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A produção do espaço urbano: abordagens e método de análise. In: **Geografia urbana: ciência e ação política**, (orgs.) OLIVEIRA, Floriano Godinho, FREIRE, Désirée Guichard, JESUS, Gilmar Mascarenhas, OLIVEIRA, Leandro Dias. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

SHALINS, M. **Culture and Practical Reson**. Chicago: University of Chicago Press. 1976

SHLEE, Mônica Bahia; TÂNGARI, Vera Regina. As montanhas e suas águas: a paisagem carioca na legislação municipal (1937-2007). *Cadernos Metrópole*, PUC/SP, 2008.

SMART, B. **Pós-modernidade**. Portugal: Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América, LDA, 1993.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e produção do espaço**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e produção do espaço**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988.

SOARES, M. R. A Contra-Ordem Sócio-Espacial e a Autonomia do Sujeito. **Colóquio Território Autônomo** – UFF. 2010.

SOARES, Magda. **Metamemória Memória**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, n.3, ano XXVII, 1965.

SOJA, Edward. Uma concepção materialista da espacialidade. In: BECKER, B. K.; COSTA, R. H. da; SILVEIRA, C. **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Geografia/ Programa de Pós-Graduação, 1993.

SOUZA, Marcelo, José, Lopes de. A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou sobre a necessidade de uma “teoria aberta” dos desenvolvimentos sócio-espacial. **Revista Território**, UFRJ, n.1, p. 5-22, Laget/UFRJ. Relume/ Dumar, 1996.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SVAMPA, M. Entre la obsesión y la crítica al desarrollo. In SVAMPA, M. **Debates Latinoamericanos: Indianismo, desarrollo, dependencia y populismo**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa, 2016.

TECHNIBUS. Em sintonia com o mundo. Revista, n. 93, 2010.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

VAINER, Carlos B. Os liberais também fazem planejamento Urbanos? – Glossas ao “Plano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro” (Seção do livro)// **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**/ A do livro ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos e Maricato, Ermínia. Petrópolis: Vozes, 2009. 5ª Edição.

_____. As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local? In: **Planejamento e território**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

VELASCO-GRACIET, Hélène. **La frontière et le lieu: norme et transgression dans les Pyrénées occidentales. Thèse de Doctorat en Géographie. Université de Pau et des Pays de l'Adour**. UFR de Letres. Pau, decembre de 1998.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZEMELMAN, H. El momento histórico y sus desafíos. **Revista da Anped**, Minas Gerais, n.6, p.7-28, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1

Limites dos Bairros da RA Guaratiba

“Delimitação do bairro Guaratiba, Código 151, segundo o Decreto No 5.280 de 23 de agosto de 1985.

Da Praia da Capela, na Baía de Sepetiba, pelo prolongamento da Avenida Carlos da Silva Rocha e, por esta (excluída) atravessando a Estrada da Matriz, até o entroncamento com a Rua Soldado Prim Canes; deste ponto, pelo prolongamento do alinhamento da Avenida Carlos da Silva Rocha, até a Rua 25 do PAL 18.529; por esta (incluída) até a Estrada da Capoeira Grande; por esta (incluída) até a Estrada do Catruz; por esta (incluída) até a Rua Maestro Deozílio; por esta (excluída) e por seu prolongamento, até a Baía de Sepetiba; daí, pelo litoral, passando pela Praia do Aterro (incluída) até a foz do Rio de Ponto ou Piaí, no Saco do Piaí; pelo leito deste, atravessando a Estrada do Piaí, até a Estrada da Pedra; por esta (incluída) até o entroncamento com a Rua General Alexandre Barreto (excluída); daí, subindo o espigão até o ponto de cota 157m na Serra do Cantagalo; deste ponto, pela cumeada em direção nordeste, até o ponto de cota 203, deste ponto, em direção norte, passando pelos pontos de cota 178m, 194m, 157m e 153m, até o ponto de cota 249m no Morro de Santa Eugênia; deste ponto, por uma linha reta em direção leste até o ponto de cota 227m na Serra de Inhoaíba; deste ponto, pela cumeada e pelo espigão passando pelos pontos de cota 242m, 187m, 184m, 154m e 119m, até o ponto de cota 78m; deste ponto, descendo em linha reta, em direção ao entroncamento da Estrada do Magarça com a Rua Campo Formoso; por esta (excluída) até a estrada do Mato Alto; por esta (excluída) até o Rio Cabuçu; pelo leito deste, até o entroncamento com a Avenida Alhambra; por esta (excluída) até a Rua Jorge Sampaio; por esta (excluída) até a Estrada da Cachamorra; seguindo por esta (incluída) até a Rua José Capanema; por esta (incluída) até o seu final; daí, pela vertente, até o ponto mais alto do Morro do Cabuçu (cota 568m); deste ponto, descendo e subindo as vertentes e atravessando a Estrada das Tachas em linha reta, até o ponto culminante do Morro dos Caboclos (cota 688m); deste ponto, seguindo pela cumeada em direção sul, passando pelo ponto mais alto do Morro da Toca Grande, descendo e subindo os espigões e atravessando a Estrada da Toca Grande no ponto de cota 346m, até o ponto de cota 444m; deste ponto, descendo e subindo os espigões, atravessando a Estrada do Morgado no ponto de cota 248m, até o Pico do Morgado (cota 398m); deste ponto, pela cumeada passando pelo Morro da Boa Vista (cota 334m), até o Morro da Ilha (434m); deste ponto, descendo em linha reta a vertente, até encontrar o entroncamento da Estrada da Grotta Funda com a Avenida das Américas; por esta (incluído apenas o lado par) até a Estrada da Barra da Guaratiba; por esta (excluída) até a ponte de acesso ao Campo de Provas da Marinha (limite da ZE-6, Decreto nº 4.528, de 27/11/70); por esta (incluída e incluindo o trecho da Restinga da Marambaia per-

tencentente ao Município do Rio de Janeiro) e pela orla da Baía de Sepetiba, ao ponto de partida, incluindo sob jurisdição as ilhas de Guaraguessaba e do Urubu e ainda as ilhas da Barra de Guaratiba.” (ALEM, op.cit., p.60-61).

“Delimitação do bairro Pedra de Guaratiba, Código 153, segundo o Decreto No. 5.280 de 23 de agosto de 1985.

Da praia da Capela, na Baía de Sepetiba, seguindo pelo prolongamento da Avenida Carlos da Silva Rocha e por esta (incluída) atravessando a Estrada da Matriz, até o entroncamento com a Rua Soldado Prim Canes; deste ponto, pelo prolongamento do alinhamento da Avenida Carlos da Silva Rocha, até a Rua 25 do PAL 18.529; por esta (excluída) até a Estrada da Capoeira Grande; por esta (excluída) até a Estrada do Catruz, por esta (incluída) até a Estrada da Pedra ; por esta (incluída) até a Rua Maestro Deozílio; por esta (incluída) e por seu prolongamento, até a Baía de Sepetiba; daí, por sua orla, incluindo as Praias da Venda Grande, da Pedra e da Capela, ponto de partida “. (ALEM, op.cit., p.61-62).

“Delimitação do bairro Barra de Guaratiba, Código 152, segundo o Decreto No. 5.280 de 23 de agosto de 1985.

Do Oceano Atlântico, no local denominado Saco dos Meros (incluindo, excluído a Ponta da Praia Funda), subindo e descendo o espigão, passando pelo ponto da cota 96m, até a Garganta da Praia Funda (cota 13m); deste ponto, subindo o espigão do Morro de Guaratiba até o ponto de cota 334m e, pela cumeada, até o Morro de São João da Mantiqueira (273m); deste ponto, descendo e subindo o espigão em direção norte, passando pela Garganta do Grumari (cota 108m); atravessando a Estrada do Grumari, até o ponto de cota 237m no Morro da Faxina; deste ponto, pela cumeada em direção norte, até o ponto da cota 394m; deste ponto, descendo e subindo os espigões em direção nordeste, passando pelos pontos de cota 298m, 358m, 392m, 339m e 413m, até o ponto culminante do Morro Santo Antônio da Bica (cota 482m), deste ponto, pela cumeada, passando pelos pontos de cota 452m, 383m e 324m, até o ponto de cota 279m; deste ponto, descendo o espigão, até encontrar o entroncamento da Estrada da Grota Funda com a Avenida das Américas, por esta (incluindo apenas o lado ímpar) até a Estrada da Barra de Guaratiba; por esta (incluída) até a ponte de acesso ao Campo de Provas da Marambaia (limite da ZE-6, Decreto nº4.528, de 27/11/70 (excluída); daí, pela Praia da Barra de Guaratiba (incluída) e pela orla marítima ao ponto de partida, incluindo sob sua jurisdição as ilhas do Frade e Rasa de Guaratiba.” (ALEM, op.cit., p.61).

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Data: _____ Número: _____

Localidade/bairro: _____

Comunidade/rua: _____

Aplicador(es): _____

A – Perfil do entrevistado:

Q 1 – Sexo: () Feminino () Masculino

Q 2 – Idade: _____

Q 3 – Local de nascimento: País: _____ Estado: _____ Município: _____ Bairro: _____

Q 4 – Escolaridade:

() Não sabe ler/ escrever

() Sabe ler/escrever, mas nunca frequentou a escola

Ensino Fundamental () incompleto () completo

Ensino Médio () incompleto () completo

Ensino Superior () incompleto () completo

Outros (Especifique: _____)

Q 5 – Ocupação principal:

() Sem ocupação

() Estudante

() Servidor(a) público(a)

() Aposentado(a)

() Autônomo(a) (Especifique: _____) () Extrativista (Especifique: _____)

() Agropecuária (Especifique: _____) () Outros (Especifique: _____)

B – Relação do(a) entrevistado(a) com Guaratiba:

Q 6 – O que faz em Guaratiba?

() Morador(a) (Há quanto tempo? _____)

() Veranista (Há quanto tempo? _____)

() Turista

() Não é morador(a), mas trabalha em Guaratiba (Há quanto tempo? _____)

() Não é morador(a), mas busca algum serviço em Guaratiba (Especifique: _____)

() Outros (Especifique: _____)

Q 7 – Participa de algum grupo que desenvolve trabalhos sociais em Guaratiba?

() Não () Sim (Especificar: _____)

Q 8 – Gosta de Guaratiba? () Sim () Não () Parcialmente

O que é viver em Guaratiba? _____

Q 9 – Quais são os problemas de Guaratiba? _____

Q10 – O que você gostaria de ter em Guaratiba? _____

Q 11 – Quais são as mudanças que você observa em Guaratiba? _____

Q 12 – Percebe mudanças em Guaratiba com a construção do Túnel José de Alencar (Túnel da Grota Funda) e com o BRT?

() Não () Sim (Especificar: _____)

C – Infraestrutura e serviços

Q 13 – Com relação a Guaratiba, avalie os seguintes itens:

- | | | | | | |
|-----------------------------|----------|--------------|-----------|-----------------|----------------|
| a) Tratamento do esgoto: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| b) Abastecimento de água: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| c) Calçamento das ruas: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| d) Coleta seletiva de lixo: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| e) Transporte coletivo: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| f) Educação: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| g) Saúde: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| h) Comércio: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| i) Lazer: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |
| j) Segurança pública: | 1() Bom | 2() Regular | 3() Ruim | 4() Não existe | 5 () Não sabe |

Q 13 – Qual destes itens considera o mais importante para Guaratiba?
(Assinalar apenas 1)

- | | | |
|---------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 1 () Coleta de lixo | 2 () Rede de esgoto | 3 () Abastecimento de água |
| 4 () Transporte coletivo | 5 () Pavimentação das ruas | |

D – Qualidade de vida

Q 15 – Com relação a Guaratiba, avalie os seguintes itens:

- 4
- a) Áreas verdes: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - b) Arborização das ruas: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - c) Praias: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - d) Rios e canais: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - e) Qualidade do ar: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - f) Áreas de lazer: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - g) Programação cultural: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - h) Atendimento de saúde: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - i) Qualidade de ensino: 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe
 - j) Serviços (bancos, comércio e outros): 1() Bom 2 () Regular 3 () Ruim 4 () Não existe 5 () Não sabe

Q 16 – A quem você recorreria para melhorar os problemas que identifica em Guaratiba?

- 1 () Lideranças comunitárias 2 () Poder público 3 () Lideranças religiosas
4 () Outros: _____

Obs:

ANEXO 3

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Instrumental do bordado”)

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 2) Já morou em outros bairros? Por que escolheu esse bairro como moradia?
- 3) Há quanto tempo vive na região de Guaratiba?
- 4) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar?
- 5) Ao narrar a sua história em Guaratiba, quais seriam os momentos relevantes para você?

Transformações espaciais de Guaratiba (“o bordado”)

- 6) Como era Guaratiba quando chegou?
- 7) O que é Guaratiba hoje? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 8) Que perspectivas se desenharam para Guaratiba?

O que representa Guaratiba (“peças do bordado”)

- 9) O que representa o seu bairro?
- 10) O que representa a região de Guaratiba?

ANEXO 4

Roteiros individuais das entrevistas semiestruturadas.

Entrevista semiestruturada na Associação Mulheres de Pedra – Representante e moradora

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Instrumental do bordado”)

- 11) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 12) Já morou em outros bairros? Por que escolheu esse bairro como moradia?
- 13) Há quanto tempo vive em Pedra de Guaratiba?
- 14) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar?
- 15) Ao narrar a sua história em Guaratiba, quais seriam os momentos relevantes para você?

Transformações espaciais de Guaratiba (“o bordado”)

- 16) Como era Guaratiba quando chegou?
- 17) O que é Guaratiba hoje? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 18) Que perspectivas se desenharam para Guaratiba?

O que representa Mulheres de Pedra (“peças do bordado”)

- 19) O que motivou a sua criação?
- 20) Qual é a base de conhecimento que norteia o trabalho?
- 21) Quais são as principais linhas de ação?
- 22) Como o trabalho acontece e tem continuidade?
- 23) O que é a Associação de Mulheres de Pedra para Guaratiba e o que é Guaratiba para Mulheres de Pedra?

Entrevista semiestruturada – Moradores novos/ antigos

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Sujeito/ Instrumental do bordado”)

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a) :
- 2) Bairro de moradia? Já morou em outros bairros? Por que escolheu esse bairro como moradia? Participa de algum movimento social no bairro? E
- 3) Há quanto tempo vive em Guaratiba?
- 4) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar?
- 5) Ao narrar a sua história em Guaratiba, qual(is) seriam as experiências relevantes para você?
- 6) Participa de algum movimento social? Qual(is)?
- 7) Como o poder público atua em Guaratiba?

Representações espaciais de Guaratiba: O que permanece? Que transformações são percebidas? (“O movimento/ o bordado”)

- a) Como era Guaratiba quando chegou?
- b) O que é Guaratiba? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- c) Que perspectivas se desenhavam para Guaratiba?

A multiescalaridade espacial (“Peças do bordado”)

- a) Qual é a sua relação com os outros bairros da cidade do Rio de Janeiro?
- b) Qual(is) são os seus deslocamentos para ter acesso aos serviços que precisa?
- c) Se pudesse escolher onde moraria? Por quê?
- d) O que é Guaratiba pra você e o que é você para Guaratiba?

Entrevista semiestruturada – Veranistas e turistas

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Sujeito/ Instrumental do bordado”)

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 2) Por que escolheu Guaratiba como lugar de veraneio/ TURISMO?
- 3) Quais são os seus referenciais de Guaratiba?
- 4) Ao narrar a sua história em Guaratiba, qual(is) seriam as experiências relevantes para você?

Representações espaciais de Guaratiba: O que permanece? Que transformações são percebidas? (“O movimento/ o bordado”)

- 5) Como era Guaratiba quando chegou?
- 6) O que é Guaratiba? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 7) Que perspectivas se desenhavam para Guaratiba?

A multiescalaridade espacial (“Peças do bordado”)

- 8) Qual é a sua relação com os outros bairros da cidade do Rio de Janeiro?
- 9) Qual(is) são os seus deslocamentos pela cidade?
- 10) Se pudesse escolher onde moraria? Por quê?
- 11) O que é Guaratiba pra você e o que é você para Guaratiba?

Entrevista semiestruturada – Responsável pela divisão técnica do Sítio Burle Marx

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Instrumental do bordado”)

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 2) Qual é a sua relação com Guaratiba?
- 3) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar? O que dá identidade ao lugar?
- 4) Ao narrar a sua história em Guaratiba, quais seriam as experiências relevantes?

Representações espaciais de Guaratiba (“o bordado”)

- 5) Como era Guaratiba quando chegou?
- 6) O que é Guaratiba? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 7) Que perspectivas se desenhavam para Guaratiba?

O que representa o Sítio Burle Marx (“pedaços do bordado”)

- 8) O que representa o Sítio Burle Marx para a Região de Guaratiba?
- 9) Quais são as referências que norteiam o trabalho?
- 10) Quais são as principais linhas de ação?
- 11) Como o trabalho acontece e tem continuidade?
- 12) Qual é a relação do sítio com o poder público?
- 13) O que é o Sítio Burle Marx para Guaratiba e o que é Guaratiba para o Sítio Burle Marx?

Entrevista semiestruturada – Diretor da construtora vila mar

De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Instrumental do bordado”)

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 2) Qual é a sua relação com Guaratiba?
- 3) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar? O que dá identidade ao lugar?
- 4) Ao narrar a sua história em Guaratiba, quais seriam as experiências relevantes?

Representações espaciais de Guaratiba (“o bordado”)

- 5) Como era Guaratiba quando chegou?
- 6) O que é Guaratiba? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 7) Que perspectivas se desenhavam para Guaratiba?

O que representa (“pedaços do bordado”)

- 8) O que representa a construtora Vila Mar para a Região de Guaratiba?
- 9) Quais são as principais frentes de ação da construtora? Condomínios, loteamentos, etc.
- 10) Qual é a relação da Vila Mar com o poder público?
- 11) O que é a Vila Mar para Guaratiba e o que é Guaratiba a Vila Mar?

Entrevista semiestruturada – Presidente (a) das associações de moradores, da fundação Angélica Goullart, e da colônia dos pescadores.**De onde estou falando? Como é viver em Guaratiba? (“Instrumental do bordado”)**

- 1) Identificação do(a) entrevistado(a):
- 2) Qual é a sua relação com Guaratiba?
- 3) O que é viver em Guaratiba? Quais são os seus referenciais do lugar? O que dá identidade ao lugar?
- 4) Ao narrar a sua história em Guaratiba, quais seriam as experiências relevantes?

Representações espaciais de Guaratiba (“o bordado”)

- 5) Como era Guaratiba quando chegou?
- 6) O que é Guaratiba? O que mudou? O que gerou essas mudanças?
- 7) Que perspectivas se desenham para Guaratiba?

O que representa (“pedaços do bordado”)

- 8) O que representa a associação/ fundação para a Região de Guaratiba?
- 9) Quais são as principais frentes de ação da instituição?
- 10) Qual é a relação da instituição com o poder público?
- 11) O que é a instituição para Guaratiba e o que é Guaratiba para a instituição?

ANEXO 5

Legislação da Área de Especial Interesse Ambiental de Guaratiba (2013)

DECRETO Nº 37483 DE 31 DE JULHO DE 2013

CRIA A ÁREA DE ESPECIAL INTERESSE AMBIENTAL DA
REGIÃO DE GUARATIBA - XXVI RA.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor,

CONSIDERANDO que a Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, no Capítulo "Do Meio Ambiente", art. 463, enumera, entre outros, que "são instrumentos, meios e obrigações de responsabilidade do Poder Público para preservar e controlar o meio ambiente: IX - manutenção e defesa das áreas de preservação permanente, assim entendendo aquelas que, pelas suas condições fisiográficas, geológicas, hidrológicas, biológicas ou climatológicas, formem um ecossistema de importância no meio ambiente natural, destacando-se: os manguezais, as áreas estuarinas e as restingas; as nascentes e as faixas marginais de proteção de águas superficiais; a cobertura vegetal que contribua para a estabilidade das encostas sujeitas à erosão e deslizamento ou para fixação de dunas; as áreas que abriguem exemplares raros, ameaçados de extinção ou insuficientemente conhecidos da flora e da fauna, bem como aquelas que sirvam como local de pouso, abrigo ou reprodução de espécies; os bens naturais a seguir: O Maciço da Pedra Branca, os Parques, reservas ecológicas e biológicas, estações ecológicas e bosques públicos;

CONSIDERANDO a localização em Guaratiba da Reserva Biológica de Guaratiba, do Parque Estadual da Pedra Branca, da Área de Proteção Ambiental da Pedra Branca, do Parque Natural Municipal da Serra da Capoeira Grande, da Área de Proteção Ambiental da Serra da Capoeira Grande e do Morro do Silvério; da Área de Proteção Ambiental das Brisas e da Zona de Amortecimento dessas unidades;

CONSIDERANDO o disposto no artigo 117, da Lei Complementar nº 111 de 01 de fevereiro de 2011 que instituiu o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro; que classifica como Sítio de Relevante Interesse Paisagístico e Ambiental a Restinga da Marambaia; a Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba, o Maciço da Pedra Branca; as encostas das serras de Capoeira Grande e Inhoaíba; o Sítio Burle Marx;

CONSIDERANDO os riscos que o processo de adensamento dessa região a partir da implantação da Transoeste e da abertura do túnel da Grota Funda apresentam à manutenção da qualidade ambiental, à paisagem urbana e à qualidade de vida da região de Guaratiba;

CONSIDERANDO a fragilidade ambiental da área e a necessidade de evitar a degradação de suas condições ambientais, bem como garantir o desenvolvimento sustentável da região;

DECRETA:

Art. 1º. Fica criada a Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA) da Região de Guaratiba, delimitada e descrita na forma dos Anexos I e II deste Decreto.

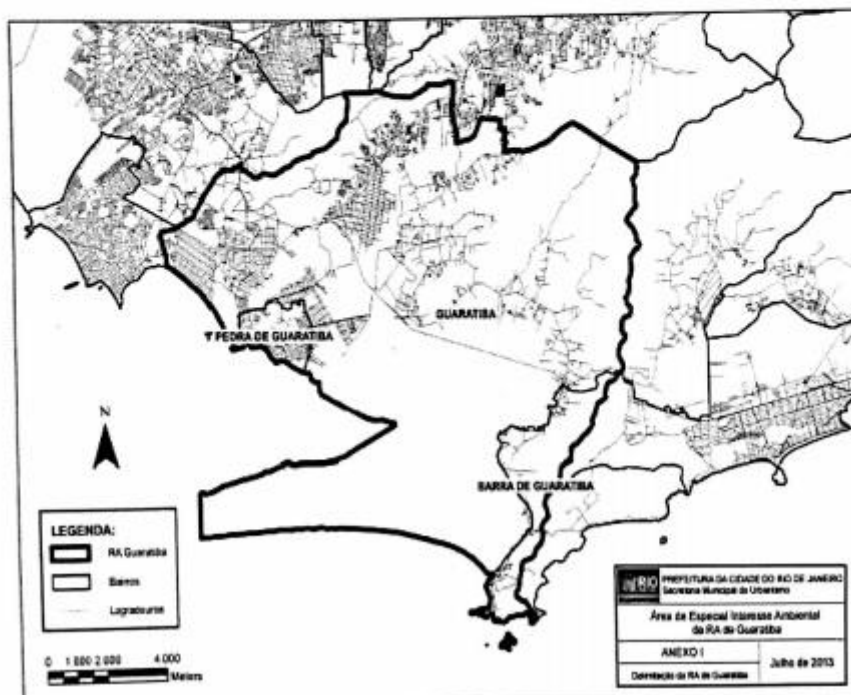
Art. 2º. Fica suspenso, pelo período de 180 (cento e oitenta) dias a partir da publicação deste Decreto, nos termos do art. 108, § 2º da Lei Complementar nº 111/2011 – Plano Diretor, o licenciamento de demolição, construção, acréscimo ou modificação, reforma, transformação de uso, parcelamento do solo ou abertura de logradouro na Área de Especial Interesse Ambiental (AEIA) de Guaratiba.

Parágrafo Único. No prazo estipulado no caput, a Secretaria Municipal de Urbanismo em conjunto com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e o IRPH, realizará estudo com o objetivo de determinar meios de proteção do meio ambiente natural e cultural da AEIA.

Art. 3º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 31 de julho de 2013; 449º ano da fundação da Cidade.

EDUARDO PAES



ANEXO II**Descrição da delimitação da XXVI RA – Guaratiba**

Do Oceano Atlântico, no local denominado Saco dos Meros (incluído, excluindo a Ponta da Praia Funda), subindo e descendo o espigão, passando pelo ponto de cota 96m, até a Garganta da Praia Funda (cota 13m); deste ponto, subindo o espigão do Morro de Guaratiba até o ponto de cota 334m e, pela cumeada, até o Morro de São João da Mantiqueira (cota 273m); deste ponto, descendo e subindo o espigão em direção norte, passando pela Garganta do Grumari (cota 108m), atravessando a Estrada do Grumari, até o ponto de cota 237m no Morro da Faxina; deste ponto, pela cumeada em direção norte, até o ponto de cota 394m; deste ponto descendo e subindo os espigões em direção nordeste, passando pelos pontos de cota 298m, 358m, 392m, 339m, e 413m, até o ponto culminante do Morro Santo Antônio da Bica (cota 482m); deste ponto, pela cumeada, passando pelos pontos de cota 452m, 383m e 324m, até o ponto de cota 279m; deste ponto, descendo o espigão, até encontrar o entroncamento da Estrada da Grota Funda com Avenida das Américas atravessando-as, e subindo em linha reta a vertente, até o Morro da Ilha (cota 434m); deste ponto, pela cumeada, passando pelo Morro da Boa Vista (cota 334m), até o Pico do Morgado (cota 398m); deste ponto, descendo e subindo os espigões, atravessando a Estrada do Morgado no ponto de cota 248m, até o ponto de cota 444m; deste ponto, descendo e subindo os espigões, atravessando a Estrada da Toca Grande no ponto de cota 346m, até o ponto mais alto do Morro da Toca Grande; daí, seguindo pela cumeada em direção norte, até o ponto culminante do Morro dos Caboclos (cota 683m); deste ponto, descendo e subindo as vertentes em linha reta, atravessando a Estrada das Tachas, até o ponto mais alto do Morro do Cabuçu (cota 568m); deste ponto pela vertente até encontrar o final da Rua José Capanema; por esta (incluída) até a Estrada da Cachamorra; por esta (incluída) até a Rua Jorge Sampaio; por esta (excluída) até a Avenida Alhamira; por esta (excluída) até seu entroncamento com o Rio Cabuçu; daí, pelo leito deste, até a Estrada do Mato Alto; por esta (excluída) até a Rua Campo Formoso; por esta (excluída) até o entroncamento com a Estrada do Magarça; daí, em linha reta subindo a vertente, até o ponto de cota 78m, deste ponto, pelo espigão e pela cumeada da Serra de Inhoaíba, em direção oeste, passando pelos pontos de cota 119m, 154m, 184m, 187m e 242m, até o ponto de cota 227m, deste ponto, por uma linha reta, até o ponto de cota 249m no Morro de Santa Eugênia; deste ponto, em direção sul passando pelos pontos de cota 153m, 157m, 194m e 178m, até o ponto de cota 203m na Serra do Cantagalo; deste ponto, pela cumeada em direção sudoeste, até o ponto de cota 157m; deste ponto, descendo o espigão, em direção ao entroncamento da Rua General Alexandre Barreto (excluída) com a Estrada da Pedra; por esta (incluída) até o Rio do Ponto ou Piaí; pelo leito deste ,atravessando a Estrada do Piaí, até a sua foz na Baía de Sepetiba, daí, pelo litoral, até a Ponta da Praia Funda, no local denominado Saco dos Meros ponto de partida, incluindo sob sua jurisdição o trecho da Restinga da Marambaia ao Município do Rio de Janeiro e as Ilhas de Guaraquessaba, do Urubu, do Frade e Rasa de Guaratiba e ainda as Ilhas da Barra de Guaratiba.

ANEXO 6

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE PEDRA

Entrevista com Leila

Local: Associação de Mulheres de Pedra, Pedra de Guaratiba, R.J.

Data: 21. 08. 2019

Tempo: 1h8min.56seg.

P – Vamos começar bem rápido. (risos). Sei que o tempo é curto e você tem muitos afazeres. Obrigada pela disponibilidade. Bem, Leila, primeiramente quero saber um pouco de você, da sua vida, dos seus afetos. Sempre morou na Pedra de Guaratiba?

E – Ah, já tá ligado é só falar?(risos) ... Então, meu nome é Leila de Souza Neto, eu tenho 65 anos, sou casada, tenho duas filhas, e moro, eu não sou de Guaratiba, eu estou em Guaratiba há 42 anos. É isso! Entre 40 e 42 anos.

P – E por que você escolheu Guaratiba?

E – Pedra de Guaratiba foi um acidente, um ocase na minha vida, pode se dizer assim. (risos)

P – Por quê?

E – Porque eu morava em... nessa época, em 80, eu tava morando em Santa Catarina. Então, 82 eu já tinha a primeira filha, tava morando em Santa Catarina, e vim passar o Carnaval, final do ano no Rio prá visitar os parentes, e aí uns amigos que tinham casa aqui, filho do Heitor dos Prazeres, que é nosso compadre, Heitor dos Prazeres Filho. E outros amigos, enfim, viemos passar o Carnaval na Pedra, prá uma semana só, e esse Carnaval durou 42 anos. E aí, nós ficamos direto, nem voltamos mais no Sul. Nossas coisas ficaram lá. Vai hoje, num vai amanhã, vai hoje, vai amanhã... nós morávamos numa casa de uma parente, né, de uma prima, na praia em Ubatuba, que fica perto de Joinville. E aí foi isso. Estar na Pedra (risos) foi isso.

P – Mas, o que encantou?

E – A mim, a princípio, não encantou muita coisa não, viu. Eu tinha certos problemas de morar na Pedra, me adaptar à Pedra foi difícil prá mim, porque ... bom ... porque eu sou da Zona Sul, fui nascida e criada no Jardim Botânico, então, menina do Leblon, sou totalmente, ainda me considero urbana. E Pedra de Guaratiba, prá mim ... ah não, não vou

conseguir ficar nesse lugar. E realmente ... mas aí, eu fui unindo né, essa ponte, dava vontade, de saudade, eu tava lá embaixo, tinha minha família lá embaixo, e morava aqui em Pedra, e nisso fui criando a primeira filha, veio a Livia, segunda filha, e aí foi a opção realmente de estar num lugar com uma qualidade de vida onde nós, é ... pudemos criar nossas filhas muito legal, de uma forma muito, muito livre, muito, ... muito sem poluição, enfim, com qualidade de vida mesmo. (risos)

P – Então, mas o que é viver em Guaratiba?

E – Ah, hoje eu digo que vier em Guaratiba são vários desafios, né, mas eu acho que é gostoso, eu gosto de viver em Pedra de Guaratiba por essa tranquilidade, por essa questão que eu já falei da qualidade de vida. A gente poder dar num sei quantos bom dia todos dias, poder dormir ainda de porta aberta, janela aberta, poder conhecer todos que estão à nossa volta e, ... e tá ao mesmo tempo próximo da cidade, né. Então a gente num perde esse lado cultural que a gente gosta de viver. Porque Pedra num tem né, Pedra tem essa qualidade de vida, que é de você conhecer as pessoas, de você estar com a pessoa, de você respirar outro ar, de você viver de uma forma mais livre, mais tranquila, né. Num tem assalto. É um ou outro assalto que em Pedra de Guaratiba eu presenciei. Então, a gente poder saber isso, num ... hoje já tem até mais sinais semáforos, mas até poucos anos atrás num tinha nenhum semáforo, a gente ia prá Campo Grande, prá Santa Cruz, prá Barra, sem trânsito, não tinha o trânsito que hoje já tem né. Mas, também tem os desafios, que é a mobilidade, né. Então, se deslocar de Pedra de Guaratiba sempre foi um problema, nunca foi facilzinho sair e voltar prá casa.

P – Rápido então!

E – Rápido então, nem pensar! E hoje em dia, pior ainda, que a gente vê.

P – Se eu perguntar, se eu pedisse a você prá me dar alguns referenciais de Pedra, que referenciais você daria?

E – Referenciais de Pedra... (pensando alto)

P – Bem livre...

E – Bom, eu tenho como referência na minha memória é você poder desfrutar dos momentos mais agradáveis possíveis, (risos) de comer um peixe, sentar num bar, tomar uma cerveja, e não consegue mais voltar prá casa, porque você vai encontrando uma pessoa, outra pessoa, as conversas elas vão acontecendo e você não consegue, é uma série de encontros, de encontros, de encontros, e isso é uma das referências. Eu tenho também como referência o pôr do sol da Pedra de Guaratiba. Esse visual, essa coisa bucólica que

Pedra de Guaratiba tem, né, que é poder sentar, ou caminhar, e ver um dos mais belos pôr do sol do Rio de Janeiro, é ... eu tenho referência ... são as amizades que a gente faz nesse local (longa pausa) não consigo mais me lembrar ...

P – É ... você disse que tá aqui há quarenta e poucos anos, né? Então, você tem uma história em Guaratiba assim, prá contar, né. Dá prá você contar um pouquinho, né, como f... quando você chegou, o que você encontrou em Guaratiba, o que mudou, o que é Guaratiba hoje? O que você encontrou, e o que Guaratiba hoje você pensa, ela se apresenta?

E – Então, quando nós chegamos aqui, ou melhor, que eu cheguei aqui, Pedra tava muito efervescente, né, nos anos 80, tinha uma vida cultural muito intensa, muito intensa. Nesse período tavam acontecendo o planejamento de duas Associações. Uma era a Associação de Ecologia, e a outra era a Associação de Artistas Plásticos de Pedra de Guaratiba. Então, essas duas, eu pude participar de todo o processo de formação dessas duas Associações, numa delas cheguei a ser Tesoureira, na dos Artistas e Amigos das Artes de Pedra de Guaratiba. E era um momento muito potente em Pedra, porque tinham muitos artistas plásticos morando em Pedra de Guaratiba. Não só artistas plásticos, mas tinha músicos, tinha compositores, e tinha muita gente em Pedra de Guaratiba nessa época nesses anos 80. E era uma efervescência de acontecimentos. Pedra vivia efervescente, recebendo muitos turistas. Então, e eu sempre digo que é, Pedra, nesses anos 80/90 estava para Santa Teresa, assim como Santa Teresa está hoje, né, prá... então acho que tem, eu faço esse, esse paralelo, né, de Pedra e Santa Teresa. E que também, esses artistas, já nos anos 90, final dos anos 90, eles começam a sair de Pedra e voltar, ir pra Santa Teresa, e foram potencializar essa relação em Santa Teresa. E ... e era isso, Pedra era forte, era potente, era rica nessa relação cultural e gastronômica, porque é mesmo, né, e turística também.

P – E, nessa década de 80 e 90, a população que vinha prá Pedra, você então acompanhou essa coisa também do crescimento populacional, independente até desse lado aí cultural da Pedra. Você lembra um pouco sobre isso, é ... quem era a pop... quem é

E – Quem fez o crescimento populacional, né, quem veio prá Pedra?

P – É, quem veio prá Pedra?

E – É, porque tinha na ... a Pedra era composta basicamente de quem, dos pescadores, das famílias dos pescadores, né, que aí primeira, segundo, terceira e quarta gerações, né. Eu consegui pegar essas gerações, participar dessa vivência, desses caiaças, desses pescadores, é ... artistas eu num consigo apontar um que fosse da ... não, tem sim, tinha o Seu Garça, que fazia a Garça e tocava lá a garcinha dele, era de Pedra. E uma figura

muito, muito popular e muito folclórica. E o resto foi os que vieram chegando em Pedra de Guaratiba, e é aquele negócio – Esse lugar é lindo, eu vou morar! – então muitos vieram com esse olhar, né, com esse gostar dessa comunidade, desse bairro. E depois teve um grande, um grande, como é que se chama?, inchaço, em Pedra de Guaratiba. E aí, foram as pessoas que vieram, Rocinha, Vidigal ...

P – Isso em que época?

E – Rocinha e Vidigal é bem aqui atual. Mas, os que tavam já vindo e que vinham ou de Santa Cruz, Campo Grande, ou outros bairros, e vinham, enfim, por que a procura de espaços melhores prá viver, foi nos anos ... foi de 2000, de 2000 prá cá a gente começa a perceber um inchaço em Pedra de Guaratiba, e aí a gente começa a ver a partir das construções. Então, começam a crescer bairros assim, bairros não, sub-bairros de uma forma, de uma forma incrível. E Vila Mar é um desses, desses espaços daqui em Pedra que foi tomado.

P – Me explica, o que que é Vila Mar? Porque tem a imobiliária Vila Mar.

E – Então, é ... era ... era uma empreiteira né, prá construir ...

P – Construtora mesmo?

E – Uma construtora prá construir esse ... me foge o nome ... nesse espaço, as casas.

P – Mas é particular.

E – Particular.

P – Não era do Estado.

E – Totalmente particular. Como é que se chama o espaço? Vila Mar é um ... Onde só tinha os terrenos?

P – Loteamento?

E – Loteamento, porque é loteamento Vila Mar. Então esse loteamento, que tem várias histórias, né. As pessoas contam muitas histórias (risos) desse loteamento, foi, foi invadido, né, num determinado período esse loteamento foi invadido, e foi crescendo, e se ligou ao Piraquê, né. Tanto é que ficou ... pegou aquela parte toda, o que conseguiu se salvar mais aqui pro centro da Pedra são onde tem as ruas mais asfaltadas, que tem melhores casas, né ...

P – E o resto é tudo Vila Mar mesmo?

E – O resto é tudo Vila Mar.

P – Porque eu vejo as placas ...

E – Aqui é tudo ... da Praça do Rodo até lá embaixo, perto do Piraquê é Vila Mar.

P – Me falaram até um Rio.

E – Até o rio, no Piraquê, é Vila Mar. Só que o Vila Mar tem um lado, ou tinha um lado, que eles venderam lote, também acho que era mangue. Então, prá construir nesses lotes tinha que aterrar e muito né. Daí que começa as invasões. Então, eram lotes que o Vila Mar também não se interessava, e que as pessoas, prá quem não tinha nada, era um espaço que ia aterrar e ia ficar com aquele lote. Então essa ... as ocupações começam ...

P – O Piraquê também foi uma ocupação meio assim ... né?

E – Foi. Com certeza. O Piraquê é uma ocupação dessa

P – O Vila Mar deixou aquela parte... que é uma franja

E – Exatamente, que num ... prá eles ia encarecer muito, né, e fazer uma ... uma ... como é que é?

P – Ah, de aterrar, né.

E – Aterrar aquilo ali. Tanto é que uma amiga, Dora Romana, que é a criadora praticamente, né, a nossa mentora de Projeto Mulheres de Pedra, a Dora Romana tinha um terreno lá.

P – Olha o Piraquê. É tudo aquilo. Olha o arruamento ... você tá falando certinho. Isso aqui tudo é Vila Mar e eles deixaram essa franja. Que aqui é o Campus Fidei, e aqui é o Piraquê.

E – É isso. Então, essa minha amiga Dora, quando ela veio prá Pedra, ela alugou a casa também ... é ... ela é uma artista plástica, ela que fundou a APA PG, Associações dos Artistas Plásticos e Amigos de Pedra de Guaratiba. Ela tinha um terreno lá. Era tão baratinho que ela resolveu comprar, mas depois ela viu, que ela deixou prá lá, que prá aterrar, construir, sairia muito caro, então ela realmente não ligou da perda do que ela investiu.

P – Então, isso que aconteceu na Pedra, também aconteceu em Guaratiba, mas com outros atores, com outros sujeitos.

E – Com outros atores...

P – Que aí não é mais Vila Mar, que eu que é até mesmo mais áreas do Estado.

E – Sim, sim. Tem muitas áreas do Estado que ...

P – E que aí foram invadidas, né. Agora, outra pergunta que eu vejo que tem um ruído aí. Você fala muito de Pedra, dos artistas plásticos, vocês conversavam, dialogavam muito com Barra, com Ilha de Guaratiba, com a própria Guaratiba? Ou era uma coisa logo prá fora?

E – Impressionante, né? Não tinha esse diálogo com Barra de Guaratiba e com Ilha de Guaratiba, e, até hoje, não existe um diálogo. É muito pouco, é muito pequeno o diálogo que existe em Barra de Guaratiba e Ilha de Guaratiba. Isso é uma coisa impressionante.

P – É porque é tudo né, o litoral, essa parte de ...

E – É tão gostosa a praia, mas, engraçado, hoje nós tamos gostando muito de ir a Barra de Guaratiba, a praia, porque é uma praia diferenciada, e realmente eu aprendi com a minha filha Livia a gostar de frequentar Barra de Guaratiba. É uma praia muito acolhedora.

P – Mas antes não?

E – Antes não. Eles eram... eu não gostava, preferia ir prá outras praias do que prá Barra de Guaratiba, apesar de ser pertinho, né. Então Barra tem essa... essa relação que tá dentro e tá fora ao mesmo tempo, né.

P – Eu até agora não consegui entender... Eu não sei se é porque tem uma saída só, apesar que tem prá Grumari. É, mas tem essa coisa do Exército também, daquela área militar... Eu não sei...

E – A gente até tinha alguns amigos, mas eram poucos. Num dá prá falar numa dimensão assim de um entrosamento, porque eram uns dois ou três amigos que a gente ... num era uma relação de que é... de presença mesmo, né. E até hoje, tu vê, a gente faz as atividades, nossas atividades culturais, enfim, o não cotidiano aqui em Mulheres de Pedra, e a gente não tem Barra de Guaratiba nas nossas agendas de Pedra de Guaratiba (risos) não temos, é impressionante, não temos...

P – Por que isso?

E – Não tem uma agenda que una essa Guaratiba de fato e de direito.

P – Na verdade, é um mosaico que falta alguma, uma cartilagem ali, uma coisa que possa dar aderência, né. Porque, em termos ambientais, caramba.

E – Mas, olha, tem uma coisa diferente, tem uma coisa que é o diferencial prá gente.

P – Me conta.

E – Prá Pedra, prá Barra de Guaratiba. Porque, nós aqui temos um mar fundo de baía, Barra de Guaratiba tem um mar aberto. Então, tem toda uma diferença desse povo e desses pescadores de Pedra, que só ficam aqui, e dos pescadores de Barra de Guaratiba que tem o mar, é outro tipo de pescado, e que eles conseguiram fazer uma trilha de restaurantes que eles acham que são os melhores e os máximos. Eles se acham o máximo na gastronomia. Pedra, realmente, não tem esse histórico de gastronomia. Eu sinto até que Pedra tem um histórico artístico, mas não de gastronomia. A gente pode até pegar mais essa parte de ...

P – E de uma pesca artesanal.

E – De uma pesca artesanal. Então, eu acho que isso dá uma, uma ... cada qual no seu quadrado?

P – Entendi...

E – Sabe? Ah, vocês tão aí ...

P – Vou tentar escrever isso (risos)

E – Eu acho que tem ... é uma linha que faz de mudança de mar. Eu sinto que tem. A mudança do mar. A mudança de, de ... a mudança de mar, e a mudança dos próprios pescadores, por causa dessa, desse caminho que eles passam, que eles acham que é um caminho mais ... que dá prá eles maiores condições de status, né, por ter peixes que são diferentes de peixes que pesca aqui, em Pedra de Guaratiba, né. Eles têm outros pescados lá, né, ou tiveram, e fazem esse caminho gastronômico. E fazem esse caminho gastronômico que fica, a Barra de Guaratiba fica já próximo à Serra, que já vai pro outro lado, que já vai prá Barra. Eu acho que o caminho que eles fazem de Barra de Guaratiba, é o caminho que vai prá Barra, num é o caminho que vem prá Pedra ... que vem prá Ilha ...

P – Ou até prá Campo Grande.

E – prá Campo Grande...

P – Porque Pedra tem mais ligação até, ao meu ver, com Campo Grande do que com a Barra, Barra de Guaratiba, né. Eu acho que a Pedra tem uma ligação maior com é ... com Campo Grande, e até com outros bairros do Rio de Janeiro, do que com a Barra de Guaratiba.

E – Tem uma especificidade aí ... muito que ... sabe? Que ...

P – É ... esquisito ...

E – Eu acho que a gente chega lá, consegue entender isso, viu?

P – É ... eu fico assim porque o que que acontece?

E – Eu acho que se for voltar um pouco a história antiga, de como foi a ocupação na Ilha de Guaratiba, pelo tal Willian de Guaratiba... a Ilha de Guaratiba seria Willian de Guaratiba ... pode até ter sido, né? (música do smartphone) Pode atender...

P – Não, eu tenho que desligar.

E – E, exatamente, você partir da palavra certa, pela ocupação. Eu acho, historicamente, a gente pode entender muito essas relações assim que ficaram mais distantes a partir da ocupação ...

P – E do uso do solo também.

E – Do uso do solo...

P – Porque eu vejo que a Ilha é ... Pedra e Barra eu vejo muito parecidas, mas na Ilha já tem essa coisa de uma atividade agrícola que ficou bastante tempo, diferente ...

E – Porque foi a partir da plantação de cana, né. A família dos ...

P – Isso. Porque aqui até tinha, mas eu acho que não era de ... tinha o pescado.

E – Tem o pescado, é, tem o pescado. Tinha agricultura também, mas era outra, era outra agricultura...

P – Eu também vejo assim.

E – ... que num foi essa que deu prá Ilha de Guaratiba todo um conhecimento a partir do ... alambique. Da família ... como é que era a família? ... se não a gente vai falar que eles eram, que teve problemas, né ... (risos) ia falar, dos gaguinhos ...

P - ... é, dos gaguinhos.

E – A gente acaba citando isso, né, (risos) e que foi um grande momento da Ilha de Guaratiba, né, foi um dos grandes momentos. O alambique era visitado por presidentes, né, pessoas ...

P – Getúlio Vargas ...

E – Getúlio Vargas, né... tereré. Bom, mas tem umas histórias muito gozadas, porque Pedra também num ... tem seu momento na gastronomia, altíssimo, né, que foi com Cândidos, né, que realmente foi um momento forte prá Pedra de Guaratiba.

P – É ...

E – Uma gastronomia já.

P – É, eu vejo também mais ... a Barra de Guaratiba é... eu acho que pega ali a Ilha e até o Burle Marx, alí, é uma coisa. Depois é outra. Eu não sei se o isolamento também, até o isolamento da população não dificultou essa relação com o outro, essa integração. Porque? No mínimo teria que ter uma integração dos pescadores, né.

E – Minimamente.

P – Minimamente. E, não tem. Até hoje.

E – Engraçado que a integração era mais em Grumari. A integração era em Grumari, porque nós tínhamos amigos ...

P – E até a praia do Grumari. Não sei se também e por conta do isolamento, por conta da faixa de praia, a extensão também, eu acho que é uma extensão pequena ... não sei. É, eu acho que um pouco pela ocupação mesmo. Entendeu? (música de smartphone) Eu não consigo desligar isso... (falando ao telefone) Manú eu estou numa entrevista filha. Tá, tá bom, não tem problema não. Tá bom? Um beijinho. – Ela disse que alguém ligou e perguntou se eu te conhecia mãe, aí eu falei que te conhecia. – Então eu penso um pouco nisso, dessa coisa da ocupação mesmo, e... eu acho que eu vou começar por aí.

E – É, contar um pouco da história, né, um pouquinho do histórico dessa ocupação.

P – É isso aí eu tenho.

E – Eu acho que não vai dar uma posição ... porque que é que ficou tão ...

P – Mas eu não entendo porque até hoje isso acontece, até hoje. E aí? O que mudou em Pedra? Cê me contou dessa ocupação ...

E – Então, o que a gente sente...

P – Por que você pegou década de 80, 2000, e aí, e hoje?

E – Hoje a gente vê que Pedra é... na sua identidade ela tem muito a desejar, né. Hoje a gente já não consegue mais ver pessoas que são daqui do local mesmo, né, e isso a gente percebe muito quando a gente vai trabalhar com as instituições e que a gente vai trabalhar logo a questão da identidade, daonde você veio, e porque que veio. E aí a gente percebe, ouve como resposta que não são daqui, não são da Pedra, vieram de outros locais.

P – Mas são daonde?

E – Aí eu falo, aí volta a Rocinha, o Vidigal, as outras comunidades. E são pessoas que vêm dos mais diversos lugares. O Piraquê, por acaso, é que nem a Rocinha, é cem por cento paraibano, (risos) só não é cem por cento porque eu acho tem uma grande divisão

ali prá ser cem por cento. Mas são nordestinos, né, são muitos na sua a ... em seu número lá, nordestinos. E os outros, são os que vieram realmente dessas periferias, que são da Zona Sul, mas que são as comunidades, né, de Rocinha, de Vidigal, de Santa Marta. Então, hoje nós temos várias pessoas que falam que vieram, e que vieram por causa da violência, né, das comunidades, e vieram prá Pedra por causa dessa relação da Pedra. É um lugar tranquilo, é um lugar que ainda tem casas, casas com terrenos, não tem apartamento, não tem essa coisa do trânsito, e não tem essa violência. Então, a busca por Pedra foi muito intensa, foi muito grande. E hoje a gente sente essa coisa – Cadê os pedrenses? Quêê as pessoas de Pedra? Quêê os pescadores? – Não tem mais praticamente pescadores em Pedra de Guaratiba. Já é uma coisa que tá se acabando. Eu acho que daqui mais um tempo a gente não tem mais, acho que as próximas gerações não vão saber mais dessa relação pesqueira, né, dessa Colônia aqui de pescadores, né. Talvez ... isso se perca e muito.

P – Agora, é ... na sua opinião, isso foi ruim, ou foi bom, ou não tem essa coisa do ruim e do bom? É o acontecer, né?

E – É. Eu acredito nisso, num tem ... tem um ruim que a gente sente né, sente que é uma perda, né, a localidade perde muito a sua questão real, a sua questão da ... de ser uma colônia de pescadores, de ter os caiçaras, perde muito, tem muita perda, né, muita perda mesmo de esquecimento, cai no esquecimento, né, as memórias desse local vão se apagando, porque aí vem outras... essas pessoas novas vêm com outra relação, com outras questões de vida, né, e que acabam influenciando, e que também quem vem de fora acha sempre que – Já faço parte daqui, já sou o dono daqui, e querem incutir, né, outras culturas, né, mas que é isso também, né, é o caminhar, né. Mas que acho que nesse caminhar tem perdas, e tem isso ... eu acho ... fico neutra (risos) nessa relação, só vendo (mais risos) as pessoas novas com certo ... e as pessoas antigas aqui na resistência, né, resistindo prá que nem tudo se acabe, e as pessoas que ainda tão adquirindo a sua identidade territorial, que adquiram de uma forma bacana, de uma forma consciente, que é o que eu quero desse lugar?, o que eu me proponho a fazer nesse lugar pro qual eu vim morar, que eu escolhi prá morar, prá viver, o que eu quero? Que as pessoas venham e tenham essa consciência, porque tem muita gente boa, né, que vem prá somar, né. Então, esse lado das pessoas boas que vem, que vem prá, prá ... prá adquirir uma nova identidade, né, local, que venham com esse sentimento, né, de ajudar a manter o que tá, né, o que sempre existiu, e não de destruir, né. Então, que venham com essa boa vontade que é de manter, manter e trabalhar por essa localidade de forma consciente, de forma ambiental bacana, né.

P – Dentro dessa expectativa, né, o que você vê mais como expectativa prá Pedra, que de uma certa forma está se desenhando nesse presente que a gente tem?

E – Olha, eu já tive momentos de uns dois anos atrás totalmente achando que não ia acontecer mais nada nesse lugar, queria ir embora, queria ir embora, queria ir embora, comecei a me movimentar prá ir embora, largar tudo, porque eu não via nada melhorar, nada andar, nada caminhar, e isso foi me dando um desespero ... Mas esse ano eu já começo a ver grandes possibilidades de, com essas pessoas todas que tão vindo prá Pedra, que tão se, se ... enfim, que tão vindo morar, eu tô vendo que elas tão vindo com boas intenções, tem já grupos bacanas de pessoas querendo que Pedra de Guaratiba continue esse lugar tranquilo, esse lugar bucólico, esse lugar que a gente possa caminhar, andar, conversar, fazer tudo que eu falei antes que eu fazia, que a gente possa ter isso, que é muito agradável, que é muito gostoso, que a gente possa andar num lugar que a gente conheça todo mundo, e que essas pessoas que tão vindo, tão vindo dispostas também com esse olhar, é com esse olhar de dar continuidade a essa melhoria, a essa coisa que Pedra precisa, né, diante do caos que aconteceu, né, que foi muita poluição, saneamento básico, e que, enfim ... (risos) diante desse governo todo, (risos) que eu não quero falar dessa relação política, mas que a gente tem perspectiva e acredita que vai conseguir um saneamento porque não tem, Pedra não tem. Se Barra não tem, né ... Se Barra da Tijuca não tem saneamento imagina Pedra de Guaratiba? Não tem. Falar que tem saneamento, é mentira, é demagogia. Então, não tem saneamento, eu acho que apesar de todas as coisas que a gente precisa, do saneamento, da mobilidade, da despoluição, de muitas resistências de não deixar construir um megalomaníaco de um ... como é que ch ... condomínio, que eles querem, né. Então, que a gente consiga resistir naquele espaço lá, que não se construa, e que essas construções não avancem também por Pedra de Guaratiba, porque elas já avançaram um pouco. Eu vejo isso. Caminho todo dia. Eu vejo o quanto eles avançaram, né, nessas construções de condomínios. E aí quando constrói condomínio, vem gente de fora morar, né. Então, cada condomínio que se constrói é um grupo de pessoas que vêm de fora morar em Pedra de Guaratiba, né. E como isso avançou muito, viu, em terras que até dois anos passados atrás, três, ainda tinham muitas árvores, muito verde, muita ... tudo desmatado.

P – Você acha que isso veio com o túnel, a Transoeste? Ajudou, contribuiu?

E – Ajudou bastante. Essa abertura ajudou bastante. A que viesse essas pessoas, né, esse ... de outros lugares, porque eles viram a possibilidade, né, de poder ir e vir. De poder ter trabalho fora e de morar aqui, e ter trabalho fora, né. E de ter um ... e que é uma

ilusão achar que é um aluguel mais barato, não é, não é. Nada é mais barato em Pedra de Guaratiba.

P – É mesmo?

E – Nada é mais barato. Se a gente for mesmo fazer um levantamento de mercado ...

P – Eu vejo o hortifrúti ...

E – A passagem, se bobear é uma das passagens mais caras. Quando você paga 17 reais, prá ir e voltar, que aí tu gasta 35, se pega mais ... tu tem 50 reais de passagem. É uma passagem caríssima né, prá 60 km, dali de Pedra ao Rio, do Rio até Pedra, né ... 60, 65, enfim, e o peixe ... o peixe é caro na Pedra. Então, a Pedra tem um padrão de vida que não é dos mais baixos, né.

P – Se for comparar mesmo com outros bairros ... Isso daí, prá essa população que tá chegando, que é uma população, na sua maioria, eu acho ... aqui em Guaratiba, mais Guaratiba e um pouco Pedra, é de poder aquisitivo baixo. Eu acho complicado. Agora, uma coisa que eu não fui, e gostaria assim, caso você conheça ali, aquela parte ali da Estrada da Capoeira, aquilo ali tá tomado já de construções mesmo?

E – Bastante. É ali que eu tô falando, exatamente. Perto da Capoeira e ... a Capoeira cresceu muito, muito, muito mas aí também, eu acho que é assim, a Capoeira ainda consegue ser um lugar que ainda tem muito verde ...

P – Não, tem o Parque, né. E tem as APAs.

E – Tem o Parque, tem a Capoeira, tem as APAs ... apesar do, do ... asfalto.

P – Tinha um guarda florestal até pouco tempo, agora não tem mais.

E – Capoeira eu gosto muito da Capoeira, e eu acompanhei esse crescimento lá, né, porque eu caminho há trinta anos pela Capoeira.

P – Quando você falou caminhar, eu ...

E – Então eu vejo, vou vendo as diferenças que vão acontecendo, né.

P – E as construções ali, você ... não são de condomínios, de loteamento ...

E – Não. Tem uma que é condomínio, é esse condomínio grande que eu falei, é um condomínio grande. Que é assim invisível, foram vários lotes desmatados, e foi de uma forma muito ingrata ...

P – Condomínio de classe média, ou não?

E – É ... a carinha assim, sabe, aquela carinha. (risos)

P – Sei, sei.

E – Pode nem ser tão bom assim, mas eles fazem de uma forma prá ser (risos) de uma classe média. É o modelo (risos) que eles fazem. Então, ali realmente ... e vai crescer mais, eu acredito que eles vão construir muito mais, porque eles retiraram muita gente das suas casas, e foi horrível. O histórico ali, foi um dos mais sangrentos, mais feios possíveis... e isso foi da construtora já Vila Mar. Isso foi a construtora ... com os políticos ... construtora, políticos, donos de terra, foi que se uniram e aí foram retirando as pessoas, mas tinham os capatazes da empresa Vila Mar, e que iam lá e se a pessoa não saísse eles derrubavam a casa das pessoas. E nisso foram ...

P – Vila Mar de um lado, fazenda Mato Alto do outro ...

E – Vila Mar de um lado, fazenda Mato Alto do outro, e ainda tem o outro (risos) que tá ali que era o Coronel.

P – Qual esse? Sério? Tá ali onde? Que parte ali ...

E – Do lado, indo reto prá Capoeira, vô te dizer. Sabe onde tem o canal? Que tem o Ciepe? O canal, onde tem a Vila Olímpica?

P – Sim.

E – Ali, indo direto... Vila Olímpica, se tu vier pela ... direto lá prá dentro da Capoeira tu cai nas terras do Caiado.

P – Mas é o vereador. É o vereador.

E – Família Caiado, e aí eles tem tudo ... e aí eles também entraram em parceria ... e aí começaram a bota aquelas pessoas que já tavam lá há anos, e dizer que a terra era deles, e aí ... foi muito ingrato o que eles fizeram. Então muitas famílias saíram, perderam suas propriedades, eram botadas prá fora de casa com as trouxas e tudo. Os capatazes deles entravam lá e faziam barbaridades.

P – Não, e até hoje não ...

E – E n ... que a terra era deles.

P – Caramba. Aquela parte ali ... E as invasões?

E – As invasões ficaram, né. Invadiram, pronto, e que foi esse o inchaço. O inchaço foi muito das invasões. As invasões ...

P – Eu acho que até mesmo desses loteamentos mais as invasões que ficaram nas bordas.

E – Sim, as invasões foram intensas.

P – E ali ...

(conversa de sussurro) ...

E - ... ali a gente já sabe que tem, e aí são donos, são donos, ...

P – Pode construir? Vende terrenos lá?

E – Mas aí também foi uma invasão que não chegou a ter um crescimento muito forte, senão eles dominavam total. E eu, assim, tem um domínio deles, mas não é total não, viu. Pedra ainda consegue ter uma isenção ... Apesar que nos arranjos locais, veio uma menina de Vargem Grande, a Claudia, e ... uma menina como a gente (risos) ... e ela falou que tava morando na Pedra até bem pouco tempo, mas que foi expulsa.

P – É mesmo ...

E – ela falou que voltei prá Vargem Grande, e que foi expulsa.

P – Isso recente.

E – Eu nem conversei mais com ela que a gente tava com várias coisas, muita gente em casa... ela é uma audiofonóloga, ...

P – Fonoaudióloga.

E – E aí ela tava, né, querendo saber da casa ...ela falou que tive que sair da Pedra porque eu fui ...

P – É ...

E – Então, tem essas histórias também,... mas assim, no geral, no geral, num ... por aqui não, mas ...

P – Não, por aqui, acho que pelo centro.

E – Na Capoeira, eles tentaram, mas na Capoeira eles tentaram.

P – Mas, eu não fui na Capoeira porque eu tive medo.

E – Eles tentaram, né, porque foi o último que teve da invasão, que eles falaram que era gente do... num era nada.

P – Ah...

E – Agora que eu soube que o pessoal contando falou, não ... ninguém de fora não.

P – Você sabe que eu tava na Magarça e tava indo, eu disse eu acho que eu vou prá lá, e falaram: - Não vai não. Não entrevista ninguém lá não, porque a gente não aconselha você ir sozinha entrevistar, só se você conhecer alguém...

E – Precisa tá bem referendada por alguém, né.

P – É. Aí eu não tinha, eu meio que deixei ...

E – Essa mesmo, que faz trança, ela é de lá, é moradora, o marido dela é da Associação de Moradores de lá. Ela também faz parte da Associação ... é, eles podem falar bastante.

P – Eu não fui por conta disso, porque eu não conhecia ninguém, né.

E – Podia me falar. Eu te indicava ela, o marido dela. Tem muitos amigos na Capoeira, muitos amigos.

P – É ... eu acho que agora, num vou mais ... o que eu posso te dizer é que ali tem uma ocupação recente, num tem? Recente. E que tem conflitos de terra. Agora, os sujeitos ali, não só políticos, mas também ... é tudo.

E – É tudo, é tudo. É um pouco de tudo ali na Capoeira.

P – Isso que eu tô pensando.

E – E aí, tem os moradores, que uns tá com esses, outros tão com outros ...

P – Tem os antigos moradores...

E – Já tem os antigos... então já tem toda uma relação meio que ...

P – É, mas não é ... é conflituosa, pelo que eu pude perceber. Meio pesado. Bem, então vamos falar rapidinho ...

(chega uma pessoa)

E – Da. Nair! (risos)

P – Oi, Da. Nair, tudo bem? Vamos falar de Mulheres de Pedra. Vou dar um abraço na Da. Nair ... tudo bem, que saudades.

N – Da PUC, é. (risos) Que a gente foi duas vezes, né? Duas seguidas, assim...

P – A Sra. ficou famosa lá com o que a Sra. Falou. Até hoje o João fala.

N – Quê isso gente! Eu não sou de falar nada! (muitos risos)

P – “Aquele bruxa! Aquelas ... aquele grupo do bem.” Grupo do bem.

N – Ainda bem que são do bem, né.

P – Claro, claro.

E – Tudo bem Da. Nair? Tá com frio?

N – Não, não, mas em casa eu tava de casaco, mas eu falei, eu como vô prá lá, quando a gente vai já tá esfriando, né. Tem que caminhando, levar um casaquinho, né. Mas tá bão né, ótimo.

P – Eu vou terminar aqui com Mulheres de Pedra.

E – Vão lá então.

P – Eu já aprendi muito aqui. Eu pensei né, quando vocês criaram, a década, né, o ano, né, e o que motivou essa ... criar Mulheres de Pedra?

E – Então, foi em 2000 prá 2001, e foi a criação, né, e o que motivou foi essa coisa de costurar com outras mulheres, né, ter outras mulheres fazendo ... fazendo arte. Criando. E isso vem muito da Dora Romana, que é uma artista plástica, era uma artista plástica moradora da Pedra de Guaratiba. E ela, uma grande artista de pintar, bordar, costurar, tudo, e uma pessoa maravilhosa que tava sempre na frente de tudo, querendo fazer o melhor prá essa localidade. É ... fundou a Associação, a APA PG, e vinha nessa grande costura, né, nos fuxicos dela, nos crochês, nos bordados, e aí vem a ideia de juntar um grupo de mulheres prá fazer também alguma coisa, né, e aí a proposta foi de fazer alguma coisa num pedaço de tecido. E aí ou pintar, ou bordar, ou costurar. E aí, foram os pedaços que foram criados por esse primeiro coletivo de mulheres, né, que nós convidamos prá participar. E que surge a primeira colcha de retalhos, né, que a gente a gente chama de painéis temáticos também. E que começa todo um trabalho coletivo, né, aí a gente começa nessa trajetória coletiva com outras mulheres, costurando, pintando, bordando, fuxicando, né, tudo que mulher gosta de fazer ... e a gente tá aqui há vinte anos nessa (risos) nesse fazer, né.

P – E, Mulheres de Pedra tem todas as cores.

E – Tem todas as cores ... Mulheres de Pedra já virou uma nação.

P – Sinto isso também. (sorrindo) E o que é a base? Porque você me falou muito da conversa, da pedagogia da roda. Qual é a base do trabalho de vocês? A base de conhecimento mesmo. Quê que você pode falar, é o trabalho coletivo também, né, sempre, mas falar um pouco dessa base, qual é o tripé de vocês? Gosto muito de tripé.

E – Eu acho que o tripé é a solidariedade, é o trabalho colaborativo e cooperativo. Eu acho que esse tripé, essa colaboração, cooperação e colaboração, é o tripé que segura Mulheres de Pedra até hoje. Então, dentro desse movimento que a gente vem também participando há anos, que é o Movimento de Economia Solidária, né, o que muito nos fortalece a caminhar de formas diferente, um fazer diferente, um fazer com esse tripé, né, tendo essas três coisas fundamentais pro nosso fazer, pro nosso estar juntas, dessa forma coletiva, construtiva, na criatividade, né, no fazer criativo dançando, pintando, é ... poetizando, filosofando, e também com rodas, e com afeto, né, eu acho que hoje tem muito um grupo muito afetivo, muito potente, e muito aberto a receber todo mundo, a entender, né, quem somos nós, como tamos aqui, porque tamos aqui, o que nós queremos de fato falar e fazer desse coletivo Mulheres de Pedra, né, desse espaço que é feminino, que é feminista também, que é de movimentos, que é de luta, que é de consciência, e resistência, né. Então, esse fazer de resistência dentro dessa comunidade, dentro dessa Zona Oeste, né. Então, mostrando o que melhor cada uma sabe fazer. E esse fazer tem nos levado a coisas muito gratificantes.

P – Existem outras Associações de Mulheres da Pavuna, Mulheres de Copacabana, Mulheres do Jardim Botânico? Não?

E – Sim. A gente sempre tem, a gente é aberta prá todas. (muitos risos) A gente é acolhimento total. Então a gente acolhe todas as mulheres que queiram estar e fazer parte. Então, por isso que hoje a gente diz que é uma grande nação Mulheres de Pedra, que acolhe qualquer uma. Outro dia nós tivemos o encontro das feministas de Copacabana. Foi lindo! Elas: - Ah, podemos fazer um encontro no espaço, que são Mulheres da Marcha Mundial.

P – Olha ...

E – Vamos fazer sim, um encontro junto ... então elas vieram. Uma veio de Copacabana, outra de Botafogo, a outra ali, dali da Zona Sul.

P – E também que tá no mundo, né?

E – E que também que foi bem bacana o encontro. Elas mesmo propuseram fazer um Cortejo, e trouxe os tambores, ou então vamos fazer de lata ... E saímos em cortejo pela Pedra, Marcha Mundial das Mulheres, as feministas. Então, foi bem bacana. Então, tá aberto, né, tamos abertas prá tudo. Teve um pouco de resistência no começo, da parte da Livia, mas aí, né, até o final né Da. Nair, foi tudo ...

P – Ela achava que não seria legal?

E – Ela achou que não seria legal.

P – Eu entendo. (risos)

E – Por que Mulheres de Pedra tem um núcleo de mulheres negras, né, então esse núcleo de mulheres negras, elas são muito da resistência mesmo, né, muito de um trabalho que é de fortalecer, de emponderar, de reconhecer qual é o nosso ... qual é o nosso lugar de direito e de fato, e de fala, né. A gente não quer que ninguém fale pela gente, a gente já sabe falar muito bem. Então tem isso também, né. Elas sentiram, a Livia sentiu que elas vieram muito com a fala delas, né. E a Livia quis mostrar que nesse momento éramos todas iguais. Que as falas teriam que ser iguais. Que as propostas de trabalhos de roda teriam que ser iguais, né. Teríamos que tá todas numa ambientação muito iguais. Nem a mais, nem a menos.

P – Mas isso é o perigo de você abrir assim né ... (risos)

E – Nem a mais nem a menos, porque aí são pessoas, ah que vem ... Eu acho que elas vieram pensando, num tô criticando em nada, acho que elas vieram achando que viriam aqui com um público que num tavam a par do tema que elas abordariam. E vieram muito numa, eu sou mestre, ah eu sou doutora, e achar que no ambiente não teria pessoas também nesse ... e aí pronto.

P – Que num tivessem nesse coisa, mas ... a gente tem uma linha não tem?

E – E a Livia já então também se colocou numa, né, de então não, vão devagar. Mas aí foi tranquilo, até o final tava todo mundo no Cortejo. (risos) A Livia: - Num vai ter cortejo não ... – Eu nem ligava prá Livia, porque ela já cruzou as pernas assim, já botou o rosto ... quando ela faz isso, eu falei, pronto! Ela vai ... (muitos risos) criar problema. Mas não, foi tranquila, foi indo. As dinâmicas foram dinâmicas que fizeram uma integração, uma interação bacana, os temas foram fortes. E foi lindo, eu achei que foi um encontro que, sabe, teve tudo a ver prá cada uma se colocar no seu lugar. Até choros teve, choro, choro, choro... duma menina branca, da Zona Sul, e de ... chorou muito nesse quintal. Chorou muito, muito, muito, muito ... Então foi lindo poder ver o choro dela, sentir ...

P – E as estratégias também, né?

E – Não. A comida tava maravilhosa. Aí ela quis levar uma quentinha, prá nunca mais esquecer. Então olha que coisas lindas vão acontecendo na trajetória de coletivos que se envolvem com outros coletivos, que não são só as pessoas daqui, mas que são pessoas de outros lugares, de outras periferias. A gente adora quando a gente recebe pessoas de Caxias, de Nova Iguaçu, ficamos felizes de saber que essas pessoas se deslocam e vêm

até aqui no quintal de Mulheres de Pedra, né, prá conhecer, prá participar, prá se relacionar. Enfim, a gente tem o coletivo de São Paulo, que são parceiros, coletivos do Sul, que são parceiros, a gente tá...

P – É, você de uma certa forma já falou mais ou menos até como vocês fazem, né, porque teria Como o trabalho acontece? E que dá continuidade? Eu quero só que você fale um pouco dessa, dessa abertura. Que eu entendo que se também vocês ficarem muito fechadas, vai ficar rodando, rodando com o próprio umbigo, num ... tem que sair, né, tem que sair.

E – O trabalho tem, tem um coletivo, né. O trabalho é coletivo, essencialmente coletivo. E esse coletivo é aberto. É aberto prá que outros coletivos possam estar junto com a gente também. E o quê que é esse coletivo? O fazer desse coletivo? O que une esse coletivo? São, é a arte e a cultura, né. Primordialmente o nosso trabalho é muito focado na arte, na cultura,

P – É isso que adere.

E – ... no artesanato, né. Então, eu acho que isso é que vai chamando. É fazer os Saraus Poéticos, é o nosso fazer, né, que são saraus poéticos...

P – A Festa da Primavera ...

E – A Festa da Primavera, que aí a gente sai de dentro de casa e vai prá rua, e quando vai prá rua a gente pega toda uma comunidade. Então a gente consegue atingir toda essa comunidade com essa Festa da Primavera que já vai prá dez anos. Os Vivas, que é um dia inteiro de vivência, de experiência de mulheres afro-brasileiras, que a gente sempre, coletivamente, que mulher negra a gente quer homenagear nesse dia, que ainda tá viva, que possa passar um dia inteiro nesse quintal e possa contar sua história prá gente, né? Prá gente vivenciar e celebrar essa mulher ainda em vida, né. Então, já tivemos Conceição Evaristo, já tivemos, Conceição Evaristo a gente hoje já fala como o ícone da Literatura Negra no Brasil, e fora do Brasil, né.

P – É ...

E – Então isso muito emociona a gente, saber e ter tido o prazer de ter um dia inteiro com ela aqui, mas a gente tem mulheres, agora esse ano eu homenageei uma amiga minha do Leblon, a Patrícia, que mora na Cruzada, e que ela me trançou desde sempre, e trançou minhas filhas desde pequenininhas, e é minha amiga há quarenta anos. Então, há quarenta anos a Patrícia trançava meus cabelos, trançava minhas filhas, e foi um prazer homenagear essa mulher preta, do Leblon, da Cruzada, que até bem pouco tempo tinha um

salão em Copacabana, que trançou todos os grandes artistas que passaram pelo salão dela. E ela que começou a dar vários cursos de tranças por todos os ... bairros aí. Enfim, achei lindo homenagear. E ela ficou tão feliz! (risos) Ela é uma figura...

P – E um barato que é uma homenagem viva, né, que isso é ...

E – Homenagem viva, né, a gente celebra nossas, nossas mulheres, né, que já foram, mas uma homenagem viva. Trazer a Isaura de Assis, que é uma dançarina...

P – Eu acho que isso até dá ancestralidade.

E – A Isaura de Assis, que foi minha dançarina, minha professora de dança afro, e foi filha de Mercedes Batista, aluna de Mercedes Batista. E ela veio em oitenta e pouco, dançou aqui prá gente, contou toda a história. Me chamou, Leila eu tenho uma boa, - ela é muito gozada – tu é uma boba, fica dando comida prá todo mundo, - e ficava atrás de mim – quê que tu tá, tá ganhando dinheiro não? – Ela era muito figura. (risos) Isaura. E aí foi homenageada, dançou prá gente aqui. Então, isso prá gente é prazeroso. Eu acho que isso é ser Mulher de Pedra, isso é o prazer que dá estar aqui nesse lugar, nessa casa que a gente chama que é nosso quilombo já, nesse quintal, podendo receber os amigos, e podendo estar e podendo ser o que a gente é na nossa essência. A gente num precisa ser nada, se diferenciar de nada, ou ficar criando coisas mirabulosas, não. O nosso fazer ele já atinge uma dimensão muito, muito própria de cada mulher que chega, né. É muito lindo como essa afetividade, como esse nosso fazer, ele vai abraçando todas as outras mulheres.

P – Olha, e o espaço garante isso. A questão do afeto. É um espaço afetivo muito bom, muito bom, de acolhimento, mesmo, entendeu.

E – Hoje nós temos recebido grupos assim, que quando chegam, uns choram, outros ... Outro dia nós recebemos um grupo do Fórum Saúde ... Saúde e Vida. Que é um Fórum lá debaixo da Lapa. Aí vieram as senhorinhas, né, com... aí a mais nova acho que tinha sessenta anos, a mais velha tinha oitenta e pouco.

P – Que maravilha! Gente, que coisa linda!

N – Tudo assim igual eu! (muitos risos)

E – O pessoal, meus amigos que são lá, os coordenadores do Fórum, prepararam lá uma certa programação. Quando chegaram aqui, a gente ... sempre a roda lá no quintal, né. Então, eles vieram prá conhecer o espaço, vivenciar, almoçar com a gente, e dar um passeio pela Pedra, conhecer a Pedra, mas, começou a Roda de Apresentações, né. Eu deixei elas bem à vontade, não interferei em nada, porque olha...

P – Que delícia!

E – Olha, eu ouvi cada história dessas mulheres, né Da. Nair? Cada história, cada história que eu falei, eu não vou perder. Falei, não, deixa elas falarem. Então deixamos, as ... tinham doze eu acho, participante. Cada uma contou a sua história, a sua trajetória de vida, olha foi muito lindo, nossa, eu nunca senti tanto prazer na minha vida.

P – Gente. Elas fizeram colcha, não né?

E – Não. Num deu tempo também. Às vezes a gente oferece, né.

P – Imagina uma colcha com essas mulheres?!

E – Não gente, com as histórias. Então tem sido muito isso, a casa tem sido muito recebida. A gente dá, a gente dá o que a gente recebe também. A gente dá muito amor, e recebe muito amor também. Então, essa troca aqui dentro, ela tem sido superpotente. Super prá marcar mesmo esse território que vai ficar, né. Eu digo que esse espaço não é meu, ele não é nosso, ele é de todas nós, porque esse espaço vai ficar prá essa comunidade.

P – É atemporal, né.

E – É atemporal, é. Então a gente, hoje eu já tô bem mais tranquila de tá aqui, sabendo que a gente num tem doação, não tem isso, não tem aquilo, mas a gente tem isso tudo, né? A gente não tem o material...

P – As coisas acontecem...

E – As coisas acontecem! E aí a gente vai caminhando dessa forma.

P – Porque aí se a gente fica só no material, no material, e a coisa não acontece.

E – Eu já saí desse discurso, do material, pras coisas acontecerem. E a gente percebe o quanto elas vêm acontecendo sem tá ligada ao material. O quanto tá tendo uma trajetória muito bonita nesse espaço.

P – Não que não seja importante, mas, não tem não tem.

E – Não tem, não tem, vamos tocar, vamos levar e vamos viver.

P – Prá terminar, o que é Mulheres de Pedra para Guaratiba, e o que que é Guaratiba para Mulheres de Pedra?

E – Eu acho que Mulheres de Pedra prá Guaratiba é ampliar a nossa visão de mulher no mundo, de estar aqui nesse lugar de uma forma mais potencializada, de uma forma mais forte, acreditando que é possível, primeiramente mudar a gente, e depois mudar o outro,

eu sempre vou falar na outra né, no o feminino, porque a gente tá falando de Mulher de Pedra, mas poder oportunizar que outras mulheres também se reformulem a partir de nós Mulheres de Pedra aqui. E o quanto a gente tem conseguido ver isso em cada mulher dessa comunidade, desse estar aqui em Guaratiba. O quanto a gente vê no sorriso, no uso de cabelo, no seu fazer ...

P – É um agradecimento né.

E – É um agradecimento, né, então eu acho que é agregar, né. Mulheres de Pedra prá Guaratiba é isso, e Guaratiba prá Mulheres de Pedra é uma agregação total de mulheres numa construção e numa luta de vidas melhores, de dias melhores, e nas lutas por isso que mais afeta, né, que são as violências domésticas, o racismo, né, enfim, questões aí que muito nos aflige, e eu acho que é isso que a gente vai continuar, né, (risos)

P – Acabou lindamente. Acabou não, né, eu acho que não termina, a gente tá na trajetória.

E – Espero que tenha sido muito ...

P – Ah, claro!

ENTREVISTA 2: **Arquiteto Antônio da Prefeitura**

Local: Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro

Data: 02. 10. 2019

Tempo: 50min.33seg.

P – Quero agradecer por ter me recebido. Sei o quanto é ocupado. Brigada mesmo. Bem... eu trouxe um roteiro com perguntas abertas ... até mesmo porque eu preciso tirar umas dúvidas de legislação com você. Fica a vontade.

P – Você pode falar um pouco da questão da legalização dos terrenos e do uso capião e de posse. Isso tem muito na região de Guaratiba? Você pode falar sobre a ocupação legal e ilegal de Guaratiba?

E – É. A propriedade. A propriedade, ela não é necessária para a legalização. Quer dizer, quando você tem uma situação, por exemplo, Pedra da Brisa, Vila Mar, Jardim Maravilha, que existem projetos de loteamento aprovados, se a Prefeitura identifica o terreno, por exemplo, lote 2 da quadra 5, e tal. Então, eles têm ali o lote. Se você é proprietário ou não, isso não faz diferença prá Prefeitura. O importante é você, efetivamente, você estar ... você estar sob a sua tutela, então você vai ter o seu processo normalmente, vai indicar qual é o lote, vai receber sua licença, vai construir, vai receber seu habite-se sem problema nenhum. Sem ter problema nenhum. Porque, a questão se você é proprietário ou não, é de terceiros, a Prefeitura não se mete com isso.

P – Até com terra do Estado?

E – Não. O Estado não tem como você fazer, porque aí você vai mostrar que aquele terreno é um terreno público, a Prefeitura vai falar assim: - Então saia daí, porque você tá num terreno público. – Agora um lote particular, registrado em Registro de Imóveis, ele pode ser ocupado, não importa quem é o proprietário, quer dizer, isso aí não faz diferença nenhuma. Agora, se fosse uma situação de um terreno vazio que vai ser loteado, aí sim, a propriedade tem que ser vista. Porque você não pode vender algo que não é seu. Você não pode aprovar na Prefeitura um loteamento numa área que não é sua. É questão até de estelionato. Você precisa ter, realmente, ali uma propriedade ... é a primeira coisa que se pede. Qual é a propriedade? Quais são os confrontantes, qual o limite desse terreno. No loteamento. Agora, numa edificação, prá ela ser licenciada, a propriedade não é necessária.

P – Não é necessária.

E – O que é necessário é saber se aquele lote existe, e se os confrontantes dele estão estabelecidos, só isso. Então se você, por exemplo, tem uma situação como eu falei, de um lote, cê sabe o número do lote e o número da quadra, determinado PAL, aquilo ali é informação suficiente prá nós. Você não precisa ter a propriedade. Pode até ser que um distrito ou outro peça uma certidão de ônus reais recente, mas não é necessário.

P – E o processo? Assim, tanto essa área aqui que eu falei pra você que está ao lado da Avenida João VI, Jardim Maravilha... É área do estado?

E – Porque aquilo ali é uma área pública, é uma área do Estado.

P – É área do Estado que tá sendo ocupada.

E – Invasa. Sim.

P – É, tá sendo ocupada. Essa daqui do outro lado do rio... o Jardim Maravilha ... taqui, é. Essa ocupação aqui no mapa.

E – É uma área que as pessoas tã ali dentro do Rio, né?

P – Dentro do rio, isso.

E – Elas vão ficar embaixo do rio, como elas gostam de ficar. Porque o que vai acontecer é exatamente isso. Ali, todo ano tem enchentes, as pessoas permanecem no local, e não tem jeito, é um local que é inadequado, não pode ser ocupado. Agora ... as pessoas, inclusive, estão vendendo lotes dentro do rio, dentro do rio mesmo!

P – Eu fui lá.

E – Quer dizer ... uma pessoa que compra um lote dentro do rio, sem nem ver o local, porque ela não foi ao local, que se ela visse ah tá dentro do rio. Quer dizer, é uma coisa estranha, até várias vezes nós perguntamos: – Você quando compra um carro, você vê se ele tem multa ou não? – Ah, claro, vejo. – E você tá pagando três, quatro vezes mais caro que um carro e não foi ver nada? ... Dá dezoito mil reais assim de sinal. Eu falei, realmente eu ...

P – Não, e as construções você fica também ...

E – Sim.

P – Porque, alvenaria e construções ... são palafitas urbanas, porque são de concreto ...

E – E o que acontece é isso. Depois quando vem o problema aí fica reclamando que a Prefeitura num orientou. Lógico! Não buscou a orientação de ninguém ... ocupou simplesmente.

P – Essa área aqui está sendo toda ocupada. Tem casas de alvenaria e algumas realmente estão nas margens do rio. Como ficará essa área?

E – Aqui, inclusive, você tem a situação porque aqui cê tem o PA da Av. das Américas, que agora é Dom João VI, que passa em cima delas, elas tão dentro da área do PA, é área pública.

P – PA, é?

E – É o projeto de alinhamento da estrada. Tem cem metros esse trecho aqui. Ou seja, é como se você tivesse construindo em frente ao Barra Shopping, na pista central. E é isso. Eles tão ocupando uma área pensando que um dia eles vão ser indenizados, entendeu, vão ficar milionários recebendo indenização da Prefeitura, que não vai, num é assim. Então, ... começa a viver lá ... benfeitoria existente. Agora, precisava, realmente, ter uma ação, mas, as pessoas são notificadas, são embargadas e continuam.

P – É. Na Estrada da Matriz ainda encontramos áreas de sitiantes. Como você caracteriza essa área até o Largo da Ilha.

E – Não. Aqui num tem tanto. Alguma coisa tem na Estrada Matriz ... Estrada do Mato Alto, alguma ocupação e tal, mas é uma coisa menor.

P – É é.

E – O mais grave justamente é nas piores situações.

P – Então, é isso aqui ...

E – É impressionante! As pessoas parecem que tem uma atração por problemas, elas em vez de tentar buscar uma solução pro seu problema, não, elas buscam os locais piores, são enroladas da pior maneira possível, dão dinheiro práς pessoas mais picaretas possíveis, e a gente sem entender. A gente não consegue compreender como é que pode. E vão lá, é muito comum. Elas vão lá depois que compraram, vão no Distrito e perguntam assim: – Isso aqui é legalizado? – A gente: – Não. – Aí quer que nós resolvamos um problema que ela criou.

P – É. Isso aí vocês devem ter ... então aqui direto, né.

E – É direto, isso é muito comum. Primeiro ela compra, ela paga 18 mil reais assim, isso é muito comum, 15 mil reais. Dá assim na mão do cara, direto. E o cara faz a pressão, né: – Não. Se você não comprar agora, e tal ... – Aí, depois vão lá querendo que a gente resolva um problema que ela merma criou. E deu de graça, né. Então, assim, num terreno que não é dela.

P – Sem nada. Uma senhora me mostrou um recibo de papelaria ...

E – Ih ... quando tem isso, né?

P – Quando tem isso. Agora, áreas do Estado hoje, aqui em Guaratiba. Uma das coisas que vi foi APA sendo ocupada ... na Capoeira Grande e no Morro do Silvério. Qual é a relação da APA com o Estado?

E – Não, necessariamente. A APA, ela pode ser área particular também. A APA ela ... o Parque sim, o Parque tem que ser uma área pública.

P – A APA é uma unidade de conservação que tem famílias morando... como a da Brisa.

E – Como da Brisa, ela é particular.

P – Tem uma área no fim da rua Damolândia na praia da Brisa ... essa área pertence a quem?

E – A APA da Capoeira Grande, APA das Brisas também. Todas as APAs, elas pegam ...

P – Aqui é do Estado. Essa área verde no fim da rua Damolândia.

E – Essa é do Estado. Essa, por acaso, essa é uma área do Estado, mas foi criada uma APA que pega mais do que a área ... vamos dizer, destinada a área verde, é uma área maior. Porque a APA permite o uso e ocupação. Tanto é que quando você regulamenta tem a zona de ocupação controlada, tem a zona de preservação, zona de estritamente uso de ... aqui mesmo, a APA da Capoeira Grande, ela tem vários setores. Cada setor com seu tipo de uso. Alguns são restritos, outros não. Quer dizer, às vezes, inclusive, tem a parte de baixo, vai até a Estr. da Capoeira Grande ...

P – Pois é, porque tem aquela área de amortecimento, né ...

E – Exato ...

P – Essa área de amortecimento, só é do Estado se for Reserva?

E – Não, não. Área de amortecimento, inclusive, pode ser em área urbana. A Unesco, por exemplo, quando teve ... o Rio passou a ser Patrimônio é ... Mundial, ele tem uma área enorme de amortecimento, pega áreas urbanas, Botafogo, Catete, são áreas enormes, são construídas, quer dizer, é uma zona que você tem que ter um pouco mais de cuidado. Então você tem que tentar evitar o adensamento do local, você tem alguns parâmetros ali, mas é uma área, como o próprio nome diz, de amortecimento, quer dizer, aonde você tem com essa transição até chegar na área que você quer preservar. É uma forma ... é como se você tivesse assim uma ... como é que eu vou dizer ... você tem uma área que é muito preservada, e você vai criando zonas de amortecimento, zonas que vão perdendo ...

P – O Maurício me mostrou ...

E – é ... perdendo o grau de preservação até chegar no ponto que não tem nenhum tipo de restrição. São zonas ...

P – Hum ... que não necessariamente são zonas do Estado.

E – Não necessariamente são do Estado. Aqui, por exemplo, parte da Pedra Branca, é uma área que é do Estado. Existem algumas áreas que ainda não estão regulamentadas, que eles ainda não conseguiram regulamentar tudo, mas eles criaram um Parque, e aqui seria uma área em que o Parque inteiro seria do Estado do Rio de Janeiro. Agora, aqui não. Aqui não é um Parque, aqui é uma APA. Agora, tem um Parque aqui, um Parque pequeno, que são áreas que foram doadas na época do loteamento, que fazem parte do patrimônio da Prefeitura, aí já são ... Se a Prefeitura desapropriar o restante, ...

P – Ah, aqui, da Capoeira Grande, é ...

E – é ... se a Prefeitura desapropriar o restante, vão aumentar essa área do Parque.

P – Essa área, essa daqui é que ainda está em processo. É o Cabuçu, não Inhoaíba. Essa ainda tá em processo. Bem, é ... outra coisa é ... esses investimentos públicos e privados, aqui na área de Guaratiba, né, eu não sei se você teria essa informação, mas, o túnel foi parceria com o privado, né ...

E – Não. Foi dinheiro público.

P – Totalmente público?

E – Foi. Diferente do ...

P – É o BRT também.

E – Sim. Quer dizer, foi um financiamento dado pelo Governo Federal, mas é empréstimo.

P – Ah, tá, então ...

E – Num teve, num teve ... diferente, por exemplo, Linha Amarela, Linha Amarela foi uma parceria público-privado, Transolímpica também, quer dizer, tem uma operadora lá trabalhando junto, mas esse caso aqui não, aqui não houve ... tanto é que não tem nem pedágio,

P – Num tem pedágio, tá.

E – A Transolímpica tem pedágio. Aqui não houve pedágio. Foi uma decisão na época do Prefeito de não fazer pedágio. Então, ele conseguiu o financiamento, que o governo federal entrou com os três recursos da mobilidade, por conta da secre ... da prefei ... da cidade que ia sediar as Olimpíadas. Então esses recursos, os três, foram aplicados nos corredores: Transoeste, Transcarioca, e depois Transolímpica.

P – Que a Transolímpica foi por conta da ...

E – Sim. Tanto a Transcarioca quanto a Transoeste não têm pedágio. São recursos que foram obtidos e vão ser pagos normalmente, financiamento geral.

P – Sim. E as lógicas de ocupação que nós tínhamos falado naquele ... naquele encontro, né, que é ... você até comentou, tem a lógica de ocupação daqui vindo da Barra, né, e do Recreio com um modelo maciço de um financiamento imobiliário, das construtoras, e aqui também, por conta de Campo Grande ...

E – Campo Grande ...

P – A Cachamorra tá vindo por aqui também, e por aqui nada. Porque você falou ...

E – O que a gente vê mais é isso, esse vetor vindo do ... Leste, né, aqui pelo túnel, e esse vetor que é antigo, né. Cê vê Campo Grande, Santa Cruz inicialmente, né, depois Campo Grande, Santa Cruz, assim, há mais de cem anos era um centro mais forte que Campo Grande, depois, a República, a coisa começou a mudar, perdeu a função que tinha, porque era uma área que a família imperial ia, então, consequentemente, tinha uma dinâmica diferente. Campo Grande hoje é uma cidade, né, deve ter aí ... deve ser, sei lá, a quadragésima se fosse uma cidade acho que seria a quadragésima segunda do país, quadragésima segunda, se não me engano, em população. Quer dizer, então, quer dizer, tem esse vetor forte de expansão em direção ao sul ...

P – Mas, com que lógica?

E – A lógica normal, do mercado. A lógica de ocupação ...

P – Imobiliária, é ... e a Cachamorra, prédios e mais prédios.

E – Sim ... mas é isso. Porque tem muita demanda, né, é uma área rica. Cê vê, quando ... quando ... quando o grupo, o mermo grupo do Barra Shopping coloca um ...

P – Parque Shopping.

E – ... um Parque Shopping ali, ..., eles tavam perdendo, não conseguia-se mais chegar lá, né, o bairro já ficou muito distante prá quem tem que ir ..., não era, mas com a questão do tempo que se leva prá chegar até lá houve uma mudança. Então, que que eles perceberam? Tavam perdendo a clientela potencial que simplesmente não chegava lá, ou quando chegava tinha Recreio Shopping, América Shopping, o ... Rio Design, quer dizer, tinha um monte ... outros na frente. Então eles colocaram aí ... ôpa, vão pegar eles aqui antes, e tá lá. Funciona bem prá caramba. Dizem, na época, que eles imaginavam um ticket médio de duzentos reais. Quando eles abriram viram que o ticket médio era seiscentos reais, quer dizer, três vezes o que eles imaginavam. Tá lá, e funciona bem prá caramba. Tem problemas? Tem. Tem loja fechada? Tem. Como todos os outros shop-

pings da cidade tem. O Shopping Leblon tá lá, e tem um monte de loja fechada. Então, quer dizer, mas é um ... sucesso como estratégia, né, de capturar essa riqueza que é gerada nessa região.

P – O que valorizou demais a região.

E – O que valorizou muito, e aí, conseqüentemente, você tem um processo de ocupação, de interesse em morar perto daquele local. E aí começa. O processo é normal. E, muita coisa aqui regular. Tem muita coisa aí que é regular. Quer dizer, a irregularidade é bem pequena comparado. Se cê pegar por unidade, a quantidade de unidades que foi construída nessa região é muito grande. Minha Casa Minha Vida, tem um monte.

P – É ... tem aquela Tenda também ...

E – E a Tenda, ela criou uma ... uma ... uma lógica de produção, que eles tão sendo muito felizes, né, porque eles tão conseguindo ...

P – Pegar qualquer nível, né, qualquer segmento.

E – Qualquer coisa.

P – Tem casa prá qualquer tipo.

E – Tem. Você vê, o Parque Shopping tá aqui, eles tão aqui nesse trecho ...

P – Mato Alto, ali?

E – É ...

P – Naquela bifurcação ...

E – Cadê, cadê, cadê ... aqui é aquele que cê falou, da Cachamorra. Mas cadê os outros ... num tô achando ... mas eles conseguiram realmente ter uma excelente estratégia, né, de ..

P – Uhum. Eu fui entrevista-los ali. Aí, eles tem prá qualquer segmento social, eles têm casa.

E – Aqui. Olha quanta. Tão construindo aos montes ali.

P – É. Torre I, II, III ...

E – É Reserva das Árvores I, Reserva das Árvores II, Reserva das Árvores III ...

P – A Cachamorra, Mato Alto tá aqui ...

E – Mato Alto, e o Parque Shopping tá aqui. Tá aqui na frente. Então ...

P – E tudo legal, né?

E – Sim. Aqui, outro também, empreendimento feito na Estr. do Cabuçu, totalmente legal. Aqui, outro também. Também na Estr. do Cabuçu, totalmente legal. O outro, totalmente legal. Aqui é loteamento comum. Esse aqui, são casinhas construídas todas iguais, né ...

P – Sei ...

E – Aqui tem outro loteamento, tão sendo construídas ... classe média. Terrenos ótimos ... aqui é todo mundo legalizado.

P – Que seria essa parte aqui ...

E – Seria aqui, isso, aqui e aqui ...

P – Essa parte aqui.

E – Exatamente. Quer dizer, tem muita coisa irregular? Tem. Aqui já tem muita coisa irregular, mas também tem muita coisa regular. Aqui, oh, um outro também, esse aqui num é uma coisa prá classe média.

P – Ah, sim. Eles tão pegando ali o ...

E – E tem mais que já construiu e vendeu tudo. Tudo casinha, casinha classe média, média baixa ...

P – Essa aí é a Magarça.

E – Estr. do Magarça. Tá lá, tá funcionando direitinho. São casinhas geminadas, que é um padrão que também se vê até na Pedra. Olha que legal. Repara esse aí, como é que tá esse aí, vou te mostrar ...

P – Isso, na Pedra ...

E – ... um outro aqui na Pedra. Exatamente a mesma coisa. Estr. do Catruz. É exatamente, só que menor, esse aqui é bem menor do que aquele, aquele é bem maior.

P – Nas Estr. do Catruz aqui vai me dar a Piaí, é isso?

E – Não, não. Ali é a Estr. Capoeira Grande, aqui é o Catruz ...

P – Ah, tá.

E – E ali é a Estr. da Pedra, merma ...

P – Sim, sim.

E – Oh, mermo tipo de ... só que aqui é bem menor. Num é tão grande quanto aquele.

P – Prá cá ...

E – Tá vendo? As casinhas lá, merma coisa, casinha geminada ...

P – Prá cá é Dom João VI, é prá ... só ...

E – Não, não aqui é a Pedra.

P – Prá eu me localizar, porque eu num ...

E – Aqui é a Pedra, aqui é o centro da Pedra. Aqui óh, a praça no centro da Pedra, a Fundação Angélica Goulart ... o Autódromo, aqui tá a Estr. da Capoeira Grande.

P – Ah, tá. Ah, entendi, que pega só o ...

E – É. O Vila Mar tá aqui também, totalmente regular. Tudo aqui sendo construído totalmente regular.

P – Isso aqui é o Parque Guará?

E – Parque Guará. Tudo tá sendo construído de forma regular.

P – Tá. Eu, eu trabalho com três vetores de lógica de ocupação. Eu tô trabalhando com esse vetor aqui do Recreio, né, esse vetor, que é um vetor de uma especulação, acho que até igual a essa, pode até ... eu tô pensando ...

E – Eu não vejo como especulação. Acho que especulação é quando você trabalha ...

P – Sem essa legalização ...

E – ... sem a legalização. Se você tá trabalhando dentro da legislação, não é especulação. Especulação, por exemplo, se você pega um terreno, retém esse terreno, isso eu

acho especulação. Ou assim, cê compra o terreno, de acordo com a legislação, e vende, não é especulação, isso é simplesmente o processo normal.

P – Economia de mercado ...

E – É economia de mercado, num tem especulação. Acho que especulação é quando você agrega um valor que não é seu, né, ou você lucra com um terreno que não é seu, ou você espera valorizações a partir de investimento da Prefeitura, que você não faz e depois você se apropria disso, isso sim, eu vejo isso como especulação. Agora, se você compra um terreno, constrói, e corre o risco de vender, e vende, isso num é especulação. Especulação eu acho que é um processo diferente. É um processo onde você tem um ganho indevido. Que não é o caso. Entendeu? Se você ... Vila Mar, por exemplo, Vila Mar hoje ele não consegue ocupar tudo. Aí, vamos dizer assim, ah, isso é especulação dele, que ele tá mantendo. Não. Porque ele não consegue, ele num tem mercado prá isso. Aonde tem, que é o caso do Parque Guará, ele tá fazendo lá, tá vendendo, tão comprando.

P – Campos Fidei é dele? É da ...

E – É. Tudo faz parte da Vila Mar. É uma área enorme, pega isso aqui tudo, isso aqui tudo, gigantesco.

P – É, eu vi o mapa. Eu fiquei tão ...

E – É uma coisa que ... porque isso era em uma outra época. Olha o tamanho desses loteamentos. Eram loteamentos que eram imensos, feitos dessa forma. Tá vendo isso aqui, ... Garrido ... isso aqui. Eram loteamentos que era em uma outra época, em que se fazia lotes proletários, era uma outra realidade, né.

P – E agora, prá essa área aqui. Você acha que tem um vetor de crescimento?

E – Sim. Isso cresceu muito. Se você pegar, ano que vem, quando fizer o Censo, a gente vai ter como é que essa área aí teve um aumento brutal.

P – E, as pessoas que chegam aqui, eu estou ... o que eu perguntei, lá, entrevistei, são pessoas que vem de outras ...

E – Outras regiões da cidade.

P – ... outros bairros da cidade, e em busca de ...

E – Um pouco mais de tranquilidade.

P – ... um pouco mais de tranquilidade, é isso.

E – É isso.

P – Aí, ficam ali ... aqui ...

E – Aí, o que que acontece? Que que a Prefeitura tem que fazer? Adequar a legislação de maneira que se construa de uma forma correta, né. Então, por exemplo, quando a Tenda faz esse projeto dela, ela tá atendendo um tipo de mercado, né, as pessoas querem aquilo, então eles têm uma segurança, e é muito mais barato. Se você for comprar financiado pela Caixa Econômica, sai mais barato que se cê for comprar o terreno, começar a construir, quer dizer, dá muito mais trabalho, né, melhor cê ter aquilo ali. Se cê tem, – Ah, esse produto não me interessa, me interessa a casinha. – , aí tem a casinha. – Ah, esse também não me interessa, eu prefiro uma casinha isolada. – Então, quer dizer, o importante é a Prefeitura dar, permitir que tenham vários produtos pros vários tipos de interesse das pessoas.

P – É, e aqui, Guaratiba tem vários interesses.

E – Tem. Muito.

P – Interesses ... é ...

E – Então, você vê, cê tem situações aqui no Bairro Guará que é bem curioso, que eles fazem uma casinha pequena, tá vendo. Essa casinha, na verdade, são duas, cada ...

P – Cada uma tem um terreno, né.

E – É. Porque a pessoa quer uma casa pequena, mas ela quer ter um quintal, ela quer ter uma churrasqueira, ela quer ter justamente uma coisa desse tipo. Quer dizer, uma casa pequena, eles não costumam fazer casa muito grande, se quiser expandir ela tem espaço prá expandir, quer botar o carrinho dela lá guardadinho lá, e quer ter a piscininha dela nos fundos. Quer dizer, isso é o que tá rolando muito. Isso aqui já é diferente, é uma casa maior. Esse aqui, ó, outro tipo de solução, quer dizer ...

P – Igual ...

E – ... cada um tem uma solução, mas ... e sempre isso, quer dizer, são unidades relativamente pequenas, dois andares, um terreno relativamente pequeno, mas, com uma área livre, eles querem ter aquela sensação de que estão morando numa casa.

P – E eu acho que é em tudo, tanto na Barra, que de ...

E – Muito tipo. É. Se você vai prá Barra cê também vê que tem esse mesmo tipo de situação. Aqui, oh, cê vem ... cê passa pro outro lado, cê vê exatamente isso, cê tem a ... cê tem os prédios, e tem as casinhas, e tem aqui as casinhas que são as casinhas geminadas, ó. Também aqui a mesma situação, alá, duas casinhas no mesmo lote.

P – É, igualzinho.

E – Muda um pouquinho mais a qualidade do acabamento ...

P – Claro, claro.

E – ... a dimensão, mas, no fundo, é a mesma coisa. Cê vê, aqui ó, duas casinhas.

P – Isso aí é o padrão mesmo, ...

E – É o padrão, é o padrão, porque o mercado tá um pouco nessa linha. Aí, vai dizer que especulação? ... É ... pode ser, mas ...

P – Mas aí, de um terreno você faz ...

E – Sim, mas as pessoas querem isso, né. Elas querem uma coisa pequena. Elas querem uma coisa que seja prática, né. Num quer ter uma casa enorme com 300m², a maioria num quer mais saber disso, ela quer uma casa funcional, que ela tenha ali a tranquilidade dela, tá legalizada, tá dentro ... tem um terreninho dela prá fazer as coisas que ela quer e ponto. Num quer morar num apartamento, né. Quer dizer, então, prá cada situação ... e é melhor do que isso, né, porque essa situação aqui deu ... que você tem ... uma coisa totalmente ruim, né, muito adensado, quer dizer ... aí é a área do Piraquê. E você vê que mesmo aqui você tem situações de casas boas, né, sendo construídas ... tem umas coisas ... É ... é ... é confuso.

P – Lá, falaram que quando asfaltaram o Piraquê ficou bonito.

E – É. Melhorou muito, né, melhorou muito, mas ainda tem muita coisa prá melhorar, quer dizer, o que é importante é você ter uma coisa ... uma opção de regularidade, né. As pessoas tem dessa opção, quando num tem as pessoas vão e ... ocupar aquilo que está disponível, né.

P – Agora, você sabe que no Parque Guará, as entrevistas que eu fiz, eu peguei gente de fora, peruano, pessoas de outros países morando ali.

E – É, porque você tem a regularidade, você tem uma área que tem um potencial de melhoria, e, aparentemente aquela região num tá em decadência, pelo contrário ... pujança. Cê tem o mercado melhorando, quer dizer, o comércio melhorando, então, a pessoa tem interesse nisso, né. E o que eu tô te falando, quando vier agora o Censo 2020 a gente vai perceber exatamente o que tá acontecendo, porque, certamente, vai ter um incremento populacional muito significativo.

P – É, eu trabalho com os dados de 90, 2000 e 2010.

E – Pois é, já mostra uma tendência, né.

P – Já mostra, mas não tão gritante quanto é na realidade, agora.

E – Não, agora vai ser muito ... agora vai ser muito.

P – É, eu concordo,

E – Nesses últimos 10 anos vai ter uma mudança muito significativa. E você vê que tem interesse, porque existe também aquela questão, quer dizer, existe um mercado imobiliário do grande empreendedor e do pequeno empreendedor. O do pequeno empreendedor, ele meio que ficou um pouco paralisado, porque você num tinha financiamento, cê tinha dificuldade até pro cara conseguir obter recursos. Quando começou a ter mais recursos pela Caixa, mais recursos pelo Banco do Brasil, os próprios bancos privados começaram também a financiar, isso facilitou o pequeno investidor, né. E aí, isso começou a criar uma dinâmica em que o próprio pequeno construtor, ele passa a ter investidores privados participando do processo, quer dizer, financiando aquilo, porque se você constrói uma casa em seis meses e você for revender em um ano, cê vai ter um retorno muito alto, né. Imagina, cê compra um terreno, constrói, em um ano cê tá vendendo. Quer dizer, em um ano ... o investimento que cê faz cê ganha um retorno bem considerável. E aí começa um processo, a se auto alimentar. Isso, aqui, a gente percebe que aconteceu.

P – Tem ... pois é, isso que você falou é fantástico. Porque, realmente, eu vejo até Barra, Recreio, você tem as grandes construtoras, aqui não. Aqui é essa lógica que você tá falando.

E – Sim, é uma outra lógica. E o que que acontece, você tem ... vê alguma coisa aqui decorrente do processo de ... de ... de ... é ... enfraquecimento da economia, em que as pessoas são mandadas embora, mas tem um potencial, né. Tem um know-how muito elevado, eles se arriscam. Eu peguei vários engenheiros com ... já com uma idade que não consegue se colocar de novo no mercado, tão desempregados e começaram a fazer por conta própria, e tão caminhando bem.

P – Sobrevivendo.

E – Se você então, estabelece uma legislação adequada a essa realidade, isso é bom. Porque, se você bota uma legislação muito densa, a tendência o que que é, encarecer a terra. Se cê encarece a terra, cê tira do mercado esses pequenos produtores, eles num vão conseguir comprar aquele terreno, fazer o empreendimento e vender, porque tá muito caro. Se cê bota uma legislação intermediária, que o potencial num é tão elevado assim, a tendência é que esses preços de mercado seja mais acessível. Então, você consegue comprar um terreno, fazer a construção e vender, pruma classe média, que é a mesma, né. ... cê consegue fazer um financiamento em menos tempo, resolver seu problema, resolveu, pagou. Enquanto que o outro cê vai ficar trinta anos pagando aquilo ali, aquele financiamento. Quer dizer, então acho até que é uma coisa positiva. Você traz a legislação prá uma realidade, não adensa demais, quer dizer, não estabelece parâmetros muito elevados, prá evitar que a terra encareça demais.

P – Agora, essas áreas ocupadas, no rio, é ... próximo ali a ... essa população vai ...

E – Tem que sair, e vai sair. Porque, o que que acontece. Cê vê, esse trecho aqui do rio, isso aqui tá dentro da faixa marginal, dentro da faixa de domínio da estrada.

P – É, mas eles ocupam onde ...

E – Sim. Mas é assim. Aí cê vê quando cê passa ... cê vai aqui na ... é exatamente o que aconteceu no Recreio, né, que as pessoas ocuparam durante décadas uma área que era justamente destinada à rodovia, né, e ficaram ali durante muito tempo.

P – Ah, sim. Que tinha uns borracheiros. Ainda tem, né?

E – É. Deixa ver se eu consigo pegar uma imagem mais recente. É, exatamente, aqui ó.

P – É. Eu conheço.

E – Aqui. Cê repara esse aqui ... é ele aqui, o resto todo vai sair. E tão na ... tá lá ... quatro varandinhas.

P – O resto saiu.

E – Quer dizer, a pessoa que tá nessa situação, ela sabe, ela percebe, porque esse posto de gasolina num tá aqui desde sempre, o cara sabe, porque o posto tá tão recuado? Então, o cara fica ali no aluguel. Isso aqui é o quê? Aí sim, é especulação. O cara que constrói aquilo, ele faz aqui o quê, ele faz a venda ... o aluguel, emparelha, comércio e tal, ele vai ganhando o dinheiro dele. Ah, quanto tempo vai levar? Vinte anos. Pô, tá bom! Resolvi minha vida. Tô vinte anos ali. Comprou o negócio dele em outro lugar.

P – O rapaz falou isso aqui.

E – É, mas é isso. É a rotina, entendeu. O cara constrói uma Igreja, tipo coisa que num demanda muito recurso, e fica ali, entendeu. Aí, cê vê, cê pega isso aqui, cê pega isso aqui hoje, ó, irregular ...

P – Totalmente ...

E – Irregular. Ninguém foi licenciado, mas o cara já construiu certinho, na posição que ele precisava. Ele seguiu direitinho e fez uma coisa melhor. Se cê pegar e for evoluindo, alá ...

P – É ... esse é o processo, né.

E – É o processo. Isso sim, eu vejo isso como uma especulação. O cara tá usurpando uma área que não é dele, uma área que é pública. E ele consegue especular, aluga, ganha dinheiro em cima de uma área que é pública. Aqui, prá mim, o certo era passar o trator logo e derrubar tudo, mas ... a Prefeitura tem outras demandas, acaba que num faz isso. Mas, depois acaba acontecendo, num tem jeito. Num pode parar a cidade porque o cara tá ocupando a rua. Tem situações. Tem processos aí, de vez em quando aparece processo. – Ah, num pode tirar a gente daqui, porque aqui ... aqui ... – Aí. Chegou depois né. Isso aí é da década de 70, foi desapropriado. Tudo isso aqui foi desapropriado. Tanto que o morador mesmo, tá lá atrás. Se você pegar aqui cê vai ver que tem um morador lá atrás. Casinha dele tá ... deixa ver se aparece, aqui. Ele tava lá atrás, aí depois saiu vendendo também. Mas era ... tinha o acesso dele direitinho ali, ... direitinho o lote ...

P – É, é ...

E – Aí ... a diferença que tá isso aqui ... é uma coisa ... aí, a estradinha lá na frente.

P – Como é o nome dessa área que fica próx ... assim das estradas que vocês chamam?

E – Aqui? Aqui é o alinhamento, né, o ... faixa de domínio da estrada, que é cem metros desse pedaço aqui. Que é a merma coisa do Barra Shopping, igualzinho, cem metros.

P – Cem metros ...

E – Cê vê aqui ...

P – Então, ... esse povo todo vai se mandar.

E – Sim. A lá, ó, aqui assim, grosso modo sempre dois, sempre um metro, viu, o posto ... o posto é aqui ó, ele pega exat ... ele pega até um pouquinho na frente ainda. Ali, cento e um metros, ... outro terreno, do outro lado.

P – O resto sai tudo ...

E – É, exatamente. Tudo vai saindo com o passar do tempo. Conforme a Prefeitura precisa ela vai tirando.

P – É, então acho que é isso aí. Eu falo dessas lógicas, e uma coisa que eu achei interessante é que, Santa Cruz tá totalmente assim fora, né, é ... do cotidiano agora recente dessa população, ou é Campo Grande, ou é ...

E – É, Campo Grande tá aqui ó ...

P – ... ou é Barra mais Campo Grande ...

E – Muito Campo Grande e também Recreio.

P – E Recreio, isso mesmo ...

E – Eu moro na Pedra, né.

P – ... isso mesmo.

E – Eu moro na Pedra, então, prá mim, às vezes é mais fácil vir aqui ao Recreio, porque é mais rápido, né, do que ir prá Campo Grande que tende a ser mais difícil. Mas a distância é a merma.

P – É, mas que o trânsito ... é ...

E – Mas aqui o trânsito é mais rápido. Sai daqui, peguei ô ...

P – Vinte minutos tá lá ...

E – Vinte minutos, exatamente. Então, quer dizer, prá mim é mais fácil até ir ao cinema no Recreio do que em Campo Grande. Agora, vou lá? Vou também. Num é uma coisa ... Então, a gente tem essa possibilidade. Então, isso prá nós também é bom, né, porque cê tem dois centros, precisa de um comércio mais forte, mais popular, eu consigo mais aqui. Aqui já é mais difícil, que aqui é mais pulverizado as distâncias são maiores. Eu preciso uma coisa, ah, preciso comprar uma peça de fogão, ali é mais fácil do que aqui. Aqui é mais difícil, o Recreio não é tão bom. Agora, preciso de um cinema, vem aqui, preciso de um teatro, aqui, preciso comprar uma roupa, pode ser lá e pode ser aqui. Então, quer dizer, tanto faz, pelo menos é bom. Por isso que essa área aqui ficou boa, por ela tá bem localizada.

P – E outra coisa, você acha que a Pedra, pelos serviços que tá tendo, porque os bancos viram ali na Pedra um eldorado, né.

E – Você vê, criaram o Itaú, né, depois logo Caixa Econômica e Banco do Brasil, que são concorrentes sempre, tem uma ... botou um, botou o outro.

P – É ... Santander tá vindo.

E – Tá? Num sei.

P – Tá. Já até viu um terreno. Um senhor é que falou. Mostrou um terreno que o Santander vai prá lá. É possível a Pedra também passar a ser um ...

E – Não. Esse tipo de centralidade, não. Ela sempre vai ser uma coisa adjacente.

P – Que que seria adjacente?

E – É, porque ela num, ela num tem condição de ter a pujança de um comércio que tem Campo Grande. Ela num tem, ela num ... a população dela num chega nem, sei lá, a um décimo.

P – Mas, e de atração?

E – Não, atração sim. Mas, eu vejo sempre ela como é, por exemplo, um Jardim Oceânico, entendeu, como é ... não digo Leblon, mas eu te diria assim uma Gávea.

P – Sim.

E – Ela pode até ter alguma coisa, mas num tem ... Primeiro você vê que a Gávea tem uma universidade, tem um shopping, quer dizer, tem muita coisa ali ...

P – Mas eu acho ...

E – ... ela é ...

P – ... que a universidade cabe aqui.

E – Num sei. Tenho dúvidas. Tava previsto aqui, né, meio ... essa aqui sim, que é uma coisa mais específica ...

P – Do CetEx ...

E – Do CetEx, mas isso é uma coisa tipo maior, Academia das Agulhas Negras, é uma coisa para os militares, aí é sem tempo. Aqui não.

P – Espaço tem.

E – Tem, mas eu acho que é um bairro que vai tá sempre dependendo de um outro maior. E esse outro maior, prá mim, é Campo Grande.

P – Então eu não coloco. Já ia colocar isso.

E – Eu num vejo. Num vejo. Num vejo mesmo. Não imagino que isso aqui vai ficar uma coisa tão forte, como por exemplo, uma Copacabana. Eu não imagino isso. Copacabana tem uma centralidade forte, mas é inferior à de Botafogo. Botafogo sim, é muito forte. Cê pega assim, ISS, por exemplo, Botafogo como Centro, cê compara, cê vê que é muito maior que Copacabana. Lagoa, por exemplo, já é pulverizado, também é grande, mas é pulverizado, são vários bairros, Ipanema, Leblon, Lagoa, Jardim Botânico, entendeu, Humaitá, esse fica mais pulverizado. Botafogo não, Botafogo tem uma centralidade muito forte, sede de empresas grandes, e tal, Coca Cola, OAS, acho que a própria Odebrecht tá lá, tem várias empresas grandes lá. Copacabana também tem? Tem, mas acho que é outra coisa. Então, num vejo ... Então, aqui a merma coisa. Vai ter um comerciozinho? Vai, mas tudo muito local, não uma coisa grande que vá atrair público de outros lugares. Atrai um pouco, né.

P – Atrai.

E – Mas, num é, num é, num é ... como Campo Grande. Que tem uma influência metropolitana, entendeu.

P – Sim, aí é diferente.

E – Cê tem várias lojas metropolitanas chegando ali, vários ônibus que vêm da Baixada prá Campo Grande. Quer dizer, cê pega ali a região de Nova Iguaçu, o trecho da antiga Rio-São Paulo, um trecho mermo de Itaguaí, muita gente vai praquela local.

P – Até mesmo porque a Pedra aqui, pelo transporte, ela num dá, é preferível sair.

E – Exatamente.

P – Não é prá entrar.

E – Exatamente, exatamente. E, de certa forma, é um pouco, cê vê, aqui mais ainda, tá mais isolada ainda. Sepetiba então! Sepetiba é tudo final de linha lá, é mais demorado, tudo é mais difícil. Cê vê, isso acaba influenciando.

P – É.

E – Então, ela tinha muita força quando a baía, a Baía de Sepetiba tinha uma qualidade melhor. Hoje, sem essa qualidade da baía, quer dizer, era uma questão mais de lazer e tal, ficou um bairro muito distante com pouco atrativo, né. A Pedra tem essa vantagem porque ela tá muito próxima, muito próxima.

P – É. E, outra coisa, muito movimento que eu tô vendo é de resgate também. Eu é ... entrevistei muita gente aqui que mora ... é ... morou quando era pequeno, nasceu, cresceu ali, foi pro exterior ou foi prá algum outro lugar, e tá retornando. E está querendo aquela Pedra antiga.

E – É. Isso é difícil de conseguir, mas ...

P – É ...

E – Todo mundo tem essa saudade, né, uma coisa que é difícil de voltar ...

P – É, mas ... uma releitura até, né.

E – É.

P – Eu vi um grupo fazendo um trabalho no Pier, é ... a maioria de artistas plásticos, e ... também trabalho com dança ... e duas famílias vieram é ... voltaram. Estavam na Espanha e voltaram prá morar aqui, e que eles tavam lá, nesse resgate.

E – Mulheres de Pedra, não.

P – Não, não, né Mulheres de Pedra não. Até, a Leila não estava lá. Eu perguntei até o porque não estava. Foi um movimento é ... tem um artista plástico chamado Célio ... esqueci o sobrenome dele, ele é um artista plástico famoso, e que é ... ele tava agora mexendo um pouco na Pedra.

E – É legal.

P – Eu achei ótimo.

E – Eu acho que é bom. Ela tem um pouco essa coisa também da ... localidade, né, quase uma pequena cidade, então ali ... ela é um pouco fechadinha.

P – É ...

E – Ela não é muito aberta.

P – É, mas tá mudando.

E – Aumentou bastante, aumentou bastante.

P – Aumentou bastante, é ... assim ... aquela Estr. da Pedra ali, naqueles dois colégios, do lado tem a Pedra, né, o Morro da Pedra, aquela área ali ... tá toda ... uma ...

E – E por isso que a legislação, ela vindo prá regularizar isso, facilita, porque você entra com a ação da formalidade, né, numa área que é muito informal. Pois é, essa legislação que eu te passei aí, isso aí ficou um problema seríssimo, porque se manteve durante anos.

P – É uma área informal, mas eu vô te falar, a natureza ajudou bastante a segurar até ...

E – Sim. Ela ... o próprio processo de ocupação da Baixada, né, de Jacarepaguá, que você levou muito tempo, prá ser ocupada, né, começou na década de 70. Cê pega isso aqui na década de 30 isso aqui era considerado o sertão carioca. Num sei se você já conhece esse livro.

P – Sim, sim. Do Armando, né ...

E – Uma área, pô, levou tempo, né, então acabou, de certa forma, segurando esse processo de ocupação prá cá. Quer dizer, cê ... criou um ... ah, o eldorado agora é lá, vamos todos ocupar lá ... (risos) Isso ... Campo Grande foi desenvolvendo, foi crescendo, ninguém viu isso, né. De repente Campo Grande já tá lá uma cidade enorme.

P – É ...

E – Se eu não me engano é isso, quadragésima ... se fosse uma cidade, seria a 42^a.

P – Nacional, isso?

E – Nacional. Se cê pegar a ... ela tem, sei lá, ...

P – Não, e ainda tá crescendo muito.

E – E ainda está crescendo.

P – Caramba. Tá crescendo muito. Deixa eu ver, eu acho que é só isso ... ah, tá. Só prá finalizar, perguntar a você que eu não consegui entender essa coisa das áreas de planejamento.

E – Então, olha só, existe uma forma meramente administrativa. Ela se dividiu em cinco regiões, era, foi seis, mas agora são cinco, ... quê que é? A P1 a área central, ela pega Centro, São Cristóvão, Santa Teresa, Rio Comprido, é ... e Paquetá, que o acesso é pela Praça XV, então essa é a área, vamos dizer assim, central. A P2, é imediatamente, em crescimento, depois, pega justamente a região da Zona Sul e Tijuca, Andaraí, Usina, e ainda tem São Conrado. Então, mas é imediatamente logo após. A P3, toda a ocupação ao longo do ramal ferroviário. Então você tem toda a região, Benfica, a Leopoldina e pela Suburbana, que é toda aquela região indo até Guadalupe. A P4, a Baixada de Jacarepaguá, Jacarepaguá, Barra, Vargens, né, é ... Itanhangá, Recreio. E a P5 é de Guadalupe em diante, quer dizer, Deodoro, Vila Militar ...

P – Bangu ...

E – ... Realengo, Bangu, e pegando também a região de Guaratiba e Santa Cruz. Então, quer dizer, é um processo que a partir do núcleo, que é a P1, a P2, a P3, a P4 e a P5.

P – Sim. E porque essa nomenclatura de que ela é condicionada ...

E – Ah, isso foi uma questão do Plano Diretor. O Plano Diretor, ele criou zonas, uma ... de alinhamento. Ele colocou áreas que são Assistidas, áreas que são Condicionadas, áreas que são Incentivadas. Então, quer dizer, como se você tivesse uma divisão ... deixa eu botá aqui ... elas permitem você ter uma orientação macro. Uma orientação macro do que pode e do que não pode ser feito. Tá vendo ...

P – É ...

E – Cê tem a área controlada. O quê que é? É a área do Centro, sem contar a Portuária, tá vendo, Sta. Teresa e tal, toda a região da Zona Sul, indo até São Conrado. Então, quer dizer, isso aqui é a área que não se quer aumentar, é manter como está lá.

P – Aumentar ...

E – Pode. Mas tem que ver caso a caso. Cê aqui num vai ter aqui uma legislação que incentive.

P – Um condomínio ...

E – Ah, vamos colocar aqui uma legislação prá incentivar. Não, não é. Tanto é, que as Gerências de Planejamento dessa área se fundiram. A Gerência de Planejamento 1 com a 2 se fundiram prá ser uma só.

P – Entendi.

E – Incentivada. Pegou toda a região da P3 e Jacarepaguá, Jacarepaguá também tá dentro. Então, quer dizer, seria a área Incentivada, onde a legislação ainda pode ser de incentivo. A Ilha também, do Governador. Condicionada. Pega toda a região da Barra, Recreio, Vargens, e também Guaratiba. Em que, a ocupação está condicionada à investimentos de infraestrutura. Então, quer dizer, um empreendedor tem que fazer as infraestruturas necessárias. E a Assistida, é onde o empreendimento ele é assistido pelo próprio Poder Público. É o Poder Público, aqui, ele vai priorizar se for o caso de investimento. É preciso fazer uma rede de drenagem, é preciso fazer o asfaltamento de uma estrada, é preciso fazer a colocação de escolas, aqui eu assisto, a Prefeitura assiste. Aqui ela condiciona. Quem tem que fazer é o empreendedor. O empreendedor tem que fazer. Então, a diferença é essa. Aqui é incentivada, é incentivada mesmo, aqui, tipo assim, já tem infraestrutura suficiente, então quer mais é que ocupe, porque, quanto mais eu ocupar isso daqui, menos eu ocupo aqui e aqui. Então, aqui é o local ... eu tenho rede ferroviária, eu tenho estradas, eu tenho metrô, eu tenho rede de esgoto, bem ou mal, funcionando ...

P – Que está sendo ocupada, mas tem também essa parte, né, que ...

E – Que aqui, tem essa demanda, né, que as outras querem ...

P – Pois é ...

E – E é uma demanda difícil, porque ... as pessoas tomam decisões um pouco na base, eu acho sempre, um pouco na base da emoção, né. Tem muitas pessoas que querem morar aqui, querem morar perto da praia, que aquilo ali é legal ... Quer dizer, e aí acabam indo, né. O mercado também estimula isso, né. Aquela história, você tem um carro, o carro tá funcionando bem, mas tem sempre alguém que avisa: – Pô, tem um carro melhor ainda que esse. O carro vai te dar mais conforto, vai te dar mais num sei o quê, vai ... – aí você acaba ficando, daqui a pouco você, num impulso, tu vai. Isso faz parte. Tudo é assim. Então, quer dizer, a ocupação disso aqui continua, mas num é ... Aqui você pega, por exemplo, cê pega aqui o ... vamos dizer, lá ... mais ... cê pega o ... aqui ... vamo pegar os bairros ... não, vamos pegar a Região Administrativa, porque tá melhor. Vamos pegar a Região Administrativa de Campo Grande, a população dela, 542 mil, né, agora vamos voltar, vamos pegar a Região Administrativa da ... de ... eu vim demais, vim pro ... aqui ... vamos lá, pegar agora da Barra, o outro era 542, vou pegar aqui então a Região Administrativa ... essa é 35 mil, ... aí, quer dizer ...

P – E se for prá Guaratiba então ... menor ainda.

E – Aí cê fala assim – Ah, a ocupação é muito intensa. – não é. Vastíssima a população da Barra. Tem muito o quê, riqueza. Lá tem muita riqueza, então, dá a impressão que o congestionamento é enorme. Metade desses carros tão vindo da Zona Oeste. Aqui não é

Zona Oeste, né, ... Zona Oeste é um nome equivocado, então, metade dos carros que tão passando aqui são da Zona Oeste, tão vindo prá cá apenas prá trabalhar, ou prá ir prá outro lugar. Então, quer dizer, você tem 135 mil pessoas depois da década de 70, 80, 90, investimento maciço, só tem isso morando lá. Então, quer dizer, aí você vai me dizer assim: – Ah ... – É significativo? É, por causa da riqueza, mas, é um bairro pequeno.

P – Prá investimento ...

E – Investimento ... por isso que é condicionado. Vão pegar Madureira. População melhor, né. Aí você pega realmente uma ... Madureira ... 15 mil, consolidado, tem capacidade de ter mais gente morando, é ainda um perfil muito baixo. Cê vê, ó, aqui, muita casinha, muita casinha, uma rede ferroviária passando por aqui e outra aqui, ó, duas redes ferroviárias, quer dizer, num tem sentido uma coisa dessa. Tinha que ter mais o quê? Mais adensamento. E tem capacidade? Tem. Pode chegar mole aí a 600 mil, tranquilo, sem maiores dificuldades, só ir derrubando essas casinhas e construindo uns prediozinhos. Num acontece. Então tem que ser o quê? Incentivar. O que a Prefeitura faz? Faz um Parque Madureira, gasta uma fortuna prá ver se segura. Que que ... falta o quê? Falta ... num tem praia, bota uma cachoeirazinha artificial, bota uma praia, entendeu. Aí cê vê, cria uma coisa gigantesca, um parque enorme. Isso aí prá quê? Prá estimular a ocupar esse lugar. Então, aí o incentivo é isso. O incentivo é exatamente isso.

P – Agora eu entendi.

E – Entendeu?

P – O condicionado ... tá ...

E – O condicionado cê pega, quer fazer, faz, mas isso, isso, isso e isso.

P – Entendi. Vila Mar eles me explicaram isso.

E – Vila Mar. Tem que fazer, inclusive, eles até uma vez conversaram, acostumados a fazer aí em cidades menores, eles simplesmente marcavam, piquetavam os terrenos e acabou. Num era mais nada que isso. Não faziam mais nada, nada. Era só piqueteava e vendia. Aqui não, teve que exigir drenagem, ...

P – Canalização dos rios ...

E – ... aterramento, fazer

P – Eles falaram estamos fazendo isso.

E – Tudo, fazendo tudo, é obrigado. Quer fazer tem que ser assim. Então, quer dizer, ali é condicionado. Por isso que é caro. Por isso que a Milícia num quer fazer, só quer fazer do modo errado. Vou mostrar só uma coisa aqui. Num foi miliciano que fez isso não, mas é bem a visão do miliciano, que é uma visão equivocada.

P – Essa área ali da Sepetiba, que eu te mostrei, eles falaram assim: – Isso aqui vai virar uma Muzema.

E – Aonde?

P – Aqui ...

E – Ah, aquilo ali vai. Aquilo ali, vai afunda isso aí.

P – Vai virar uma Muzema isso aqui.

E – Olha só, esse cara aqui. Esse cara aqui quê que ele fez? Ele tinha um terreno perfeitamente legalizável por loteamento, em que ele só podia vender lote com determinado tamanho. Quê que ele fez? Ele botou o lote com metade. Ou seja, as pessoas que com-

praram esse lote, não conseguem legalizar porque o lote tá menor que o permitido. E quantos lotes ele vendeu? Metade.

P – Podendo legalizar direitinho, né ...

E – Se ele tivesse feito o lote do tamanho certo, ele teria, provavelmente, ganhado 30% a mais, mas vendia tudo. Ele resolveu ... isso aqui nem isso ficou. Ah, tá enrolado. A merma coisa, tá lá enrolado prá caramba. Esse aqui conseguiu vender metade. Quer dizer, então, é uma visão tacanha, é uma visão do mau empresário, o cara que num ... ele não tem uma visão correta. Ele acha que a legislação é um estrago. Tem que fazer do jeito que eu quero, o terreno é meu eu faço do jeito que eu quero.

P – É. O pior é quando o terreno nem é dele aí faz do jeito que ele quer, né.

E – É. Ainda tem isso. O cara faz aquilo que ele não entende. Então, quer dizer, é coisa que ... que vai se fazer. Fazer o quê!

P – Olha Antonio, muito obrigada, mesmo. (final do áudio)

ENTREVISTA 3: PADRE MARCOS DA PARÓQUIA SÃO PEDRO DO MAR

Local: Igreja São Pedro do Mar, Guaratiba, R.J.

Data: 12. 08. 2019

(56m53s)

Entrevista com Padre Marcos, da Igreja da Pedra de São Pedro.

Padre Marcos fale-me sobre a relação da igreja de São Pedro com Guaratiba.

São Pedro, isso... primeiro a Igreja de São Pedro não é a mais antiga de Guaratiba, né. Nós temos aí duas situações. A igreja mais antiga de Guaratiba, e ela vem ser entre a terceira e quarta mais antiga do Rio de Janeiro, é a Capela Nossa senhora do desterro. Fica localizada... isso.. nesse recanto aí. Então ela é de 1628, que se começou a construção dela, e se concluiu em 1629. Agora ela não é a primeira igreja matriz católica em Guaratiba porque para poder diferenciar: o que é uma igreja matriz? É quando ela passa a ser, entre aspas, a gestora daquela localidade. Então onde mora o padre, é da onde o padre administra todo o trabalho pastoral, social, daquela área paroquial.... quando falamos paróquia, paróquia não é uma igreja, paróquia é um espaço... por exemplo... eu posso estar aqui pelo Piraquê, mas eu estou na minha paróquia. Eu não estou na Igreja de São Pedro, que é a matriz, de toda essa área paroquial. Eu posso estar na praia da Brisa. Eu estou na minha paróquia. Eu posso estar lá no Pingo Dagua, eu estou na minha paróquia. Lá perto da venda de varanda, que ainda é área da paróquia... Então, a primeira matriz paroquial de Guaratiba é a Salvador do mundo.

Aquela que fica no alto, na escada da matriz...

Isso... e ela vem ser a segunda igreja mais antiga de Guaratiba. No entanto a primeira igreja de Guaratiba nunca foi matriz.

Que foi... a nossa senhora do desterro...

É... ela é a mais antiga, mas ela não é a matriz. Ela é uma capela hoje da Igreja de São Pedro, que é a matriz. Mas ela já foi uma capela da matriz Salvador do Mundo, porque ela

foi a primeira matriz de Guaratiba. Então toda Guaratiba era do Salvador do mundo... se eu não me engano acho que em 1755 ou 1855... quando ela foi criada matriz. Então... só pra poder... quando falamos em Igreja, de Paróquia... 1755, a Salvador do Mundo... ela foi criada matriz em 1755.

E aí dava conta de tudo isso aqui?

Isso era um padre que tinha que dar conta disso tudo na época.

E quando a São Pedro...

Isso... e tanto é que a estrada da matriz foi colocado o nome por causa da igreja matriz. Ela vem até aqui a pedra, né, e vai até a ilha de Guaratiba, porque era a rua onde estava a igreja matriz de Guaratiba. Tudo tem uma ligação, né... e a importância da presença da igreja... a igreja às vezes vai dando certos nomes... no local... Com o passar do tempo, e claro com o crescimento populacional, aí a igreja vai vendo a necessidade e vai criando... uma igreja se torna, ela é elegida matriz... por exemplo, tantas outras igrejas em Guaratiba foram sendo elegidas matrizes e foram agrupadas a elas um grupo de igrejas que chama de capela... quando falamos o temos capela é porque ela é ligada a uma matriz. Então a Igreja de São Pedro ela já foi uma capela da Salvador do Mundo. Só que a Igreja de São Pedro, a construção dela é de 1890, mais ou menos... mais de 100 anos depois que a Salvador do Mundo foi matriz, ela foi construída, tá? Mas ela só foi elegida matriz em 1996. Então não tem nem 25 anos como matriz. Ela é uma matriz nova, podemos dizer, em comparação com esse conjunto da Salvador do Mundo. Então quando a Igreja de São Pedro foi elegida matriz, ela foi sendo agrupada também num conjunto de capelas, de igrejas. Quando se erige uma igreja matriz, é feito também um limite geográfico. A começar pela rua tal... então tem uma pessoa na arquidiocese, um padre, que faz esse limite... então a nova paróquia vai confrontar com quem? Aonde? Por exemplo... quando a pessoa vai casar... ela tem que buscar fazer a habilitação matrimonial na paróquia dela... “Ah, mas a igreja tal é mais perto da minha casa...” Tá, mas você tá na área paroquial da outra. E assim a Igreja é organizada, e outras situações também, pela experiência, por essa dinâmica de ser área paroquial.

E em 1996 São Pedro torna-se matriz...

É, mas ela já foi desmembrada da Igreja de Santa Clara.

Agora ela foi desmembrada matriz, vocês levam em conta também a questão populacional?

Sim, com certeza. A necessidade pastoral. Porque um padre lá no Magarça, pra ele chegar até a Pedra, ou ele ir até o Monteiro, tem aquela igreja perto do parque shopping ali, no alto, aí significa essa distância, né... Hoje está na Pedra e tem que ir lá no Monteiro, levaria quase 40 minutos...

Tô imaginando antigamente... com a carroça... mas a população também bem menor...

É... então, com o crescimento populacional, e pela necessidade pastoral, que é a primeira situação que se verifica pra se erigir uma paróquia... aí se verifica de fato se ali vai ter uma condição pra se ter uma matriz... Porque quando se tem uma matriz tem toda uma questão também fiscal, que você abre um CNPJ, aí você vai ter que ter funcionários, verificar se a paróquia vai ter como manter os funcionários... secretaria, manutenção da igreja, que trabalha na casa do padre... nós temos as creches... todos funcionários da creche

são registrados... tem carteira assinada... além de ter os funcionários tem também a questão de encargos sociais...

E tem uma autonomia...

Tem que verificar se o recurso de evento, de campanha, de coleta, de dízimo, se vai conseguir de fato sustentar aquela situação ali... aí vai verificando que vai se aumentando o leque pra se verificar se de fato pode ser matriz ou não. Então isso é feito um estudo, enviado ao arcebispo, ele apresenta em um Concílio, e o concílio vota... se de fato, em vista daquela futura paróquia, se tem condições de ser uma paróquia de fato... mas levando em conta que a primeira situação é a necessidade pastoral... Pode acontecer assim: ah, não tem condição financeira de se manter, mas a arquidiocese vai verificar um outro tipo de recurso pra poder manter, porque existe uma necessidade ali de se ter um ou às vezes até mais de um padre.

E aqui em Guaratiba quantas Matrizes tem?

Seis. A Salvador do Mundo, eu acho que a segunda mais antiga é a Nossa senhora aparecida no Mato Alto, depois a Santa Clara, depois aqui São Pedro, depois Nossa Senhora da Conceição no Monteiro, lá perto do Parque Shopping, e agora a caçula que é a Nossa Senhora de Fátima que fica dentro do Maravilha. Depois da estação aqui do Magarça, entrando pela estrada do Magarça tem esse conjuntinho aqui, oh, chamado de Maravilha...

Jardim Maravilha

Isso... então cada matriz tem um padre. Então somos 6 padres em Guaratiba.

E todas divididas...

Geograficamente, cada uma tem o seu espaço geográfico... Agora, por exemplo, eu quero celebrar uma missa aqui, eu posso celebrar... Nós nos reunimos mensalmente, nós, padres... a gente tem essa ligação direta... A gente troca opiniões, idéias, enfim, um ajuda o outro... até porque a Igreja tem essa unidade. Eu posso celebrar missa em qualquer lugar do mundo, como eles também podem celebrar missa na minha área paroquial... Essa experiência da unidade da igreja... nós apenas estamos não divididos, mas desmembrados... por uma questão geográfica, mas nós fazemos parte da mesma igreja. Agora assim surgiu essa necessidade da criação da igreja matriz de São Pedro como paróquia de São Pedro. E a paróquia sempre tem o nome da igreja matriz... Paróquia de São Pedro Apóstolo.... a matriz é São Pedro Apóstolo... É como se fosse uma filial, né...

Um braço, né....

Sim... mas fiscalmente, uma questão do governo, as capelas utilizam o CNPJ da matriz, da paróquia... na realidade as paróquias tem um mesmo CNPJ... a arquidiocese inteira nós temos um mesmo CNPJ. Então se eu tiver um problema fiscal aqui na paróquia eu vou afetar toda a arquidiocese do Rio... barra, aí cada um tem o seu final... mas a matriz do CNPJ é igual pra todo mundo... Entendeu? Então tem essa necessidade de se criar essa igreja de São Pedro, mas lembrando que a mais antiga de Guaratiba é a nossa senhora do desterro, mas a primeira matriz de guaratiba foi a salvador do mundo. Agora, a minha chegada aqui, foi sua primeira pergunta, né... Nós padres somos ordenados pra Igreja, né... pra toda arquidiocese do Rio... antes de eu ir pra Pedra de Guaratiba, eu fui vigário paroquial. É um outro termo técnico dentro da Igreja. Existe o Pároco, que é o responsável pela Paróquia.... e tem o vigário paroquial, que seguia o pároco. Ele auxilia algum pároco.

Mas ele é padre?

Pra ser vigário paroquial tem que ser padre. Pra ser pároco tem que ser padre. Eles estão no mesmo patamar na hierarquia na Igreja, apenas com funções distintas. Mas se o Pároco não celebrar, o vigário celebra... ou o vigário pode presidir a missa e o pároco pode celebrar... isso não há problema nenhum. Então antes de eu ser pároco aqui, eu fui vigário paroquial em Coelho Neto, na Paróquia São Jeronimo e auxiliava ali dentro de Acari. Na época Acari, não se tinha um padre morando, era um padre só ia dia de domingo. E lá eram religiosas que tomavam conta da paróquia. Então casamento, batizado, celebrações ao longo da semana, eu celebrava lá. Foi a primeira experiencia...

Você é de onde?

Sou carioca e fui criado no Realengo.

Ah, então conhecia Acari... mas isso em que época?

Eu fui pra lá em 1994, em dezembro. De lá depois eu fui ser vigário paroquial também na Paróquia São Luis de França, que fica em Costa Barros. Então assim eu atravessei o morro, ali da pedreira. Pedreira, Lagartixa, Grotão.... quase na divisa com a Pavuna... depois de lá eu fui ser.... quer dizer... em Costa Barros eu passei pouco tempo, uns 3 meses e pouco... de lá fui ser vigário paroquial no Grajau, na Nossa senhora do Perpetuo Socorro, que é a única paróquia do bairro inteiro, como aqui também, é a única paróquia de Pedra de Guaratiba. Aí depois de lá houve a necessidade de... que aqui estava recentemente criada... O primeiro padre teve que sair daqui... e aí no caso, na ocasião o Arcebispo me indicou para que eu viesse pra cá.... Eu era padre novo, só tinha um ano de padre... Hoje eu tenho 23 de padre... então tô aqui há 22 anos. E aí, devido essa necessidade... porque era uma paróquia nova... claro, o primeiro padre ele deu esse grande impulso de iniciar, de organizar, e depois nós continuamos. Mas nós temos aí uma marca muito grande de um padre que viveu aí 28 anos, Padre José, o famoso Padre José... se você pegar os mais antigos todos vão lembrar do Padre José Melchior... ele foi pároco de Santa Clara, depois da morte dele, se desmembrou a paróquia em tres... Santa Clara, São Pedro e Nossa Senhora da Conceição. Então ele que teve essa grande marca, foi ele que criou essas creches todas, na nossa área paroquial. Então a minha vinda pra cá foi em vista dessa situação....

Você já chegou com toda essa obra social da Igreja

É... já se tinha a obra social, as creches, né... Mas com o passar do tempo você vai aperfeiçoando, aumentando, até porque a população cresceu também... Mas as demais, tinham creche, mas elas fecharam, não aguentaram financeiramente suportar as creches.

Essas creches tem alguma ajuda da prefeitura?

Elas são conveniadas com a prefeitura.

Mas tem alguma ajuda financeira?

Sim. Elas, pela natureza legal, elas são supervisionadas pela prefeitura. Questão pedagógica... e também nós temos aí o convenio com a prefeitura.

E vocês nunca fecharam nenhuma creche?

Não. Estamos até tentando construir uma nova, pra aumentar a capacidade. Nós vamos fechar uma com 35 e a 100m dela construir uma nova pra 100 crianças. Então vamos

fechar uma, mas claro só depois que essa aqui for construída... Vamos aumentar aí quase 300% da capacidade, né...

E aí você chega e começa o seu trabalho aqui...

É... quando nós chegamos eram 16 comunidades... to falando comunidade, podem ser capelas ou não, porque pra ser comunidade não precisa ter igreja. Então hoje somos 23... já aumentou mais sete... porque também a população cresceu.... tinha áreas aqui quando eu cheguei que não morava ninguém... hoje...

Pois é, é isso que eu quero saber... quando você chega aqui, o que você encontra?

Eu ainda encontrei muito mais no ranço de cidade interior como hoje... todo mundo se conhecia... porque a população, ela cresceu muito, e eu vejo que ela tem aumentado mais ainda, claro, com a abertura do túnel... mas eu vejo que o aumento da população da Pedra ela se deu por duas coisas, a meu ver... eu nunca fiz geografia... estudei geografia ainda na escola... eu verifico por duas situações... primeiro a presença de muitos nordestinos, mas também do norte do país... eu vejo também muitos do interior de Minas, aqui... então, chega alguém da família, e traz também os seus parentes... pela necessidade de trabalho que lá há dificuldade, e aqui talvez vá se ter uma facilidade um pouco maior... essa eu verifico a primeira situação... Mas houve uma migração também de parte do Rio pra cá. Muitos fugindo da violência. Aqui nós temos muitos moradores que moravam na Rocinha, no Vidigal, e outras áreas com situação de risco pela violência. Então não foi somente o crescimento populacional... por aquilo que eu vejo, principalmente nos que participam da Igreja... aqui eu tenho paroquianos que já frequentavam outras paróquias, e me falam “eu saí de lá por causa disso”... “não, padre, eu vim do Nordeste por causa da situação financeira que estava apertada... meu irmão já morava aqui... então eu comprei um terreninho...”... e acaba casando, constituindo sua família... por esses dois modos acaba também acontecendo um crescimento fora dos padrões até legais, né... A ocupação do solo urbano vai ficando de uma maneira desordenada... e claro, o poder público não consegue acompanhar... por vários motivos, né... Agora com isso também eu vejo um outro fenômeno... apesar disso tudo ter acontecido, esse crescimento, eu verifico que ainda não chegou, e graças a deus, a tamanha violência que se tem em outros bairros... tem assalto? Tem. Mas aquela situação de medo de você andar na rua... por exemplo, outro dia fui visitar um colega padre, num espaço de... sei lá... oito minutos andando de carro dentro da comunidade eu contei 23 fuzis... que eu consegui ver.... pra mim ali é uma situação.... porque eu não tô acostumado com aquilo... Posso ser assaltado aqui? Posso. Mas eu ando em vários e não vejo ninguém portando arma... Lá é exposto... Então essa situação aqui, graças a deus, pelo maior crescimento populacional, ocupação do solo urbano, crescimento desordenado, não chegou. Às vezes vem, uma coisinha aqui, outra ali, mas a gente ainda consegue manter ali um pouquinho essa situação. Mas a ocupação eu verifico mais por esses dois modos, a meu ver. Alguém de uma questão geográfica, sociológica pode apontar outros fenômenos.. mas por aquilo que eu vejo, principalmente em quem participa da Igreja, vieram por esses dois motivos.

Você tá aqui desde...

1997.

Se eu for traçar uma linha do tempo com alguns eventos importantes de Guaratiba, você conseguiria, assim... porque o túnel, que é o grande evento, ícone, da pesquisa, dessas mudanças recentes, você falou que... tem algum momento que você percebe, aqui em Guaratiba, uma aceleração desse crescimento em ritmo, em intensidade? Um período?

Ah, tem... ali... a partir de 2000... veja... muitos estão colocando que o túnel vai acelerar... mas antes do túnel já tinha acelerado... o túnel não foi um muro pra que houvesse esse crescimento. Por exemplo, a área do Piraque... a área da Reta, que chamamos de Reta... eles cresceram antes do túnel... Então o túnel não fez com que... eu to colocando a área da minha paróquia, viu? Eu verifico outras áreas nas outras paróquias também... O Maravilha também cresceu sem o túnel... o piraque cresceu sem o túnel... o túnel pode ajudar? Pode. Mas acho que o túnel vai ajudar muito mais no crescimento ordenado. Em construções de condomínios, empresas, mas essa questão da ocupação do solo urbano desordenado, o túnel não foi o muro.

E você tem uma análise sobre esse crescimento antes do túnel, de 2000 pra cá? O que acontece na cidade que faz com que essa população aumente aqui?

Olha, eu verifico por aquilo que eu te coloquei... existe áreas, e aí eles invadem aqui, invade ali, compra daqui, compra dali, compra de um posseiro, enfim... Então a pessoa tem que ter o local pra ele se assentar, né... E ele vem pra cá, por mais que seja distante, mas ele consegue viver aqui com a família dele. Consegue ir pra rua, consegue ir no mercado, então assim... essa dimensão... Agora ele tem essa dificuldade para o trabalho, porque o transporte é precário. O BRT, podemos dizer que... só tirou a população no sistema de transporte, do coma, mas continua no CTI... não saiu do CTI... Então assim... tava naquele coma, agora podemos dizer assim... naquela fase do CTI... mas no coma induzido, retira, diminui, aumenta o coma... tá ali... não melhorou em nada, nessa dimensão... Até assim... né... a estipulação do transporte público ela é muito grande... assim... a especulação do transporte público ela é muito grande, né... se reduz o número de veículo, não se tem a devida fiscalização do poder público no que deveria ter pra dimensão do transporte público, que é por concessão.. enfim... mas eu verifico que esse crescimento, mesmo na ausência do túnel, eu não vejo um evento X... eu verifico assim gradativamente... Aquilo que eu já coloquei... tem o espaço, ela vem morar aqui... em comparação com a cidade do Rio de Janeiro, não tem a violência, é um outro fator preponderante... tem a distância para o trabalho, tem a dificuldade do transporte... mas aqui ele consegue passar um final de semana, entendeu, em outro local... em si... Agora, o que vai facilitar... claro, a abertura do túnel... a questão de lazer, pra ir pra praia... o túnel facilitou...

Busca de novos empregos?

Sim, também... porque pela Barra, de repente, se cria muito... agora algo que se tinha muito presente era as construções na Barra, né... de edifício, de prédios... então muitos, os pedreiros, moravam nessa área daqui... Só que com a crise na construção civil, muitas obras pararam... então muitos também pararam de trabalhar... começaram a ter que verificar uma outra forma de renda, entendeu? Tem essa situação também...

Agora essa população que tá crescendo, que não consegue emprego aqui, o túnel ajuda, de uma certa forma, buscarem outros lugares de trabalho, né?

Ajuda....

Eu queria também saber da ligação com outros bairros... porque não tem só o túnel, né... tem Campo Grande também... é um subcentro, no caso... o que você vê por aqui... tem uma ligação também grande pra Campo Grande e como é que é Santa Cruz?

Tem.... nós podemos dizer, se eu botasse numa hierarquia de saída para o trabalho, uma porcentagem maior, né... o túnel tá lá porque tem muita gente que trabalha no centro... então os que trabalham no centro ou vão via o túnel, mas uma grande maioria pega o

trem. Ou Santa Cruz, pra pegar sentado.... Numa segunda escala, nós vamos colocar aí... porque eu coloco a primeira escala do túnel porque tem muitos que trabalham no recreio, na barra, e no centro. Então o túnel de fato tem uma porcentagem maior. Mas a segunda porcentagem de fato é Campo Grande. Uma terceira que eu posso colocar igual Santa Cruz, e que a própria Guaratiba, que Guaratiba também teve um crescimento de mercado, que também dão suporte de trabalho... muitos trabalham no próprio bairro... Só que nem todo local que trabalha no próprio bairro tem as garantias trabalhistas, né, que eles tem... Mas eu vejo que tá crescendo um pouquinho sim, muitos admitirem pagarem a questão trabalhista, entendeu?

De toda essa região aqui que eu tô estudando, Pedra é a que concentrou maiores serviços, principalmente bancários. E outra coisa que eu também fiquei... muitos cursos de inglês de ponta, tratamentos dentários, de ponta também... você, na sua opinião, Pedra pode chegar a ser uma área catalisadora para Guaratiba, em busca desses serviços ou Campo Grande ainda... vai dominar?

Eu acho que para Pedra de Guaratiba chegar ao patamar de Campo Grande acho que tá meio distante...

Não, tá... mas...

Sim, sim, é... Eu acho que sim... Porque a pedra tem muitas áreas para serem ainda ocupadas, entendeu? E com isso eu deduzo que irão chegar também mais serviços também... por exemplo... ainda falta rede bancária que não se tem na Pedra... mercados, essas redes de mercado... por exemplo, tem local aqui... nós temos praticamente 4 redes dessas redes de mercado... mas 4 que disputam aí... tem dois aqui no centro da Pedra, tem um lá dentro do Piraque, que tá dando... tirou um pouco da freguesia desses dois aqui... e tem um na Reta também. Então o pessoal não tá saindo muito pra fazer compra fora do bairro já... isso também já é um sinal... porque se tem aquela dimensão... Talvez o preço num outro mercado numa grande rede, a diferença é de 30 centavos... então você acaba comprando aqui...

E outra coisa, eu entrevistei o gerente do Banco do Brasil daqui, ele falou que uma das coisas, um dos elementos primordiais que fez com que tivesse uma agência bancária aqui, foi a questão da não violência... e que os bancos estão procurando Pedra de Guaratiba por conta disso. Agora sairá um Santander, que parece que já até negociou um espaço próximo ao Itaú. Então 4 grandes bancos, né... Agora... nas análises eu percebo também diferenças assim... Até na ocupação e na prática social das pessoas mesmo... Pedra tem uma particularidade, ainda tem os pescadores... ainda tem uma população veranista aqui... e o turismo que sempre, né... Quando você chegou aqui, como era a vida da Pedra? Tinha realmente... os pescadores estavam ativos? O que mudou?

A atividade deles era maior, né. Ainda continua, só que foram um pouquinho sufocados por outros tipos de serviço que chegaram na Pedra. Porque até então a pesca na Pedra era... aí chega o mercado que não tinha, banco que não tinha... e outros serviços mais na Pedra... lojas que foram crescendo... a questão do comércio foi ofuscando um pouco a questão da pesca.

Voce fala em termos de trabalho e de busca pelo trabalho...

De trabalho e de comércio... a visão do comércio... a visão da venda de peixe ela foi um pouquinho ofuscada por isso... mas eles continuam nessa vitrine ainda... semana passada a rua de baixo tem que ser fechada, pelo número de pessoas, agora também o pessoal

cismou de passar a comer peixe no natal também, na época do natal também... mas eles ainda mantém essa dimensão da pescaria... agora devido também à poluição da baía, que nem sempre tá conseguindo produzir o que eles daqui recolham... então nem sempre todo o peixe que você compra aqui foi pescado aqui... e aí... a questão é que tem essa situação.... mas a meu ver eles ainda continuam numa vitrine... talvez eles deveriam estar um pouco mais organizados, mas eles continuam na vitrine, a questão do peixe.

E outra coisa que eu sinto é que apesar de algumas... de características marcantes semelhantes, como Pedra, Barra de Guaratiba, em questões do peixe, dessa até população que reside, eu vejo uma certa... um certo isolamento... pelo que eu... a Pedra ela mantém mais relação com seu externo do que com a sua borda de Guaratiba, ou de Barra de Guaratiba... e a mesma coisa... Barra de Guaratiba mais com o externo do que em diálogo com outras áreas de Guaratiba. Você percebe isso? E se percebe, por que isso acontece?

Eu percebo sim... agora só voltando um pouquinho essa questão da venda do peixe, até porque acho que até o número de pescadores reduziu um pouquinho, porque era hereditário, hoje já muitos buscam os outros meios... Agora a questão de procurar fora, eu vejo que procura-se muito mais por uma questão às vezes de lazer, e por causa do trabalho... Hoje o pessoal tem buscado muito, todo mundo quer buscar, tem que trabalhar... agora uma outra questão também que eu verifico a saída, né, e é muito grande... porque por exemplo... o ensino médio público o nosso bairro, só tem um... dois né, agora tem um técnico de telecomunicações... faculdade nenhuma... acho que Guaratiba inteira não tem nenhuma faculdade. Mas também vai botar uma faculdade em Barra de Guaratiba? Oh o acesso, como é que é ruim... botar na Pedra? Enfim... mas a questão acadêmica, é uma questão muito precária ainda... por isso que o jovem aqui na Pedra de Guaratiba termina o segundo grau e fala: tô formado. Né.. dá até pena... Além de falarem isso, questiona a questão da qualidade da formação deles... quando eles vão encarar um concurso público eles vão se deparar com como é que eles foram formados... então eu verifico muito mais essa saída, dessa questão comercial, lazer, e a questão acadêmica... quem quer continuar a progredir academicamente, tem que sair de Guaratiba.

Agora eu vejo também uma causa desse isolamento tem muito a ver com a questão do transporte. Porque o transporte também direciona muito esse deslocamento... O que que acontece? Tudo bem, tem Banco do Brasil, tem banco aqui na pedra... mas o transporte pra eu ir pra Pedra, eu aqui na Ilha, o transporte pra eu ir pra Pedra não tem... então é melhor eu ir ou pra Recreio ou pra Campo Grande. Então eu acho que a área pode ser atrativa sim, pode, mas se tiver um transporte que possa dar um...

Com certeza, o transporte é o elo de ligação entre todas as situações da vida da pessoa... trabalho, lazer, a parte acadêmica... mais uma situação precária... que é a saúde... que nós não temos... Guaratiba com essa população não tem um hospital, não tem um pronto socorro... Tem as Upas, né.... mas não tem um hospital... somos obrigados a buscar fora... uma pessoa que passa mal na Barra de Guaratiba, emergência na Barra de Guaratiba, né... na Pedra já é difícil a gente sair, imagina na Barra de Guaratiba... vai até o túnel, vai pra Barra, ou sai do túnel vai pra Campo Grande, ou sai da Barra vai pra Santa Cruz... oh a distância...

Agora bem rapidinho, a questão das creches e dessa assistência que a São Pedro dá e que aparece muito nas entrevistas. Essas creches começam porque a população ela... como é isso? Porque na prefeitura eu sei, a população precisa, então... mas o que fez essa Igreja, o padre, mas aí no caso você já tinha...

Então, o padre José, lá no início da década de 70, ele vendo a necessidade....

Já na década de 70?

Sim, tem creche que já tem mais de 45 anos. Então, na década de 70, veja a visão do padre, né... ele vendo a necessidade das mães trabalharem e não ter onde deixar os filhos, que é a origem, né... hoje o ECA mudou um pouco essa maneira da creche, né... então ele construiu seis creches na área da paróquia dele... da Pedra de Guaratiba ao Monteiro, ele construiu seis creches... são duas na Pedra, duas na área de Santa Clara e duas na área do Monteiro, seis. A primeira creche de Guaratiba foi feita pelo padre José.

Não foi pela prefeitura...

É a que vai ser de 35 pra 100 crianças... tanto é que na criação dessa nova creche vai ganhar o nome dele... Então a Igreja já nessa dimensão, pensando pra facilitar as mães trabalharem, deixarem as crianças nas creches...

Vanguarda isso, 70...

A paróquia mantinha isso, ele buscava recurso fora... não tinha convenio... convenio, se eu não me engano, veio a aparecer acho que no final da década de 80... ficou uns 15 anos sem convenio... pra manter essas 6 creches... então ele foi o pioneiro nessa questão de creche em Guaratiba. Hoje a creche é direito da criança, independente da mãe ou não trabalha, a criança tem o direito da creche. Por isso que nós hoje, nas nossas creche paroquial, já temos criança que os pais vão de carro. Porque a gente não pode mais... “não, você...” a gente até procura aquela família... nós temos que fazer o trabalho agora inverso... a gente vai procurar crianças nas casas e matricular na creche... agora o sistema informatizado, né... Devido o convenio tem que entrar no sistema da prefeitura... Então nós temos, por exemplo, na nossa área paroquial casas que não tem nem piso, como é que ela vai ter informação das inscrições pra creche? Então nós fazemos essa ligação. Então ela entra no sorteio... E às vezes tem criança que não é sorteada pelo sistema da prefeitura. Entra crianças que os pais já tem até uma condição melhor, porque quando ele abriu essa creche também por uma necessidade de a criança ter a alimentação, ao longo do dia... até hoje a gente mantém esse padrão da alimentação... tanto é que todas as crianças engordam, né... engordam da maneira sadia... mandam recado pra gente e tudo mais... tem essa dimensão...

Agora você acha que esse momento, vocês estão vendo essa população muito mais pobre do que antes?

Não...

Teve melhoria...?

Não saiu da pobreza, mas houve um quadro melhor. Em Guaratiba até hoje tem gente que nasce em casa... não, claro, na mesma proporção que anteriormente... mas tem crianças em Guaratiba que não foram registradas ainda...quando a gente chega pra abordar na casa, às vezes uma casa com 4, 5 famílias...

Vocês vão na casa?

É, vamos pra fazer com que a criança venha pra creche... fazer o trabalho social... porque se a gente for esperar... elas não tem acesso a informação de que estão abertas inscrições pela internet... ela não tem nem televisão, vai ter internet pra fazer inscrição da creche? Então nós fazemos isso, vamos lá, pegamos todos os dados, trazemos a mãe, lá na creche... porque senão as nossas creches só vai ter criança que tem acesso a internet...

que não é o nosso objetivo... se nós tivéssmos a possibilidade de ter um recurso próprio, maior e melhor que a prefeitura tem, eu não faria mais parceria com a prefeitura e manteria na creche essas crianças dessa situação. Nada contra as mães que tem condições, porque elas tem uma outra possibilidade.. mas aquela não tem... que era o objetivo originário quando se inventaram a creche no mundo. Foi em vista pra que a mãe pudesse trabalhar e tivesse onde deixar a criança... nos países desenvolvidos é assim. A criança só vai pra creche se a mãe tiver trabalhando. Aqui a gente tem situações que a mãe deixa a criança na creche de manhã, vai pra praia, volta ainda queimada ainda, pra pegar a criança... isso até pras funcionárias é uma agressão... As mães até falam isso... por mais que... ela recebe pra isso... tá... mas o trabalho originário das nossas creche paroquial não foi... a igreja ela age na sociedade na dimensão social como suplência, porque a responsabilidade primeira é do poder público. Mas a igreja age com suplência também pela missão dela. A paróquia não tem obrigação de ter creche. Isso é do poder público. Mas por uma suplência de não ter, Padre José, no início da década de 70, antes de qualquer poder público começar a falar creche, tem que perguntar pro padre José, essa dimensão e essa visão de se construir uma creche.

E vocês tem além da creche algum outro trabalho social?

A nossa paróquia é desmembrada nessas comunidades que falei, são 23. Um outro trabalho que nós fazemos é arrecadação de alimentos, e aí fazemos um outro trabalho também. Quem não tem bolsa família, que já não recebe de outra instituição... a gente vai tentando na pesquisa pra que o maior numero de pessoas tenham acesso à questão de uma cesta básica... a nossa cesta basica é até bem aparelhada porque a gente procura manter sempre um padrão... então todos os domingos do mês nós temos a campanha que as pessoas vem a missa e doam... a famosa campanha do quilo... e daí a gente distribui, em média, pra 100 famílias. Paralelo a isso, às vezes uma família tá com problema numa casa, rachou aqui, deu enchente, entrou água, então a gente vai viabilizando a possibilidade de um pequeno restauro, contrata uma encanação de esgoto... a parte elétrica da pessoa tá precária então a gente verifica dois eletricitas pra fazer um trabalho voluntário, a gente compra o material, vai na loja, pede doação...

Agora eu vou perguntar uma coisa... não fique chateado... mas independente da religião dessa família, eles recebem?

Sim... independente... tanto é que na nossa campanha do quilo não tem lá: qual tua religião? Nem na creche... na creche tem religiões que não concordo... como por exemplo agora... dia das crianças... não, dia de cosme e damião... tem pai e mãe que já falou pra não mandar doce de cosme e damião pro filho... mas e aí a criança sai da creche, todo mundo com um saquinho de doce, e ela não... sem dizer que a origem de doce de cosme e damião só tem no rio de janeiro...

É cultural...

É, isso porque quando os jesuítas chegaram no Rio de Janeiro... tanto é que dia de Cosme e Damião não é dia 27... é 26... 27 é dia de São Vicente de Paulo... porque no dia 27 São vicente de paulo, que é o santo protetor dos pobres, os jesuitas distribuíram ali na Gávea, que onde eles implantaram... por isso que tem o colégio santo inácio, a Puc do Rio... e outros colégios ligados aos jesuítas, né... e eles distribuíam bolsas de alimentos para os pobres, e roupas... e para as crianças eles davam o doce... e no envolto do doce tinha a oração de cosme e damião, que são dois santos que trabalharam na época de epidemia, pra poder cuidar das crianças... daí é a tradição de distribuir doce de cosme e damião no dia 27 de setembro... Então o doce tem essa origem, dos jesuitas... e pra toda

família, davam roupa, alimento, e pras crianças, como se fosse um brindezinho, um doce... E aí, semana passada uma pessoa: padre, eu queria doar doce pras crianças da creche, pode? Pode... aí ela sabe quantas crianças são pra ir preparando. Aí ela deixa uma caixa e a gente leva pra cada creche a sua quantidade... Só que isso é uma cultura carioca não tem, vai em Minas não tem... no Nordeste nem sabe disso...

E aqui é muito forte...

Sim, é até perigoso dirigir carro nessa época... então.. a nossa parte social independe da religião da pessoa. Por exemplo, a questão de dia... a gente fazia um trabalho sobre o dia de São Pedro, que é o padroeiro da Paróquia. Então tem família que não gosta, não leva a criança, que pede pra não contar a história de São Pedro pra eles... mas isso é uma questão cultural.... Você tem alguma religião?

Tenho, eu sou da católica...

Ah... só pra você ter uma idéia, às vezes as pessoas misturam muito essa questão de religião... e nós da igreja não temos essa dimensão de misturar... tanto é que se é creche, ou doação de alimento, ou uma casa pra gente ter que melhorar, é independente, a gente verifica a pessoa... ela é filha de Deus pra nós... então nessa praça aqui embaixo, é Praça São Pedro... eu fiz um ofício pra botar uma imagem de São Pedro... coloquei a história, quem foi São Pedro... e a Prefeitura me respondeu que não se coloca mais imagens religiosas em praças públicas... Então ok.. peguei o mesmo ofício... Ao invés de colocar São Pedro eu coloquei: o patrono da praça. Eles aceitaram. Só pra você verificar que as pessoas levam a questão de religião tão a fundo, que ele ignora...

É... A tradição, a cultura...

É o mesmo ofício, o mesmo texto... então assim, a gente não tem essa dimensão... muito mais vindo de fora, nós somos muito mais agredidos com isso no que nos mesmos fazer certa discriminação em relação a isso... e eu nem posso discriminar alguém, até legalmente... pela constituição... mesmo se eu quisesse pela religião...

Claro, eu perguntei isso porque há religiões que fazem diferença..

Isso... eu não posso influenciar um pai e uma mãe a levar uma criança a fazer um trabalho sobre Pedro que foi um pescador... e esses trabalhos as crianças apresentam aqui, nós realizamos tipo uma feira... sobre a história de São Pedro...

E pra finalizar, qual é a perspectiva de Guaratiba hoje, pra você...

Olha... eu só acho que o que atrapalha muito Guaratiba, não sei se é todo o Brasil, mas eu vejo Guaratiba, é uma política completamente deprimente... as pessoas não tem muito interesse no crescimento do bairro, de alguma forma, aqueles que estão com um certo poder.. é mais o interesse pessoal.. é um bairro bom, como eu falei no início... eu sou de Realengo, fui criado em Realengo, só saí de Realengo pra ir pro seminário, morei 9 anos no Rio Comprido, eu já andei em muitos lugares do Brasil, seja região norte, Nordeste, o Sul, interior, enfim... e sempre quando viu pra outro país também eu sempre procuro olhar um pouquinho a realidade e fazer uma analogia com Guaratiba, né... eu falo que Guaratiba é o melhor local do mundo, viu? Aqui é um local que poderia ter um crescimento tão legal, pela falta da criminalidade, mas por causa de interesses pessoais, que ela dá uma travada... você verifica que Guaratiba tem muitas áreas para se crescer... pode-se criar aí hospitais, fazer universidades, uma série de coisas que ajuda no crescimento e no próprio desenvolvimento da pessoa. Uma pessoa sem o estudo ela não tem cultura.. ela sem cultura é dominada... então eu vejo muito essa parte acadêmica... então eu procuro aju-

dar, procuro incentivar... e às vezes até financeiramente, um aqui, outro ali, pra poder.. às vezes não tem o dinheiro da passagem, deixa de ir pra faculdade, ou ir pra escola... pra que eles também verifiquem que sem a educação eles não vão ter cultura... e sem cultura eles vão ser dominados... não que eles vão ser aí um grupo de revanche, que vai querer brigar, nao... é você ter um conhecimento... alguém falar alguma coisa pra você, você falar que não tá correto... você conhecer um pouco das leis... então eu verifico que o bairro fica parado por causa dessa falta de interesse em comum no crescimento. Nós vamos encontrar comerciantes que tem essa visão de crescimento, de futuro, e tal. Mas às vezes eles também são um pouco dominados. Dominados por outras situações. Mas pra que o bairro tenha esse crescimento infelizmente depende da cultura, né... Ô, depende da política.

Pedra não tem nenhum vereador? Tem ali o.. tem um em Sepetiba que o pessoal fala...

Sim.. mas veja... tem que o bairro elege... mas nao é origem do bairro. Talvez pode ser uma pessoa boa, mas acaba tendo aquela dimensão da utilização do local como curral eleitoral. Que pra mim eu até acho estranho... chamar de curral... porque essa questão do curral é um cercado de irracionais, né... então "ali é meu curral eleitoral".. então eu cerco aquilo ali... e acaba assim, esses que estão mais próximos, não sei se utiliza aqui também essa questão do curral eleitoral... então, eu verifico isso aí, não somente em Guaratiba, mas as demais áreas não tem esse crescimento talvez um pouquinho por essa falta de interesse. O que se traz é para uma auto propaganda... aí mais ainda se reforça a questão do curral eleitoral. Eu volto a colocar: aqui poderia se desenvolver melhor com a questão da parte academica, né... Você vê... em Guaratiba tem a Embrapa... ninguém valoriza o local... Tem uma Embrapa, né... Guaratiba tem o (??53m30s) do Exército, que é o único do Brasil. Aqui se tentou construir o INE, mas por uma situação o Instituto de Engenharia do Exército não veio pra cá.... Talvez tenha lá a parte de avaliação do exército que fica dentro da restinga da marabaia... nós temos a restinga da marabaia... até questões ecológicas em Guaratiba presentes... então, se formos verificar assim, várias situações que poderiam ajudar no crescimento do proprio bairro, que o bairro é grande... mas qual é o interesse pra que isso possa se desenvolver? Então eu volto sempre a colocar, parte academica... melhorou muito a questão do ensino fundamental, mais escolas foram construídas, mas o segundo segmento, que eu digo, o ensino médio, não acompanhou esse crescimento, continuou parado. Tanto é que tem jovens wue saem do ensino fundamental e não conseguem vaga pro ensino médio. Entendeu?